

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ROBERTA DA COSTA BORGES

**Pais e mães heterossexuais:
relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas**

RIBEIRÃO PRETO - SP

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

ROBERTA DA COSTA BORGES

**Pais e mães heterossexuais:
relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas**

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo – USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia

Orientadora: Dra. Maria Alves de Toledo Bruns

RIBEIRÃO PRETO - SP

2009

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

FICHA CATALOGRÁFICA

Borges, Roberta da Costa

Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas. Ribeirão Preto, 2009.

253 p.: il.; 30cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Psicologia e Educação.

Orientadora: Bruns, Maria Alves de Toledo.

1. Pós-Modernidade 2. Família. 3. Relações de gênero
4. Homossexualidade 5. Perspectiva Heideggeriana

FOLHA DE APROVAÇÃO

Borges, Roberta da Costa

Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, da Universidade de São Paulo – USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de Concentração: Psicologia

Aprovado em ___/___/___

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Para **Adriano**, que esteve muito presente no antes e durante desse estudo, sem o qual esta luta teria sido vã!

Para **Vera**, minha mãe, pessoa querida que cultivou o que sou, diante da qual meu amor eclode!

Para **os colaboradores e as colaboradoras** dessa pesquisa, pois sem eles(as) não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Se eu pudesse manifestar a quantos(as) sou grata no curso desse mestrado, tantos mais seriam os nomes (e tamanho o receio de esquecer-me de algum) que, talvez, em verdade, não pudesse contemplar lista nenhuma, nem nada manifestar... Para não perder o ânimo, resolvi listar os nomes daqueles(as) apenas a quem agradeço por motivos o mais diretamente possível relacionados a esse trabalho:

Agradeço em primeiro lugar a Deus e à espiritualidade amiga e amorosa por tanto amparo.

Agradeço ao Adriano por ter estado ao meu lado tão genuinamente, mesmo quando era de uma qualidade insuportável. Você é ímpar na minha autoconfeção!

Agradeço à minha mãe Vera, mestra maior, por ter sempre incentivado o estudo e por tudo que temos vivido!

Agradeço a toda minha família: às minhas irmãs Luciana e Fernanda por existirem; aos meus avós Rodolfo e Maria Luz por significarem exemplo; à Nicole, sobrinha e afilhada tão amada; ao João Franco grande companheiro paternal; ao Saulo, meu cunhado amigo.

Agradeço à Maria Alves, minha orientadora, por ter me aceitado como aluna e ter sido a porta de entrada aos conhecimentos do mundo da pós-graduação.

Agradeço aos meus colaboradores e colaboradoras desta pesquisa, pois sem eles o estudo não aconteceria.

Agradeço a todas as pessoas que, de modo geral, tentaram contribuir com a pesquisa, indicando pessoas, amigos, conhecidos, parentes para serem meus(minhas) colaboradores(as).

Agradeço a todos meus amigos e amigas: os de infância; os que (re)conheci pela vida afora, seja durante a faculdade, o aprimoramento, o mestrado, nos ambientes de trabalho em que estive, todos eles(as) espalhados pelo mundo; os do Grupo Espírita União Fraterna em Ribeirão Preto, SP, muitos dos quais estiveram presentes no antes, no durante e no depois desta pesquisa. Todos, de algum modo, guardados pra sempre em minha pele-memória.

Agradeço aos queridos Peter, Renska e Mintha pela acolhida tão despojada em Alphen aan den Rijn, Holanda; nos meses em que morei lá.

Agradeço às Professoras Dra. Regina Helena Lima Caldana e Dra. Ana Lúcia Ribeiro de Oliveira por terem gentilmente participado da minha Banca de Qualificação dando sugestões preciosas.

Agradeço aos membros do Grupo Sexualidade e Vida.

Agradeço aos funcionários da Pós-Graduação em Psicologia e Educação e da Biblioteca Central da USP, Ribeirão Preto.

Agradeço aos meus clientes da clínica pela compreensão nessa trajetória.

Agradeço a Maria do Socorro Sene e Verônica Coelho pela correção gramatical e textual dessa dissertação.

Agradeço a Simoara Sampedro pelos momentos fundamentais passados juntas no início do mestrado.

Agradeço a Adriana Bigheti pelas supervisões tão valiosas e afetivas.

MUITO OBRIGADA!

“Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não
era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o
dominó que não tinha tirado.
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário.
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar
que sou sublime.”

Álvaro de Campos
(Tabacaria, p. 299)

BORGES, R. C. Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas. 2009. 253p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2009.

RESUMO

Focamos nossa atenção no fenômeno da paternidade e maternidade de filhos(as) homossexuais por pais e mães heterossexuais, pois diante da realidade pós-moderna, a tradicional família nuclear modificou-se e hoje nos deparamos com vários arranjos familiares. Nosso objetivo foi desvelar os significados atribuídos por pais e mães heterossexuais à homossexualidade de filhos(as), para construirmos sentidos e abrangê-los à comunidade em geral, aos demais pais e mães de homossexuais e aos profissionais de saúde e educação. Realizamos uma pesquisa qualitativa fenomenológica através da entrevista fenomenológica compreensiva com uma questão norteadora. Participaram pais e mães com idade variando entre 47 e 60 anos, com filhos na adolescência ou a partir dessa fase, pertencentes tanto à classe social A, quanto à B e à C; provindos dos estados de Minas Gerais, São Paulo e Goiás. Os relatos foram gravados. Em seguida, os submetemos aos seguintes momentos de análise: 1. Transcrições dos relatos dos colaboradores e a leitura geral dos relatos; 2. Elaboração e discriminação das unidades de significado; 3. Compilação ou síntese das unidades de significado e 4. Declaração consistente com relação à experiência do sujeito a partir dos *insights* do pesquisador. Ao final, a análise individual dos relatos foi feita à luz da fenomenologia ontológico-hermenêutica de Martin Heidegger e dos eixos que alicerçaram a pesquisa. A compreensão dos relatos apresentados por pais e mães heterossexuais permitiu construir as seguintes categorias: (1) Vivência anterior à revelação da homossexualidade do(a) filho(a); (2) Revelação à família e convivência com a homossexualidade do(a) filho(a); (3) Relacionamentos familiares; (4) Horizonte de silêncio; (5) Expectativas maternas(paternas) em relação ao projeto de vida do(a) filho(a). Os desvelamentos realizados pela análise hermenêutica dos relatos de pais e mães heterossexuais convergem, primordialmente, para o sentido da dificuldade em lidar com a revelação da homossexualidade do(a) filho(a). O que diferencia os significados que desvelam essa dor é o modo como pais e mães conseguem assimilar a vivência da homossexualidade dos filhos em sua temporalidade e conviver com ela. Tentaram acolher o(a) filho(a) mesmo sem compreender; demonstraram grande preocupação com violência e preconceito; sentiram a vivência como um choque, com culpa, angústia, revolta, dificuldade, desentendimento, muitas vezes não aceitando, muitas vezes lutando para compreender o(a) filho(a) independentemente de sua sexualidade; convivendo bem com a homossexualidade, ainda que através do velamento, das dúvidas, da curiosidade e, por isso, a dificuldade em assimilar a vivência. A pesquisa nos permitiu concluir que o fenômeno estudado envolve uma multiplicidade de fatores e o contato com pais e mães heterossexuais de filhos homossexuais abriu novas perspectivas de compreensão e ressignificação da vivência, ao revelar o que os mesmos atribuíram à paternidade e à maternidade, permitindo desconstruir tabus, mitos, preconceitos e estigmas.

Palavras-chave: Pós-Modernidade, Família, Relações de gênero, Homossexualidade, Perspectiva Heideggeriana

BORGES, R. C. Heterosexual fathers and mothers: interviews related to their homosexual sons and daughters. 2009. 253p. Dissertation (Master degree) – Philosophy, Science and Literature Faculty of Ribeirão Preto, University of São Paulo, 2009.

ABSTRACT

We focused our attention on the fatherhood and motherhood of homosexual sons and daughters having heterosexual parents. Looking at the post-modern reality, the traditional nuclear family changed and today we can have several familiar arrangements. Our objective was to reveal the significance of homosexuality of their daughters and sons, to find meanings and to include them in the society for other parents and the educational and health professionals. A qualitative phenomenological research carried out through comprehensive phenomenological interviews with an orientation question. The interviewees were parents (fathers and mothers) from 47 to 60 years old, with teenager children. They were from A, B and C social classes from the Brazilian states of Minas Gerais, São Paulo and Goiás. All the interviews were recorded and then submitted to the following analysis moments: 1. Interview transcription and general interview reading; 2. Elaboration and discrimination of the significance units; 3. Compilation and synthesis of the significance units; 4. Consistent declaration related to the subjects' experience from the researcher insights. At the end, the individual analysis of each declaration was made from Martin Heidegger's ontology-hermeneutic phenomenology and other axis (Post-modernity, Family, Homosexuality) that supports this research. The heterosexual parents' interviews' comprehension lead to the following categories: (1) Life before the son or daughter homosexuality revelation; (2) The homosexuality revelation to the family and family living after that; (3) Family relationships; (4) Silence horizon; (5) Parents expectation from their sons and daughters future. The hermeneutic analysis results from the parents' interviews converge, primarily to the sense of difficulties to deal with the sons and daughters homosexuality revelation. What differentiates the meaning which unveils this pain is how the fathers and mothers can assimilate their sons and daughters homosexuality and live with it. They have tried to shelter their sons and daughters even without understanding; they showed great concern with violence and discrimination; they felt this experience as a shock, with guilt, anguish, difficulties in understanding, sometimes not accepting it, sometimes fighting to understand their sons and daughters, independently of their sexuality; sometimes accepting, even with silence, doubts, curiosity and so, with difficulty in assimilating it. This research leads us to conclude that the studied phenomenon involves a multiplicity of factors and the contact with heterosexual fathers and mothers of homosexuals' sons and daughters opened new perspectives to the fatherhood and motherhood, allowing the possibility to break taboos, myths, prejudices and stigmas.

Key-words: Post-modernity, Family, Gender Relationship, Homosexuality, Heidegger perspective.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – PÓS-MODERNIDADE, FAMÍLIA E SEXUALIDADE	7
1.1 As transformações da modernidade e o quadro sociocultural atual.....	7
1.2 O que é família?	15
1.3 O cenário atual e os tipos de arranjo familiar	23
1.4 Em nome de uma história da sexualidade	31
1.4.1 A identidade sexual, a identidade de gênero e a orientação afetivo-sexual	36
1.4.2 Os papéis sociais de gênero e o papel afetivo-sexual	40
CAPÍTULO 2 – HOMOSSEXUALIDADE: TRAMAS E TEMAS.....	42
2.1 O que é homossexualidade?	42
2.2 Homossexualidade no Brasil	55
2.3 Teoria <i>Queer</i>	60
2.4 As leis e os direitos dos homossexuais.....	63
CAPÍTULO 3 – OBJETIVOS	67
CAPÍTULO 4 – TRAJETÓRIA METODOLÓGICA QUALITATIVA.....	68
4.1 O que é a Pesquisa Qualitativa?.....	68
4.2 A Fenomenologia ontológico-hermenêutica de Martin Heidegger	70
4.3 A entrevista fenomenológica como caminho	82
4.4 Momentos de análise dos relatos	85
4.5 Acesso aos(as) colaboradores(as)	88
4.6 Quadro 1 – Perfil das colaboradoras e dos colaboradores.....	91
CAPÍTULO 5 - HERMENÊUTICA DA VIVÊNCIA DE SER-MÃE E SER-PAI DE HOMOSSEXUAIS: ANÁLISES INDIVIDUAIS.....	93
5.1 Categorias e subcategorias emergidas dos relatos maternos e paternos:	93
5.2. Análise Individual das Colaboradoras.....	96
Colaboradora 1	96
Colaboradora 2	108
Colaboradora 3	122
Colaboradora 4.....	134
Colaboradora 5	145
5.3 Análise Individual dos Colaboradores	157
Colaborador 1.....	157
Colaborador 2.....	171
Colaborador 3.....	180
Colaborador 4.....	189
Colaborador 5.....	200
CAPÍTULO 6 - O (DES)VELAR DE SENTIDOS DE PAIS E MÃES HETEROSSEXUAIS ACERCA DA HOMOSSEXUALIDADE DE FILHOS E FILHAS	211
Horizontes	225
REFERÊNCIAS*	228
ANEXOS	237
ANEXO A.....	238
ANEXO B.....	239
ANEXO C.....	241
ANEXO D.....	242

APRESENTAÇÃO

Esclarecer os motivos que me levaram a desenvolver a presente pesquisa implica em retomar parte da minha história de vida e profissional. Minha trajetória ocorreu da seguinte maneira: tendo nascido e sido criada em Tupaciguara, MG, mudei-me em 1997 para Uberlândia, MG para estudar Psicologia na Universidade Federal de Uberlândia, MG (UFU), finalizando o curso de graduação no ano de 2002.

Durante a graduação em Psicologia, participei da disciplina intitulada “Psicologia e Arte” com o Prof. Dr. Caio Próchino, tendo lido sua Tese de Doutorado¹, e cujos temas abordados enfocavam a Filosofia de Nietzsche. Foi então, que me interessei pelo contexto fenomenológico-existencial e busquei desenvolver um olhar que contemplasse o ser humano por essa perspectiva.

Em seguida, fiz um curso de Aprimoramento em Promoção de Saúde na Comunidade, no HCFMRP-USP (Hospital das Clínicas da USP de Ribeirão Preto, SP), nos anos de 2003 e 2004, finalizando em janeiro de 2005. A filosofia da instituição era o atendimento, o ensino e a pesquisa caminhando juntos nas questões de saúde e pautados na interação com familiares. Passei a prestar atenção na comunicação entre as pessoas, no geral, e, em especial, dentro das famílias. Já que a ação das famílias no desenvolvimento de cada ser humano é perpassada por elementos nem sempre percebidos e compreendidos.

Ainda no aprimoramento iniciei contato com outros professores da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto (EERP-USP) e da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras (FFCLRP-USP), me tornando aluna especial e ouvinte em várias disciplinas, com o objetivo de elaborar um projeto e ingressar no mestrado. Estudei textos e obras importantes da

¹ PRÓCHNO, C. C. S. C. **Corpo do ator-metamorfoses, simulacros**. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Universidade de São Paulo, 1997.

Filosofia Contemporânea e, tendo elaborado um projeto sobre a linguagem em Merleau-Ponty, não estava preparada conceitualmente para uma pesquisa puramente filosófica.

Nesse período, ainda no ano de 2005, busquei outra forma de continuar a estudar fenomenologia ingressando no Grupo de Estudo de Psicoterapia Fenomenológico-Existencial, desde agosto de 2005, em Ribeirão Preto, ministrado pela psicóloga Adriana Bigheti, docente da Faculdade de Psicologia da Universidade de Franca, SP (UNIFRAN).

Ingressei, ainda, no Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual – Videverso, no qual participam profissionais envolvidos com o tema da homossexualidade, associados a ONGs locais e estaduais, sendo coordenado pelo docente da FFCLRP-USP, Prof. Dr. Manoel dos Santos. Através do Videverso foi realizado o “Grupo de Pais de Filhos com Vivências Homossexuais”, do qual fui coordenadora no primeiro semestre de 2006.

A partir de tudo isso, e tendo iniciado também em 2005 os atendimentos psicológicos clínicos a adolescentes e adultos na Clínica Médica de Ribeirão Preto, SP (CLIMERP) e na ONG Maria Otilia Neix em Ribeirão Preto, SP, busquei uma forma de associar o método fenomenológico a algo que fizesse parte de minha experiência de vida, algo que não fosse tão distante para mim e que partisse da realidade atual. Percebi que minhas dúvidas giravam em torno da sexualidade e, em particular, da homossexualidade. Foi uma escolha pessoal já que tenho em meu círculo de amizades, pessoas próximas e homossexuais me despertando para esse olhar.

A partir dessas vivências profissionais e pessoais, conclui que a pesquisa sobre a Sexualidade Humana seria propícia tanto pelos meus questionamentos acerca da homossexualidade e das famílias, quanto para auxiliar a discussão desta questão tão atual em nossa contemporaneidade. A Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns que trabalha na área de pesquisa intitulada: Sexualidade e a Reflexividade na Moral Sexual na Constituição

Histórico-Cultural do sujeito na Pós-Modernidade, me foi indicada como a professora que poderia fornecer-me subsídios para tal pesquisa.

Do encontro muito receptivo com a Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns surgiram várias questões a respeito do tema escolhido: como os filhos e filhas homossexuais são compreendidos pelos seus pais e/ou mães que são heterossexuais? O que esses pais e mães sentem em relação às vivências dos filhos e filhas homossexuais? De que maneira, vivenciam com seus filhos e filhas homossexuais o dia-a-dia da família? Como convivem com a homossexualidade dos filhos e filhas?

São esses e outros questionamentos que me motivaram a buscar essa linha de pesquisa, levando em conta, que o fenômeno escolhido, por se tratar da experiência, mesmo sendo observado externamente, não poderia ser apreendido senão pela sua vivência. Desta feita, elaboramos o projeto de pesquisa e meu ingresso na Pós Graduação da FFCLRP-USP aconteceu em julho de 2006. Ausentei-me dos grupos de estudo mencionados e tornei-me membro do Grupo de Pesquisa SexualidadeVida/USP-CNPQ.

O Grupo SexualidadeVida/USP-CNPQ têm como meta informar, divulgar e socializar os resultados de pesquisas sobre a sexualidade na pós-modernidade que são conduzidas pela Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, líder do Grupo, e desenvolvidas no programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP, em eventos científicos, em livros e artigos para acadêmicos e não-acadêmicos. O material até então elaborado pelo grupo está disponibilizado no site: <http://www.sexualidadevida.com.br>.

Gostaria de esclarecer que por ser esse um estudo realizado em co-autoria com a Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns, farei uso da primeira pessoa do plural, uma vez que, sem sua orientação, tal estudo não teria sido possível.

Portanto, com o posterior aval do Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP sobre o projeto, iniciamos nosso trabalho. Buscamos nos pautar pelo sentido, começando por

interrogar esse fenômeno e permitindo que os próprios sujeitos investigados definissem a situação da pesquisa. Através da entrevista fenomenológica com uma questão norteadora, acessamos os relatos. Utilizamos os momentos de análise propostos por Giorgi (1985) e utilizado por Bruns (2003) e submetemos os relatos às características essenciais descritas por Rezende (1994). Situamos o fenômeno em sua temporalidade e em sua construção sócio-histórica-cultural, buscando, dessa maneira, a compreensão psicológica do fenômeno a partir da perspectiva teórica da fenomenologia de Martin Heidegger.

Conduzimos nossa investigação com muito respeito e seriedade, também com uma postura sensível no sentido de não invadirmos espaços não permitidos, nem promovermos o desconforto nos colaboradores e colaboradoras de pesquisa.

Juntamente com a realização dessa investigação, participamos da Mesa Redonda no IV Congresso Brasileiro de Espiritualidade e Prática Clínica realizado pelo Centro de Psicoterapia Existencial em São Paulo, SP, intitulado: “*A Família heterossexual e filhos(as) homossexuais: a compreensão fenomenológica*” em junho de 2007. Em seguida, participamos dos X Seminário de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP-USP, Universidade de São Paulo, com apresentação da pesquisa então intitulada: “*Famílias Heterossexuais: relatos acerca da expressão da homossexualidade de seus filhos*” em agosto de 2007. Também participamos de uma Comunicação Oral no I Congresso de Educação Sexual realizado pela UNESP, Campus de Araraquara, SP, intitulado: “*Todo filho nasce hetero? Relatos de pais e mães heterossexuais acerca da homossexualidade de seus filhos à luz da ontologia-hermenêutica de Heidegger*” em agosto de 2008. Ainda, ministrei uma palestra na Câmara Municipal de Taquaritinga, SP, realizada pelo ITES- Instituto Taquaritinguense de Ensino, intitulada: “*Homossexualidade e Famílias: vivências atuais*”, também em agosto de 2008.

Convidamos o leitor a prosseguir conosco pela estrada da compreensão já que a fim de cumprirmos o objetivo pré-estabelecido – **desvelar a vivência de pais e mães heterossexuais acerca da homossexualidade de filhos e filhas** – fizemos uma revisão da literatura que fundamenta nosso estudo, e o mesmo encontra-se disposto da seguinte maneira:

CAPÍTULO 1 – PÓS-MODERNIDADE, FAMÍLIA E SEXUALIDADE

Neste capítulo, apresentamos o estudo da Pós-Modernidade. Buscamos também discutir como se deu a constituição da família, destacando os principais modificadores dessa instituição e as formas atuais de família. Traçamos um panorama do que se convencionou chamar História da Sexualidade, perpassando os discursos sobre o gênero, a orientação afetivo-sexual e os papéis sexuais, pois entendemos que assim torna-se possível construir um *corpus* teórico acerca das questões da homossexualidade.

CAPÍTULO 2 – HOMOSSEXUALIDADE: TRAMAS E TEMAS

Esclarecemos neste capítulo as questões referentes ao discurso sobre a homossexualidade, inclusive no Brasil, a Teoria *Queer* e sobre o prisma jurídico, escrevemos a respeito dos direitos dos homossexuais assegurados atualmente pelo Poder Judiciário no Brasil.

CAPÍTULO 3 – OBJETIVOS

Neste capítulo buscamos destacar quais os objetivos permearam nossa busca pelo tema de pesquisa, demonstrando o intuito de ampliar o conhecimento para a comunidade e demais áreas relacionadas ao assunto.

CAPÍTULO 4 – TRAJETÓRIA METODOLÓGICA QUALITATIVA

Este capítulo tratará sobre a pesquisa qualitativa fenomenológica, eleita por nós como caminho que melhor conduz à compreensão do fenômeno indagado nesta pesquisa. Ainda detalharemos os pressupostos básicos da Fenomenologia Ontológico-Hermenêutica de Martin Heidegger e o caminho que percorremos para o acesso aos relatos dos(as) colaboradores(as) com o perfil dos(as) mesmos(as) ao final.

CAPÍTULO 5 – HERMENÊUTICA DA VIVÊNCIA DE SER-MÃE E SER-PAI DE HOMOSSEXUAIS: ANÁLISES INDIVIDUAIS

Apresentamos neste capítulo, o perfil de cada colaborador(a) seguido da compreensão e interpretação de suas descrições acerca do fenômeno – a vivência de pais e mães heterossexuais acerca da homossexualidade de seus filhos e filhas –, explicitando as categorias estabelecidas.

CAPÍTULO 6 – O (DES)VELAR DE SENTIDOS DE PAIS E MÃES HETEROSSEXUAIS ACERCA DA HOMOSSEXUALIDADE DE FILHOS E FILHAS

Para finalizarmos a pesquisa, sintetizamos os resultados, apresentando algumas reflexões acerca dos significados atribuídos por pais e mães ao fenômeno indagado. Apresentamos os horizontes proporcionados por essa pesquisa e, na seqüência, encontram-se as referências e os anexos.

CAPÍTULO 1 – PÓS-MODERNIDADE, FAMÍLIA E SEXUALIDADE

1.1 As transformações da modernidade e o quadro sociocultural atual

O cenário contemporâneo é marcado por um processo acelerado de transformação e por mudanças ocorridas nas instituições sociais, seja nas relações entre os indivíduos seja nas relações de gênero, entre outras. Junto aos avanços tecnológicos, ruptura de modelos, alterações nos padrões de ética, valorização do consumo e dos padrões de beleza, permeados por sentimentos de insegurança, fragilidade e incertezas, como pensar a família? E mais, como pensar a família, composta por pais e mães heterossexuais, que têm filhos e filhas homossexuais nesta sociedade?

Para respondermos à esta questão, nesta pesquisa, buscamos desvelar o seguinte fenômeno: **a vivência de pais e mães heterossexuais acerca da homossexualidade de filhos e filhas**. Assim, torna-se importante que tenhamos uma visão panorâmica do contexto da nova organização social da contemporaneidade, e, a partir disso, situando a família e a homossexualidade, abrangeremos a compreensão sobre tal fenômeno.

Giddens (1991) sobre a "modernidade" refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa, a partir do século XVII, e que se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência. Porém ele diz que em vez de estarmos entrando na pós-modernidade, estamos em um período em que “as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes” (GIDDENS, 1991, p. 9).

Corroborando Giddens (1991), Nicolaci-da-Costa (2004) afirma que tínhamos, até o período posterior à Segunda Guerra Mundial, uma sensação confortável de que vivíamos em

um mundo estável. Porém essa sensação foi abalada pelos processos de mudanças que deram “feições pós-modernas” a esse mundo.

Uma estonteante variedade de termos tem sido sugerida para essa transição, tal como "sociedade de informação", "sociedade de consumo", "pós-modernidade", "pós-modernismo", "sociedade pós-industrial", “hipermodernismo”, “alta modernidade”, “modernidade tardia”, “modernidade líquida”, “sociedade do espetáculo” (BAUMAN, 1999, 2004; DEBORD, 1997; GIDDENS, 1991; HARVEY, 1992; LIPOVETSKY, 1989, 2004; NICOLACI-DA-COSTA, 2004; SPINK, 2001).

O que torna a pós-modernidade tão afeiçoada à modernidade são características tais como: a globalização, as comunicações eletrônicas, a mobilidade, a flexibilidade, a fragmentação, as rupturas de fronteiras e barreiras, as fusões, o curto prazo, o imediatismo, a descentralização do poder, a imprevisibilidade e o consumo (NICOLACI-DA-COSTA, 2004).

Quanto a isso Harvey (1992, p. 3) acrescenta que “os sentimentos modernistas podem ter sido solapados, desconstruídos, superados ou ultrapassados, mas há pouca certeza quanto à coerência ou ao significado dos sistemas de pensamento que possam tê-los substituídos”. Essa incerteza torna difícil avaliar, interpretar e explicar a mudança que todos concordam ter ocorrido.

A caracterização da pós-modernidade teve início em um debate em torno da cultura (arquitetura, pintura, romance, cinema, música etc.) e estendeu-se aos campos da filosofia, economia, política, família ou mesmo da intimidade (FRIDMAN, 1999). Estamos vivenciando o fim da sociedade disciplinar (ou modernidade clássica) e o início da sociedade de risco (ou modernidade tardia), segundo Spink (2001). O conceito de sociedade de risco consiste na gestão dos riscos e inclui três características: a globalização, a individualização e a reflexividade.

A globalização diz respeito ao processo de separação das relações entre tempo e espaço que têm como conseqüências a desterritorialização com os desenvolvimentos na mídia eletrônica. Bauman (1999, p. 66) esclarece sobre o termo globalização afirmando que:

O significado mais profundo transmitido pela idéia da globalização é o do caráter indeterminado, indisciplinado e de autopropulsão dos assuntos mundiais; a ausência de um centro, de um painel de controle, de uma comissão diretora, de um gabinete administrativo.

O novo termo, tal como encontramos no discurso atual, refere-se principalmente aos efeitos globais, segundo o autor, não pretendidos e imprevistos. A globalização é, portanto, algo que está acontecendo a todos nós, mas Bauman (1999) adverte que a tecnologia não causa impacto na vida dos pobres do mundo e nisso, a globalização é um paradoxo: benéfica para muitos (ricos) e marginaliza “dois terços da população mundial” (pobres).

Quanto à individualização, este termo se refere às transformações que vêm ocorrendo nas instituições tradicionais – família, trabalho e educação – “que fazem com que as biografias tornem-se projetos reflexivos e, como tal, processos centrais na constituição da subjetividade contemporânea” (SPINK, 2001, p. 1281). Por sua vez, a reflexividade refere-se à suscetibilidade a aspectos da atividade social e das relações com a natureza, à luz de novas informações, capazes de renovar constantemente as práticas sociais.

Começamos a nos dar conta de tudo isso somente no final do século XX, de acordo com Giddens (1991), momento a partir do qual supúnhamos que a razão substituindo a tradição nos garantiria algum tipo de certeza maior. De qualquer maneira, estamos num mundo constituído pelo conhecimento, mas, onde, ao mesmo tempo não estamos seguros, porque qualquer elemento desse conhecimento pode ser revisado e isso não nos garante controle sobre nossos destinos. Por isso não podemos falar da pós-modernidade como suplantando a modernidade, porque aí já estaríamos colocando a história como algo coerente e situando nosso lugar nela.

Em função disso, vemos que a época atual é marcada por um mal-estar generalizado, por insegurança e por uma profunda melancolia com relação ao futuro. Mas por quê? Tudo no que se acreditava na era moderna, com relação às melhorias de qualidade de vida devido aos avanços da ciência, se mostrou uma enorme contradição. A tecnologia acabou por se tornar um grande paradoxo. Afinal, foi criada para que o homem tivesse mais tempo livre e, entretanto, o que se sente cada vez mais é falta de tempo e uma incrível ansiedade ligada à ilusão de segurança.

Na base da ética pós-moderna jaz uma crise de autoridade de acordo com Kerbs (2002). Esse “convulsionamento” envolve instituições tradicionais como família, escola, Igreja, Estado, justiça, polícia. O abalo ao qual se refere se manifesta de diferentes modos: “uma sociedade que idolatra a juventude e gratifica seus caprichos e fantasias, uma cultura na qual a riqueza é sinônima de êxito e felicidade. Uma economia consumista em que o ‘ser’ consiste em comprar, consumir, usar e desperdiçar” (KERBS, 2002, p. 15), ou seja, uma identidade marcada por aquisições de mercado e não por ideologias.

Lipovetsky (2004) observou que, no pós-modernismo, a “imagem” domina a realidade. Ser alguém é aparecer na tela e no website. Aquilo que é visto define o que deve ser; quase ninguém mais se importa com o que é “realidade”. A imagem pública é o objeto de culto. Corroborando as idéias de Lipovetsky (1989), Debord (1997) caracteriza o surgimento, a partir de 1960, da sociedade do espetáculo. O “espetáculo” vai muito além da onipresença dos meios de comunicação de massa que representam somente o seu aspecto mais visível e mais superficial, “o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens” (DEBORD, 1997, p. 14).

Ele explica que o espetáculo prevalece nas sociedades capitalistas, em que a vida real é pobre e fragmentária, e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de tudo o que lhes falta em sua existência real. Passando a olhar

para outros (estrelas, homens políticos, etc.) que vivem em seu lugar. A realidade torna-se uma imagem, e as imagens tornam-se realidade; a unidade que falta à vida recupera-se no plano da imagem. “O espetáculo apresenta-se como uma enorme positividade indiscutível e inacessível. Ele nada mais diz senão que ‘o que aparece é bom, o que é bom aparece’. A atitude que ele exige por princípio é esta aceitação passiva” (DEBORD, 1997, p. 16-17).

Ao mesmo tempo, os meios de comunicação de massa e informação formam a opinião pública e prescrevem as normas de consumo e comportamento. O consumidor real torna-se um consumidor de ilusões que efetiva sua ilusão na compra de mercadoria.

A mídia substitui a interpretação religiosa e a ética, o que se evidencia nas palavras de Debord (1997, p. 39):

O consumo desenvolvido das mercadorias multiplicou na aparência os papéis a desempenhar e os objetos a escolher. A sobrevivência da religião e da família - que permanece a forma principal da herança do poder de classe, e, portanto, da repressão moral que elas asseguram, podem combinar-se como uma mesma coisa, com a afirmação redundante do gozo deste mundo, este mundo não sendo justamente produzido senão como pseudogozo que conserva em si a repressão.

A repressão moral, assegurada pela família e pela religião, é vivida como um pseudogozo. A mídia, então, valoriza o que parece real acima dos conceitos de bem e mal. Paradoxalmente, sua influência cresce em meio à crise de comunicação. A mercadoria chega à ocupação total da vida social. Não só a relação com a mercadoria é visível, como nada mais se vê senão ela. O que o autor chama de “o pseudo-uso da vida” e “pseudogozo”.

Assim, Fridman (1999) corrobora Debord (1997) e afirma que segundo a vertente que trata o mundo social atual como sociedade da imagem, a fragmentação das linguagens, do sujeito e a ausência de historicidade acompanham a revolução tecnológica, a informatização e a nova divisão internacional do trabalho, a que se dá a designação genérica de pós-modernidade.

Bauman (1999, p. 87), reiterando os dois autores precedentes, afirma que a sociedade atual molda seus membros em função do consumo. “A norma que nossa sociedade coloca para seus membros é a da capacidade e vontade de desempenhar esse papel”: o de consumidores, pois “nenhuma necessidade deveria ser vista como inteiramente satisfeita, nenhum desejo como último” (BAUMAN, 1999, p. 88) já que o que realmente conta é a volatilidade de todos os compromissos. Nem tanto a satisfação de necessidades, mas, muito mais desejos ainda não percebidos nem suspeitados.

A globalização pode ser um conceito meio difuso, mas ninguém fica imune aos seus efeitos. A rapidez da troca de informações e as respostas imediatas que esse intercâmbio acarreta nas decisões diárias, qualidades e produtos que ficam obsoletos antes do prazo de vencimento, a incerteza radicalizada em todos os campos da interação humana, a falta de padrões reguladores precisos e duradouros, são evidências compartilhadas por todos os que estão neste barco do mundo pós-moderno. Se esse é o pano de fundo do momento, ele vai imprimir sua marca em todas as possibilidades da experiência, inclusive nos relacionamentos amorosos.

Giddens (1991) argumenta que não se trata simplesmente de uma “diminuição” da vida pessoal, mas sim de uma transformação genuína da própria natureza do pessoal. A sociabilidade, informada pela lealdade e autenticidade, é o objetivo das relações pessoais. Contudo, pela globalização, “a vida pessoal e os laços sociais que ela envolve estão puramente entrelaçados com os sistemas abstratos de longo alcance” (GIDDENS, 1991, p. 108). O que podemos explicar facilmente pelo fato de que tudo está conectado (pela globalização).

Sendo assim, qual forma assume a moralidade no contexto epistemológico e sociocultural do pós-modernismo?

Para Lipovetsky (2004), com o pós-modernismo, em meados do século XX, surgiu uma época de pós-dever que renega o dever absoluto no campo da ética. Tomou forma uma ética que proclama o direito individual à autonomia, felicidade e satisfação individual. O pós-modernismo é uma época de pós-moralidade, porque despreza valores incondicionais mais elevados, tais como o serviço em prol de outrem e a abnegação.

Não obstante, nossa sociedade não exclui a legislação repressiva e eficaz (contra drogas, aborto, corrupção, sonegação, pena de morte, censura, e a favor da proteção da criança, da higiene e dieta saudável). Essa mistura de dever e negação do dever na ética pós-modernista torna-se necessária, porque o individualismo absoluto destruiria as condições necessárias para facilitar a busca de prazer e realização individual. Há um esforço para proibir tudo quanto possa limitar os direitos individuais. É por isso que a nova moralidade pode coexistir com o consumismo, o prazer e a busca de realização pessoal.

Por outro lado, somos todos interdependentes neste nosso mundo que rapidamente se globaliza, e devido a essa interdependência nenhum de nós pode ser senhor de seu destino por si mesmo (BAUMAN, 2003).

Lipovetsky (1989) intitula magistralmente tal conduta de “processo de personalização”. Essa linha diretriz que designa o sentido do que é novo e que, segundo ele, trata-se de uma “mutação sociológica global” em curso. Se por um lado, há uma fratura da socialização disciplinar, por outro e positivamente, instala-se uma sociedade flexível “assente na informação e na estimulação das necessidades, no sexo e no levar em conta os fatores humanos, no culto da naturalidade, da cordialidade e do humor” (LIPOVETSKY, 1989, p. 9).

O que esse processo de personalização encarna é um valor fundamental: o respeito pela singularidade subjetiva. Isso se tornou possível graças à transformação de estilos de vida associados à revolução do consumo. O autor esclarece:

A sociedade pós-moderna é a sociedade em que reina a indiferença de massa, em que domina o sentimento de saciedade e de estagnação, em que a

autonomia privada é óbvia, em que o novo é acolhido do mesmo modo que o antigo, em que a inovação se banalizou, em que o futuro deixou de ser assimilado a um progresso (LIPOVETSKY, 1989, p. 11).

Caracteriza-se, assim, a era do vazio, onde já nenhuma ideologia política é capaz de inflamar multidões, uma sociedade sem ídolos nem tabus, sem imagem gloriosa de si própria nem um processo histórico mobilizador. Porém a cultura pós-moderna irá devolver as lógicas duais, uma co-presença flexível das antinomias, não tendo necessariamente que optar por uma das tendências.

Mas será que tudo isso é em proveito ou em função de novos valores? Lipovetsky (1989, p. 40) responde:

O momento pós-moderno é muito mais do que uma moda, revela o processo da indiferença pura na medida em que todos os gostos, todos os comportamentos, podem coabitar sem se excluírem, tudo pode ser escolhido conforme o gosto, tanto o mais operatório como o mais esotérico, tanto o novo como o antigo, a vida simples e ecológica e a vida hiper-sofisticada, num tempo desvitalizado sem referências estáveis, sem coordenadas principais.

Na visão do autor, o indivíduo pós-moderno é desestabilizado, consagrado ao *self-service* narcísico e a combinações caleidoscópicas indiferentes. É o fim da cultura sentimental, do *happy end*, do melodrama e emergência de uma cultura *cool* onde cada um vive na sua indiferença, ao abrigo das suas paixões.

As conclusões de Lipovetsky sobre a pós-modernidade são importantes, pois ele considera que vivenciamos atualmente uma cultura que na medida em que se tenta gerar um outro, algo novo, acaba-se por produzir o idêntico, o estereótipo, uma “repetição tristonha”. O hedonismo se torna o comportamento geral da vida que encoraja “a gastar, a gozar a vida, a obedecer aos impulsos” (LIPOVETSKY, 1989, p. 80). Portanto, à medida que o consumo de massa designa uma uniformização nos comportamentos, também acentua as singularidades e a personalização dos indivíduos. O consumo revela-se como um agente de personalização e

mais, de responsabilização dos indivíduos. É a era de coabitação dos contrários, é o ecletismo que reina.

Dessa feita, com base nos autores apresentados neste capítulo, nos percebemos posicionados no universo da personalização, da valorização narcísica, da efemeridade das relações e aquisições, da era que de tão vazia é superficial e, ao mesmo tempo, expande as arenas de realização pessoal e de segurança. Lipovetsky (1989) lança-nos uma questão: Quem acredita ainda na família quando as taxas de divórcio não deixam de subir, quando os velhos são colocados nos asilos, quando os pais querem continuar jovens e reclamam a assistência dos psicólogos, quando os casais se tornam livres, quando o aborto, a contracepção, a esterilização são legalizados?

Antes de compreendermos essas e outras questões, torna-se fundamental situarmos a família ocidental.

1.2 O que é família?

O conceito de família tem significados diversos, de acordo com as áreas do conhecimento que tratam deste tema. Há um consenso e uma convicção cada vez maior de que a vida familiar está presente em praticamente todas as sociedades, mesmo naquelas com costumes sexuais e educacionais bem diferentes dos nossos. Autores tais como Giddens (1991, 1993), Heilborn (2004), Minuchim (1990), Romanelli (1991), Roudinesco (2003), Santos (2004), Seixas (1998), Singly (2000) e Vaistman (1994), entendem que as organizações familiares estão presentes em toda a história da humanidade e vêm sofrendo modificações ao longo do tempo.

Lévi-Strauss (1956, p. 314) esclarece que a palavra família serve pra designar um grupo social possuidor de, pelo menos, três características:

- (1) tem sua origem no casamento;
- (2) é constituído pelo marido, pela esposa e pelos filhos provenientes de sua união, conquanto seja lícito conceber que outros parentes possam encontrar o seu lugar próximo ao núcleo do grupo;
- (3) os membros da família estão unidos entre si por (a) laços legais, (b) direitos e obrigações econômicas, religiosas ou de outra espécie, (c) um entrelaçamento definido de direitos e proibições sexuais e uma quantidade variada e diversificada de sentimentos psicológicos, tais como amor, afeto, respeito, medo, etc.

Do ponto de vista antropológico, portanto, o conceito de família tem sido utilizado para se referir à unidade de reprodução biológica e social, criada por laços de aliança, instituídos pelo casamento, bem como por uniões consensuais, por vínculos de descendência, biológicos ou não, entre pais e filhos e, ainda, por vínculos de consangüinidade entre irmãos (DURHAM, 1983).

Podemos também definir família como um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza a interação de seus membros; considerando-a, igualmente, como um sistema, conforme nos diz Minuchim (1990). Assim, no interior da família, os indivíduos podem constituir subsistemas, que podem ser formados pela geração, sexo, interesse e/ou função, havendo diferentes níveis de poder e nos quais os comportamentos de um membro afetam e influenciam os outros membros. A família, como unidade social enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento, diferindo quanto aos parâmetros culturais, mas possuindo as mesmas raízes universais.

Sarti (2004) menciona a família do ponto de vista simbólico, como algo que se define por uma história que, ao longo do tempo, se conta aos indivíduos desde que nascem, através de palavras, gestos, atitudes ou silêncios e que será por seus membros reproduzida e ressignificada, à maneira de cada um, conforme o seu lugar e momento na família. Vista como uma realidade que se constitui pela linguagem, socialmente elaborada e internalizada pelos indivíduos, a família torna-se um campo privilegiado para se pensar a relação entre o individual e o coletivo, portanto, entre mim e o outro.

Nesse sentido, Romanelli (1991) já afirmara que, sendo unidade de reprodução social, a família constitui-se como um grupo de convivência no qual as formas de sociabilidade e as expressões de afetividade são orientadas por modelos e padrões culturais criados e manipulados pelos sistemas simbólicos.

Não basta, contudo, definir a família apenas do ponto de vista antropológico e simbólico. Vale a pena destacar que no século XV, as regras de casamento se modificaram com a instauração do tabu do incesto, que é a proibição de relação sexual ou marital entre parentes próximos. Lévi-Strauss² (1968 apud DURHAM, 1983) o aponta como a imposição de uma norma, destruindo, assim, a possibilidade de uma manifestação natural da sexualidade, passando a submetê-la a regras e tornando-a um instrumento de criação de vínculos sociais. Dessa forma, o casamento “atribui responsabilidades e direitos específicos sobre a prole de uma mulher a homens determinados” (DURHAM, 1983, p. 22).

Surge, então, a família patriarcal para tornar-se a unidade básica para a qual se canaliza a reprodução e concentram-se os cuidados das crianças, também definindo estilos de vida, comportamentos e mentalidade das pessoas e grupos. Era extremamente centralizadora e autoritária. Nesse sentido, a família patriarcal impôs uma imagem de homem que constitui a base do poder familiar e social. Estendendo o seu poder para além das fronteiras do grupo doméstico, transformando todas as relações em relações pessoais (FIGUEIRA, 1987).

A monogamia passa a garantir a estabilidade matrimonial e também da comunidade, na medida em que garante a fidelidade feminina, a legitimidade dos filhos e a indissolubilidade do casamento (SCABELLO, 2006). Esse modelo, durante séculos, orientou a constituição de famílias.

Com a Revolução Industrial, no século XIX, alteram-se radicalmente as relações do ser humano com o seu trabalho, com o meio ambiente, com os outros e consigo mesmo. O

² LÉVI-STRAUSS, C. *Les structures élémentaires de la parenté*. Paris: La Haye, 1968.

capitalismo é, então, fortalecido pela industrialização (SEIXAS, 1998). A família deixa de ser o principal eixo organizador da vida social. À medida que a economia deixa de ser um assunto doméstico e começa a ser regida pelo mercado, as relações econômicas passam a ter uma importância pública, exigindo um espaço próprio. Nessa época, a divisão do trabalho e a distribuição dos papéis familiares se sobrepunham, de acordo com o pensamento de Bauman (2004).

Scabello (2006) destaca que a divisão entre o mundo público e o privado se deu em função da transferência da produção econômica dos feudos para as fábricas, com o capitalismo e acrescenta:

Os laços entre pais e filhos foram acentuados e essas relações ganharam os contornos da afetividade. Porém, embora essa divisão possa ter contribuído para a emancipação dos indivíduos das restrições sociais e possibilitou a vivência de maior intimidade no núcleo familiar, trouxe, no entanto, limitações especialmente às mulheres e às crianças. Instalou-se uma autoridade privada, patriarcal, dentro da família (SCABELLO, 2006, p. 41).

Estabelece-se, então, a divisão sexual do trabalho. Esta colocou a mulher no espaço privado do lar, responsável pelo trabalho doméstico e pelo cuidado com as crianças; enquanto o homem continuou no espaço público, responsável pelo trabalho remunerado. A criança, nesse momento, passa para uma situação de dependência e submissão aos pais. Também a Igreja e o Estado ainda discutiam a necessidade de normatização da família para resguardá-la das ameaças que pareciam vir de todos os lados, inclusive da urbanização.

A proteção da instituição que estaria sob “perigo de degradação” levava à necessidade de reforçar a autoridade masculina, de restringir o trabalho feminino a empregos femininos e ancorados na esfera doméstica da reprodução, conjugados a uma educação que afeiçoaria a mulher ao casamento, tornando-as desejosas da maternidade, competentes da criação dos filhos e capazes da administração da casa (BADINTER, 1985; FIGUEIRA, 1987; DURHAM, 1983).

A pressão de setores conservadores da sociedade atuaria no sentido de recuperar as funções da família patriarcal, na defesa do domínio privado contra o controle e o poder do setor público. Estavam dadas, dessa forma, as condições para a crise nas relações intrafamiliares.

O início da passagem da família patriarcal para aquela que podemos chamar de “família conjugal”, fundada sobre a égide do casamento se dá quando o casamento ganha outra face, perdendo a natureza divina e se consolidando como um acordo consensual entre um homem e uma mulher, com duração relativa à durabilidade do amor. Supervaloriza-se a prole numerosa, considerada como bênção divina.

A família conjugal é chamada por Santos (2004, p. 70) de “família hierarquicamente composta”. Nessa família, as novas convenções exigem que o pai seja justo, submisso à lei e que respeite os novos direitos adquiridos. Badinter (1985) esclarece que os direitos do pai foram limitados, ocorria uma modificação na concepção que os adultos tinham de infância; porém, não significava que a criança tinha um lugar privilegiado na família, caracterizado por ternura e intimidade que ligam os pais aos filhos, como é próprio da contemporaneidade.

Nesse intervalo de tempo, passamos do casamento de conveniência para o casamento de amor. O casamento se tornou uma união de indivíduos, haja vista que os jovens conquistaram o direito de casar-se com um mínimo de interferência dos pais (MILFONT; GOUVEIA; COSTA, 2006).

Podemos inferir que a família burguesa e o ideal de amor romântico teriam contribuído para as novas exigências sociais; ou seja, o consumo, os ideais de igualdade, liberdade e fraternidade pertencentes ao ideal francês e, ainda, a solidificação dos ideais cristãos com a moralização do Estado (SCABELLO, 2006).

Ariés e Chatier (1991) e Vaitsman (1994) afirmam que o conceito de família burguesa, aqui também chamada por nós de moderna e conjugal, instalou-se na Europa a

partir do século XVIII e nos Estados Unidos e no Brasil a partir do século XIX. De forma que entendemos que grande parte do conhecimento sobre a origem e a evolução do sentimento de família provém de estudos sobre a sociedade ocidental.

Portanto, o século XIX assiste a um retorno às normas, à virtude e à não-permissividade. O lar é valorizado como propiciador de emoções, e tem início uma vivência de afetividade nas relações familiares. A mulher se transforma “em emissário da Igreja junto ao esposo, que deve corrigir e manter no leito conjugal” (SEIXAS, 1998, p. 70).

Nessa visão, Badinter (1985) afirma que a mãe é promovida a “grande responsável” pela felicidade de seu filho. Isso se tornou uma missão terrível, que acabava por definir seu novo papel. Dessa maneira, as mulheres estavam fechadas em sua natureza e tentavam imitar ao máximo o modelo imposto. A autora acrescenta que o homem, despojado de sua paternidade e relegado a uma função somente econômica, foi se distanciando progressivamente de seu filho e essa imagem de “bom pai mantenedor”, responsável pelo conforto da família, sobreviveu até os nossos dias.

No caso da família brasileira, releva destacar que, no período histórico que vai do século XVI ao século XIX (Idade Moderna à Idade Contemporânea), a família era entendida como um ponto médio entre a sociedade e o indivíduo. O termo família significando um conjunto de servos e dependentes de um chefe ou senhor, originário do latim *famulus* (PRADO, 1989).

Essa imagem da família brasileira, também como família patriarcal, localizada no tempo e no espaço, se transformou em ícone para uma sociedade inteira. As famílias instalaram-se nas grandes unidades agrárias de produção tais como: engenhos de açúcar, fazendas de criação ou de plantação de café. O parâmetro dessas famílias é construído, de acordo com Vidal e Souza e Botelho (2001), no modo como se davam as relações entre brancos e negros, estando estes sob autoridade do senhor branco proprietário e chefe de

família. A mulher (branca e negra) nessa trama está localizada entre a casa e a senzala. Esses autores afirmam que se poderia admitir a família patriarcal, enquanto idéia, restrita ao campo cultural, pois existiam uma variedade de outras unidades domésticas nas muitas regiões do país, a partir da colonização.

Souza (1996) traça um breve histórico enfatizando a pluralidade de influências em sua formação, principalmente portuguesa, indígena e africana, além daquela de inúmeros imigrantes de outras origens. A família brasileira, segundo a autora, evoluiu de um modelo hierarquizado para a busca do ideal igualitário.

O modelo hierarquizado seria caracterizado pela ênfase no poder familiar, fundado no poder econômico; pela verticalização da relação entre pais e filhos; e pela rigidez nos padrões de comportamento e aplicação de castigos físicos. A “família hierárquica” é organizada, ainda que contenha conflitos em sua estrutura. Nela, homem e mulher se percebem como intrinsecamente diferentes, visíveis em sinais como tipo de roupa, linguagem, comportamento e sentimento apropriado para cada sexo. O poder do homem se apresenta superior ao da esposa, sustentado por sua relação de trabalho fora de casa e sua expectativa de monogamia em relação à mulher, e não vice-versa. Como nos esclarece Figueira (1987), os pais são também “diferentes” dos filhos e a identidade é posicional, isto é, todos tendem a ser definidos a partir de sua posição, sexo e idade. Há também muitas idéias sobre o certo e o errado e várias formas sutis “para tentar suprimir ou controlar as várias formas de desvio do comportamento, pensamento ou desejo” (FIGUEIRA, 1987, p.16).

Porém, a partir da década de 50, observam-se mudanças mais marcantes no modelo familiar com a crescente horizontalização das relações homem-mulher, paralelas a modificações no exercício da sexualidade e das atividades de trabalho da mulher, com a ideologia do igualitarismo, fazendo com que aquele modelo fosse aparentemente abandonado pelo processo de modernização da família. Souza (1996) afirma que a mesma tendência

atingiu, também, as relações pais-filhos com a conseqüente redução da rigidez dos padrões comportamentais e dos castigos corporais e aumento do respeito à individualidade. Esse novo modelo corresponderia à chamada “família igualitária”. Nos dizeres de Figueira (1987), homem e mulher se percebem como diferentes, mas como iguais porque são indivíduos, algo que tende a desaparecer com os sinais estereotipados da diferença homem/mulher. As noções de “certo” e “errado” perdem suas fronteiras, e instaura-se, aparentemente, o reino da pluralidade de escolhas, que só são limitadas pelo respeito à individualidade do outro.

Vale, porém, considerar que nenhum dos modelos de família existe em estado “puro”. Por isso, a família vista em sua realidade continua ambígua. Sabemos que as relações e interações do dia-a-dia da família atual (cujo destaque daremos a seguir) oscilam entre os dois modelos: o hierarquizado e o igualitário, em um movimento confuso e muitas vezes contraditório.

Há em nossas identidades hierárquicas e seus ideais a garantia da brutalidade de muitos preconceitos sociais, raciais e sexuais. Muito embora, a ideologia igualitarista seja responsável por destruir fronteiras rígidas entre categorias sociais, vivemos cercados por discursos que nos empurram em direção a ideais igualitários e individualistas e inibem nosso pensamento hierarquizado. É o caso de certos modos de falar de homossexuais e negros, por exemplo, que têm sofrido uma inibição confundida com desaparecimento ou erradicação de idéias hierarquizadas em tais áreas.

Figueira (1987, p.21) conclui que “a modernização da família é, portanto, um processo complexo que resulta da modernização de ideais e das identificações, da dissolução e da criação de categorias classificatórias, da plurificação das aparências e da psicologização dos discursos”. Sendo assim, o “arcaico” apenas de modo aparente desaparece dando lugar ao “pós-moderno”, aquele continua presente e se opondo a este, que é o núcleo daquilo que desejaríamos ser.

1.3 O cenário atual e os tipos de arranjo familiar

As pessoas que vivem numa sociedade em mudança social acelerada percebem, mais ou menos claramente, a complexidade do processo no qual estão intimamente envolvidas e podem talvez perceber que tudo só muda rapidamente na superfície, e que o novo e o moderno convivem com o arcaico e antiquado (FIGUEIRA, 1987).

Sendo assim, se considerarmos a família atual ou pós-moderna fundamentada no amor e no prazer, veremos que ela caracterizou-se segundo uma lógica de grupo em que a união dura enquanto durar o amor e o prazer. Para Badinter (1985), outra revolução familiar começou. O projeto desloca-se de novo para o lado do pai, mas, não para recolocar a mãe no obscurantismo e sim para melhor iluminar o pai e a mãe ao mesmo tempo. Singly (2000) também corrobora essa afirmação ao dizer que essa família é um grupo regulado pelo amor, no qual os adultos estão a serviço do grupo e, principalmente, das crianças.

Contudo, mudanças ocorreram na sociedade, sobretudo, na segunda metade do século XX e nos países ocidentais, ligadas ao decréscimo dos casamentos, às famílias numerosas, ao crescimento da concubinagens, aos divórcios, aos recasamentos, ao trabalho assalariado das mulheres, ao Movimento Feminista, ao Movimento Negro, ao Movimento Homossexual, à modernização, à urbanização decorrente da industrialização, ao aumento da longevidade, ao elogio da individualidade e do descartável, às uniões cada vez mais tardias, às mudanças dos papéis exercidos pelas mulheres, à possibilidade de controle da fecundidade com a contracepção, à escolha do momento de ter filhos e do número de filhos e, também, às Grandes Guerras Mundiais (GOLDANI, 2002; MILFONT, GOUVEIA; COSTA, 2006; SINGLY, 2000).

Milfont, Gouveia e Costa (2006) esclarecem que, com relação às mudanças, o sexo deixa de estar ligado à procriação, e o matrimônio se dissocia da família; e o divórcio é introduzido como uma opção viável.

O novo discurso feminista teve conseqüências fundamentais até agora não avaliadas, de acordo com Badinter (1985, p. 330), pois, destruiu “o mito freudiano da mulher normal, passiva e masoquista, tornou caduca a teoria da mãe naturalmente devotada, nascida para o sacrifício, e pôs em incontestável dificuldade os teóricos atuais da psicanálise” que pautavam a etiologia da experiência infantil na realidade biológica das diferenças anatômicas entre os sexos. A contradição entre os desejos femininos e os valores dominantes não pôde deixar de engendrar novas condutas, talvez, mais perturbadoras para a sociedade do que qualquer mudança econômica que se produziu. A autora esclarece que:

Na segunda metade do século XX, mulheres opuseram um desmentido irrecusável a essas definições da ‘natureza’ feminina. Provaram com suas ações que não eram constitucionalmente ‘passivas’ ou ‘masoquistas’, nem essencialmente ‘vaginais’. Na verdade, desde que entreabriram as portas de suas casas e invadiram as universidades, os tribunais, os hospitais ou os sindicatos, as mulheres mostraram que o ativismo, a independência e a ambição não eram apanágio dos homens (BADINTER, 1985, p. 333).

Nessa perspectiva, Durham (1983) coloca que o movimento feminista se vincula ao movimento homossexual, atacando em conjunto os padrões convencionais das relações entre os sexos. Tanto em um quanto no outro, o que está em jogo é a “subordinação da sexualidade à reprodução” e, mais legitimamente, o controle social sobre a sexualidade.

É interessante ressaltar a reordenação simbólica provocada pelas novas tecnologias reprodutivas que, ao desvincularem a reprodução biológica das relações sexuais e atribuírem um caráter artificial à procriação, um dos mais naturalizados entre os fatos humanos, quebra a identificação do corpo biológico com a ordem natural tão difundida em nossa cultura. Os avanços tecnológicos, tais como a pílula anticoncepcional ao lado da descoberta do teste de DNA, que permite a comprovação da paternidade biológica, provocam mudanças nas práticas e nos valores familiares (SARTI, 2004).

Podemos, dessa forma, considerar que as sociedades contemporâneas foram imperativas, impondo o surgimento do indivíduo original, ou seja, de um indivíduo que

respeita sua própria natureza. Singly (2000) reflete sobre a questão e diz que se tornou uma evidência normativa, para todos do Ocidente, acreditar que existe uma identidade pessoal, um “verdadeiro eu”; esse mito da interioridade, que traz consigo outro imperativo: o de que devemos ser autônomos.

Essa procura de si, segundo a autora, não se traduz em um narcisismo, mas exige uma atenção do olhar dos outros. Isso quer dizer que, desse modo, aparece a função central assumida pela vida privada: a construção da identidade pessoal dos indivíduos. O indivíduo “precisa, assim, para tornar-se ele mesmo, do olhar das pessoas a que ele atribui importância e sentido” (SINGLY 2000, p. 14). Esses “outros” significativos são os cônjuges ou parceiros para um homem ou uma mulher, os pais para os filhos reciprocamente. Para a autora, a família mudou para produzir esses indivíduos.

O período a partir do final dos anos 60, no qual ainda vivemos, corresponde à instauração de um compromisso entre as reivindicações dos indivíduos em se tornarem autônomos, por um lado, e sua vontade de continuar a viver com uma ou várias pessoas na vida privada, por outro. Goldani (2002) acrescenta que a família continua sendo um dos eixos organizadores da vida de homens e mulheres em todas as idades, raças e nacionalidades e aponta, ainda, que, com a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, evidenciou-se ainda mais, no interior das famílias, o questionamento de papéis e responsabilidades de homens e mulheres.

Portanto, o quadro que se apresenta em pleno século XXI é o de uma crise nas referências simbólicas e novas posições e papéis das mulheres, homens e crianças diante das mudanças nos grupos familiares e nas formas de parentesco (AMAZONAS; BRAGA, 2006).

Em relação às mudanças, nos dizeres de Torres (2000), a variedade de arranjos possíveis de família produz a necessidade de redefinir o conceito de família ou limitar sua aplicabilidade à nossa sociedade. A esse respeito, Scabello e Bruns (2004) acrescentam que a

extraordinária rapidez de mudança e de maleabilidade nas relações evidencia formas alternativas de conjugalidade. Afirmam que vivemos a transgressão de regras e a ruptura de modelos solidificados. Não há uma representação social definida e homogênea acerca do familiar e do conjugal, “tampouco acerca das concepções do feminino e do masculino que se inscrevem de maneira difusa, diversa, múltipla e efêmera na contemporaneidade” (SCABELLO; BRUNS, 2004, p. 134). Essa “flexibilização” dos papéis de gênero abalou a estrutura idealizada da união conjugal de outrora, cedendo espaço a parcerias, aos descasamentos e recasamentos sucessivos, entre outras formas de união e relacionamentos.

Acrescente-se a isso que Araújo e Scalón (2005) buscaram compreender em que medida o gênero se mostra relevante na constituição dos valores e práticas que organizam a vida familiar cotidiana no Brasil. A questão básica era responder como conciliar o trabalho pago da mulher com o fato concreto das atividades domésticas e com a maternidade. Concluíram que tendências apontam para o enfraquecimento do casamento e para a valorização de conjugalidades centradas nas satisfações individuais. Segundo as autoras, “são as mulheres mais do que os homens que tendem a rejeitar o caráter formal e a concordar que não necessariamente o casamento constitui o ideal de felicidade” (ARAÚJO; SCALON, 2005, p. 50). As respostas de homens apontam para a valorização do trabalho, mas sugerem outro aspecto: a permanência ou conciliação do espaço tradicional – a casa e a maternidade. Isto significa que os homens permanecem valorizando mais uma identidade feminina marcada por papéis de esposa e mãe e, mediante tais valores, eles mantêm suas expectativas na relação conjugal.

Contudo, na contemporaneidade, de modo cada vez mais nítido, homens e mulheres se enfrentam como indivíduos aparentemente livres e iguais. Nessas condições, suas diferenças só aparecem em função de atrações sexuais puramente individuais. A dupla “homem provedor” e “mulher cuidadora” vêm sendo alterada – embora as mulheres

permaneçam as principais cuidadoras, existe o trânsito entre o espaço doméstico e público, pois elas parecem estar mais sensíveis à esta dualidade dos papéis materno (centralizado na casa, no interior) e feminino (voltado para o exterior) (ARAÚJO; SCALON, 2005; DURHAM, 1983).

Conclui-se que: “as faces de relações mais igualitárias e de relações mais tradicionais se mesclam e se evidenciam, indicando aspectos ‘modernos’ e outros ‘conservadores’ que revelam as ambigüidades da esperada modernização” (ARAÚJO; SCALON, 2005, p. 50). A dimensão do gênero surge como extremamente relevante, e o sexo determina os limites das práticas. Porém, a divisão sexual do trabalho doméstico e as atribuições de homens e mulheres permanecem como um dos aspectos menos permeáveis às mudanças que marcam a sociedade contemporânea.

O pai, tendo abandonado a sua figura autoritária, identifica-se cada vez mais com a mulher, isto é, com a figura de mãe; ao mesmo tempo, as mulheres se “virilizam” e se distanciam da maternidade, segundo Badinter (1985). Isso parece se comprovar pelo fato de muitos pais divorciados reivindicarem a guarda dos filhos ainda bebês, ou, ainda, por atitudes e desejos de pais jovens tradicionalmente qualificados de maternos, participando da gravidez de sua mulher, compartilhando as alegrias do nascimento e tarefas diárias da maternagem.

Amazonas e Braga (2006), corroborando Badinter (1985), ressaltam que o exercício da parentalidade se apresenta, portanto, sendo compartilhado com o pai, com os avós e com tantos outros membros da família, assim como da comunidade. Afirmam que, apesar de todas as transformações, a família ainda se mantém idealizada e desejada por todos. Não importa sua forma e configuração, ela continuará a existir. De modo geral, tal discussão é indiscutivelmente válida a despeito da cautela que devemos ter ao ver a modernidade produzindo o declínio da família.

Heilborn (2004) reitera que as mudanças resultam do extenso processo através do qual a conjugalidade se torna independente do espaço familiar, não limitando o exercício da atividade sexual à esfera matrimonial. Contudo, a autora corrobora Giddens (1991) ao dizer que a família ainda ocupa um lugar-chave na socialização das novas gerações. As mudanças na esfera da sexualidade são, segundo ela, comumente associadas à modernização dos costumes sexuais. Contudo, todas estas mudanças não fornecem ao sujeito a oportunidade de modernizar seu funcionamento, real e profundamente, nos seus conteúdos e na sua identidade. Talvez o único modo de conseguir ser “pós-moderno” seja tentar acompanhar as transformações através de uma modernização do comportamento.

Lipovetsky (1989, p. 103), corroborado posteriormente por Giddens (1991), Heilborn (2004) e Scabello (2006), disse que:

O masculino e o feminino confundem-se, perdem as suas nítidas características de outrora; a homossexualidade de massa de hoje começa a já não ser considerada como uma perversão, todas as sexualidades, ou perto disso, são admitidas e formam combinações inéditas; o comportamento dos jovens e dos menos jovens tende a aproximar-se e, em poucas décadas, os últimos reciclaram-se, com uma velocidade surpreendente.

Ao destacar a “homossexualidade de massa de hoje” e “todas as sexualidades”, o autor nos coloca frente a frente com a realidade atual, ou seja, as múltiplas ocorrências familiares e arranjos domésticos possíveis no presente bem como as diversidades sexuais, ainda que não tenhamos “modernizado” internamente nosso comportamento. É nesse amplo espectro de possibilidades que está situada a família que ora buscamos pesquisar: a família de pais e mães heterossexuais com seus filhos e filhas homossexuais.

Entendemos que a família é, portanto, constituída no espaço privado, doméstico, onde é possível se instaurar, refutar, construir ou reafirmar valores, conceitos, preconceitos, papéis. Assim, a constituição do gênero nos leva a também verificar que este é um espaço em que nem sempre os diálogos francos e abertos são possíveis, tornando-se ambiente suscetível de instalação da repressão sexual. Isso frequentemente estimula a ocorrência de estigmas,

dificuldades de relacionamento, punições, reverses quando nos deparamos com desvios à “boa conduta”.

A tensão entre os distintos discursos familiares denota a singularidade da família no mundo contemporâneo: ela é, ao mesmo tempo, auto-referida na sua construção do “nós” – no que constitui o mundo privado – e permanentemente influenciada pelo mundo exterior – público – que lhe traz a inevitável dimensão do “outro”, com a qual tem de lidar. A família, então, constitui-se dialeticamente. Ela não é apenas o “nós” que a afirma como família, mas é também o “outro”, condição da existência do “nós” (SARTI, 2004).

Assim, entendemos que as famílias não são iguais entre si e se estruturam de maneira complexa e heterogênea. Não existe um padrão único de organização familiar, sendo a urbanização e a industrialização, as migrações externas e internas, a formação do proletariado, a revolução da mídia, a alteração da condição feminina de vida e de trabalho apontados como fatores que influenciam a composição de diferentes modelos (ROMANELLI, 1991), particularmente, no que se refere às famílias brasileiras.

Acata-se, assim, a perspectiva de que as alterações nos modelos de família têm refletido no processo de socialização das crianças e, posteriormente, dos adolescentes, nas práticas de cuidado e educação, na transmissão de valores e idéias. São percebidos sentimentos de confusão e insegurança em relação às formas de agir com os filhos, quais valores transmitir, quais técnicas disciplinares utilizar, etc.

Dentre as múltiplas formas de arranjo doméstico destacadas pelos vários autores já citados anteriormente, colocamos de forma didática, os tipos atuais de famílias:

- 1) *Famílias nucleares*, que incluem o núcleo pai, mãe e filhos;
- 2) *Famílias ampliadas*, que incluem a presença de outros parentes junto aos componentes da família nuclear;

- 3) *Famílias monoparentais*, matrifocais ou patrifocais, chefiadas por mulheres ou por homens vivendo com seus filhos de vários parceiros;
- 4) *Famílias recompostas*, que são uniões em que ambos, homem e mulher, já tiveram uma primeira união com filhos e vivem com novos companheiros;
- 5) *Famílias pluriparentais ou reconstituídas*, formadas pela união de pessoas divorciadas;
- 6) *Famílias homoparentais*, formadas por casais homossexuais e seus filhos biológicos de uniões heterossexuais anteriores, ou filhos adotivos atuais;
- 7) *Famílias de pais heterossexuais com filhos(as) homossexuais*, formadas por pais e mães heterossexuais que têm filhos gays e/ou filhas lésbicas;
- 8) *Famílias inférteis*, formadas por casais inférteis que utilizam a tecnologia da reprodução;
- 9) *Uniões informais ou livres*, nas quais não há vínculo legal – é o caso das uniões estáveis;
- 10) *Famílias que decidem não procriar*.

As recomposições familiares são produtos de uma história e não apenas situações vividas por indivíduos socialmente privilegiados. Durham (1983, p. 37) esclarece que “o problema da família, se recoloca, entretanto, cada vez que se reapresenta a questão dos filhos e da responsabilidade social associada à maternidade e à paternidade”.

Há uma diversidade de possibilidades e atitudes relacionadas. Dessa maneira, levando-se em conta a multiplicidade, como podemos pensar a família pós-moderna, composta por pais e mães heterossexuais e seus filhos(as), um ou alguns dos quais apresentam a vivência da homossexualidade?

Essa questão, de imensa importância na atualidade, nos remete ao fato de que é comum os pais descobrirem a homossexualidade dos filhos na fase da adolescência, isso gera nas famílias, muito freqüentemente, sentimentos diversos e reações das mais inusitadas. Nesse sentido, Sarti (2004, p. 20) acrescenta que:

Os jovens caracterizam-se precisamente pela busca de outros referenciais para a construção de sua identidade fora da família, como parte de seu processo de afirmação individual e social. Necessitam falar de si no plural, recriando ‘famílias’ (como construção de ‘nós’), fora de seu âmbito familiar de origem, através dos vários grupos de pares (*peer groups*), seja em torno de música (*rock, rap*), outras atividades culturais, esportivas ou outras formas de expressão dos jovens no espaço público.

A sensação de “estar em casa”, no mundo pós-moderno, prescinde da experiência espacial da casa, o que permite aos filhos em conflito com os pais se sentirem mais “em casa” com seu grupo de pares do que com sua família, vista como “estranha”. A autora esclarece que, considerando a adolescência uma mudança no estatuto social do sujeito, a importância da família é precisamente essa possibilidade de manter o eixo de referências simbólicas, representando lugar de apego, de segurança, como rede de proteção, mas também abrindo espaço para o outro, para continuar sendo ponto de referência.

Assim, diante do percurso explicitado até aqui, torna-se importante e necessário destacarmos nosso modo de perceber a sexualidade humana, essa autêntica e genuína dimensão da vida já que situamos o contexto atual da pós-modernidade e perpassamos o olhar pela família tal como a concebemos atualmente.

1.4 Em nome de uma história da sexualidade

A sexualidade é um aspecto complexo da natureza humana, que envolve, além do sexo propriamente dito, elementos psicológicos, emocionais e comportamentais. A forma de abordá-la conceitual e clinicamente tem variado ao longo do tempo e sofrido influências variadas das ciências médicas, das teorias psicológicas, das ciências sociais, da filosofia, da política e das tradições religiosas.

Considerando que todas as modificações que perpassam até hoje nossa sociedade e o momento vivido atualmente referem-se ao aparecimento do discurso sobre a sexualidade,

tanto quanto às relações conjugais e familiares bem como às diversidades sexuais, consideramos pertinente iniciar pelo que se pode chamar de história da sexualidade, dentro do pensamento foucaultiano.

A sociedade vive desde o século XVIII, com a ascensão da burguesia, uma fase de repressão sexual na qual o sexo se reduz a sua função reprodutora, e o casal procriador passa a ser o modelo. O que sobra vira anormal – é expulso, negado e reduzido ao silêncio. Mas a sociedade burguesa, hipócrita, vê-se forçada a algumas concessões. Ela restringe as sexualidades ilegítimas a lugares onde possam dar lucros, como nas casas de prostituição e hospitais psiquiátricos. A justificativa para isso seria que, em uma época em que a força de trabalho é muito explorada, as energias não podem ser dissipadas nos prazeres.

Porém, segundo Foucault (1984a), a hipótese descrita acima é chamada por ele de “hipótese repressiva” e foi aceita quase como uma verdade absoluta, já que serve bem à sociedade atual. Mas o autor desconstrói esse pensamento e formula uma nova hipótese, afirmando que, para nós, é gratificante formular em termos de repressão as relações de sexo e poder por uma série de motivos. Primeiramente, porque, se o sexo é reprimido, o simples fato de falar dele e de sua repressão ganha um ar de transgressão. Segundo, porque, aceitando-se a hipótese repressiva, pode-se vincular revolução e prazer, pode-se falar num período em que tudo vai ser bom: o da liberação sexual. “O sexo, a revelação da verdade, a inversão da lei do mundo, o anúncio de um novo dia e a promessa de uma certa felicidade” (FOUCAULT, 1984a, p. 14), estão todos unidos entre si. Finalmente, insiste-se na hipótese repressiva, porque aí tudo que se diz sobre o sexo ganha valor mercantil.

A afirmação de uma sexualidade reprimida é acompanhada de um discurso destinado a dizer a verdade sobre o sexo numa sociedade que há mais de um século se "fustiga ruidosamente por sua hipocrisia, fala prolixamente de seu próprio silêncio, obstina-se em detalhar o que não se diz e promete-se liberar das leis que a fazem funcionar" (FOUCAULT,

1984a, p. 15). A questão básica não é “por que somos reprimidos, mas por que dizemos, com tanta paixão, com tanto rancor contra nosso passado mais próximo, contra nosso presente e contra nós mesmos que somos reprimidos?” (FOUCAULT, 1984a, p. 15).

Não é que Foucault (1984a) diga que o sexo não vem sendo reprimido; afirma, sim, que essa interdição não é o elemento fundamental e constituinte. Ele discorre sobre como o poder é produzido por relações particulares com saberes. Estes saberes não são universais, mas se instituem enquanto verdades num processo que produz poder.

Ele afirma que foi o próprio poder que incitou essa proliferação de discursos sobre sexo, a partir do século XVIII, através de instituições como a Igreja, a escola, a família e o consultório médico. Essas instituições não visavam a proibir ou reduzir a prática sexual. Visavam, sim, ao controle do indivíduo e da população. Tal explosão discursiva sobre sexo veio acompanhada de uma depuração do vocabulário sobre sexo autorizado, assim como de uma definição de onde e de quando podia se falar dele. A Igreja Católica, com a Contra-Reforma, deu início ao processo, ao estimular o aumento das confissões ao padre e também a si mesmo.

Estabeleceram-se, ao redor da temática do sexo, diferentes posturas que engendraram também novos saberes e novas tecnologias de poder, a que Foucault (1984a) chama de “biopoder”. A medicina, a psiquiatria, a justiça penal, a demografia e a crítica política também passam a se preocupar com o sexo. Portanto, regula-se o sexo não pela proibição, mas por meio de discursos úteis e públicos, produzindo uma sexualidade economicamente útil.

Portanto, Foucault (1984a) constrói uma nova hipótese acerca da sexualidade humana, segundo a qual esta não deve ser concebida como um dado da natureza que o poder tenta reprimir, mas:

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da

superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1984a, p. 116).

Deve, sim, ser encarada como um dispositivo histórico e produto do encadeamento. As sexualidades são, assim, socialmente construídas. O autor soma ao “dispositivo da sexualidade” o “dispositivo da aliança”, este último encontrado em todas as sociedades e definido em função de casamentos, relações de parentesco, transmissão de bens entre gerações, etc., nos quais são definidos o lícito e o ilícito na atividade sexual. Nas sociedades ocidentais, o dispositivo da sexualidade encontrou na família seu grande *locus*, sua instituição por excelência e esta ao associar-se à sexualidade, a partir do século XVIII, “pacificou o sexo”, o domesticou. Segundo Foucault (1984a, p. 102):

Não se deve entender a família, em sua forma contemporânea, como uma estrutura social, econômica e política de aliança, que exclua a sexualidade ou pelo menos a refreie, atenuando tanto quanto possível e só retenha dela as funções úteis. Seu papel, ao contrário, é o de fixá-la e constituir seu suporte permanente. [...] A família é o permutador da sexualidade com a aliança: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo da sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança. Esta fixação do dispositivo de aliança e do dispositivo de sexualidade na forma da família permite compreender um certo número de fatos: que a família se tenha tornado, a partir do século XVIII, lugar obrigatório dos afetos; de sentimentos de amor, que a sexualidade tenha, como ponto privilegiado de eclosão a família; que, por esta razão, ela nasça ‘incestuosa’. (FOUCAULT, 1984, p. 102-3).

Daí a importância da família, que enquanto instituição que reproduz o dispositivo da sexualidade constitui um espaço de expressão do sexo lícito; família que é também instituição de controle da sexualidade de seus membros. “A família tornou-se não o lugar da repressão, mas o espaço fundamental da sexualização dos corpos e de todas as práticas que, aparentemente, ferem a vida familiar” (CHAUÍ, 1984, p. 185).

Mais uma vez, Seixas (1998), corroborando os autores citados, acrescenta que a família está inseparavelmente imersa no meio social e continua construindo a história da

sociedade, e seu comportamento continua modelando a sexualidade da criança, inserida no processo de transmissão dessa sexualidade.

Entendemos, portanto, a sexualidade como uma construção sócio-histórica e não como algo inerente ao ser humano, “natural”. Para Weeks (1993, p. 21):

Não podemos esperar entender a sexualidade observando simplesmente seus componentes ‘naturais’. Esses só podem ser entendidos e adquirir significado graças a processos inconscientes e formas culturais. A ‘sexualidade’ é uma experiência histórica e pessoal.

Nesse sentido, ela integra comportamentos, linguagens, crenças, escolhas, posturas e identidades que se relacionam segundo algumas estratégias de poder/saber (CHAUI, 1984; FOUCAULT, 1984a; LOURO, 1999; WEEKS, 1993).

Com base nesse raciocínio, acrescentamos Costa (1994) que mesmo considerando a sexualidade humana como um todo indivisível, em sua visão moderna da sexualidade, pressupõe a existência de dimensões que constituem o ser humano: a biológica, a psicológica e a social, e assenta a sexualidade sob quatro pilares principais: o sexo biológico (macho e fêmea); a identidade sexual (identidade genital, identidade de gênero e orientação afetivo-sexual), os papéis sociais de gênero e o papel afetivo-sexual.

A dimensão biológica, segundo o autor, diz respeito ao corpo físico, com qual sentimos, vemos e somos vistos, na qual o termo sexo inclui:

1. O sexo cromossômico: determinado geneticamente pelos cromossomos XX e XY, respectivamente para mulheres e homens.
2. O sexo gonadal: refere-se às gônadas testículo – masculina e ovário – feminina.
3. Genitais internos: ovários, tubas uterinas, útero para as mulheres e canais deferentes, próstata e vesículas seminais para os homens.
4. Genitais externos: são os órgãos sexuais visíveis tanto nos homens (pênis e testículos) quanto nas mulheres (vagina, vulva e clitóris).

Há uma correlação entre sexo biológico e identidade sexual, levando-se em conta que esta última abrange a identidade genital, a identidade de gênero e a orientação afetivo-sexual (COSTA, 1994). A dimensão psicológica nos remete à mente, ao psiquismo, às emoções, aos afetos, desejos, fantasias, sonhos, e a dimensão social é o mundo que nos cerca, povoado de outros indivíduos e de tudo que o homem transformou na natureza (COSTA, 1994).

As três dimensões citadas e os quatro pilares são totalmente interligados, interdependentes, inter-relacionados e inseparáveis. Falaremos sobre cada um, em separado, a título de organização didática.

1.4.1 A identidade sexual, a identidade de gênero e a orientação afetivo-sexual

O debate teórico sobre gênero tem sido marcado pelo contraste entre pelo menos duas grandes posições: uma essencialista, mais estritamente ligada a questões biológicas e naturais para explicar comportamentos, diferenças, relações e hierarquias entre mulheres e homens e outra que entende gênero como organização e construção social dessas relações. Entre essas duas grandes tendências, há uma gama de possibilidades que assume formas diferenciadas e subsidia explicações tanto biológicas quanto construcionistas, ora tendendo para explicações “naturalistas”, ora tomando as diferenças sexuais como base para representações e significados culturais, ora inserindo a biologia no processo de construção social.

Scott (1995) propõe o uso do termo gênero de forma mais abrangente no qual se incluem os homens e as mulheres nas suas várias conexões, hierarquias, precedências e relações de poder. Ela discute três posições teóricas sobre o gênero: a tentativa feminista de entender o patriarcado; a tradição marxista e o pós-estruturalismo francês junto com as teorias de relação do objeto. Em todas, ela percebe deficiências. Segundo Scott (1995, p. 86):

O gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e gênero é uma primeira forma de dar

significado às relações de poder ou ainda gênero é um campo primário no interior do qual ou por meio do qual o poder é articulado.

Ou ainda:

Gênero é a organização social da diferença sexual. O que não significa que gênero reflita ou implemente diferenças físicas fixas e naturais entre homens e mulheres, mas sim que gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças corporais. Esses significados variam de acordo com as culturas, os grupos sociais e no tempo. [...]Não podemos ver a diferença sexual a não ser como função de nosso saber sobre o corpo e este saber não é “puro”, não pode ser isolado de suas relações numa ampla gama de contextos discursivos (SCOTT, 1995, p. 89).

Mediante esse conceito, buscamos nos fundamentar em posicionamentos que utilizam o conceito de gênero, enquanto categoria de análise, como uma construção sócio-histórica das distinções baseadas no sexo. Concebemos que o avanço dos estudos de gênero, em grande medida, se deu em função do Movimento Feminista nos anos 60.

Swain (2001) propõe uma ampliação do conceito de gênero para “heterogênero”, para que o termo dê conta da ambigüidade da sexualidade e das relações de gênero, que este conceito em si só já não abarcaria.

Sabemos que ao nascer, cada pessoa terá a genitália masculina ou feminina, porém não podemos afirmar “ser homem ou mulher”, já que mediante as inter-relações com a família, com a sociedade, com os pais, cada indivíduo irá aprender a ser homem ou a ser mulher. Desde então, a família começa a transferir a ela os estereótipos culturais dos papéis masculino e feminino, os quais afetam o desenvolvimento do autoconceito de meninos e meninas (COSTA, 1994; SEIXAS, 1998).

A família é uma referência importante, já que o desenvolvimento da identidade sexual se evidenciará mais completamente com o surgimento dos caracteres sexuais na adolescência. Somando-se a isso Costa (1994, p. 16) ainda afirma que “reconhecer e sentir nossa anatomia sexual tem grande importância para desenvolvermos a consciência de pertencermos ao

gênero masculino ou feminino”, ou seja, a “sensação interna” de se pertencer a um ou outro gênero, bem como a capacidade de nos relacionarmos socialmente.

Da mesma forma, Louro (1997) conceitua gênero como o sexo sociológico, constituído sócio-histórico e culturalmente, variando de acordo com o contexto, o tempo e o espaço em que se analisa. Não ocorre de forma natural, o indivíduo vai se reconhecendo nos papéis masculinos ou femininos, uma vez que se vale de suas relações interpessoais. São construções iniciadas muito antes do nascimento e, por isso, devem ser entendidas como constituintes da identidade do sujeito.

Ainda dentro da perspectiva construtivista, Heilborn (1996) concebe que a identidade sexual constitui-se, na cultura ocidental, uma das esferas centrais da identidade social das pessoas em que a sexualidade não possui uma essência a ser desvelada, mas é antes produto do aprendizado de significados socialmente disponíveis. Assim, a identidade sexual se ancora e se impregna do lugar que a sexualidade desfruta e ocupa, na cultura ocidental como *locus* privilegiado da verdade do sujeito. O que também corrobora com o pensamento de Vilela e Barbosa (1996) que dizem que as características distintas entre homens e mulheres devem ser tomadas como construções sociais. Sendo assim, a “escolha” de determinadas práticas sexuais revelaria a natureza dos indivíduos, situando-os frente aos outros. Conforme Chauí (1984) e Louro (2004), não há como se falar em gênero sem tocar na questão da sexualidade.

Sobre o gênero ser entendido enquanto relação entre os sexos, na medida em que assegura um significado para os conceitos de homem e mulher, Torrão Filho (2005) reitera as considerações supracitadas de Scott (1995) e diz que é algo que se reflete nas práticas. Portanto, homem e mulher enquanto categorias não devem ser analisadas como homogêneos e sem história, ou sem relação entre si. Isto quer dizer que se “há diferenças biológicas entre os sexos, não são elas que determinam as desigualdades entre eles” (TORRÃO FILHO, 2005, p. 138-139). Acrescentamos a isso, o fato de que a identidade sexual é singular e não plural.

Portanto, ao nos referirmos à categoria gênero, apontamos para um debate que diz respeito à concepção do que é ser masculino e feminino, homem e mulher na sociedade, aspecto que interpela a experiência sexual dos sujeitos, modela o mundo dos significados eróticos, as transações sexuais, a realização do desejo e, em algumas circunstâncias, a própria obtenção do gozo. Nesse sentido, o gênero é um aspecto maleável do eu que torna possível que se reconheçam não apenas as semelhanças e igualdades existentes entre os sujeitos sociais – homem e mulher – mas os padrões de coerência cultural que existem em razão mesmo da diferença que os separa, as contradições lógicas e emocionais que fluem dessa coexistência binária (HEILBORN, 1999; SCOTT, 1995).

Quanto à orientação afetivo-sexual, dizemos que é a orientação dada ao desejo sexual, ou seja, as formas de vivência sexual e que podem ser heterossexual, homossexual ou bissexual. Segundo Costa (1994), diz respeito à sensação interna do ser relativamente à capacidade para se relacionar amorosa ou sexualmente com alguém. Refere-se ao mundo psicológico, e essa capacidade direcionará o papel afetivo-sexual que a pessoa desempenhará ou não, no campo social. Concordamos com o autor em utilizar o termo “afetivo” a fim de indicar que não se trata apenas de relacionamentos de ordem sexual, mas também envolvem afeto e amor. Costa (1994, p. 33-34) escreve:

A orientação afetivo-sexual está vinculada aos sentimentos que existem dentro de todos nós em relação a outra pessoa. Entre esses sentimentos estão o desejo e o prazer sexual, as sensações de orgasmo, as fantasias sexuais, os sonhos eróticos, o amor e a paixão. Esses sentimentos têm seus contrários, como o ódio, a repulsa, a frieza, a indiferença e todas as outras emoções que perpassam as relações humanas.

Quer dizer que a orientação afetivo-sexual é o que leva cada pessoa a escolher quem vai amar e com quem irá se relacionar sexualmente. Porém, como formador da auto-identidade, o gênero pode ser definido como um conjunto de idéias que informam cada sexo, num determinado contexto, a respeito da sua atividade. Neste caso, reconhecer o gênero

como uma expressão da sociedade exige que ele seja entendido como produto e produtor da história.

1.4.2 Os papéis sociais de gênero e o papel afetivo-sexual

O papel social de gênero refere-se ao comportamento frente às pessoas e à sociedade como um todo, de acordo com Costa (1994). Isto quer dizer que temos uma “maneira de ser” masculina ou feminina, e é importante haver sintonia entre o que se sente e o modo de agir, caso contrário, os conflitos entre a nossa identidade de gênero e o papel que desempenhamos serão evidentes. O papel é, desta perspectiva, uma forma de funcionar em momentos específicos, em situações específicas, de modos específicos e que conta com o envolvimento das pessoas e objetos. Apesar de sermos sempre a mesma pessoa, sabemos que desempenhamos vários papéis.

Louro (1999) sublinha a presença efetiva das mães, ou seja, das mulheres na educação infantil, algo confirmado pela pesquisa de Araújo e Scalon (2005) de que há uma legitimidade para a mulher enquanto cuidadora e responsável pela maternidade e maternagem, fato este reafirmado inclusive pelas próprias mulheres. Santos (2004, p. 47) corroborando tais autoras, diz que:

Se considerarmos que, em suas primeiras fases da vida, tanto meninos quanto meninas apresentam um contato maior com mulheres, sejam elas babás, professoras, ou mães, como foi legado historicamente, percebemos que valores atribuídos às meninas como afetividade, carinho, sensibilidade e fragilidade foram (e são), em grande parte das vezes, incorporados por ambos como desvirtuamento da virilidade. Por outro lado, meninos sofrem com a repressão imposta às lágrimas, pois ‘homem não chora’, tem que ser forte.

As mulheres aprendem a ser femininas e submissas, sendo controladas nisso, e também os homens são vigiados para manterem sua masculinidade. Todas as pequenas “regras” são incorporadas no dia-a-dia, o que fica evidente no tratamento diferenciado para

meninos e meninas. A menina aprende a se enfeitar, a não se sentar de pernas abertas, a ser delicada, frágil, etc., já o menino, aprende a se limitar mais à sua higiene, não deve chorar, não deve se vestir de cor-de-rosa e etc. Podemos acrescentar que estes são *scripts* tradicionais ditados pela sociedade, pela cultura, pela época, enfim, definindo modos de agir, de se vestir, de se interessar, de falar e até de se ocupar.

Costa (1994) acrescenta que com esses papéis de gênero e a identidade de gênero bem desenvolvidos, será possível ser homem ou ser mulher, sintonizando os sentimentos àquilo que se exterioriza enquanto comportamentos e atitudes. O papel afetivo-sexual que poderíamos chamar de estereótipo social do ser homem e do ser mulher está, portanto, relacionado ao sexo e é parte dos papéis sociais de gênero.

Compreendemos que a expressão dos papéis de gênero pode ser variada, nem sempre condizendo com a orientação afetivo-sexual. Isso promove na sociedade as questões homofóbicas, o preconceito, o sexismo e o estigma e, antes disso, a hierarquização em que o masculino se impõe como superior ao feminino.

Seguindo nosso percurso, trataremos a seguir sobre a questão da homossexualidade.

CAPÍTULO 2 – HOMOSSEXUALIDADE: TRAMAS E TEMAS

O estudo da homossexualidade tem sido particularmente intenso ao longo dos últimos 20 anos. O renovado interesse por este tema se deve ao fato de que a cultura homossexual no Ocidente tem sofrido mais mudanças neste período do que em qualquer outro momento histórico, gerando para os homossexuais uma visibilidade com a qual o mundo moderno jamais teria sonhado.

Assim, a proposta deste capítulo implica desenvolver uma reflexão sobre a questão da homossexualidade, seus tramas e temas. Consideramos que além de ser mal-dita, em termos heteronormativos sociais, a homossexualidade é dita, isto implica dizer que ela não escapa a essa instância reguladora que é a linguagem, certamente, não está fora das leis que regem a significação, os sujeitos, os desejos, as condutas. “Ser” homossexual, perceber outros como tal ou meramente pensar sobre o assunto já é forçosamente subscrever-se a uma nomenclatura, a um discurso (PORTINARI, 1989).

Dessa maneira, essa reflexão se faz pertinente porque viabilizará suporte teórico ao fenômeno por nós investigado: **a vivência de pais e mães heterossexuais acerca da homossexualidade de filhos e filhas**. Iniciamos, portanto, com a seguinte questão:

2.1 O que é homossexualidade?

Os antropólogos Fry e McRae (1985, p. 1) introduzem a seguinte observação:

Esta pergunta tem como pressuposto que a homossexualidade é alguma coisa. O problema é que a homossexualidade é uma infinita variação sobre um mesmo tema: o das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Assim, ela é uma coisa na Grécia Antiga, outra coisa na Europa do fim do século XIX, outra coisa ainda entre os índios Guaiáqui do Paraguai. Com este raciocínio, a homossexualidade pode ser uma coisa para um camponês do

Mato Grosso, outra coisa para um candidato a governador do estado de São Paulo em 1982, e, de fato, tantas coisas quanto os diversos segmentos sociais da sociedade brasileira contemporânea.

A homossexualidade será tantas coisas quanto as que sobre ela forem ditas. A homossexualidade “significa”, ou seja, “existe” para uma grande quantidade de pessoas e porque existe na linguagem, enquanto discurso, acumula uma série de coisas já ditas e ainda por dizer a cada momento histórico.

As próprias instâncias – escola, Igreja, Estado, mídia, mercado, etc. – que confeccionam a homossexualidade em termos de um universo imaginário acabam sendo levadas, pelo turbilhão da linguagem, a problematizar, questionar e modificar as suas verdades e tipologias. É a isso que Foucault (1979) chama de ultrapassagem quando afirma que uma coisa é o enunciado e outra é o discurso, já que existem elementos táticos comuns e estratégias opostas. O autor afirma:

Acho que os movimentos de ‘liberação sexual’ devem ser compreendidos como movimentos de afirmação ‘a partir’ da sexualidade. Isto quer dizer duas coisas: são movimentos que partem da sexualidade, do dispositivo da sexualidade no interior da qual estamos presos, que fazem com ele funcione até seu limite; mas, ao mesmo tempo, eles se deslocam em relação a ele, se livram dele e o ultrapassam (FOUCAULT, 1979, p. 130).

Aquilo que é ultrapassado não é precisamente o dispositivo da sexualidade, mas aquilo em nome do qual ele se apresenta como metáfora, que seria o jogo de produção de significações que é jogado na linguagem.

Foucault (1979) acrescenta que foi por volta de 1870 que os psiquiatras começaram a constituir a homossexualidade como objeto de análise médica, como ponto de partida de toda uma série de novas intervenções e controles. Foi o início tanto do internamento de homossexuais no asilo, quanto da determinação de curá-los. Antes, os homossexuais eram percebidos como libertinos e às vezes como delinqüentes (daí as condenações que podiam ser bastante severas – às vezes, o fogo, ainda no século XVIII). A partir de então, todos foram

percebidos no interior de um parentesco global com os loucos, como doentes do instinto sexual. A partir de então, toda uma literatura da homossexualidade, muito diferente das narrativas libertinas, apareceu no final do século XIX.

Se formos assinalar um ponto inicial do desdobramento do discurso da homossexualidade, o localizaríamos justamente nos termos homossexual e homossexualidade, ou seja, pode-se dizer que o discurso da homossexualidade aí reside e fornece-nos um bom ponto de partida para recorte e explicitação.

Já que a sociedade está toda baseada em definições – verdadeiras ou falsas – e que estas são parte de uma linguagem possível, vale destacar o que o termo homossexual quer dizer, inicialmente, no Dicionário Koogan e Houaiss (1998): 1) relativo à homossexualidade; 2) mantido por indivíduos do mesmo sexo (diz-se de relacionamento sexual); 3) que denota homossexualidade; 4) que ou aquele que sente atração sexual e/ou mantém relação amorosa e/ou sexual com indivíduo do mesmo sexo.

O termo *gay* foi introduzido na história da homossexualidade desde o século XIII por Boswell³ (1985 apud TORRÃO FILHO, 2005), para designar relações entre os homens. Não tinha a conotação sexual, mas poderia já ser considerado um instrumento de investigação capaz de contribuir para um tipo de consciência que desse importância à afetividade, ao amor, ao desejo e à relação sexual.

Segundo Trevisan (2000, p. 37), a maneira que dispomos para definir a pessoa que tem relações sexuais com pessoas do mesmo sexo é a “categoria homossexual”, com suas limitações, pois se trata de um instrumental lingüístico, “assim como em outros tempos usavam-se também ‘sodomita’, ‘somitigo’, ‘uranista’”. E acrescenta que prefere considerar como homossexuais mais as relações, mesmo quando estas apareçam isoladas, do que as pessoas isoladamente. Trabalha a idéia da “existência de homossexualidades” já que tantas

³ BOSWELL, J. **Christianisme, tolérance sociale et homosexualité**. Les homosexuels en Europe occidentale des débuts de l'ère chrétienne au XIVe. Siècle. Paris, Gallimard, 1985, p.75-76.

são suas variantes e não restringe a vivência homossexual ao grupo que circula nos guetos urbanos.

Neste estudo concordamos com o autor no sentido de que é vão e discutível tentar adentrar o campo de definições estritas e das estatísticas sobre o termo homossexual ou, ainda, tentar calcular o número de pessoas homossexuais existentes no país quando a própria definição do que é ser/estar homossexual é fluida.

Consideramos pertinente destacar também o termo para a homossexualidade feminina, o lesbianismo. Segundo Mott (1987), sua origem provém da Ilha Grega de Lesbos, no Mar Egeu, e por isso tanto lésbia, lésbica, lesbiana ou lesbíaca significa a pessoa natural desta ilha bem como a língua nela falada. Foi na Ilha de Lesbos que viveu Safo, poetisa que cantava em seus versos, o amor entre mulheres. Como sinônimo de homossexual feminina, o termo lésbica só aparece na literatura francesa por volta de 1842 e na inglesa em 1870. O autor destaca o criminalista Viveiros de Castro no Brasil como introdutor do termo, usado como sinônimo de “invertida sexual”, em 1894.

O termo homossexualidade vem de uma união do radical grego *homo* (igual) e uma raiz latina *sexual*. A elaboração da idéia que leva o nome de homossexualidade é um legado de Foucault (1984a) que empreendeu a arqueologia dessa trajetória. Conforme dissemos no capítulo anterior, o autor propõe pensar a sexualidade em geral, como uma idéia que se constrói e se reforça. Isto implica perceber que a homossexualidade, longe de ser vista como dissociada do saber e do poder, está não apenas imbuída nessa rede, como também é, de certa forma, produzida por ela. Levando-se em conta o saber e o poder enquanto forças absolutamente disseminadas na linguagem e tendo seu funcionamento não apenas como um somatório de prescrições morais coercitivas, mas sobretudo como um jogo complexo de “produção da subjetividade”.

Uma parte desse jogo consiste em os indivíduos serem levados a se reconhecerem como sujeitos de uma dada sexualidade – legítima ou não – e a buscarem nele a verdade do seu desejo, percebida nesse contexto como a sua verdade enquanto sujeitos. É a história desse jogo que Foucault (1984a) procura reconstituir, então, incluindo a questão da homossexualidade.

Ao falar das mudanças efetuadas a partir do século XIX, num jogo que entretece verdades e sexualidades, Foucault (1984b, p. 41) assinala o emergir da homossexualidade tal como ela se apresenta a nós hoje em dia:

O homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio ativo das mesmas, inscrita sem pudor em sua face e em seu corpo, já que é um segredo que se trai sempre. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular. É necessário não esquecer que a categoria psicológica, psiquiátrica e médica da homossexualidade constitui-se no dia em que foi caracterizada... menos como um tipo de relações sexuais do que como uma certa qualidade de sensibilidade sexual, uma certa maneira de inverter, em si mesmo, o masculino e o feminino. A homossexualidade apareceu como uma das figuras da sexualidade quando foi transferida, da prática da sodomia, para uma espécie de androginia interior, um hermafroditismo da alma. O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 1984c, p. 43-44).

Eis, portanto, a homossexualidade inserida no jogo de produção de subjetividade, ou seja, tornada forma de subjetivação e oferta de um lugar de sujeito. Porém, o próprio Foucault (1979) sugere que o discurso da homossexualidade não esteja limitado exclusivamente ao dispositivo da sexualidade. Por ora, e para nós, basta essa vertente subjetivizante, que deve nos orientar para um recorte do tema. Não pretendemos aqui refazer uma arqueologia da configuração de como a homossexualidade chega a ser incluída no dispositivo da sexualidade e, assim, na produção de subjetividades.

Propomos que o discurso da homossexualidade não se defina a partir do sujeito, mas que antes seja o sujeito que se defina a partir dele. Podemos dizer que esse sujeito é o sujeito

de um *devoir homosexuel*, termo designado por Guattari e Rolnick (1986) ao se referir à sua proposta de que seria preciso buscar formas singulares de tornar-se homossexual (ou negro, ou mulher, etc.), escapando aos discursos homogeneizantes da produção de subjetividades. Também entendemos, neste estudo, que o discurso da homossexualidade propõe em suas entrelinhas um *devoir homosexuel*, no sentido de que não se limita a oferecer uma homossexualidade pronta; a identidade homossexual é sempre uma trajetória e, nesse sentido, é sempre um *devoir*.

Esse *devoir* se aplica em certos momentos ao “sou homossexual” ou “estou homossexual” destacados por Trevisan (2000) e Heilborn (1996). São enunciados articulados numa dupla prática: a da relação sexual amorosa com indivíduo(s) do mesmo sexo e da constituição de si enquanto sujeito de uma dada sexualidade. Essas duas instâncias não necessariamente precisam coexistir.

Trevisan (2000, p. 38) observou que muitos homossexuais começaram a tentar recusar uma imposição do termo homossexual, buscando uma solução na linguagem, ou seja, recusando o enunciado “sou homossexual”, a ele preferindo a fórmula “estou homossexual”. Mas poderíamos questionar se essa fórmula substitutiva, impregnada de opção e temporalidade, ou seja, como se a homossexualidade estivesse livremente escolhida e transitória, não mascarasse o que é tecido pelo discurso. E, ainda, se seria o sujeito tão dono e senhor desta sua homossexualidade? Obtemos uma resposta nas palavras do autor quando este diz que não acredita ser possível que tais pessoas fizessem uma “opção sexual” e “nesse sentido, o ‘assumir-se’ homossexual poderia acabar criando uma forma de categorizar o desejo, justamente por outorgar-lhe uma naturalidade absoluta” (TREVISAN, 2000, p. 36).

Portanto, entendemos que essa é uma prática discursiva, ligada ao imaginário, assim como toda prática amorosa e sexual e toda prática de subjetividade. O que queremos dizer com isso é que em alguns momentos esse discurso da homossexualidade se foca no aspecto

moral – seja para criticar ou defender a homossexualidade – ou então se concentra mais sobre o sujeito e sobre as práticas da homossexualidade.

Heilborn (1996) esclarece que com a demolição da tese de repressão sexual por Foucault (1984a) – trabalhada por nós no capítulo anterior – e com uma proposta de incitação permanente ao discurso do sexo, as categorias de heterossexualidade e homossexualidade passaram a ser tão fortemente relevantes. Essas categorias, próprias do saber médico psiquiátrico do século XIX e do dispositivo da sexualidade, com a colocação do sexo em discurso, em especial através do *coming-out*⁴, seriam um dos desdobramentos recentes. A homossexualidade que surge desse movimento representa uma sensibilidade especial que não permite jamais que se coloque a sexualidade do sujeito entre parênteses.

De acordo com Giddens (1993, p. 9):

O advento da homossexualidade é um processo muito real, com grandes conseqüências para a vida sexual em geral. Foi assinalado pela vulgarização da autodiscrição homossexual, um exemplo do projeto reflexivo em que um fenômeno social pode ser apropriado e transformado através do comprometimento coletivo.

Acrescenta o autor que, no plano pessoal, o termo *gay* traz uma conotação, uma referência cada vez mais no sentido de qualidade ou propriedade do si-mesmo. E “o indivíduo ‘tem’ uma sexualidade, *gay* ou não, que pode ser reflexivamente compreendida, interrogada e desenvolvida” (GIDDENS, 1993, p. 10).

Não deixa de ser verdade que a sociedade exige provas concretas e quotidianas do “compromisso de ser” de cada pessoa. Diante disso, Trevisan (2000) e Louro (2004) acentuam que todas as práticas sexuais se estabelecem em referência ao estado heterossexual hegemônico. Portanto, a identidade de gênero e sexual sugere um destino sem escolha ou renúncia, imposto e cobrado direta ou indiretamente pela sociedade em que vivemos,

⁴ *Coming-out* ou “sair do armário”: “Esta expressão significa tanto a admissão da sua verdadeira orientação sexual para si próprio, que é freqüentemente descrita como momento libertador, como a revelação da mesma ao meio social onde se encontra” (MATIAS; SILVA, 2005, p. 4).

estabelecendo o poder normativo da masculinidade nos homens e da feminilidade nas mulheres.

A cultura define alguns comportamentos como sendo pertencentes a um ou outro sexo e mesmo hoje havendo uma certa “liberação para os gêneros”, por exemplo, homens podendo lançar mão de aspectos femininos de sua personalidade como: afeto, paternidade responsável, cuidados da casa, beleza e, em contrapartida, as mulheres lançando mão de aspectos masculinos como: trabalho, produção científica, competição, esportes, Torrão Filho (2005) argumenta que isso gera ao mesmo tempo um discurso equivocado e confuso. Segundo ele, “este discurso não só cria uma essência do que é ser homem e mulher, uma identidade à qual mulheres e homens não são convidados a interferir, mas mantém intactos todos os preconceitos que diz eliminar” (TORRÃO FILHO, 2005, p. 141).

Se o ponto de partida (não muito distante) era tão claro – papéis femininos e papéis masculinos – como chegamos a esta “confusão” contemporânea entre os sexos, ou melhor, entre os gêneros?

Um certo senso comum bastante hegemônico parece ter se agarrado fortemente a este tipo de visão que privilegia uma demarcação clara e definitiva entre o masculino e o feminino. E mais: fixou-se também um certo senso comum para o qual a oposição entre hetero e homossexualidade (bem como a “veracidade” definitiva destas categorias) tem a mesma naturalidade daquela assumida entre masculino e feminino (LOURO, 2004).

Entretanto, toda a naturalidade e a simplicidade deste raciocínio bipolar e mais ou menos reificador parecem estar se esgotando atualmente. Ao mesmo tempo, a idéia de confusão e de mistura retoma agora a cena só que com um sinal positivo. Nosso presente “pós-moderno” valoriza a ambigüidade, a fragmentação, a indefinição, enfim, os vários comportamentos. Podemos, ainda, inferir que tanto o movimento feminista quanto o homossexual fizeram uma interlocução a respeito do masculino e tiveram um impacto

bastante significativo na noção de identidade. Assim, a possibilidade da colocação em discussão da idéia de uma identidade masculina, de um comportamento masculino ou da própria categoria masculino se encontra hoje fortemente acentuada. Neste ponto, as duas lutas abalaram, por assim dizer, a até então dominação hegemônica masculina (DURHAM, 1983; GIDDENS, 1993; ROUDINESCO, 2003).

A luta feminina pela abertura ao prazer e ao seu próprio corpo veio a redefinir determinados papéis. Tanto os heterossexuais quanto os homossexuais se viram também na encruzilhada de redefinir diante da nova mulher. O movimento homossexual, em termos, avança mais rapidamente na discussão, propondo uma luta que defenda a sexualidade como escolha e não como predeterminação. O *gay* não é mais aquela “florzinha”, a “mariquinha” frágil e cheio de trejeitos caricaturais femininos. São corpos másculos, assumindo posições antes detidas pelos “homens de verdade” com uma legislação própria e ocupando as ruas com suas paradas que empurram cada vez mais o macho alfa para o precipício de sua masculinidade.

Entendemos também que o campo das masculinidades é constantemente retroalimentado por toda a sociedade, uma vez que até mesmo as mulheres que criam seus filhos sozinhas reproduzem nestes o ideal de dominação do macho. Gilligan (1982) diz que começamos a notar o quanto nos tornamos acostumados a ver a vida através dos olhos dos homens. O lugar das mulheres na vida dos homens, para ela:

[...] tem sido aquele de alimentadora, cuidadora e companheira, a tecelã daquelas redes de relacionamentos nos quais ela por sua vez confia. Mas enquanto as mulheres têm assim cuidado dos homens, os homens têm em sua teorias de desenvolvimento psicológico, assim como nos seus arranjos econômicos, tendido a presumir ou desvalorizar aquele cuidado (GILLIGAN, 1982, p. 27).

A dominação masculina passa, sobretudo, pela criação de um conjunto de idéias sobre o homem e a mulher, no qual o primeiro estabelece sempre as regras, e a segunda é vista como a tecelã das relações afetivas. Se há uma dominação é porque, antes de tudo, há

estruturas de poder que fundam e refundam constantemente esta dominação. Daí a homossexualidade ter sido considerada até os anos de 1990 do século passado como doença ou desvio.

Foucault (1992), ao falar de formas de classificação, nos remete a pensar que as formas de conceituar e classificar os indivíduos segundo a Biologia, a Teologia e o Direito são as mais responsáveis pela idéia de masculinidade dominante na Modernidade.

Contudo, para se entender as razões de ser das masculinidades contemporâneas é necessário ter uma visão geral das tendências da crise na ordem do gênero, segundo as três estruturas das relações do gênero definidas por Connell (1987). Primeiro, as relações de poder que mostram a tendência mais visível da crise, com o colapso histórico da legitimidade patriarcal: o movimento global de emancipação das mulheres e a incapacidade das instituições civis, nomeadamente a família, de resolverem o problema. Portanto, a resolução da crise passa pela adoção de estratégias que buscam legitimar as diferentes masculinidades, onde as tensões resultantes da crise podem levar alguns homens a aderirem aos cultos da masculinidade e outros a apoiarem as reformas feministas. Segundo, as relações de produção, as quais também têm sido palco de massivas mudanças institucionais, com o aumento de postos de trabalho ocupados por mulheres. Finalmente, as relações sexuais e afetivas que se alteraram com a estabilização da sexualidade dos gays e das lésbicas, apresentadas como uma alternativa pública dentro da ordem heterossexual.

A crise masculina, portanto, é um reflexo deste processo de adaptação da nova família, da sexualidade, das relações de trabalho e do amplo aspecto cultural que pouco a pouco dissolve as rígidas estruturas do século XIX. Mas ainda é cedo para se falar em perda da dominação masculina, pois novos rituais de afirmação são criados a toda hora.

Na lógica classificatória das identidades de gênero e sexual em nossa cultura burguesa, capitalista, ocidental e patriarcalista é, sobretudo, a heterossexualidade que ocupa,

em ambos os sexos, o lugar de representante de sua essência identitária. Quem não se enquadra nesses padrões, ou muda seus desejos afetivos e sexuais, ou paga um alto preço em seu sofrimento psíquico.

Contudo, como descreve Louro (2004, p. 17), “há aqueles e aquelas que se desviam das regras e da direção planejada” e não se conformam ao sistema da heterossexualidade imposta. Esses sujeitos que cruzam a fronteira do gênero e da sexualidade não escolhem essa travessia e podem ter se movido para em tal direção, por diversos motivos. São, eles e elas, emblemas da Pós-Modernidade, mas não se colocam como um novo ideal de sujeito ou como novo projeto a ser perseguido. Mais que isso, ao se construírem como sujeitos de gênero e de sexualidade, na resistência e na subversão das normas regulatórias, eles e elas parecem expor, mais clara e evidentemente, como essas normas são feitas e mantidas. A autora aponta o efeito e o impacto das experiências desses sujeitos como fortemente políticos.

O que existe é uma pluralidade de identidades, caminhos e orientações, das quais dispõe o sujeito na busca por sua felicidade, sua realização, seu prazer e bem-estar; por aquilo que melhor o(a) realize. Por outro lado, a partir do que a ciência convencionou chamar de normalidade e anormalidade poder-se-á, ou não, imprimir sofrimento às pessoas. Segundo Almeida (1995), essa relação entre normalidade e anormalidade, entre heterossexualidade e homossexualidade é resquício do pensamento vitoriano, onde o poder de “naturalizar” o sexo agiu fortemente em três áreas:

A das características do sexo em si; a que privilegiou teórica e socialmente a heterossexualidade e a que descreveu e categorizou as variações sexuais, na homossexualidade. Duas grandes polaridades – entre homens e mulheres, e entre sexualidade normal e anormal – passam a dominar o pensamento social. O comportamento de gênero foi definido em relação às práticas sexuais corretas: ser um homem normal é ser um heterossexual. A divisória fundamental durante a maior parte da era Cristã tinha sido diferentemente, entre a sexualidade reprodutiva e a não reprodutiva (ALMEIDA, 1995, p. 90).

Em nossa cultura alienante, portanto, condicionamo-nos a compreender a heterossexualidade no homem e na mulher como única realidade possível e desejável da moral sexual contemporânea. A heterossexualidade vai ser mais aceita, enquanto qualquer outra forma de expressão da sexualidade se torna alvo de severas críticas. Por outro lado, o conceito de normalidade e anormalidade como resultante de nossas identidades sexuais vem sendo duramente criticado. E, ainda, a feminilidade na mulher e a masculinidade no homem não são as únicas possibilidades na constituição das suas subjetividades, nem dependem do sexo biológico a que cada um pertence.

Assim, não caberia de fato à homossexualidade (ao se desvencilhar das categorias determinantes da biologia) buscar uma identidade delimitadora de práticas, características próprias e imutáveis, mas sim estar em busca do *devoir*, do ser homossexual enquanto um modo de vida. Não se deve lutar por uma decifração e conseqüente delimitação de uma identidade homossexual, pois se corre o risco de cair nas armadilhas da norma e, assim, estabelecer-se – como o fez anteriormente a justiça e a medicina – características próprias e determinantes do “desvio” (LOURO, 2001).

A dicotomia heterossexual é tão falsa e vazia de essência quanto a homossexual, pois não deixa de ser imitação de um ideal de masculinidade ou feminilidade, muitas vezes inatingível, que não possui correspondência alguma com uma suposta essência ou natureza, algo que estaria inscrito na nossa mente e no nosso corpo. É o que aponta Butler (2003), pois se a sexualidade se imprime na matéria (nos corpos) através da atuação que sua vivência implica, se sexo e gênero não aparecem como naturais, mas como categorias historicamente construídas, a explosão de categorias e os modos de performatizar e vivenciar a sexualidade perde-se no infinito da imaginação.

Logo, não se trata de ignorar a homossexualidade, mas de ampliar a reflexão acerca das possibilidades de construção das identidades. Para Foucault (1981), a jornada não deve

buscar descobrir “quem se é”, “como se é” ou “por que se é” de determinada maneira, mas sim como fazer da vida uma experiência transformadora e renovada a cada experiência, libertando-se de valores morais socialmente impostos e regulados, nas suas palavras: “temos que nos esforçar em nos tornar homossexuais e não nos obstinarmos em reconhecer que o somos” (FOUCAULT, 1981, p. 1).

Outro ponto levantado pelo autor refere-se à imagem construída em torno da homossexualidade, imagem esta que deve ser combatida, mesmo que a custa da resistência daqueles que não a aceitam enquanto existência válida. Em sua opinião, a homossexualidade deixa-se ver apenas como uma “forma de um prazer imediato”, uma vez que o que choca as pessoas não seria o ato sexual em si, mas a possibilidade “que indivíduos comecem a se amar, e aí está o problema” (FOUCAULT, 1981, p. 2). Pois, de acordo com o autor, estas relações instauram um curto-circuito e introduzem o amor onde deveria haver a regra, o hábito, a lei.

Foucault (1981) aponta alternativas para a construção de um "modo de vida homossexual", estando a principal delas centrada na amizade alcançada através de uma ascese⁵ individual (não no sentido de renúncia, mas no sentido de um cuidado de si) e de uma dessexualização das relações (também, não no sentido de uma repressão do sexual, mas no sentido de uma desconstrução do modelo fálico da sexualidade).

Assim, para o autor, caberia a cada indivíduo tomar as decisões acerca de suas práticas, sexuais ou não. Este trabalho constituiria, então, a identidade de cada um, não somente enquanto identidade sexual, mas a partir da busca de novas formas de existência e de vivência dos prazeres, independentemente das regras sociais e sexuais impostas pela sociedade e pelo dispositivo da sexualidade. Seria buscar a interpretação ativa frente a uma

⁵ “A ascese é outra coisa. (...) É o trabalho que se faz sobre si mesmo para transformar-se ou para fazer aparecer esse si que, felizmente, não se alcança jamais (...) Não seria esse o nosso problema hoje? (...) Temos que avançar sobre uma ascese homossexual que nos faria trabalhar sobre nós mesmos e inventar – não digo descobrir – uma maneira de ser, ainda improvável” (FOUCAULT, 1981, p. 2).

realidade que possibilita a criação constante de sentidos individuais. Construir identidades e subvertê-las quando estas não mais nos servirem.

2.2 Homossexualidade no Brasil

Para destacarmos a homossexualidade no Brasil, é pertinente dizer que apenas em 1973, a Associação Médica Americana (APA) retirou o “homossexualismo” da categoria de doença, o que, claro, não foi suficiente para acabar com o preconceito e os estigmas já arraigados se considerarmos que a homossexualidade é tão antiga quanto a própria humanidade (MOTT, 1987).

Trevisan (2000) relembra que as primeiras referências homossexuais na literatura brasileira vêm do poeta-erótico-satírico Gregório de Matos, nascido no século XVII e considerado o “Boca do Inferno”.

Contudo, no Brasil, o movimento gay, que mostrava que a “heterossexualidade não é a única forma de sexualidade normal” (LINS, 1999, p. 229), surgiu depois de 1960. Facchini (2005) esclarece que, como movimento “politizado” de gays e lésbicas, foi apenas no fim dos anos 70, pois os grupos de homossexuais que se reuniam antes disso eram mais em função de uma sociabilidade homoerótica. Além do que, apesar da censura governamental com a ditadura militar, as influências contra culturais que permearam os movimentos de jovens e estudantes nos anos 60 propiciaram uma discussão limitada na sociedade e na mídia sobre a sexualidade, os papéis de gênero e a homossexualidade.

Sendo assim, a partir de 1975 emerge no Brasil o Movimento de Libertação Homossexual, nos aponta Louro (2004), e a homossexualidade passa a ser vista, nos grandes centros, como atravessada por dimensões de classe, etnicidade, raça, nacionalidade, etc. Gays

e lésbicas eram representantes de um grupo minoritário que lutava pela igualdade de direitos dentro da sociedade. Afirmava-se, assim, uma identidade homossexual.

De acordo com Facchini (2005), o surgimento desse movimento homossexual no Brasil no ano de 1978 é associado à fundação do Grupo Somos, em São Paulo. Era um conjunto de associações e entidades constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos ligados à livre orientação sexual e/ou reunir indivíduos que se reconhecessem a partir de quaisquer identidades sexuais tomadas como sujeito desse movimento.

Este e outros movimentos de homossexuais organizados no Brasil, principalmente no decorrer das décadas de 70 e 80, utilizavam o discurso de seus pares da América do Norte e reivindicavam uma condição homossexual. Ocorreram no eclipse do regime militar, e a ênfase na igualdade entre os parceiros foi vital. Associaram-se a outros movimentos urbanos como o feminista e o negro. Todos reivindicavam a igualdade como valor básico nas relações interpessoais, e se associavam ao movimento mais amplo de redemocratização do país. Esses movimentos, segundo Fry (1982), fizeram parte da experiência de formação das classes médias urbanas e, na medida em que tentavam aliciar classes mais baixas, asseguravam sua hegemonia sobre elas. Também, destacamos o rastro de intolerância, violência e morte deixado pela epidemia HIV/Aids, década de 80, considerada a “peste *gay*”.

Embora seja correto afirmar que a epidemia da Aids acelerou a expansão dos estudos sobre a homossexualidade no Brasil durante os anos 90, não é correto dizer que é nesse momento que se inaugura aquela área de investigação. Na verdade, como objeto de reflexão acadêmica, a homossexualidade já havia sido abordada em diferentes teses de médicos higienistas desde o século XIX. Porém, esse tipo de estudo foi desaparecendo ao longo do século XX, tanto quanto a maior publicização e expansão dos estudos sobre a homossexualidade. Tal análise é feita por Góis (2003), que percebeu, nos estudos de gênero no Brasil, uma ausência de diálogo com o campo da homossexualidade.

Vale destacar que, em 1985, o Conselho Federal de Medicina do Brasil (CFM), retira a homossexualidade da condição de desvio sexual. Nos anos de 1990, o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), onde são identificados por códigos todos os distúrbios mentais e que serve de guia para classe médica, principalmente, para os psiquiatras, também retirou a homossexualidade da condição de distúrbio mental. Em 1993, a Organização Mundial de Saúde (OMS) abandona o termo “homossexualismo” (sufixo –ismo: idéia de doença) e adota o termo homossexualidade (que traz no sufixo –dade a conotação de modo de ser).

Destacamos, ainda, que o Conselho Federal de Psicologia (CPF, 1999) divulgou nacionalmente uma resolução que estabelece normas para que os psicólogos contribuam, através de sua prática profissional, para acabar com as discriminações em relação à orientação sexual. A CFP nº 001/99 preconiza que:

Art. 1º - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão notadamente aqueles que disciplinam a não discriminação e a promoção e bem-estar das pessoas e da humanidade.

Art. 2º - Os psicólogos deverão contribuir, com seu conhecimento, para uma reflexão sobre o preconceito e o desaparecimento de discriminações e estigmatizações contra aqueles que apresentam comportamentos ou práticas homoeróticas.

Art. 3º - os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades.

Art. 4º - Os psicólogos não se pronunciarão, nem participarão de pronunciamentos públicos, nos meios de comunicação de massa, de modo a reforçar os preconceitos sociais existentes em relação aos homossexuais como portadores de qualquer desordem psíquica.

Portanto, a visão do CFP é pluralista, voltada para as possíveis expressões de orientação afetivo-sexual.

Ainda nos anos de 1990, Simões (2005) destaca que iniciativas militantes em torno da homossexualidade multiplicaram-se e expandiram-se por todo o país. Outra novidade foi as

“Paradas”: estratégias de ativismo que privilegiaram a visibilidade de massa. “Celebração da variedade de orientações e estilos abrigados sob o amplo guarda-chuva da homossexualidade [...] numa mistura inédita de festa e política, que agrega multidões” (SIMÕES, 2005, p. 13). Espaço de atuação política, portanto, e de louvor às possibilidades de convivência com a diversidade.

O movimento *gay*, como diz Welzer-Lang (2001), contestou bases homofóbicas do masculino e hierarquias das relações entre os homens, viabilizando outros modelos da masculinidade e também suas transgressões – um exemplo é a dificuldade de alguns *gays* em aceitar que aquilo que algumas mulheres homossexuais vivem seja diferente do que eles vivem. Portanto, aparecem novos modelos múltiplos e se encontram outros espaços de debate.

Em contraste ao ruído produzido em torno da sexualidade e homossexualidade masculinas, Portinari (1989) afirma que sobre a homossexualidade feminina paira certo silêncio. Para a autora, a relativa ausência de registros históricos, relatos e pesquisas pode ser parte do processo mais amplo de não participação feminina no processo histórico e na produção cultural. O silêncio do lesbianismo faria parte, então, do silêncio maior que recobre o universo feminino. E acrescenta:

Parece que a homossexualidade feminina não se coloca como algo que estaria em oposição à heterossexualidade, como é o caso da homossexualidade masculina, mas antes como algo que está em oposição à própria sexualidade como um todo, uma vez que esta pertence ao universo falado (do falo?), que seria justamente o universo masculino (PORTINARI, 1989, p. 45)

Com essa reflexão, a autora nota que tanto aqui no Brasil quanto fora do país não se costuma empregar o termo *gay* para falar de homens e mulheres homossexuais. Diz-se *gays* e lésbicas, homossexuais e lésbicas, mulheres entendidas.

Butler (2003), mais atualmente, vem corroborar essa visão, ao explicitar as dualidades identitárias que ocorrem numa relação homossexual, como os papéis *butch-femme* (os

equivalentes para MacRae seriam *fanchona* e *lady*, respectivamente, ou a dicotomia mais conhecida entre homossexuais masculinos, entre *bofes* e *bichas*), onde a *butch* ou *fanchona* seria a mulher masculinizada, inclusive nas roupas e nos traços, e a *femme* ou *lady* seria a parte mais feminina do casal, mais passiva, mais perto dos estereótipos de mulher (FRY, 1982; FRY; MACRAE, 1985).

A dicotomia ativo/masculino e passivo/feminino, pautada sobre a identidade de gênero, adentra inclusive o universo da homossexualidade feminina. O feminismo contemporâneo desabrocha no meio do século XX, no Ocidente, segundo Swain (2002), como uma corrente poderosa que reagrupa análises e movimentos sociais em torno da denúncia da opressão do patriarcado, ponto estratégico comum a todas as mulheres para romper um quadro multissecular de dominação. A história dos movimentos das mulheres mostra, entretanto, a presença constante das lésbicas nas práticas políticas de reivindicação tanto quanto nas reflexões teóricas. A autora levanta as seguintes questões:

É lesbiana aquela que ama, dorme, se sente atraída, vive com outra mulher? Todas estas opções, ou uma dentre elas pode definir uma lésbica? É preciso ter um amor exclusivo pelas mulheres? É preciso haver sexo genital para tornar-se uma? Estas simples questões desfazem a evidência da categoria e apagam os limites das definições esboçadas rapidamente. A sexualidade faz parte constitutiva da representação DA MULHER: seja para privá-la pela força ou obrigação social ou para forçá-la na prostituição, no casamento incontornável ou na heterossexualidade obrigatória (SWAIN, 2002, p. 15-16).

As lésbicas, portanto, estão mergulhadas neste imaginário que as constitui em torno da significação “mulher”. A autora argumenta que o lesbianismo não pode constituir uma identidade, pois esta denominação representa apenas um “conjunto de práticas diluídas no desenraizamento das categorias ‘mulher’ e ‘gênero’”. Reivindicar uma identidade lesbiana seria fazer parte de um contra-imaginário domesticado e ver nisto uma coerência identitária tão ilusória quanto uma coerência de gênero” (SWAIN, 2002, p. 17). Assim, o lugar de fala social da lésbica não definiria uma identidade, mas marcaria um espaço crítico fora do

imaginário hegemônico da heterossexualidade. Feminismo e lesbianismo se encontram e se afastam, segundo a autora, ao longo de seu caminho discursivo e/ou político e se encontram hoje na perspectiva de novos horizontes, bem como a homossexualidade masculina.

2.3 Teoria *Queer*

A teoria *queer* começou a ser desenvolvida a partir do final dos anos 1980 por pesquisadores e ativistas bastante diversificados, especialmente nos Estados Unidos. No Brasil, a questão inicia-se com a tradução do termo *queer* para a língua portuguesa. Louro (2004, p. 38) diz que “*queer* pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário”, ou se refere de forma conjunta a *gays* e lésbicas. Segundo Butler (2002), apontada como uma das precursoras da teoria *queer*, o termo tem operado uma prática lingüística com o propósito de degradar os sujeitos aos quais se refere e diz: “*queer* adquire todo o seu poder precisamente através da invocação reiterada que o relaciona com acusações, patologias e insultos” (BUTLER, 2002, p. 58).

Portanto, a idéia dos teóricos era justamente a de “positivar” esta pejorativa forma de insultar os homossexuais, descrevendo o trabalho de oposição e contestação a heteronormatividade compulsória da sociedade; dando um significado novo; passando a entender *queer* como uma prática de vida que se coloca contra normas socialmente aceitas; esforçando-se por defender além da anulação das discriminações, também, os preconceitos em torno da própria definição do que seja a homossexualidade, desde sempre considerada uma espécie de “anormalidade” ou “pecado mortal”.

Os teóricos *queer*, segundo Louro (2001, 2004), se voltam para a oposição binária heterossexual/homossexual. É uma teoria que permite pensar a ambigüidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero; também, novas formas de pensar a cultura, o

conhecimento, o poder e a educação. Corroborando esse pensamento, Lopes (2002, p. 24) diz que “os estudos *queer* atacam uma repronarratividade e uma reproideologia, bases de uma heteronormatividade homofóbica, ao naturalizar a associação entre heterossexualidade e reprodução”. Ou seja, opondo-se àqueles que vêem o modelo heterossexual como único e saudável e pretendem desconstruir o argumento de que a sexualidade segue um curso natural.

Aquela visão baseada numa identidade binária, como recorda Swain (2001, p. 88-89), que opõe bem e mal, boa e má sexualidade ou identidade sexual, a partir de uma “interpretação binária do mundo” e das relações de gênero, identifica o masculino e o feminino como termos opostos, ainda que complementares: eles podem conviver um com o outro, mas nunca um no outro.

Contra esta visão redutora, a autora propõe a inclusão da ambigüidade que o termo *queer* oferece, não apenas como uma sexualidade alternativa, mas como “um caminho para exprimir os diferentes aspectos de uma pessoa, um espaço também para a criação e a manutenção de uma polimorfia, de um discurso que desafia e interroga a heterossexualidade” (SWAIN, 2001, p. 95).

Podemos dizer que nesse sentido, o maior esforço de Butler (2002) foi o desenvolvimento do que ela chamou de teoria da performatividade. “O gênero é performativo porque é resultante de um regime que regula as diferenças de gênero. Neste regime, os gêneros se dividem e se hierarquizam de forma coercitiva” (BUTLER, 2002, p. 64). Isto quer dizer de forma resumida que a teoria da performatividade tenta entender como a repetição das normas, muitas vezes feita de forma ritualizada, cria sujeitos que são o resultado dessas repetições.

A teoria *queer*, portanto, argumenta em defesa da homossexualidade que as identidades sexuais e culturais dos indivíduos não são fixas e não chegam para determinar aquilo que constitui o nosso bilhete de identidade social, como abordamos anteriormente.

Foucault (1984a, 1984b, 1984c) é uma obra de referência para a instituição do campo de estudos das teorias sobre homossexualidade (*queer theories*), onde se procura, sobretudo, anular a bipolaridade da história humana (heterossexual/homossexual, como identidades essencialistas que se devem criticar) ao mesmo tempo em que se questionam as categorias da sexualidade que a sociedade ocidental foi construindo.

Enfatizamos, ainda, que sexo e gênero não são características, nem prescritivas nem tampouco possuem uma estabilidade natural. Então, não há identidade de gênero anterior às suas *performances*. Só o que há é o disciplinamento do desejo que direciona a “lógica” de uma atração binária dos “opostos”. Se for desarticulado o caráter natural do binarismo sexual, os sexos/gêneros poderão manifestar-se performativamente, pois o corpo já não será um dado biológico irreduzível e sim um aporte subsidiário.

No âmbito dos estudos *gays*, já aparece uma geração mais jovem com essa nova postura. É o caso do também antropólogo Girman⁶ (apud BARCELLOS, 2002), cuja obra abre novas e instigantes perspectivas de análise do machismo latino-americano e do lugar em cujo bojo se encontram os desejos e as práticas homoeróticas. É preciso estar-se aberto para reconhecer que o “homoerotismo masculino” não se opõe necessariamente às formas hegemônicas de masculinidade, mas, muitas vezes, está em estreita relação com elas (BARCELLOS, 2002).

Apesar de unidos em vários aspectos, os teóricos *queer* nem sempre pensam da mesma maneira. Uma das tensões existentes entre eles está em torno da estratégia adotada para tentar demonstrar que os homossexuais são iguais aos heterossexuais e, portanto, “normais”. Para Gamson (2002, p. 151), “a política *queer* (...) adota a etiqueta da perversidade e faz uso da mesma para destacar a ‘norma’ daquilo que é ‘normal’, seja heterossexual ou homossexual. *Queer* não é tanto se rebelar contra a condição marginal, mas

⁶ GIRMAN, C. *Mucho Macho*: Seduction, Desire, and the Homoerotic Lives of Latin Men. Nova York: Harrington Park Press, 2002.

desfrutá-la”. A política *queer* adota uma postura de não assimilação e se opõe aos objetivos inclusivos do movimento dominante por direitos humanos *gays*. Segundo Morton (2002, p. 121), “ser *gay* é ter uma simples identidade; ser *queer* é entrar e celebrar o espaço lúdico de uma indeterminação textual”.

A própria mutabilidade das “orientações sexuais”, que hoje se desvela, torna irrelevantes as definições em torno das práticas. O *queer* não pode ser definidor de identidade, já que nem mesmo pode ser definido como uma categoria. *Queer* é o exemplo de ruptura, resignificação e transformação política, como quer Butler (2003). A política *queer*, portanto, busca a compreensão da diversidade das sexualidades e expressões culturais que tem na resistência a um enquadramento identitário único, seu foco de estudo. As identificações *queer* são autoconstruídas, e, dessa forma, mutáveis; se opõem à padronização e ao essencialismo de uma única identidade.

Apesar do rigor conceitual, concluímos que a teoria *queer* pretende, de fato, provocar o estranhamento nas formas de pensar, inclusive no pensar acadêmico.

2.4 As leis e os direitos dos homossexuais

De maneira geral, pode-se dizer que as culturas têm posições distintas com relação à homossexualidade. Nos países europeus há uma maior liberalidade; atualmente, Bélgica, Espanha e Holanda são os únicos países que aprovam leis dispendo sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo, sendo possível a adoção de crianças por casais homossexuais apenas nos dois últimos. França, Alemanha, Finlândia, Suécia, Noruega, Dinamarca, Islândia e outros países da Europa permitem a união civil entre homossexuais, algo que não deve ser confundido com “casamento homossexual”. O Canadá também aceita o casamento com a adoção. Nos Estados Unidos, o estado de Massachusetts passou a ser o primeiro a reconhecer

legalmente o casamento entre pessoas do mesmo sexo. A Argentina (Buenos Aires) foi o primeiro país da América Latina a conceder estatuto legal a uniões homossexuais. E na África do Sul, o casamento homossexual também é reconhecido por lei, com direito a adoção (MELLO, 2005; VELLOSO; SANCHES, 2007).

No Brasil, Amaral (2007) afirma que não existem direitos dos homossexuais conferidos por lei, nem na Constituição de 1988 e nem no Novo Código Civil. O Poder Judiciário, ao contrário do Legislativo, tem dado uma ajuda considerável reconhecendo tais direitos.

Um marco para a luta homossexual foi o ano de 1995, no qual, segundo Mello (2005), três fatos principais ocorreram: a realização da 1ª Conferência da Associação Brasileira de Gays, Lésbicas e Travestis (ABGLT); a 17ª Conferência *International Lesbian and Gay Association* (ILGA); e a apresentação pela Deputada Marta Suplicy do Projeto de Lei nº 1.151/95, que instituía a união de pessoas do mesmo sexo, atendendo demanda de grupos homossexuais organizados pelo país⁷.

Sendo assim, a advogada nos dirige a atenção para os dois grandes problemas por que passam os homossexuais: a discriminação e o não reconhecimento da união estável formada entre eles. A discriminação ocorre em todas as esferas: agressões físicas, verbais, série de assassinatos e violência contra os homossexuais e transexuais, segundo ela. “O Brasil lidera o ranking mundial como o país que mais mata em decorrência de orientação sexual. Existe uma estatística que a cada dois dias um homossexual ou um transexual é morto em virtude da sua orientação sexual” (AMARAL, 2007).

São informações vindas de dados estatísticos não-oficiais e verificadas pelo Grupo *Gay* da Bahia, através de notícias e informações que eles recebem de delegacias, etc. Um levantamento divulgado pelo Grupo revelou que 122 homossexuais foram assassinados em

⁷ Sobre o movimento homossexual no Brasil nos anos 1990 (FACCHINI, 2005).

2007 no Brasil (um crime a cada três dias), o que representa um aumento de 30% em comparação a 2006. A entidade baiana mostra que as profissões homossexuais de maior risco são profissionais do sexo, professores, cabeleireiros e vendedores ambulantes (MARTINEZ, 2008).

Conforme nos informa Amaral (2007), no Brasil não é crime discriminar homossexuais, nem pessoa alguma, por conta da orientação sexual, o que oferece mais liberdade de ação para os agressores. O que existe de positivo na área é um projeto de lei, o de nº 10.948, de 05 de novembro de 2001, de autoria da Deputada Iara Bernardi, que chegou ao Senado em 2006 e cujo conteúdo criminaliza a discriminação em função da orientação sexual e atinge várias esferas como a Legislação Trabalhista (CLT) e o Código Penal.

A Constituição de 1988 e o Código Civil Brasileiro prevêm duas formas de estruturação de entidade familiar: o casamento e a união estável. Nenhuma das formas existe para os casais de pessoas do mesmo sexo, portanto, essas famílias não existem perante a lei. A nossa Constituição trata apenas das famílias nucleares e das famílias monoparentais. Isto é algo que ocasiona problemas sucessórios e a impossibilidade de partilha de bens e de estabelecimento de pensão alimentícia para casais homossexuais. Contudo, o Poder Judiciário e alguns juízes, inclusive de cidades pequenas, ainda que com pouca freqüência e em casos isolados, vêm reconhecendo a união de pessoas do mesmo sexo, o que tem um valor extremamente positivo (AMARAL, 2007).

Segundo a autora, existem também algumas vitórias administrativas, conseguidas pelos homossexuais, como o benefício previdenciário, o INSS, que por uma instrução normativa concede a pensão para o companheiro(a) homossexual desde que ele(a) prove a existência daquela união estável. Outra conquista é a concessão do visto permanente para parceiro homossexual estrangeiro para que ele resida no Brasil de forma regular, com visto permanente e em companhia do parceiro brasileiro.

Para a garantia dos direitos dos homossexuais, a advogada Amaral (2007) indica dois documentos que devem ser feitos: o contrato ou escritura de união estável e os testamentos. Isto irá garantir e preservar os direitos do casal enquanto vivos, por viverem em união estável e, para o caso de dissolução da união.

A possibilidade de adoção de crianças por casais homossexuais no Brasil ocorre com dificuldade já que muitos juízes negam a adoção. Se a criança é adotada por apenas um parceiro ela só é herdeira de um, e com o outro não tem vínculo legal, apenas vínculo afetivo. A maior parte das adoções nesses casos, que são pouquíssimas, segundo Amaral (2007), é autorizada pelo Judiciário.

As formas de filiação homossexual no Brasil se dão através de quatro maneiras, nos esclarece Grossi (2003): 1) ter tido filhos em relações heterossexuais anteriores à homossexualidade; 2) adoção por um dos parceiros; 3) procriação com um terceiro indivíduo fora da relação de conjugalidade através de tecnologias reprodutivas; 4) co-parentalidade entre lésbicas e *gays*, que pode ser tanto entre dois casais, como entre um casal de lésbicas com um *gay* ou um casal de *gays* com uma lésbica.

Portanto, como não há nada que proteja legalmente os homossexuais, caberá a cada juiz decidir o que poderá ser concedido, pautado pelo princípio de liberdade e igualdade. Sabemos que, ao questionar a luta pela união civil ou pela garantia dos direitos sociais aos quais não têm direitos os homossexuais, estamos talvez nos antecipando a uma luta que ainda não pode ser travada; afinal a homossexualidade, antes de buscar a construção de novas formas de existência, precisa ultrapassar barreiras mais arcaicas como a impossibilidade de constituição de uma família de direito diante da sociedade.

Sendo assim, explicitamos a seguir os objetivos de nossa pesquisa e a trajetória metodológica qualitativa empregada para tal fim.

CAPÍTULO 3 – OBJETIVOS

O objetivo deste estudo foi **desvelar, para compreender, os significados e sentidos atribuídos por pais e mães heterossexuais acerca da homossexualidade de filhos e filhas**; ancorando tais significados aos eixos teóricos que embasam tal estudo (Pós-Modernidade; Família; Relações de Gênero, Homossexualidade e Perspectiva Heideggeriana), no intuito de abranger o sentido de tal vivência para os demais pais e mães de homossexuais, para os profissionais de saúde e educação e para a comunidade em geral.

CAPÍTULO 4 – TRAJETÓRIA METODOLÓGICA QUALITATIVA

4.1 O que é a Pesquisa Qualitativa?

Considerando que uma pesquisa pauta-se, em geral, sobre três bases de sustentação e são, respectivamente, o paradigma, a perspectiva ou abordagem teórica utilizada e o método escolhido a fim de atender aos objetivos pressupostos, temos que para Silva (1998) os paradigmas estão contidos dentro de quadros de referências que são uma espécie de matriz disciplinar. Gialdino⁸ (1993 apud SILVA, 1998) afirma que “paradigmas” são marcos teórico-metodológicos de interpretação dos fenômenos criados e adotados pelos pesquisadores de acordo com: 1) uma visão filosófica de mundo; 2) a determinação de uma ou várias formas ou estratégias de acesso à realidade; 3) adoção ou elaboração de conceitos ou teorias que se acredita ou que se supõe dar fundamento para o entendimento dos fenômenos; 4) contexto social no qual o pesquisador se encontra; 5) a sua forma de compromisso existencial; 6) a eleição dos fenômenos que vai analisar. Sendo assim, paradigma é uma realização científica reconhecida que proporciona modelos de soluções e problemas a uma comunidade científica.

Bruns (2003) nos adverte que há um leque de opções identificados nos vários paradigmas e afirma que optar por um ou outro paradigma implica também assumir diferentes procedimentos tanto em relação ao método, quanto em relação à postura do investigador, quanto, ainda, às questões de subjetividade, objetividade, neutralidade e intersubjetividade pertencentes ao processo.

⁸ GIALDINO, I.V. **Metodos cualitativos: los problemas teorico metodologicos**. Buenos Aires: Centro Editor de America Latina, 1993.

Para Valles (1997) o paradigma deve guiar o investigador nos aspectos ontológicos e epistemológicos da investigação, além logicamente da seleção dos métodos. O autor considera que não é possível o pesquisador utilizar mais de um paradigma, pois cada um deles comporta um sistema de princípios. Daí a criação por alguns, do termo perspectivas teóricas, ou seja, estas são miniparadigmas que englobam uma série de princípios e supostos gerais. Dentro de uma mesma perspectiva pode haver vários “estilos” de pesquisa, por isso, trata-se de perspectivas no plural. Silva (1998) acrescenta que pode haver oposição entre os paradigmas que embasam as práticas de pesquisa devido às suas diversas visões de mundo.

Chauí (2000) elucida que a palavra método vem do grego, *methodos*, composta de *meta*: através de, por meio de, e de *hodos*: via, caminho. Assim, usar um método é seguir regular e ordenadamente um caminho através do qual certa finalidade ou certo objetivo é alcançado. A fim de dar segurança ao conhecimento, “o pensamento cria regras e procedimentos que permitam ao sujeito cognoscente aferir e controlar todos os passos que realiza no conhecimento de algum objeto ou conjunto de objetos” (CHAUÍ, 2000, p. 199).

Nossa intenção aqui é destacar a pesquisa qualitativa e não adentraremos pela história da construção do conhecimento, pretensão esta que não caberia num estudo do caráter do nosso.

Conforme destaca Bogdan e Biklen (1997, p. 11), a Pesquisa Qualitativa “ênfatisa a descrição, a indução, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais”. Dela faz parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação de estudo. É freqüente que o pesquisador procure entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e a partir daí situe sua interpretação dos fenômenos.

A pesquisa qualitativa defende que o homem não é um organismo passivo, mas sim que interpreta o mundo em que vive (MOREIRA, 2004). Visão que se complementa nos

dizeres de Bruns (2003) de que são “ingredientes” indispensáveis ao ato de pesquisar, motivação, interesse, disciplina, criatividade, tempo, paixão, bem como a escolha pelo método que ofereça a dosagem oportuna de tais ingredientes.

Assim, a pesquisa qualitativa assume diferentes significados no campo das Ciências Sociais e Humanas. Os vários autores citados concordam que o vínculo entre significado e conhecimento sempre dependerá do arcabouço de interpretação adotado pelo pesquisador que lhe serve de referencial e visão de mundo. Adotar uma postura qualitativa significa estar alicerçado em pressupostos compreensivos e interpretativos em relação ao fenômeno indagado.

No nosso caso, trata-se, portanto, de uma pesquisa qualitativa fenomenológica que buscou acessar, alcançar o significado da realidade e do mundo para um sujeito que é encarado como autor e protagonista de sua própria existência. Permitiu-nos compreender os significados e sentidos atribuídos pelos(as) colaboradores(as) à **vivência de ser pai e mãe heterossexual de filhos e filhas homossexuais**. Para tanto, utilizamos a entrevista fenomenológica, os momentos de análise propostos por Giorgi (1985) e analisamos os relatos à luz da perspectiva teórica de Martin Heidegger.

Destacaremos, a seguir, a fenomenologia ontológico-hermenêutica de Heidegger.

4.2 A Fenomenologia ontológico-hermenêutica de Martin Heidegger

Cientes das diversas perspectivas teórico-metodológicas disponíveis em Pesquisa Qualitativa optamos pela fenomenologia ontológico-hermenêutica elaborada por Martin Heidegger, filósofo alemão contemporâneo, considerado o mais original do século XX, e também devido à sua contribuição para a compreensão do existir humano (CRITELLI, 2006;

DARTIGUÊS, 2005; GILES, 1989; NUNES 1992, 2002; SAFRANSKY, 2005; STEIN, 1988).

O pensamento heideggeriano surgiu em uma época em que devido a Primeira Guerra Mundial, os homens tiveram seus valores tradicionais e o orgulho por sua civilização colocados em questão. Este pensamento representou a re colocação dos problemas fundamentais da filosofia que é a questão do Ser⁹. O filosofar heideggeriano é uma constante interrogação a este respeito, por isso, acreditamos ser essa opção muito pertinente para nosso estudo, em função da natureza do fenômeno por nós indagado: **desvelar a vivência de pais e de mães heterossexuais acerca da homossexualidade de filhos e filhas**. E ainda por considerarmos o homem como ser intencional, possuindo a compreensão como aspecto inerente e essencial em seu ser.

Desta feita, utilizamos o conteúdo encontrado nas idéias da fenomenologia de Heidegger, tanto em suas obras quanto de outros autores que se fundamentaram em suas obras. Baseando-nos nesta filosofia e na interface com os autores que alicerçam a pesquisa, analisamos os relatos dos(das) colaboradores(as).

Os questionamentos que permearam nossa busca são amplamente existenciais e ontológicos¹⁰ e sendo assim, se inserem na interpretação do fenômeno que envolve o existir humano. A metodologia descrita em todo este capítulo deve considerar esses aspectos.

Giles (1989) afirma que a ontologia fundamental de Heidegger parte da vida na sua facticidade¹¹, vida que é histórica e se compreende historicamente e pretende revelar uma estrutura fundamental, adotando a fenomenologia enquanto possibilidade metodológica,

⁹ “Ser é o conceito mais universal e mais vazio. Como tal resiste a toda tentativa de definição.” (HEIDEGGER, 1995, p. 27).

¹⁰ “As características fundamentais que possibilitam as várias maneiras de algo se tornar manifesto, realizado, são aquilo a que se chama ontológico” (SPANOUDIS, 1981, p. 11).

¹¹ “A facticidade particular de cada Dasein: ser lançado em um mundo sem lhe ser facultada a possibilidade de escolher país, cidade, família e classe social em que nasceu” (BRUNS; TRINDADE, 2003).

enquanto o “como” da pesquisa, a maneira pela qual entramos em contato com as próprias coisas.

Segundo Heidegger (1995, p. 57):

A palavra ‘fenomenologia’ exprime uma máxima que se pode formular na expressão ‘as coisas em si mesmas!’ – por oposição às construções soltas, às descobertas acidentais, à admissão de conceitos só aparentemente verificados, por oposição às pseudoquestões que se apresentam, muitas vezes, como ‘problemas’, ao longo de muitas gerações.

Para a investigação do termo “fenomenologia”, Heidegger volta às raízes gregas da palavra, uma composição de *phainomenon* ou *phainestai* e *logos*. Sobre fenômeno diz Heidegger (1995, p. 58): “como significado da expressão ‘fenômeno’ o que se revela, o que se mostra em si mesmo [...] ‘os fenômenos’ constituem a totalidade do que está à luz do dia ou que se pode pôr à luz”.

Sobre *logos* diz: “logos deixa ver e faz ver (*phainestai*) aquilo sobre o que se discorre e o faz para quem discorre (...) e para todos aqueles que discursam com os outros” (HEIDEGGER, 1995, p. 62). O *logos* é aquilo que é transmitido na fala, é a revelação do que trata o discurso. O sentido mais fundo de *logos* é deixar que algo apareça.

Disso resulta que a combinação de *phainestai* e de *logos*, enquanto fenomenologia significa deixar que as coisas se manifestem como são, sem que projetemos nelas as nossas próprias categorias. Segundo Heidegger (1995, p. 66): “A fenomenologia é a via de acesso e o modo de verificação para se determinar o que deve constituir tema da ontologia. A ontologia só é possível como fenomenologia”. Significa uma inversão de orientação a que estamos acostumados; não somos nós que indicamos as coisas, são as coisas que se nos revelam.

Segundo Dartiguês (2005), o que se manifesta, é “tal ou qual ente”, isto é, objetos ou seres da vida cotidiana com os quais nos defrontamos e o próprio mundo que os contém.

Ente¹² é tudo aquilo que é, no sentido concreto, tudo que existe: homens, animais, objetos, utensílios, natureza. Porém, Boemer (2004) esclarece que o homem é um ente privilegiado porque pode questionar seu ser ontológico, é o único ente que existe enquanto os outros entes apenas são.

O que se oculta e será preciso mostrar é “o ser do ente”, isto é, o sentido de ser desse ente, aquilo que constitui sentido e fundamento. Giles (1989, p. 94) escreveu que:

Na guinada que Heidegger dá à fenomenologia, encontramos a oposição entre o real e o seu significado, entre o empírico e o transcendental, sob a forma de oposição que é a chave pela compreensão de Ser e Tempo, entre o ôntico, aquilo que é o ente e o ontológico, o Ser, ou significado daquilo que é.

Se a fenomenologia tem por tarefa essa relação original com o ser podemos considerá-la como a “ciência do ser do ente”, ou seja, ontologia¹³.

Sendo assim, Heidegger transcende a visão de homem como ser vivo, dotado de razão, para a compreensão de que a sua essência reside em sua existência, concebida como a maneira do homem. Pela existência em sua facticidade, Heidegger chama de Dasein, termo alemão designado pelo filósofo como Ser-aí, ser-no-mundo, pre-sença, diferente do modo de ser dos demais entes. Giles (1989) esclarece, ainda, que é um ente que é cada um de nós e que tem, entre outras possibilidades de ser, a de questionar, sendo assim: “O homem é o aí (Da) onde o Ser (sein) se coloca em questão, de modo que se trata no homem de muito mais do que o homem” (DARTIGUÊS, 2005, p. 113).

A existência é concebida como poder-ser, possibilidades, projetos, o que denota abertura e movimento. A existência é essa emergência ao ser que o homem descobre antes mesmo de qualquer definição de si próprio, antes de todo pensamento, de toda linguagem, é uma interrogação que o homem traz em si, antes mesmo de formulá-la por ser ele próprio,

¹² “O ente é tudo aquilo de que falamos, aquilo que significamos, aquilo relativo ao qual nos comportamos de tal ou tal maneira; o ente é também aquilo que somos nós mesmos e a maneira de sê-lo” (GILES, 1989, p. 97)

¹³ Ontologia é a “parte da filosofia que trata do ser enquanto ser, isto é, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres” (ESPÓSITO, 1991, p. 86).

esta interrogação. O homem é, portanto, o único questionador entre os outros entes e, por isso, só o homem vivo e concreto poderá ser chamado Dasein, a partir de sua possibilidade de ser ele próprio ou de não ser ele próprio e, “por sua vez, está implicado na investigação, já que o ser está em questão no ser do Dasein” (DARTIGUÊS, 2005, p. 115).

Com isso, é enquanto “ser-em-questão” e não como certeza já adquirida que o Dasein interroga. É com Heidegger que a fenomenologia muda de orientação, não sendo mais apenas descrição, mas interrogação do dado que aparece sob o título de hermenêutica.

Sendo assim, a palavra hermenêutica, provinda do verbo grego *hermeneuein* que se traduz por “interpretar” e o substantivo *hermeneia*, que significa “interpretação”, por sua vez, comporta três sentidos: dizer, explicar, traduzir (PALMER, 1986). Dentro da analítica existencial de Heidegger é definida como “tornar algo compreensível”, uma interpretação das estruturas principais que constituem o ser do dasein, do ser-aí, ou seja, o sentido para o qual conflui é a ontologia: “Aquilo que deve se tornar manifesto não é o ente que se impõe, mesmo que fosse o Ser-aí, mas aquilo que é escondido em todo ente, a saber, o seu Ser e o sentido desse Ser” (GILES, 1989, p. 95).

Demo (1981) complementa que a hermenêutica busca compreender sentidos, ou seja, o conteúdo típico humano que se imprime a qualquer contexto histórico, no qual não existem apenas fatos dados, acontecimentos externos, mas também, “significação, sentido e valores”.

É o desafio de se pensar o homem não somente no plano do “ente”, mas fundamentalmente no plano do “ser”, sendo por isso ao mesmo tempo ôntico¹⁴ e ontológico. No nível ôntico, o Ser-aí seria determinado pela presença do ser, entre os entes, e no nível ontológico, o Ser-aí é compreendido como existência num tempo determinado. Portanto, na esfera ôntico-ontológica, o Ser-aí determinar-se-ia pelo ser em sua atuação no mundo.

¹⁴ Ôntico refere-se a “tudo que é percebido, entendido, conhecido de imediato” (SPANOURDIS, 1981, p. 11).

Aqui reside a originalidade de Heidegger, como coloca Giles (1989, p. 98), pois ele se preocupou em distinguir o ente do ser do ente e, sendo assim, “o ser do ente é o objeto da ontologia, ao passo que os entes representam o campo de investigação das ciências ônticas”. A revelação do ser só é possível a partir do des-velamento do mundo. Trata-se de recuperar a estranheza das coisas, ou melhor, o estranhamento do homem diante das coisas para tentar mostrar que o cotidiano e o habitual, em sua aparente monotonia, esconde o mistério do ser.

Sendo assim, é a própria existência que traz em si os recursos de sua compreensão, e a hermenêutica deve lançar mão desses recursos. A analítica existencial do Dasein decompõe em seus diferentes momentos esta estrutura fundamental que é o ser-no-mundo. Por isso a fenomenologia de Heidegger é ontológico-hermenêutica, uma vez que busca a compreensão e interpretação do Dasein, tal como ela se mostra em si mesma. Heidegger (2001b, p. 141) acrescenta que a “analítica tem a tarefa de mostrar o todo de uma unidade de condições ontológicas. A analítica como analítica ontológica não é um decompor de elementos, mas a articulação da unidade de uma estrutura”.

Ele não põe em questão o “conceito de ser”, pois este é indefinível, mas sim o “sentido do ser”, não pretendendo conceituar, mas sim interpretar, mostrando que a impossibilidade de se definir o ser exige que o seu “sentido” seja colocado em questão.

Sendo assim, estabelecidos os aspectos centrais do método fenomenológico hermenêutico da ontologia de Heidegger, consideramos pertinente esclarecer alguns conceitos que constituem a analítica do dasein, ou seja, as dimensões ontológicas através das quais o ser se revela.

O Dasein, de acordo com Dartiguês (2005, p. 116), decompõe em seus diferentes momentos esta estrutura fundamental que é o ser-no-mundo. Sendo assim, “o Dasein não é nem um objeto no meio do mundo, nem um sujeito sem mundo, mas ele ‘é’ seu mundo”. E Stein (1988) acrescenta que a situação total que Heidegger designa ser-no-mundo pode ser

tomada como situação de cuidado. A relação de cuidado consigo mesmo e com o mundo caracteriza todas as realizações da vida relacionando-se, assim, com a vida como um todo.

Destacamos o que diz Heidegger (2001a, p. 182):

O Dasein deve ser visto sempre como ser-no-mundo, como ocupar-se com coisas e cuidar dos outros, como ser-com as pessoas que vem ao encontro, nunca como um sujeito existente para si. Além disso, o Dasein deve ser visto sempre como um estar na clareira, como estada junto ao que vem ao encontro, isto é, como desvelamento para aquilo que vem ao encontro dela.

Quer dizer que todos os elementos do Ser-aí são reais, mas apenas enquanto possibilidades para um ente que já está lançado no mundo, isto é, para um ente cuja essência consiste em estar além de si, dentro do mundo. Estar lançado no mundo é o que Heidegger denomina de facticidade, algo que está além da experiência.

Conforme Nunes (2002), o Dasein como ente é ser-no-mundo. Portanto este ser-no-mundo não é simplesmente a relação de dois seres no espaço. O Ser-aí já se encontra no mundo desde o primeiro instante de sua existência e por ele ser-no-mundo, a sua própria existência constitui-se por suas relações com o ambiente das coisas e de outras pessoas, daí dizermos que ele também é ser-com-os-outros (GILES, 1989).

A existência não é só minha, mas também a do outro, comigo compartilhada num ser-em-comum. É no mundo da existência que estamos juntos com outros Seres-aí já que nosso Ser-aí é essencialmente ser-com-o-outro. E o mundo não é apenas um mundo-ambiente, mas sim o domínio de onde vem um sentido, a construção humana que o homem realiza para viver junto aos outros, referindo-se sempre a uma rede de relações significativas. É mais uma região ontológica do que uma realidade dada (BOEMER, 2004; GILES, 1989; NUNES, 2002).

Dessa forma, somos uns-com-os-outros, da mesma maneira que não há homem sem Dasein, não há sujeito sem mundo. Quanto a isso, Heidegger (2001b, p. 167) escreveu: “O

mundo não é algo a mão e nem algo simplesmente dado. O mundo se temporaliza na temporalidade. [...] Ele ‘é’ e está ‘pre’-sente com o fora de si [...]. Se não existir pre-sença alguma, então também nenhum mundo se faz pre-sente”.

May (1988) e Forghieri (2002) distinguem três mundos ou aspectos simultâneos que caracterizam a existência de cada ser-no-mundo e são eles:

- “*Mundo ambiente ou circundante*” (Umwelt) ou mundo dos objetos que nos rodeiam, o mundo natural. Seria o mundo das leis da natureza, dos seus ciclos, de sono e vigília, do nascer e morrer, das apetências e satisfações, do finito e do determinismo biológico, o mundo em que estamos lançados (Geworfenheit).
- “*Mundo-com ou humano*” (Mitwelt), das inter-relações sociais entre os homens, do encontro e da convivência. As relações são possibilitadas pelo corpo, gestos, expressões corporais, contatos e também pela linguagem.
- “*Mundo próprio*” (Eigenwelt), da autoconsciência, auto-relação, intrínseca aos seres humanos, ser-si-mesmo, autoconhecimento e consciência de si. São os significados que a pessoa atribui às suas experiências e pela transcendência da situação imediata.

Sendo assim, as relações do homem com o mundo envolvem três dimensões fundamentais destacadas por Heidegger que são: a compreensão, a linguagem e a afetividade, as quais ele denomina existenciálias (expressão que se refere ao ser, à essência do homem).

A compreensão refere-se ao conhecimento que o homem tem do mundo, estando nele e com suas possibilidades de projetar-se nele. Pela compreensão, o Dasein não está somente lançado no mundo, mas está também definido por possibilidades que o fazem ultrapassar seus limites de ser simplesmente (DARTIGUÊS, 2005). Como projeto, a compreensão é o futuro, é o ser-adiante-de-si.

A compreensão se expressa por meio da linguagem já que o homem é o único ente dotado de fala que pode questionar-se e tecer questões acerca do mundo que o rodeia. Segundo Heidegger (1995, p. 205) “o que se abre na compreensão, o compreendido, é sempre de tal modo acessível que pode explicitar-se em si mesmo ‘como isto ou aquilo’”. E Steiner (1978) complementa dizendo que, para Heidegger, ser um homem significa ser um ente que fala e se em sua essência, não incluisse o “poder da linguagem”, todos os outros entes estariam fechados para ele. Quer dizer que ser é questionar-se.

Por sua vez, a afetividade diz respeito ao modo como o homem se relaciona com utensílios e entes, ou seja, como é atraído por tudo que existe no mundo (BRUNS; TRINDADE, 2003). A afetividade segundo nos revela Nunes (1992) tem para Heidegger uma dominância, ela revela-nos o nosso *aí*, onde sempre já nos encontramos lançados e, sendo assim, sempre vivenciamos numa certa “tonalidade afetiva” e “disposição de ânimo”.

Para explicitar os dois modos principais de existir do homem no mundo, Heidegger denominou duas categorias: a autenticidade e a inautenticidade. Assim, vivenciamos, a todo instante, momentos de existir autênticos e momentos inautênticos, justamente por sermos abertura e transcendência (BRUNS; TRINDADE, 2003; DARTIGUÊS, 2005; GILES, 1989).

No cotidiano, comumente, o homem não consegue distinguir-se, e acaba por seguir normas de agir, permitindo que outros decidam por ele, passando a viver no “impessoal”. Esse modo de ser com os outros, igualando-nos, é inerente à condição humana. Lançados entre outros, interpretando e realizando o nosso próprio Dasein como um ser-cotidiano-com-outros, nos dizeres de Steiner (1978), acabamos não sendo nós mesmos. Nesse modo de existência inautêntica, a existência deixa-se levar no correr do tempo em vez de tomar-se a seu próprio encargo como esclarece Dartiguês (2005). Essa existência inautêntica é o estado habitual do Dasein, no qual ele deve conquistar sua autenticidade.

Nesse sentido, a fala se expressando de modo inautêntico manifesta-se na “tagarelice” ou no “falatório”, isto é, o homem começa a repetir falas alheias, anônimas e que não partem do seu interior, no desejo de se sentir aceito, de ser parte dos grupos sociais que compõem suas redes de relações afetivas e sua identidade pessoal. Esse falar inautêntico é o comum “a gente”, “disseram” que são maneiras impessoais e vagas de expressão (BRUNS; TRINDADE, 2003).

Apesar do cotidiano nos absorver no modo impessoal de existir, também justamente pela sua condição humana, é possibilitado ao homem questionar-se em seu Ser, refletindo, projetando-se, angustiando-se, buscando incessantemente a autenticidade. Como coloca Dartiguês (2005, p. 116), a existência autêntica é um “arrancar-se aos cuidados cotidianos, a esse universo tranqüilizante que dissimula ao Dasein o seu mistério”.

Em síntese, a autenticidade e inautenticidade são movimentos existenciais que não implicam em “certo” e “errado”. Ambos são modos possíveis de cuidar de ser no mundo. Entretanto, na vida cotidiana, o homem justamente por ser o ente que pode questionar o seu ser e tem, portanto, a possibilidade da reflexão, ele pode, continuamente, rever sua postura no mundo-com-os-outros. E Bruns e Trindade (2003) acrescentam ainda que o homem relacionando-se autenticamente com os outros, deixa que esses outros vivam suas potencialidades. Caso isso não ocorra, a solicitude pode manifestar-se de modo deficiente, impedindo-o de ver, inclusive, a si como horizonte de possibilidades.

Sendo assim, o ser da existência é o ser da temporalidade¹⁵, da finitude, e só nesta condição pode ser experienciado. Então como entender o estatuto fundamental da morte e de sua antecipação?

¹⁵ A temporalidade “não se reduz a uma série de instantes que deslizam do passado para o presente e deste para o futuro”, como nos diz Giles (1989, p. 107), mas é o processo de acontecer.

Dartiguês (2005) afirma que a angústia abre o ser para sua existência porque é um sentimento que antecipa a morte e, com isso, nos coloca diante do si-mesmo. Esta experiência existencial da morte não pode ser descrita, compartilhada, adiada ou superada e, por mais que o homem fuja, ele é ser-para-a-morte, possibilidade extrema de sua existência e que não está determinada a acontecer num futuro distante. É por isso que Heidegger injeta pulsão em sua ontologia, com a noção de angústia, o único sentimento que nos constitui propriamente e que é capaz de nos colocar diante do sentido do ser.

Segundo Heidegger (2001b, p. 186), “[...] o perigo que se declara na angústia, e que não nos expõe a prejuízo real ou a efeito nocivo imediato, carece de objeto. O que nos ameaça não ‘está em parte alguma. A angústia não sabe o que é aquilo *ante que* se angustia”]. Complementa-o Nunes (2002, p. 19) dizendo que o que na angústia é temido se desloca para o mundo. “O perigo que nos espreita e em toda parte nos acua é o mundo como mundo, originário e diretamente, que se abre para o Dasein desabrigado”. A angústia não tem objeto, ou mundo, ou outro. Angustiar-nos é não mais nos sentirmos em casa, é termos a estrutura da subjetividade abalada. A angústia produz um movimento existencial de resgate do si para si, e isso nos faz abandonar o que não somos propriamente, nos salvando da inautenticidade.

Por se tratar de um sentimento ontológico, a angústia é pura e não sofre determinação exterior à própria existência. A angústia é uma espécie de percepção do limite do Ser-aí, que o faz compreender-se como projeto, em vista de sua possibilidade mais extrema, que é a impossibilidade de completar-se. A possibilidade mais extrema, inscrita no ser, é a realização desta incompletude, ou a morte. Todas as demais possibilidades são relativizadas pela impropriedade do ser-no-mundo, da facticidade e da decadência. Somente a angústia é capaz de instaurar a morte como vivência, ou seja, antecipá-la.

Portanto, fica evidente que a compreensão situa-se no plano da linguagem na medida em que pode revelar o ser, porém, a linguagem não necessariamente faz isso, ela possibilita

que o ser se desvele, mas isso irá depender do modo como o homem existe no mundo. No palavrório, na tagarelice, o ser é encoberto pelo discurso. Já na angústia, o Dasein se aquieta, existindo autenticamente e torna-se capaz de ouvir a “voz da consciência” e se perceber como responsável por sua própria existência (BRUNS; TRINDADE, 2003; NUNES, 1992).

Por isso que cada vez mais, Heidegger se volta pra linguagem, como diz Dartiguês (2005, p. 121), “pois a linguagem é, no âmago da existência temporal, o limite que une a facticidade e o projeto do existente, seu já-aí e seu possível”.

Bruns e Trindade (2003) complementam dizendo que nesse ínterim, há a instância do velamento/desvelamento do ser, onde o ouvir e o silenciar são possibilidades da linguagem. Nunes (1992) e Giles (1989) esclarecem que somente porque ouço posso escutar o que me dizem, não como simples som, mas compreendendo como algo significativo e justamente porque estou no relacionamento com os outros, num ser-em-comum, que compreendo ouvindo. A linguagem falada se insere nesse circuito em que o ouvir se encadeia ao dizer em que é possível o silenciar. Como diz Heidegger (2001b, p. 165) “somente no discurso autêntico é possível o genuíno silêncio. Para poder silenciar, necessita o Dasein ter algo a dizer, isto é, dispor de uma rica e autêntica abertura de si mesmo”. O silêncio rico de significações, oposto ao palavrório, permite o desvelar do ser do homem.

É, portanto, através das suas dimensões de existência, as existenciálias, que o ser se revela ao homem como coloca Dartiguês (2005). Nunes (1992) vem acrescentar que dessa maneira, qualquer “comportamento” ou “atividade” do homem é um modo de sua existência e, como tal, uma possibilidade do Dasein. Cada modo de existência traz a compreensão de nós mesmos e do mundo. A nossa tonalidade afetiva nos põe em acordo com o mundo, dispondo-nos a que sejamos afetados pelas coisas. À todas as dimensões da existência, o fenômeno do cuidado está implícito, pois as elucida e as constitui em sua unidade.

De acordo com Giles (1989), cuidado (Sorge) é uma estrutura da existência, é um existencial que junto com outras estruturas existenciais compõe um todo chamado “existencialidade”, arcabouço constitutivo do Dasein. O cuidado é temporal. O cuidado aparece como uma postura de um ser-aí ocupado em apropriar-se a si-mesmo a cada instante. O Dasein ocupa-se ontologicamente do seu modo de ser enquanto cuidado.

Do cuidado resulta a preocupação, relação do Dasein com objetos, utensílios e coisas e ainda a solícitude, relação com as pessoas, outros Daseins. O foco da analítica da existência é justamente a dinâmica entre os modos de ser possíveis do Dasein: o modo próprio (ou autêntico) e o modo impróprio (ou inautêntico), constituídos a partir da solícitude com as outras pessoas e por meio da preocupação para com as coisas do cotidiano (SANTOS, 2006).

Sendo assim, buscamos compreender **a vivência de pais e de mães heterossexuais acerca da homossexualidade de filhos e filhas** através da hermenêutica da existência dos pais e das mães, ou seja, através da interpretação das estruturas ontológicas que os constituem. Antes, contudo, destacaremos a entrevista fenomenológica e os momentos de análise.

4.3 A entrevista fenomenológica como caminho

A pesquisa qualitativa fenomenológica inicia-se com o diálogo entre pesquisador e colaborador de pesquisa¹⁶ em busca de uma compreensão do fenômeno situado. Como tarefa principal o pesquisador faz uma indagação em relação ao fenômeno, mediada por uma questão que, nessa pesquisa, foi: *“Pai(Mãe) relate para mim sobre seu(sua) filho(a): fale da*

¹⁶ Consideramos que os sujeitos do estudo são colaboradores de pesquisa, idéia corroborada por AmatuZZi (1993), uma vez que o relato ocorre na vivência entre colaborador e pesquisador, ambos pensando junto o assunto abordado.

infância, adolescência, vida adulta e atualmente. Como você, pai(mãe), vem vivenciando a expressão da homossexualidade de seu filho (a)?”

No desenvolvimento da entrevista fenomenológica, a apreensão dos aspectos a serem observados por nós, foi obtida em Carvalho (1991) que destaca a necessidade de percepção do pesquisador no sentido de: 1) ver e observar, sem estar fechado em uma perspectiva causal; 2) interpretar compreensivamente a linguagem do colaborador e a percepção dessa linguagem como veículo de significações; e 3) perceber o gesto do colaborador em seu movimento. A autora afirma que uma entrevista fenomenológica busca uma linguagem que seja a “fala originária”, “fala” esta que possibilita a mediação com o outro e a comunicação com o mundo.

Conforme a proposta de AmatuZZi (2003), a concepção de análise das entrevistas adotadas no presente estudo consistiu em um processo dinâmico, iniciado potencialmente no encontro entre pesquisadora e colaboradores de pesquisa e estendido às análises individuais. É o que Forghieri (2002) chamou de “envolvimento existencial” e “distanciamento reflexivo” da pesquisadora para a redução fenomenológica. Assim, a pesquisadora teve como critério suas próprias impressões, ou seja, suas vivências ao longo das diversas etapas do processo, permitindo-se ser intérprete do vivido pelos colaboradores e colaboradoras. Tais propostas favorecem que as análises individuais das entrevistas contenham apenas elementos vivenciais essenciais, colhidos no contato com mães e pais, mas também articulados com a teoria, levando a uma compreensão mais abrangente daquele acontecer humano.

Acrescentamos ainda que a pesquisadora fez intervenções (pedindo aos colaboradores(as) que se explicassem de outra maneira, questionando-os novamente) em alguns momentos da entrevista em que os(as) colaboradores(as) desviaram muito da questão indagada bem como em situações de incompreensão por parte da pesquisadora.

Três elementos foram considerados importantes: a pesquisadora, o(a) colaborador(a) de pesquisa e a aparelhagem de gravação. Por isso, as entrevistas desta pesquisa foram realizadas respeitando esses elementos e sem limite de duração de tempo, para que o(a) colaborador(a) pudesse se expressar à vontade e conforme considerasse necessário.

As entrevistas foram iniciadas após a aprovação desta pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP (ANEXO A). Contudo, vale esclarecer, que foi solicitado a cada colaborador(a) que fizesse a leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B) elaborado de acordo com a Resolução n. 196/96 sobre Pesquisas envolvendo seres humanos do Conselho Nacional de Saúde – Ministério da Saúde – Brasília, Distrito Federal. O termo de consentimento traz em sua descrição os objetivos da pesquisa, sua importância científica e social, o método, a garantia de sigilo sobre a identidade do(a) colaborador(a), os benefícios previstos e o auxílio prestado pela pesquisadora no caso de necessitar de maiores informações.

Após a leitura do termo de consentimento, os(as) colaboradores (as) não tendo nenhuma dúvida a respeito do mesmo e de sua participação na pesquisa, assinaram o documento, atestando sua livre e espontânea participação e autorizando a gravação de seu relato. Cada colaborador (a) assinou duas cópias do termo de consentimento, sendo uma para a pesquisadora e outra para o(a) colaborador(a).

Em seguida, cada colaborador(a) respondeu a questões previamente formuladas por nós e contidas no Roteiro para obtenção de informações sobre o perfil do (a) colaborador (a) (ANEXO C). Solicitamos ainda informações sobre a classe econômica familiar através do Questionário de Classificação Econômica (ANEXO D).

Realizamos a entrevista, após obtermos todas as informações. Todas as entrevistas foram realizadas em um único encontro. Os relatos foram gravados com a anuência dos(as) colaboradores(as). Em seguida, os relatos foram transcritos pela pesquisadora, de acordo com

as normas de transcrição elaborada por Preti (1993). As transcrições foram feitas na íntegra e os nomes dos(as) colaboradores(as) foram alterados para números e também os nomes referentes a lugares foram retirados, a fim de protegermos as identidades dos(as) colaboradores(as) e garantirmos o sigilo ético e profissional.

4.4 Momentos de análise dos relatos

O método fenomenológico utilizado por Heidegger procura compreender e interpretar as estruturas intrínsecas ao existir humano, sendo assim, analisamos os relatos de modo a desvelar, através das vozes dos pais e mães heterossexuais, os significados atribuídos acerca da homossexualidade de seus filhos e filhas à luz das estruturas ontológicas do existir desses pais e mães para obtermos o sentido da vivência.

No intuito de garantir a qualidade científica desta pesquisa e antes de realizar a análise propriamente dita, fez-se necessário que os relatos contemplassem determinadas características explicitadas por Rezende (1994). Este entende que o relato deve:

1. Ser Significante: focar somente aqueles aspectos indispensáveis para se compreender o fenômeno, contemplando todos os sentidos envolvidos, uma vez que o sentido diz respeito à existência do fenômeno.
2. Ser pertinente: não omitir nenhum dos aspectos que integram a estrutura significativa do fenômeno, já que esta diz respeito ao fenômeno em sua constituição. A descrição deve considerar a complexidade da estrutura fenomenal, que engloba uma multiplicidade de sentidos articulados.
3. Ser relevante: buscar perceber se o fenômeno está situado concreta e historicamente no mundo.

4. Ser referente: deve considerar que o fenômeno adquire significação própria na medida em que relaciona aos aspectos envolvidos em sua estrutura, ou seja, é necessário perceber que o fenômeno está situado no mundo.
5. Ser provocante: ir além de dizer a forma como as respostas estão sendo dadas, mas dizer quais os outros modos pelos quais elas poderiam ser dadas.
6. Ser suficiente: a descrição não deve ser entendida como completa e acabada. Ela é passível de ser dita quantas vezes forem necessárias, sem que se tenha a impressão de que tudo foi dito.

A partir das características descritas acima, presente em todos os nossos relatos de pais e de mães, tornou-se possível passar para outra dimensão do discurso fenomenológico, ou seja, a busca da compreensão. Rezende (1994) afirma que tanto a descrição quanto a compreensão implicam na interpretação, na hermenêutica, isto é, na busca por desvelar os significados e construir sentidos.

Nesta busca por desvelar o fenômeno indagado, realizamos a análise dos relatos dos(as) colaboradores(as) de acordo com os momentos de análise descritos por Giorgi (1985) e utilizado por Bruns (2003). Os momentos de análise são um dos mais conhecidos e utilizados no campo da Psicologia Fenomenológica. Partindo dos relatos por escrito dos colaboradores, os autores propõem quatro passos. O objetivo foi obter as unidades de significado contidas nos relatos e que foram reveladoras da estrutura do fenômeno. Os passos foram os seguintes:

1. No primeiro momento, foram feitas as transcrições dos relatos dos colaboradores com a intenção de familiarizar-se com as descrições. Em seguida, foi feita a leitura geral dos relatos. Com essa leitura geral dos relatos buscou-se apreender o sentido do todo, um sentido mais amplo, um senso geral do que foi colocado. A leitura do todo pressupõe uma redução fenomenológica, ou seja, uma leitura sem que ocorressem interpretações, sem noções pré-

concebidas, ou juízos de valor a fim de se entrar em contato com a experiência vivida pelo sujeito e seus significados.

2. O segundo momento marcou-se pela intenção de elaboração e discriminação das unidades de significado dentro da perspectiva fenomenológica, sendo possível graças às releituras dos relatos a fim de aprofundar a percepção. A discriminação das unidades de significado permitiu perceber um significado atribuído pelo colaborador à vivência. As unidades de significado foram percebidas e constituídas pelo pesquisador, elas não emergiram como tal no discurso do colaborador, não estavam prontas, mas foram elucidadas. Elas existem apenas em relação à atitude do pesquisador. O esforço em clarificá-las levou à autocorreção. Portanto, as unidades de significado foram notadas sempre que o pesquisador, relendo o texto, tornou-se consciente de uma mudança de sentido da situação descrita. Giorgi (1985) destaca que as unidades de significado são constituintes e não elementos, ou seja, são partes determinadas que se apóiam no contexto.

3. O terceiro momento foi a compilação ou síntese das unidades de significado – uma sistematização da experiência do colaborador, principalmente para as unidades de sentido mais reveladoras do fenômeno. O pesquisador agrupou as unidades (os elementos significativos) em categorias de acordo com os temas relacionados. As categorias foram assim agrupadas em função das convergências e/ou divergências dos significados atribuídos pelos colaboradores à vivência. Foi possível mediante um processo de reflexão e variação imaginativa. A variação imaginativa é o estado em que o pesquisador buscou colocar-se no lugar de quem viveu a experiência, para começar a perceber elementos significativos.

4. No quarto momento, o pesquisador utilizando seus *insights* chegou a uma compreensão da experiência do colaborador. Compreensão esta chamada de “estrutura da experiência”. O que equivale a dizer que a linguagem coloquial do colaborador foi transformada em discurso

psicológico, no nosso caso. Todas as unidades de sentido transformadas foram levadas em consideração.

Uma vez descritos todos os passos para análise dos relatos, passaremos à descrição do modo como entramos em contato com os(as) colaboradores(as) da pesquisa e o perfil dos mesmos.

4.5 Acesso aos(as) colaboradores(as)

Este estudo conta com dez entrevistas: 05 de mães e 05 de pais heterossexuais que foram utilizadas e consideradas suficientes para a compreensão da vivência da maternidade e da paternidade de filhos e filhas homossexuais.

O primeiro passo em direção à busca pelos(as) colaboradores(as) desta pesquisa ocorreu em nossos diálogos pessoais e profissionais a fim de divulgarmos a existência da pesquisa, seu objetivo, sua importância e justificativa social e científica, solicitando a cada uma das pessoas que nos auxiliasse no contato com os(as) colaboradores(as). Relataremos a seguir esse percurso bem como as dificuldades encontradas.

Fevereiro a Maio de 2007: Colaboradora 1, 2, 3, 4, 5 e Colaborador 1.

Foi possível o contato com algumas mães do Grupo de Pais e Mães de Filhos Homossexuais (GPMFM) do Grupo Videverso (Grupo de Ação e Pesquisa em Diversidade Sexual, Ribeirão Preto, SP) e, na ocasião, foi possível realizar a entrevista com a colaboradora 1 e a 2. Tendo sido estabelecidos por elas, os locais para nosso encontro. Além disso, a colaboradora 2 nos indicou seu ex cônjuge. O colaborador 1 nos forneceu a entrevista em sua residência. Ainda no contato com a colaboradora 2, um amigo de seu filho nos indicou sua mãe para participar da pesquisa. Realizamos a entrevista com a colaboradora 3

em sua residência. Em seguida, outra mãe do GPMFH nos ofereceu a possibilidade da quarta entrevista (colaboradora 4) realizada em sala de clínica psicológica particular. No início do mês de maio de 2007, a colaboradora 5 entrou em contato conosco e se dispôs a oferecer a entrevista, realizada em sala de clínica psicológica particular. Os cônjuges das três colaboradoras casadas não falavam sobre a homossexualidade dos filhos e as mães não se sentiram à vontade para propor-lhes a pesquisa e a entrevista.

Maio a Julho de 2007: Colaborador 2.

Com algumas dificuldades no encontro de colaboradores para a pesquisa, entramos em contato via *e-mail* com cerca de oitenta homossexuais e recebemos retorno de apenas duas pessoas cujos pais se encontravam em cidades distantes: Cuiabá, MT e Guapé, MG. Entramos em contato via telefone com o coordenador da ONG Shama, Uberlândia, MG, e divulgando nossa pesquisa em reuniões semanais para pais e mães, os pais não manifestaram interesse em participar. A busca por colaboradores continuou e a divulgação da pesquisa para nossas redes familiares, de amigos, vizinhos e colegas. Foi possível o contato com o pai de um homossexual, líder da ONG Arco Íris, na cidade de Ribeirão Preto, SP. Em encontros semanais agendados pelo pai de meados de junho até início do mês de julho de 2007 para realizarmos a entrevista, não foi possível sua participação, pois no momento da leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO B), o pai disse que não queria participar. Também entramos em contato com a ONG Rosa Vermelha em Ribeirão Preto, SP e do contato pessoal de um de seus membros, foi possível encontrar no início do mês de julho de 2007 o colaborador 2 que nos concedeu a entrevista em sua residência.

Agosto a Dezembro de 2007.

Do contato pessoal da pesquisadora com amigos homossexuais não foi possível realizarmos entrevistas com os pais, o que demonstra que a proximidade com o pesquisador contribuiu para os filhos se sentirem constrangidos. Retomamos o contato com as duas pessoas homossexuais que indicaram seus pais em Cuiabá, MT e Guapé, MG e uma delas nos repassou o endereço de *e-mail* do seu pai. O pai se prontificou a gravar uma fita, melhor esclarecida no contato por *e-mail*. Enviamos os documentos (ANEXO B, ANEXO C e ANEXO D) e o pai devolveu-nos preenchidos, mas não gravou a fita, invalidando sua colaboração na pesquisa. A partir do mês de agosto de 2007, reenviamos *e-mails* pessoais à Sra. Edith Modesto em São Paulo, SP, coordenadora do Grupo de Pais de Homossexuais (GPH) e sua resposta foi que trabalhava com pais que “não saíram do armário”, o que poderia não facilitar a minha busca. Enviamos *e-mail*, ainda, para o Prof. Paulo Rennes que conduz o Nussex (Núcleo de Estudos em Sexualidade) em Araraquara, SP; também para o Grupo de Casais Gays realizado pelo Grupo Corsa de São Paulo, SP, e ao Grupo Videverso; sem obtermos respostas. Em conversas cotidianas, com parentes próximos e amigos, estabelecemos contato com homossexuais em algumas cidades de São Paulo, Minas Gerais e Goiás para sabermos da possibilidade de entrevistarmos seus pais.

Janeiro de 2008: Colaborador 3, 4, 5.

Nesse ínterim, chegamos a janeiro de 2008 e do contato com conhecidos, foi possível realizar a entrevista com o colaborador 3 na casa da mãe da pesquisadora; com o colaborador 4 em seu local de trabalho, tendo sido indicado por sua irmã; e com o colaborador 5 em seu local de trabalho, tendo sido indicado por sua sobrinha. Dessa maneira, obtivemos a participação do colaborador 3, 4 e 5.

4.6 Quadro 1 – Perfil das colaboradoras e dos colaboradores

Colaboradora	1	2	3	4	5
Idade	50	47	53	53	55
Estado Civil	Casada	Divorciada	Casada	Casada	Divorciada
Número de Filhos	2	2	5 (1 falecido)	3	3
Religião	Espírita	Espírita	Católica	Espírita	Espírita
Grau de Instrução	Superior completo	Ensino médio completo	Ensino fund. incompleto	Ensino médio completo	Superior completo
Área de atuação	Secretária	Manicure	Manicure	Telefonista	Empresária
Classe econômica ¹⁷	B1	B2	B2	B1	B1
Cidade	Interior de SP	Interior de SP	Interior de SP	Interior de SP	Interior de SP
Como soube da homossexualidade	Pelo próprio filho	Pelo próprio filho	Pelo próprio filho	Pelo próprio filho	Pelo próprio filho Percebeu
Idade do filho/ Ano	21/2005	21/2002	18 /1995	18 /1997	21/ 2002 21/2004
Colaborador	1	2	3	4	5
Idade	50	60	56	49	50
Estado Civil	Divorciado, união estável atualmente	Divorciado, casado atualmente	Separado	Casado	Casado
Número de Filhos	3	6 (3 primeira união)	3	4(2fora do casamento)	2
Religião	Nenhuma	Católico	Católico	Espírita	Católico
Grau de Instrução	Ensino médio completo	Ensino fund. incompleto	Ensino médio completo	Ensino fund. completo	Ensino médio completo
Área de atuação	Vendedor	Operador de sistemas de água	Motorista e lava-jato	Microempresário de propagandas	Eletricista de Distribuição
Classe econômica	B1	C	B2	B2	B1
Cidade	Interior de SP	Interior de SP	Interior de MG	Interior de GO	Interior de MG
Como soube da homossexualidade	Pelo próprio filho	Pelo próprio filho	Desconfiou Desconfiou	Pela ex-patroa da filha	Pela esposa
Idade do filho/ Ano	21/2003	18 /2007	Não lembra 15/2002	21 /2002	15, 16 /2002,2003

Fonte: elaboração da pesquisadora

¹⁷ De acordo com o Critério de Classificação Econômica – Brasil, elaborado pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP) – dados com base no Levantamento Sócio-Econômico – 2003 - IBOPE

O perfil dos(das) colaboradores(as) foi delineado conforme Roteiro para obtenção de informações sobre o perfil do(a) colaborador(a) (ANEXO C) e informações obtidas na entrevista.

O Quadro 1 demonstra que os (as) colaboradores(as) da pesquisa têm idades variando entre 47 e 60 anos, 6 estão casados atualmente, 1 está separado, 1 vive em união estável e 2 são divorciadas. Referente a filhos, todos os colaboradores possuem acima de 2 filhos. No que se refere à religião, 5 são espíritas, 4 são católicos e 1 diz não ter religião nenhuma. O grau de instrução dos(as) colaboradores(as) varia entre ensino fundamental incompleto e superior completo. Em referência a atuação profissional, todos os(as) colaboradores(as) trabalham e as áreas de atuação profissional variam da área comercial, de vendas, de comunicação à área da estética. A respeito da classe econômica familiar pertencem tanto à classe C, quanto B1 e B2. No que diz respeito aos filhos(as) dos(das) colaboradores(as), 9 são do sexo masculino e 3 do sexo feminino com idade variando entre 19 e 31 anos. O grau de instrução varia do ensino fundamental incompleto ao superior completo. Referente a religião, 4 são espíritas, 2 são católicos, 5 não possuem religião e 1, a colaboradora não sabia. Com relação à descoberta da homossexualidade pelos pais e mães, 7 souberam pelo próprio filho e 1 percebeu através do comportamento da filha, 1 foi desconfiando dos filhos, 1 soube através da ex-patroa da filha e 1 soube pela esposa. A idade do(a) filho(a) na época, variava entre 15 e 21 anos e o ano em que isso ocorreu varia entre 1995 e 2007.

Os perfis individuais de cada colaborador e de cada colaboradora serão apresentados no próximo capítulo junto com a análise de seus relatos. Elaboramos sínteses individuais com o objetivo de proporcionar ao leitor, maior familiaridade com os mesmos, mediante os meios supracitados e ainda contando com as percepções da pesquisadora no momento da realização da entrevista.

CAPÍTULO 5 - HERMENÊUTICA DA VIVÊNCIA DE SER-MÃE E SER-PAI DE HOMOSSEXUAIS: ANÁLISES INDIVIDUAIS

A seguir, iniciaremos a análise compreensiva dos relatos dos(as) dez colaboradores(as) acerca do fenômeno por nós interrogado: a vivência de pais e mães heterossexuais acerca da homossexualidade de filhos e filhas.

A investigação ocorreu por intermédio da pesquisa qualitativa fenomenológica, pelo referencial teórico de Martin Heidegger e pelos eixos que alicerçaram a pesquisa, já mencionados. Assim, categorizamos as dimensões do fenômeno e optamos por apresentar as análises individualmente.

5.1 Categorias e subcategorias emergidas dos relatos maternos e paternos:

A seguir, apresentaremos as cinco **categorias emergidas dos relatos (em negrito)**, e suas subcategorias (grifadas), a fim de facilitar a identificação das mesmas. São elas:

Categoria 1 - Vivência anterior à revelação da homossexualidade

Esta categoria aborda o modo como as(os) colaboradoras(es) percebiam a vivência que antecedeu a revelação da homossexualidade do(a) filho(a), seu modo-de-ser, destacando lembranças e sinais percebidos (ou não) da homossexualidade. As subcategorias encontradas foram:

- O modo-de-ser do(a) filho(a) antes da revelação da homossexualidade

As unidades de significado referentes a esta subcategoria encontram-se nos relatos:

Colaboradoras: 1, 2, 3, 4, 5.

Colaboradores: 1, 2, 3, 4.

Categoria 2 - Revelação à família e convivência com a homossexualidade

Esta categoria aborda o modo como as(os) colaboradoras(es) vivenciaram a revelação da homossexualidade do(a) filho(a), os sentimentos, como convivem com a homossexualidade dele(a) no momento atual, incluindo os estigmas sobre a origem da homossexualidade. As subcategorias encontradas foram:

- A revelação da homossexualidade do(a) filho(a)

As unidades de significado referentes a esta subcategoria encontram-se nos relatos:

Colaboradoras: 1, 2, 3, 4, 5.

Colaboradores: 1, 2, 3, 4, 5.

- Os sentimentos vivenciados pela(o) mãe(pai) em relação à revelação da homossexualidade

As unidades de significado referentes a esta subcategoria encontram-se nos relatos:

Colaboradoras: 1, 2, 3, 4, 5.

Colaboradores: 1, 2, 3, 4, 5.

- Como a(o) mãe(pai) convive com a homossexualidade do(a) filho(a) no momento atual

As unidades de significado referentes a esta subcategoria encontram-se nos relatos:

Colaboradoras: 1, 2, 3, 4, 5.

Colaboradores: 1, 2, 3, 4, 5.

- Estigmas sobre a origem da homossexualidade

As unidades de significado referentes a esta subcategoria encontram-se nos relatos:

Colaboradoras: 2, 3, 5.

Colaboradores: 1, 3, 4, 5.

Categoria 3 - Relação percebida pela(o) mãe(pai) com seu(sua) filho(a)

Esta categoria aborda o relacionamentos percebidos pela(o) mãe(pai) com o(a) filho(a) dentro da família. As unidades de significado referentes a esta subcategoria encontram-se nos relatos:

Colaboradoras: 1, 2, 3, 4, 5.

Colaboradores: 1, 2, 3, 4, 5.

Categoria 4 - Horizonte de silêncio

Esta categoria se refere aos momentos de silêncio nos relatos das(dos) colaboradoras(es). As unidades de significado referentes a esta categoria encontram-se nos relatos:

Colaboradoras: 1, 4, 5.

Colaboradores: 1, 3, 4, 5.

Categoria 5 - Expectativas maternas(paternas) em relação ao projeto de vida do(a) filho(a)

Esta categoria aborda as aspirações, expectativas e planos desvelados pelas(os) colaboradoras(es) em relação aos(as) filho(as) homossexuais. As unidades de significado referentes a esta categoria encontram-se nos relatos:

Colaboradoras: 1, 2, 3, 5.

Colaboradores: 1, 2, 3, 5.

5.2. Análise Individual das Colaboradoras

Colaboradora 1

Entrevista realizada em 06 de março de 2007.

Colaboradora 1, 50 anos, espírita, ensino superior completo, casada, 2 filhos, classe B1, secretária. Filho homossexual, 22 anos, espírita, ensino superior completo, mora com ela, o pai e o irmão. Ela soube da homossexualidade do filho no ano de 2005 quando este tinha 21 anos de idade, após ter procurado informações do filho na faculdade, no centro espírita, tendo, inclusive, pedido a um amigo que conversasse com seu filho. O modo-de-ser do filho estava muito diferente do que ela se habituara. O próprio filho contou a ela da homossexualidade. A colaboradora 1 relatou sempre se reunir à família e amigos para confraternizações e festas. A respeito do marido, mencionou que o mesmo não se envolve nas questões do filho e não fala sobre a homossexualidade e que qualquer hora ele “vai ter que acordar”. No que se refere à homossexualidade demonstrou se preocupar com violência e preconceito. A entrevista foi realizada em seu local de trabalho. Seu relato teve duração de 1 hora e 20 minutos.

A colaboradora 1, sobre a **Vivência anterior à revelação da homossexualidade**, nos relatou o modo-de-ser do filho antes da revelação da homossexualidade:

Eu nunca percebi nada que levasse que ele tinha uma homossexualidade... a única coisa que... que ele nunca brincava... ele não tinha... é:::... brincadeiras conjuntas... não gostava...nunca teve muita amizade... sabe?... sempre poucas pessoas... e... as amigas sempre tinha menina... tinha amigas e tudo...

A colaboradora 1 demonstrou estar vivenciando o existir inautêntico, pois ao mesmo tempo que disse nunca ter percebido a homossexualidade do filho, destacou as amigas

dele, principalmente, com amigas. Torrão Filho (2005) nos lembra que a cultura define alguns comportamentos como sendo pertencentes a um ou outro sexo e mesmo havendo certa “liberação para os gêneros” há, ao mesmo tempo, uma confusão que cria uma essência do que é ser homem e do é ser mulher nas mentalidades e, dessa forma, não interferimos e preconceitos continuam existindo. Talvez por isso esta mãe mencionou o brincar com meninas como algo “fora do lugar”.

A colaboradora 1 seguiu falando de outros modos-de-ser do filho:

A adolescência dele foi sossegada... ele nunca me deu trabalho... aquela preocupação de mãe eu não tive... ele era muito caseiro... depois de uma fase que ele começou... depois da faculdade né?... a faculdade muda tudo né... a sair pra noite né?... e duns tempos... começaram a ligar muito lá em casa... sempre algum menino ligando... mas eu nunca percebi que era isso... ce entendeu?... ce nunca percebe né?... nem passava na minha cabeça... se ele por exemplo... tivesse alguma tendência... falar “não ele tem algum trejeito”... ou ele tem alguma coisa que eu já vi... ele não... não tinha... normal...e eu comecei a perceber ele muito acuado... muito medroso... escondendo de mim... saindo sabe?... não conversando... sempre fora... então tudo isso eu comecei a perceber que tava diferente... e ele mesmo... a postura dele... diferente... e ele começou ter umas amizades... que ele começou pedir pra levar em casa... nervoso... agitado... um menino agressivo... então essa transformação foi mexendo com ele sim... angustiado... porque a gente vê que a pessoa tá sofrendo... é sério isso... é nítido na face da pessoa... então é aí que eu falo... ele tem alguma coisa errada... ele tá fazendo alguma coisa errada... ele tá sofrendo... ele sofria muito... essa fase dele inicial... ele tava em sofrimento... passava mal... vivia com o estômago ruim... emagrecia muito... sabe?... não comia direito... andava... andava pra rua... andava pra lá e pra cá... nunca tava em casa... não fazia mais nada... em casa sempre ajudaram... ele não fazia mais nada... porque muitas daquelas amizades que ele tava... a família não aceitava... então eles se juntaram... no apartamento... então era o ponto de encontro deles...foi quando ele começou... com essa situação de não negociar... querer fazer tudo ao contrário... eu falava isso... ele fazia isso ((outra coisa))... porque com quinze anos não teve a fase... ((risos))... foi ter com vinte e um... que a fase de adolescência não teve preocupação... foi tardia... foi aonde ele descobriu...

A colaboradora 1 percebeu mudanças no modo-de-ser do filho que passou a sair muito, a ter novas amizades, ela o percebia ansioso, angustiado, em sofrimento emocional e físico. A mãe buscou justificar-se no fato do filho ter vivido uma adolescência tardia, uma descoberta de algo que para ele era igualmente sofrido tanto quanto para ela.

Sendo a adolescência uma etapa de transição dos doze, treze anos até aproximadamente o final da segunda década da vida, de acordo com Palácios (2004), na qual não se é mais criança, mas ainda não se tem o *status* de adulto, tal como concebemos no Ocidente, em nosso século, podem ser considerados adolescentes, as moças e rapazes

caracterizados por ainda estarem em busca de um emprego estável; por ainda dependerem dos pais e morarem com eles; por sentirem-se membros de uma cultura de idade; por terem preocupações e inquietudes que não são mais da infância, mas que não ainda não coincidem com as dos adultos; por estar indo de um sistema de apego centrado na família, para um sistema de apego centrado no grupo de iguais, ou para um sistema de apego centrado em uma pessoa de outro sexo. Algo que se evidencia nos dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), segundo os quais, entre os 52% da população economicamente ativa da região sudeste brasileira, por exemplo, estão os “adolescentes” que dependem financeiramente do chefe de família. Isto é o que podemos considerar, então, como adolescência tardia.

Isto parece ser percebido pela colaboradora 1, pois seu filho vive a contestação, como se estivesse de um “outro lado”, em contraposição ao mundo adulto dela. Ele é um não-adulto e ela entende isso com o que chamou de adolescência tardia. Ela não conseguia compreender como que o filho, antes criança, apegado a ela e a família, agora vivenciando a adolescência, fase de experimentação, buscava seu mundo-próprio lá fora, com seus pares, seus afins. Ela se espantou quando ele começou a sair. Das pistas que o filho foi lhe dando, desde a infância, ela via esse momento anterior à revelação da homossexualidade como algo definido, não como experimentação.

Ela responsabilizou a faculdade por tais mudanças, ou seja, o meio externo. Novamente a inautenticidade, pois ao mesmo tempo em que diz nem imaginar a homossexualidade, conta como eram as amizades dele, tenta colocar como externas as observações que vem do interior dela mesma como mãe, demonstrando sua dificuldade em lidar com a vivência.

Considerando suas palavras, o relato da colaboradora 1 parece conter uma percepção da diferença do filho, mesmo que este não tivesse ainda revelado verbalmente a ela sua

homossexualidade, esta mãe percorria com este filho, um caminho rumo ao desvelamento. Ou seja, as coisas não se mostram (fenomenicamente) primeiro para só depois, então, serem convertidas em realidade. A própria percepção de algo depende desse algo ter sido o resultante de um movimento de realização.

E eis que na realização da própria vida, ocorreu **a revelação à família e a convivência com a homossexualidade**. A colaboradora 1 mencionou a revelação da homossexualidade do filho da seguinte maneira:

*E eu comecei a apertar ele... comecei a tentar descobrir o quê que era...[...]Eu tentei falar com o:.... o coordenador deles aqui... da Mocidade¹⁸... pra ver... ele me atendeu... ele falou assim... “ah o que acho que você deveria fazer... é ver... prestar atenção... é na personalidade dele... se não tem alguma coisa que você não sabe”... [...] e aí eu ia na Faculdade... pra saber... ele ((o coordenador)) fala que tá tudo bem... falei “então não é aí também... então quê que tá pegando”... eu não entendia o quê que era... [...] aí eu tenho um amigo meu que é... homossexual... aí falei tudo isso... “tá acontecendo assim assim... ce num quer conversar com ele ((o filho)) pra mim... pra ver tal”... aí ele ((amigo dela)) conversou com ele... e falou... “oh... eu falei com ele e ele mesmo vai conversar com você... eu acho que você até sabe o quê que é... mas eu quero que ele fala com você... e você... eu tenho certeza que você entende o que eu to falando... o quê que é realmente... o quê que tá acontecendo”...[...].Aí teve um aniversário dele... que ele pegou e levou ((os amigos))... foi um desastre né... aí eu vi quê que era... que a maioria já tinha... jeito de andar... de falar... até tinha menino que é paisagista... aí olhou meu vasos... e conversou... tal... eu gostei... eu não tive problema nenhum... assim de falar... “ah oh... eu não quero”... mas eu não achava que ele era... [...]passou uns dias e ele nada... aí um dia ele deixou um bilhete pra mim... que precisava falar comigo... aí ele falou... mas *naquele dia eu já sabia... sabe quando você já sabe...**

Segundo Heidegger (1995), todos os seres humanos estão “a frente de si mesmos, antecipados”, aproximadamente “ocupados com algo” ou atentando para o que fazer. E com relação àqueles que estão completamente envolvidos pelo desespero? Até estes, insiste Heidegger (1995, p.236), estão “a frente de si mesmos”: “o desespero não aparta o Dasein de suas possibilidades; é apenas um modo particular de ser para estas possibilidades”. A colaboradora 1 percebia mudanças mas não as compreendia, por mais que demonstrasse já saber que o filho era diferente. Em todas as falas dela isso fica explícito. Ela foi, então,

¹⁸ Mocidade Espírita é uma atividade dedicada a jovens da qual o filho participava em um Centro Espírita em sua cidade.

buscar ajuda, pois podia estar acontecendo outra coisa com seu filho: dívidas, drogas, faltas, problemas com estudo, etc.

Porém, o grupo de amigos do filho revelou aquilo que “foi um desastre”, mas que ao mesmo tempo ela diz não ter “problema nenhum”. Aqui mais uma vez nota-se o modo de ser inautêntico, ao dizer não ter problema nenhum, essa mãe desvela sua dificuldade em aceitar a homossexualidade do filho, ao mesmo tempo, a necessidade de aceitar sem digerir, algo que também não deixa de ser violento. Nesse sentido, podemos perceber que os preconceitos acerca da homossexualidade compõe os horizontes de valores dessa mãe. O fato dos amigos do filho terem os trejeitos, o modo de andar e de vestir do homossexual, que permeia o senso comum de acordo com Welzer-Lang (2001), promove essa divisão entre homens e mulheres na qual toda forma de sexualidade diferente da heterossexual, é estigmatizada e isto se revelou na fala inautêntica da mãe.

Sobre os sentimentos vivenciados pela mãe em relação à revelação da homossexualidade, destacaram-se em seu relato:

E isso eu chorava direto né... uma coisa... que pra mim... *foi meio difícil*... que eu fui assim... *foi de repente... eu tinha um conhecimento de uma coisa que... tava comigo a vida inteira né... desde que ele nasceu... ele também... eu acredito assim*... que ele descobriu junto comigo... quando ele já descobriu... ele mudou... e eu ainda com aquela preocupação... *será que isso tá certo?... será que eu deixei de falar alguma coisa?... de fazer alguma coisa... porque quando ce trabalha fora... você se culpa muito... a minha primeira preocupação foi... “poxa comê/ que eu não vi isso?... comê/ que eu não enxerguei?... mãe num saber que o filho... é homossexual... como que eu num vi?”*... sabe... sempre preoquepei em... trazer... eles foram criados praticamente aqui... do meu lado... “já falei pra você... que onde eu acho que errei... *foi excesso de amor*... porque eu acho que eu dei demais... *poupei você demais*... quis ficar tirando as coisas do seu caminho... pra você tá sempre numa... vida boa... e você num... num passou essa fase”... sabe?... de enfrentamento mesmo né... porque?... porque eu tava sempre ali aparando... tirando... arrumando né... então aí foi que acho que eu fiquei meio... abalada mesmo... depois eu fui me controlando...

A homossexualidade se tornou verdadeira para essa mãe através de sua vivência afetiva e singular, desdobrando-se em suas emoções. É o que Heidegger (1995) denomina de estados de ânimo. O estado de ânimo sempre evidencia a forma pela qual, em nosso ser-no-mundo, somos tocados ou afetados pelas coisas e/ou pelos outros que aí estão. Critelli (2006,

p.103) o esclarece dizendo que “através das nossas emoções é que nosso ser e o ser em geral fazem ou ganham sentido”. É através do poder da palavra, daquilo que é dito que a colaboradora 1 deu-se conta de algo que ela mesma dizia estar com ela desde a infância: seu filho ser diferente. Portanto, ela entrou em contradição quando disse que “foi de repente”. Seu horizonte de compreensão começava, então, a se abrir.

Imaginamos a dor que a mãe experimentou porque foi chocante desconstruir a verdade que acreditava. Ela experimentou sentimentos opostos e tentou minimizá-los pois eles poderiam abalar o vínculo dela com o filho. É como se dissesse que não tinha preconceito, mas sim que o preconceito estava fora, na sociedade.

Através de suas palavras, a colaboradora 1 nos sugere que diante da realidade de ter um filho homossexual, ela sentiu-se culpada por não ter “enxergado” (“eu não vi isso?”), ainda que tenha feito “de tudo” para tirar as pedras do caminho do filho. O sentimento de que deveria ter feito mais reflete, parece-nos, um desejo de controle sobre o filho. Frente à situação de impotência surge a idéia da potência como contrapartida, “se tivesse...” Todo o relato é marcado pela contradição.

A colaboradora 1 atribuiu ao meio, a dificuldade de lidar com a homossexualidade do filho enquanto que é ela em seu mundo-próprio que estava com receios, medos, preocupações e entraves para lidar com a questão. Seu choro denuncia seu drama. Colocou o amor como um erro ao dizer que “foi excesso de amor”, enquanto buscava erros na educação para justificar a homossexualidade do filho. Esse modo-de-ser pode ser compreendido pela construção sócio-histórica da heteronormatividade.

Será que ela não estaria reafirmando a idéia do “natural” impelindo à heterossexualidade? Se o filho desvelava-se homossexual então algo estava errado. Ainda que estivesse dizendo: “pra mim não tem problema nenhum”, ela queria sim ter respostas para dar para o filho, acolhê-lo em sua dor, porém a ela, nesse momento, faltavam também estas

respostas. Tantas justificativas parecem-nos que servem para aplacar tal sofrimento vivenciado por esta mãe nos sentidos que vinha atribuindo em seu mundo-próprio.

Sobre a preocupação com violência, ela relatou:

Pra mim não tem problema nenhum... eu tenho medo da promiscuidade... eu tenho medo... é... as pessoas discriminar... tem muito desses caras que não gosta... aí vai e bate... violência... eu só ficava pensando nisso... depois a gente vai acalmando... mas no começo foi muito difícil assim... não de ter vergonha... mas de ter medo da reação das pessoas... com ele na rua... porque saía demais...

O estigma visível é o da promiscuidade, o homossexual como alguém voltado exclusivamente para a atividade sexual. A preocupação com a violência fora de casa também é expressa pela colaboradora 1 de maneira explícita, já que nem ela que é mãe conseguia entender e aceitar totalmente a homossexualidade do filho, imagina as pessoas de fora. Esse modo preconceituoso de vivenciar o diferente é aprendido desde tenra idade pelas pessoas e, de modo geral, é fruto da construção social e história da nossa sociedade.

Seguiu relatando os sentimentos vivenciados:

Me decepcionei... falei pra ele... “eu me decepcionei realmente... porque eu não esperava isso de você... sabia?”... e quando ele falou pra mim um dia... caiu direitinho pra mim... que num é que ele não é perfeito... que ele é falível... sujeito a erros... e eu não admitia isso nele... entendeu?... e quando ele começou a me enfrentar foi por isso... porque eu queria continuar controlando... eu queria que ele fizesse as coisas certas... e que ele naquele momento... tanto faz pra ele... ele tinha visto o outro lado... entendeu?... [...]então eu via que ele precisa de ter resposta... que eu não sabia dar... então isso dificultava muito nossa... nossa convivência...

Ela esperava que o filho não fosse homossexual, quando a vivência dele se desvelou, ela se decepcionou, convalidando preconceitos, pois ela faz parte da maioria das pessoas que vivem a heteronormatividade. Louro (2004) acentua que as práticas sexuais se estabelecem em referência ao estado heterossexual hegemônico no qual a heterossexualidade ocupa o lugar de representante de uma identidade majoritária em ambos os sexos, estabelecendo o poder normativo da masculinidade nos homens e da feminilidade nas mulheres.

A homossexualidade foi vista como imperfeição, sentida como decepção, quebrou a imagem construída e a colaboradora 1 não admitia, não conseguia integrar, era errado, o filho

tinha que fazer “as coisas certas”. Revela-se acima a fala de uma mãe em busca de respostas, na tentativa de compreensão de sua vivência com o filho, na qual muitas vezes acreditou que seria tudo “perfeito”, bastava seguir adiante “fazendo tudo certo”. Porém, as possibilidades da existência que se abrem aos nossos pés são inúmeras, e esta mãe deparou-se com um filho quase adulto, vivendo experiências só dele, abrindo-se para o mundo afetivo-sexual e, ousamos dizer que, muito provavelmente, esta mãe não estava se sentindo preparada para tais vivências do filho que até poderia se tornar adulto, desde que fosse heterossexual. Novamente ela destaca “o outro lado” que o filho estava vivenciando em sua adolescência, como contestação (SARTI, 2004).

Ela negava que de certa forma há que se elaborar um luto quando os filhos começam a se desgarrar dos pais e tornarem-se independentes. Heidegger (1995, p.142) nos esclarece que tememos por nós mesmos. Se temo por outros, eu também “temo por mim mesmo”; aquilo de que eu tenho medo é “de meu ser-com-outro, que poderia ser arrancado de mim”.

Assim que entra em contato com a revelação do filho ser homossexual, vemos aparecer no relato da colaboradora 1, como a mãe convive com a homossexualidade do filho no momento atual:

Ah mãe é bravo... porque lá em casa... o quê que eu falo pra ele... “não é por ser menino... porque *se fosse menina... é a mesma coisa*”... quando ele ((um namorado)) vem... *você tem que avisar*... “oh mãe... vou trazer tal pessoa... posso?”... não ir chegando de mala e cuia aqui de repente... e falar que vai ficar aqui...

A colaboradora 1 quer ser avisada pelo filho das visitas de seu namorado na casa dela. Não pretende ser pega de surpresa. Parece demonstrar que ela está se recolocando no papel de mãe e se permitindo ser autoridade independente da homossexualidade do filho. Menina ou menino, a casa é dela. Seria um resgate do poder ou uma reafirmação do mesmo. Como a colaboradora 1 destacou no início que, mesmo trabalhando fora, sempre tentou ser presente para o filho, salientamos, de acordo com Torres (2000, p.142), que “a atividade profissional

feminina contribui para o acréscimo de poder de decisão das mulheres no contexto familiar e conjugal”.

Talvez nesse sentido, ela estivesse mesmo em busca do papel de ser mãe, antes deixado em suspenso pelas dúvidas de como proceder, de como ter as respostas. Lançando o olhar por uma abordagem compreensiva, entendemos que seria preciso a colaboradora 1 aprender a encarar as negatividades inerentes à vida como contingências próprias do jogo existencial. O próprio do homem é sua existência como coloca Heidegger (1995), o homem é existência.

Por outro lado, se pensarmos em um “processo de crescimento” destacado por Sarti (2004, p.17) poderíamos inferir que “‘crescer’, assim, desvincula-se do mero processo biológico e constitui-se, também, em processo simbólico”. Portanto, as condições que facilitariam o resgate da autenticidade, do viver de modo próprio, para a colaboradora 1 implicaria pensar em si-mesma e no filho como seres em permanente crescimento, ao longo de suas vidas, re-elaborando as experiências e dando-lhes significados novos.

Parecendo lançar seu olhar em novos significados, apareceu também no relato da colaboradora 1:

Tem bastante amizade ainda... as pessoas... *e essas amizades que ele tem... são pessoas boas... entendeu?... ce vê que são pessoas boas...Mudou... ele mudou... ele ultimamente eu não sei se é porque ele não tem ninguém... ele tá assim quieto... nessa época agora que a gente tá mais tranqüilo... eu vejo que ele não tá envolvido com ninguém... porque eu acho que quando ele se envolve com alguém... *ele num sabe trabalhar* isso... sabe?... *ele perturba...* quando ele tá com alguém...*

Portanto, o filho da colaboradora 1, segundo sua perspectiva, ainda continua mantendo um grande número de amizades, porém o que se alterou em sua fala foi o fato de, aqui, as amizades serem vistas como “pessoas boas”, ao contrário do momento anterior à revelação da homossexualidade em que ela via as pessoas como muito estranhas. É sua necessidade de justificar.

Ela percebe a homossexualidade como perturbadora do filho, este modifica-se em função de sua afetividade quando está emocionalmente envolvido com alguém. Ela demonstrou ter ficado alerta às mudanças que o filho apresentar, como que uma espécie de crença se formou no sentido de que tudo que sair dos eixos, do “normal”, do “esperado” é sinal de que novas escolhas e experiências estão ocorrendo e para “não perder”, não deixar de participar, ela deve ficar atenta. Ela percebe o filho, no momento, numa vivência de solidão em seu mundo-próprio, quando diz que ele está tranqüilo, quieto.

Parece indicar que ela, na busca por compreender, vem assimilando afetivamente algumas das mudanças ocorridas, ainda que seja no sentido de lançar um olhar diferenciado às velhas questões. Porém, ainda assim, a incerteza persiste na colaboradora 1 intensificando seu temor. O temor não é apenas um sentimento interno; ele abre um mundo de ameaças potenciais. Heidegger (1995) esclarece que tememos por nós mesmos enquanto “ser-junto a” que tem uma conjuntura. A colaboradora 1 descobriu o mundo da homossexualidade de seu filho e se viu lançada nele, avistando ainda a conjuntura de entes dentro desse mundo, não totalmente compreendidos por ela.

Em seguida, nos remeteu a **Relação percebida pela mãe com seu filho:**

Um dia eu conversei com ele... ele falou pra mim que ele só fazia o que eu queria... *“a vida inteira eu só fiz o que você quis”*.... então a gente teve assim... numa dificuldade assim de... idéias assim... do que eu num aceitava... das coisas que ele tava fazendo... eu acredito que foi essa fase... aí eu falava com ele... e ele falava assim... *“é eu faço tudo errado mesmo”*... eu falei... *“você depende de mim... não adianta você querer falar que você não precisa de mim... você precisa de mim... você precisa de mim”*...

Parece ser importante para a colaboradora 1 repetir que o filho precisa dela, demonstra relações de poder pois “se você precisa de mim tem que me ouvir”. Algo que ela dizia para si mesma no momento da entrevista, talvez em função de sua angústia, sentimento este que revelava o quanto esta mãe temia a ruptura e a separação deste filho. “O temor é angústia decaída no ‘mundo’, inautêntico e encoberto para si mesmo como angústia”(Heidegger, 1995,

p.189). “O angustiar-se, abre, de maneira originária e direta, o mundo como mundo” (HEIDEGGER, 1995, p.251). A angústia da colaboradora 1 não é somente angústia com seu filho, mas angústia por seu filho. “O por quê a angústia se angustia não é um modo determinado de ser e uma possibilidade da pre-sença. A própria ameaça é indeterminada” (HEIDEGGER, 1995, p.251).

Por outro lado, destacamos Giddens (1993) que afirma que há um tipo de pais tóxicos que são os controladores. Os sentimentos e necessidades dos filhos são subordinados àqueles dos pais, e a reação dos filhos criados deste modo é se perguntar porque os pais não os deixam viver sua própria vida? Parece que a colaboradora 1 é uma mãe controladora que buscava exercer seu poder nas necessidades do filho.

Relatou ainda:

Eu acredito que na cabeça dele passou isso... que ele tava fazendo alguma coisa errada... ele tinha que me esconder... que é aonde ele vivia naquele conflito né?... ele queria... mas tinha medo... era horrível... eu imagino... vai dormir... não dorme direito... passar aquele sofrimento... falava “gente”...e a última vez que ele tava meio assim... aí eu falei pra ele... “ce tá nervoso”... eu falei “para de sofrer... para de sofrer”... se ele fantasiou... se ele tava em algum conflito... num sei... mas pelo menos ele acalmou a partir desse momento...

As relações familiares são permeadas pelo velamento para garantir a proteção. Continua a idéia de erro que precisa ser encoberto, escondido, mas a colaboradora 1 também demonstrou solicitude pelo sofrimento do filho e isto a ajudava a superar. Percebeu que podia continuar a ser mãe, que seu papel ainda existia. Como esclarece-nos Heidegger (1981) o cuidado desvela-se na solicitude e esta pode expressar-se mediante dois extremos que é o “saltar sobre o outro”, lançando-o fora de seu próprio lugar; ou permitindo que o outro tenha possibilidade-para-ser, para escolher seu próprio caminho.

Em suas elucubrações a respeito da vivência do filho, na busca por compreender aquele “novo filho” que se mostrara à sua frente, a colaboradora 1 encontrou uma saída no diálogo, no pedido para que o filho parasse de sofrer. Isso simbolizou um momento ímpar na

convivência dos dois, quando ela percebeu um “acalmar” do filho a partir de suas palavras de acolhimento, permitindo ao filho escolher a saída do sofrimento.

Em seguida, a colaboradora 1 apresentou sua mãe como pessoa significativa para o filho, relato destacado no **Horizonte de silêncio**:

Ela ajudou ele muito nessa fase... minha mãe... ((silêncio)) assim... de às vezes *ficar lá na minha mãe* ((silêncio))... ficava lá... pra poder *ficar mais livre de mim* né... ((risos))

Heidegger (1995) considera que o silêncio desempenha um papel crucial na conversa, pois o silêncio é um dos modos de ser da fala e enquanto tal é um modo definido de expressar-se sobre algo para os outros. Aqui a colaboradora 1, em seu momento de silêncio, reiterou a proteção e importância da avó materna para seu filho e também sua postura mais autoritária e controladora que precisava ser burlada pelo filho dando-nos a impressão de que esse silêncio era de tristeza.

Ao demonstrar as **Expectativas maternas em relação ao projeto de vida do filho**, ela relatou:

Eu falei... “ce tem que responder... ce tem que falar... é daí?” ... porque *se você também não se aceita... ninguém vai te aceitar...* porque ce vai ter que começar a entender que... *nem todo mundo vai te tratar da mesma maneira*” ... “não adianta você afastar de todo mundo... e querer juntar num lugar... não tem como... *tem que viver no meio da sociedade...* sendo aceito ou não sendo aceito... a gente tem que ter seu espaço ali”... é isso que eu queria que ele entendesse... que *não adianta ficar correndo... escondendo...* era isso que *eu queria que ele entendesse...*

É possível que, em seu projeto de compreensão, enquanto abertura para as possibilidades do poder-ser, a colaboradora 1 vislumbra para seu filho a retomada de realização pessoal no convívio social por meio de sua capacidade de enfrentamento de situações, preconceitos, pessoas, se posicionando num modo de existir autêntico em relação a ele mesmo. Dentro desta perspectiva, ela parece dizer a si mesma que não vai adiantar se esconder, negar ou fugir da realidade do filho ser homossexual, ela também enfrentará as pessoas, o mundo, vivências que nem sempre serão agradáveis e confortáveis.

Sendo assim, considerando que o ser-no-mundo envolve a relação do homem consigo mesmo, com seu ambiente e as pessoas nele inseridas, com os quais constroem significados para suas vivências, inclusive a da maternidade, a colaboradora 1 deixa claro que experimenta muita dificuldade para aceitar e integrar a vivência da homossexualidade do filho. Tenta aplacar seu próprio sofrimento, indo em direção de assimilar afetiva e internamente o sentido da experiência pela qual vem passando. Porém, tal busca se faz de modo inautêntico, uma vez que demonstra não falar sobre esse assunto com o filho de forma direta (ocorreram diálogos apenas nos momentos de revelação da homossexualidade) nem mesmo com seu marido, velando essa vivência e abrindo-a apenas às poucas pessoas que também partilham de sua revelação: a avó e a tia.

Colaboradora 2

Entrevista realizada em 12 de março de 2007.

Colaboradora 2, 47 anos, espírita, ensino médio completo, divorciada, 2 filhos, classe B2, manicure. Filho homossexual, 25 anos, espírita, ensino superior incompleto, cabeleireiro, mora com ela, seu parceiro e sua irmã. Ela soube da homossexualidade do filho no ano de 2002 quando este tinha 21 anos de idade, pelo próprio filho, após alguns comportamentos anteriores dele. Mediante tal revelação, fez questão de que toda sua família, e também a família do ex-marido, soubessem da homossexualidade do filho. No que se refere à homossexualidade se mostrou “muito bem e feliz” no convívio com o filho e seu parceiro. Disse que os profissionais da área da saúde, principalmente os médicos, não estão preparados para lidar com gays e lésbicas. Também acrescentou que a veiculação da homossexualidade atualmente, como no caso das novelas televisivas, ajuda os pais e mães a perceberem que não estão sozinhos. Participa de Paradas Gays, eventos e grupos de mães sobre o tema da

homossexualidade. A entrevista foi realizada em sua residência e teve duração de 1 hora e 24 minutos.

Em relação à **Vivência anterior à revelação da homossexualidade**, a colaboradora 2 relatou o modo-de-ser do filho antes da revelação da homossexualidade:

Ele tinha bastante amizade... mas as amizades dele eram *mais com meninas...* e menos com meninos... ele *não gostava de jogar futebol...* ele *não gostava de soltar pipa...* ele gostava de assistir filme... desenho...

A colaboradora 2 mencionou, nas brincadeiras do filho, a presença maior de meninas do que de meninos e o não-gostar de brincadeiras definidas como masculinas. Seguindo um padrão de gênero, a mãe talvez seja tentada a crer que “o certo” seria cada sexo relacionado com seu gênero, inclusive nas brincadeiras. Aqui, destacamos Butler (2003), que afirma que tanto o sexo quanto o gênero são construídos historicamente, e não devem obedecer a uma regra naturalizante e heterossexual, ao contrário, estas devem ser desconstruídas. Sabemos que somente com o movimento feminista a partir da década de 1960 no Brasil, a realidade biológica das diferenças anatômicas entre os sexos foram postas em questionamento. A colaboradora 2 é filha desta geração de pessoas que foram educadas para compreender como “normais” a masculinidade no homem e a feminilidade na mulher (BADINTER, 1985; SWAIN, 2001).

Ela prosseguiu relatando:

Como a gente era sempre muito unido... *aonde ele estava... ele me ligava...* se ele mudava de lugar... ele falava... to saindo desse lugar... to indo pra outro lugar... deixava endereço... telefone de onde ele tava... com quem tava... sempre foi assim... só que chegou uma época... ele teve... *estava tendo o primeiro namoro homossexual* dele... e eu não sabia... só que ele *mudou as coisas* em casa... o quê que aconteceu?...*ele começou sair e não me falar* onde ele tava... não me falava onde ia... aí ele vinha em casa assim... as três da manha... eu não sabia onde tava... ficava em pânico... *não que eu não queria que ele saísse... não... queria saber onde ele tava...* ele me acostumou assim... então ele não podia me falar?...

O filho da colaboradora 2 teve uma mudança no seu modo-de-ser que gerou preocupações e dúvidas. Ele parecia “se esconder” em outro modo-de-ser para viver suas experiências sozinho, talvez em busca do seu si-mesmo sem a mãe, algo para o quê ela não estava preparada nem tampouco pensando a respeito. Singly (2000) diz que é pelo olhar das pessoas a quem atribuímos importância e sentido, que podemos nos tornar nós mesmos, nos auto descobrirmos como indivíduos originais. Nesse sentido, parece que o filho, em suas experiências atuais, estava atribuindo sentido a outras pessoas significativas em sua existência, não somente à mãe e isso a incomodava muito, fora as preocupações pertinentes ligadas a horários e regras da casa.

Conforme coloca Giddens (1993, p.25): “a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre o corpo, a auto-identidade e as normas sociais”. É algo que cada um de nós “tem” ou cultiva, não mais uma condição natural que o ser aceitaria como um estado pré-estabelecido. Portanto, a sexualidade do filho da colaboradora 2 estava sendo descoberta, revelada e propícia ao desenvolvimento do seu estilo de vida, do seu mundo-próprio.

Contudo, para ela, as mudanças temporárias no modo-de-ser do filho se deram em função daquilo que ainda estava por se desvelar. “O aparecimento de algo só se torna plenamente efetivado se o que aparecer tiver como origem, iluminação, clareira, um certo ser-no-mundo, um certo coexistir, cuja função é permitir esse aparecer, este mostrar-se fenomênico dos entes” (CRITELLI, 2006, p.74).

Daí que, por esse coexistir entre mãe e filho, por esse aparecer fenomênico, ocorreu a **Revelação à família e convivência com a homossexualidade** e a colaboradora 2 pormenorizou sobre a revelação da homossexualidade do filho:

Ele estava namorando... e... quê que aconteceu?... este namorado que ele teve incentivou o João assim... a me contar... e eu... ficava preocupada quando o João tava pra rua... mas eu não sabia que ele tava num apartamento... namorando... muito feliz... e eu em casa sem dormir e tudo... então ele resolveu chegar em mim e contar... *ele preferiu contar... porque a gente sempre foi unido...* aí nesse

dia... terminamos muito bem a noite... jantamos muito alegres... esse menino e o João... eles me falaram... “oh... se a senhora não aceitar... o João já tá com as malas prontas... pra vir morar aqui”... eu falei “*meu Deus... eu ia perder meu filho... por causa de bobeira... é só conversar... é só me contar*”... eu falei... “mas de jeito nenhum”... eu falei... “agora então... a minha família cresceu”... eu falei... “a minha família *agora só vai crescer*”... aí foi... ele namorou esse menino... nessa noite me levou em casa... entramos... *tudo bem*... o João foi pro quarto dele... eu fui pro meu...

O vínculo entre mãe e filho garantiu o espaço para o filho falar, para enfrentar e não abandonar o lar. Mesmo não buscando descobrir o que velava tal comportamento anterior de seu filho, a colaboradora 2 percebeu a necessidade dele em revelar-lhe a homossexualidade. Heidegger (1995, p.288) diz que “descobrir é um modo de ser-no-mundo”. O que possibilita esse descobrir em si mesmo deve ser necessariamente considerado “verdadeiro”, pois os fundamentos ontológico-existenciais do próprio descobrir é que mostram o fenômeno mais originário da verdade. Esta vivência instaurou o medo da perda que fortaleceu a colaboradora 2 para enfrentar e, num primeiro momento, negar a dor, revelando o lado mais positivo da cena quando diz “minha família agora só vai crescer”.

Parece-nos que de posse de tal revelação, diante de sua descoberta, a postura da mãe foi de acolhimento. Em suas falas, a colaboradora 2 diz que não sabia que seu filho estava namorando num apartamento muito confortável enquanto ela estava em casa tensa e preocupada. Aponta para sua sensação de injustiça, pois enquanto ele estava “curtindo”, ela por não saber da homossexualidade, estava aflita, sofrendo, imaginando o que poderia estar acontecendo, algo que é injusto. Para ela, a união dos dois suplanta e abrange qualquer saber sobre o filho. Ela suporta saber tudo dele, a fim de garantir a convivência e o vínculo, de modo que até chega a significar a vivência ao dizer “ia perder meu filho”. A homossexualidade é, então, vista como bobeira, como pouca coisa.

Porém, no que se refere aos sentimentos vivenciados pela mãe em relação à revelação da homossexualidade, a colaboradora 2 angustiou-se no momento que passou a ter conhecimento da homossexualidade do filho, dentre outras coisas, pela preocupação com

violência e preconceito; por ter sido surpreendida por algo de que ela nunca suspeitou.

Relatou:

Aí logo... que é claro... que na hora me deu um nó... porque... é muito grande... *não tive preconceito... mas me deu uma preocupação com a sociedade...* aí a primeira pergunta que eu fiz... eu falei... “é só uma fase... meu filho?... *você tá só experimentando?*”... porque assim... mesmo eu não tendo nada contra... quando chegou pra mim... meu filho... aí eu fiquei com medo... eu fiquei com dó... assim porque eu sei *o quê que a sociedade fala... de gay...* aí eu falei... “*filho pra mim... você num muda nada... mas eu to com muito medo... e você toma cuidado*”...

A aproximação do mundo da homossexualidade é sentida e vivenciada como temor, medo, dó, dúvidas pela colaboradora 2 e ela tentava garantir o vínculo com o filho, mas receava pelo porvir. Ainda que lhe causasse dor e sofrimento, parecia ser melhor continuar junto, unida ao filho do que perder o vínculo. De acordo com Heidegger (1995), angustiamos-nos com nosso próprio ser-no-mundo. É a inospitalidade do mundo que revela-nos o próprio mundo não mais como ilusoriamente o pensávamos, como um ente, como uma coisa, como um conjunto e um complexo de coisas naturais e artificiais que estão por aí e onde acreditávamos estar perfeitamente integrados. Na angústia, entendemos o que havíamos compreendido do mundo: que ele é uma sutil e poderosa trama de significações que não nos enlaça mesmo dando consistência a nosso ser, nosso fazer, nosso saber. Portanto, uma trama fluida, que desapareceu aos pés da colaboradora 2 tão logo o sentido que ela fazia se diluiu, fazendo-lhe falta. Sobrou sozinha, solta, posta diante do nada, sem poder contar com as coisas e com as outras pessoas.

Ao mesmo tempo, o medo e a penalização nos sugere uma forma de conviver com o luto de um filho heterossexual, que acompanhou-a a vida toda e que, justamente agora, “só agora”, se revela como diferente. É um luto por ela mesma, por seus sonhos e desejos em relação ao que filho seria ou faria em sua existência. Segundo Giddens (1993), “o luto é a condição do desprendimento de hábitos que do contrário transformam-se em traços viciados no presente”. Quando algo se rompe, termina, hábitos associados ao outro e na colaboradora

2 permanecia a expectativa de que a vivência fosse passageira, que seu abandono fosse aplacado pelo filho.

Demonstrou também sua preocupação com o que os outros iam dizer, relatando: “me deu uma preocupação com a sociedade”, e com violência. Debord (1997) esclarece que a principal herança do poder de classe é a sobrevivência da religião e da família e, por isso, da repressão moral que elas garantem. O mundo-com da colaboradora 2 é tido então apenas como “pseudogozo” (nomenclatura do autor), pois contém em si a repressão. Repressão esta instaurada nas várias relações cotidianas que promovem a não-aceitação da homossexualidade, tanto no interior quanto fora das famílias.

Ainda sobre seus sentimentos e afetos, a colaboradora 2 seguiu relatando:

Não que eu me senti traída... mas eu me senti assim... *um pouquinho triste por ele não ter me contado...* porque *eu poderia ter ajudado...* e passei a noite assim... parecia que era verdade... parecia que era mentira... eu fui trabalhar e voltei pra casa... aí o quê que aconteceu?... aí sábado a noite... como tinha namorado... ele foi pra casa do namorado... eu dormia tranquilamente... só que *me bateu a tristeza...* de saber que meu filho... de pensar neste mundo que tá aí... eu não queria... *eu não queria que meu filho enfrentasse esse mundo...* me bateu uma tristeza... eu passei o domingo... bebendo cerveja... eu bebia cerveja e ia dormir... levantava... bebia cerveja... dormia... fiquei assim...

Ao mesmo tempo em que não se sentiu traída, ressentiu-se pelo fato de ter sido excluída, pois acha que poderia ter ajudado o filho. Ao mesmo tempo em que o acolheu, se mostrando compreensiva e preparada, sentiu-se desamparada, desorientada, perdida em seu mundo-próprio, fugindo ao mesmo. Acreditando e desacreditando. Demonstrando sentimentos contraditórios. De acordo com Heidegger (1995) os estados de ânimo mostram como o mundo afeta o ser e como esse ser dirige-se ao mundo. Todas as idéias que temos do mundo, dos outros, das situações de vida, etc., mostram a noção que compartilhamos com os outros a respeito delas, mas estas idéias nunca nos dão a noção do nosso si-mesmo. Por isso, a colaboradora 2 tinha apenas uma noção de como a revelação da homossexualidade do filho a afetava, e foi onde a tristeza bateu.

Ela demonstrou ter que (re)aprender a viver com o filho que, a partir deste “destacar-se da mãe”, fazendo suas escolhas afetivas e emocionais, enfrentaria situações num “mundo homossexual” do qual ela não participava nem conhecia. Giddens (1993) acredita que o relacionamento entre pais e filhos, assim como outros, é um relacionamento em que o indivíduo tem que se libertar, pois uma incapacidade para se “separar” pode significar a repetição de padrões de comportamento similares, formando um ciclo, em vez de um caminho para o autodesenvolvimento autônomo.

Cotidianamente, o eu cuida da vida de modo absolutamente igual aos outros porque justamente por isso o eu torna-se um homem do seu tempo e lugar, de sua sociedade. Porém, essa forma de ser que é o dar conta da vida como se deve dar conta da vida, acaba por insuflar a construção do quem, de modo impessoal, inautêntico, impróprio; deixando que os outros se encarreguem de nossa existência, não tomando-a em nossas próprias mãos (HEIDEGGER, 1995; CRITELLI, 2006). Tendo sido absorvida no modo impessoal de existir, a colaboradora 2 deixou isso se manifestar em seu palavrório ou tagarelice, no qual ela buscou se sentir aceita como mãe de um homossexual repetindo para si mesma, muitas vezes, falas alheias. O palavrório segundo Heidegger (1995, p.323) serve “para exprimir uma conotação específica de excesso, superficialidade e descompromisso com o que se fala. Esta conotação, porém, corresponde a uma tendência constitutiva do exercício concreto da existência”. Parecia estar se angustiando, refletindo, se questionando já que o homem é o único ente que pode se questionar.

Em seguida, ela mencionou o impacto da homossexualidade do filho em seu existir:

Aí quê que aconteceu?... com uma semana... eu fui parar na sala do doutor... era muito recente... receitou o calmante... só que antes deu sair da sala... ele falou assim... “*leva seu filho pro psicólogo... porque precisa urgente... não superproteja... qualquer coisa pode voltar... mas leva seu filho pro médico*”... eu saí de lá... parecendo que *o mundo... não tinha fundo*... eu saí de lá assim oh... *pior que eu entrei*...falta de informação... eu passei no começo... era falta de informação... a partir do momento que eu *fui lendo*... que eu fui vendo... que eu *fui vendo coisas*... *assistindo filmes*... mas eu to bem... quanto a mim... eu to muito bem com meu filho...

A colaboradora 2 percebeu na fala do médico o conceito da homossexualidade como doença, erro, desajuste; o que a fez se deparar com aquilo que temia: o preconceito. Isto a arrasou, “o mundo não tinha fundo”. A colaboradora 2 reagiu a tal postura médica, buscando informação, leituras, filmes e parece ter conseguido melhorar. O “remédio” foi a aproximação ao mundo da homossexualidade.

Foi por sua angústia que a colaboradora 2 se abriu ao mundo da homossexualidade enquanto mundo, com a intenção de se sentir em casa, segura, acomodada. Ser-no-mundo enquanto possibilidade é sempre ser permeado por um sentimento de estranheza diante do mundo. É por isso, que só cabe a nós mesmos a responsabilidade por nosso ser. “O não sentir-se em casa deve ser compreendido, existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário (HEIDEGGER, 1995, p.254). A estranheza do relacionar-se da mãe com seu filho expressavam-se na afetividade materna, a partir dali ela teria que se reinventar e reinventar a relação com seu filho.

Ao relatar como a mãe convive com a homossexualidade do filho no momento atual, a colaboradora 2 disse:

Eu contei pra todas (amigas) no salão... “meu filho falou que é gay”... e aí a gente tinha uma... cliente... ela me deu um livro pra mim ler... que chama Os Onze Sexos... nesse *livro* assim... pra mim... foi como *se pegasse... tirasse o medo... porque eu amei* esse livro... pra mim que era leiga no assunto... pra mim *foi muito divertido... pra mim foi ótimo... acabou... pra minha aceitação total... porque foi escrito por um médico... clínico geral... neuropsiquiatra... então eu acreditei muito...*

Percebe-se que a colaboradora 2 é uma mãe que foi atrás de informações e esclarecimentos sobre a homossexualidade por meio de livros, estudiosos e contatos pessoais. Heidegger (1995) nos esclarece que o fenômeno da curiosidade é um modo de manifestação do que ele chama de public-idade¹⁹. A public-idade é a esfera do que é comum a todos, em que tudo é sabido por todo mundo. A public-idade é o fenômeno para o qual convergem tanto

¹⁹ “Para dizer os diferentes graus e níveis de abrir, o alemão deriva do adjetivo ‘*offen*’ (=aberto), (=abrir), (=susceptível de abertura, revelação), (=aberto a todos, público) e (=a condição e o estado do que está aberto para todos, de ser público, publicidade). Para ressaltar as conotações de manifestação e afastar o uso comum de uma técnica de propaganda, colocou-se o hífen, separando o sufixo do radical” (Heidegger, 1995, p.321).

o falatório quanto a curiosidade. Pode-se perceber em tais fenômenos que somente o outro é quem dá a medida de nossa existência, e em função disso é que nossa existência cotidiana é uma existência inautêntica. “A public-idade obscurece tudo, tomando o que assim se encobre por conhecido e acessível a todos” (HEIDEGGER, 1995, p. 180). A public-idade, no entanto, ajudou a colaboradora 2 no enfrentamento da homossexualidade, ela contou às amigas; ganhou o livro e tirou o medo, achou “divertido”, “ótimo”. Isto a ajudou a ressignificar sua vivência, de certa forma, retirando-a da completa inautenticidade. Relatou ainda:

Esse sofrimento meu... foi só um mês e meio... dois meses no máximo... eu já tava bem... eu já tava convivendo bem...*eu fui vendo até coisas boas... é... coisas boas mesmo até... as vezes um filho que não é gay não tem... as vezes esse carinho com a mãe... me sinto muito protegida... sabe?... então é... eu to muito bem... eu to muito feliz com meu filho... atualmente eu to muito bem... eu to muito feliz... eu até me sinto muito protegida porque... eles me paparicam muito... é muito gostoso...*

Ela demonstrou conviver bem com a homossexualidade do filho, pois em seu modo-de-ser-mãe atribui o sentido de ser cuidada, receber afeto e proteção do filho homossexual, sentindo-se mais tranqüila, segura, confortável, protegida e “paparicada”.

Sendo assim, ela tornou-se quase uma militante nas Paradas Gays em sua cidade, algo que lhe confere uma sensação de pertencimento destacado a seguir:

Tanto é que na primeira *Parada Gay*... eu fui mesmo... fui eu... minha irmã... eu *fui no caminhão... lá em cima*... eu fui no primeiro... e foi muito legal... eu *faço questão de ir todo ano*... então pra dizer assim... *eu num me sinto sozinha mais... sei que meu filho não é o único*... Mas quanto à homossexualidade... adoro... tenho amizade com todos os meninos... e a gente se cumprimenta de selinho... na boca... eles acham graça... eles acham bonitinho... então entre eles... *é uma prova assim de não preconceito*... beijar de selinho entre eles... esse costume é uma forma de você dizer que você não tem preconceito... eu to sentindo isso... num to falando que é uma regra...

Ela também mostrou-se bem íntima dos amigos do filho, descrevendo a prática do “beijo de selinho” como muito “comum” entre eles, ao se cumprimentarem. Poderíamos fazer uma referência a Heilborn (1996) quando diz que o *coming-out* é a colocação do sexo em discurso como um desdobramento recente, que representa aqui uma sensibilidade da colaboradora 2, “saindo do armário” enquanto mãe de homossexual, e tentando não limitar a

sexualidade do filho, nem colocá-la entre parênteses. É um momento libertador em seu mundo-próprio com a revelação ao meio social, ao mundo-com-os-outros. Ela confrontou o preconceito, levantando a bandeira do “não preconceito”, além do beijo de selinho, também quando relatou participar das Paradas Gays²⁰ em sua cidade, à frente do movimento.

Projetando-se para possibilidades, abrindo horizontes de informações, em seu modo de compreender, a colaboradora 2 também relatou:

Porque no começo... *eu explicava... explicava... explicava... aí as pessoas iam ficando quietas... saindo...* agora eu fico quieta... deixo elas falarem... assim né... *eu to mais ouvindo...* porque eu vejo que... enquanto não acontecer com a família... ou enquanto *a mídia* não fizer parte dela... ou enquanto os médicos... não colocarem no currículo... obrigatoriamente...*o preconceito existe... então eu num vou desbravar o mundo...* então *eu to mais tranqüila...* o que eu puder fazer... pra ajudar nessa área aí... eu faço... o que for de minha parte...

Em relação ao convívio com outras pessoas, ela mudou. Se antes, tentava esgotar as explicações e afastava as pessoas com a postura inicial de levantamento da bandeira do não-preconceito, no momento atual, ela pensa em outros caminhos. Parece ter assimilado e acomodado a informação do filho ser homossexual. Está mais “tranqüila”. Também acredita que seja importante médicos e profissionais de saúde incluírem essa temática em seus currículos de aprendizagem, e a mídia fazer sua parte. Suas palavras vem ao encontro do que Debord (1997) diz sobre a sociedade do espetáculo, mediada por imagens e capaz de tecer uma relação social entre as pessoas. A realidade torna-se uma imagem e as imagens tornam-se realidades que devem ser oferecidas às pessoas em suas vivências diárias na cotidianidade. A colaboradora 2 cita a mídia, nesse caso, como capaz de tecer uma relação social entre as pessoas a fim de minimizar os preconceitos em relação à homossexualidade.

Poderíamos traçar um paralelo ao que Heidegger (1995) diz sobre a inautenticidade, ou impropriedade da existência, em que os meios de comunicação vão influir muito para que

²⁰ A I Parada do Orgulho Gay no Brasil aconteceu em julho de 1997 na cidade de São Paulo, organizada pelo Grupo Corsa, e de lá para cá tal movimento tem se difundido por todo país. Grupo O Corsa (Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor) grupo de conscientização e emancipação dos homossexuais, bissexuais, lésbicas, travestis e transexuais; foi fundado em São Paulo em 1995 (Facchini, 2005).

todos, de forma igual, vejam e lidem com as coisas como se quer que elas parecem ser e como se quer que elas sejam manuseadas e tratadas. Então, se a mídia tratar a homossexualidade de uma forma menos pejorativa e preconceituosa, pode ser que a colaboradora 2 sintasse-se mais segura, bem como outras mães e pais em geral.

Prosseguindo em seu relato, a colaboradora 2 acrescentou:

Hoje ele tá... casado... ele tem uma companhia estável... um ajuda o outro... então é uma coisa assim... *tudo vem daquilo que eu plantei desde o comecinho...* não que eu seja/... vanglória... mas eu acho... que a mãe é o esteio da casa... a mãe e o pai... mas assim... *eu passei coisas boas...* ele poderia ser bom também... sem a minha ajuda... mas eu acho que seria muito mais difícil... né?... eu falando como mãe é meio suspeito... mas quem pode ir ver... é uma coisa linda... é uma coisa que eu nunca vi... eu to amando... *eu to adorando o estilo deles...* entendeu?... eu to adorando muito...e eu vendo ele bem... é... eu *to contente* sabe?...

Segundo Giles (1989, p.99) “a compreensão do Ser caracteriza a existência humana como o modo de ser que lhe é próprio. Determina não a essência e, sim, a própria existência do Ser-aí”. Sendo assim, todas essas determinações essenciais da colaboradora 2 nada mais são do que seus modos de existir com seu filho de uma maneira autêntica. Mais uma vez, em seu relato, ela afirma ter sido fundamental nas conquistas do filho, um “esteio” e ajuda indispensável. O papel de mãe ficou assegurado no sentido de que está tudo bem, e ela pode contribuir para o quadro atual. Considera o relacionamento do filho com o parceiro, algo muito bonito relatando com alegria.

Em seu relato, também se revelou a existência de outros homossexuais na família entre os estigmas sobre a origem da homossexualidade:

(Minha irmã) falou que na nossa família... é o primeiro caso assumido... eu já prestei atenção nos meus familiares... passados... que tem mais gay na família... mas que ninguém sabe... que não assumiu... e que tem o comportamento totalmente masculinizado... *mas eu sei que é gay...* e jamais assumiu... e jamais vai assumir...

Porém, outros homossexuais na família da colaboradora 2 acontecem no plano de suas idéias, ela julgou que alguns parentes são homossexuais, não é algo que tenha se revelado verdadeiro, pois seu filho é tido como o primeiro “caso assumido”. Nunes (1992, p.113)

destaca que “a liberdade é o poder-ser livre. Se a essência do homem consiste na existência, a sua conduta, seja autêntica ou inautêntica, faça-se ou não de acordo com o que tem de mais próprio, implica sempre uma escolha de si”. Portanto, ela como poder-ser é livre para suas percepções e escolhas. Talvez nessa liberdade em refletir sobre outras pessoas na sua família que vivenciaram a homossexualidade, traga a ela uma sensação de explicação da causa da homossexualidade em seu filho, revelando o estigma sobre os fatores genéticos e biológicos.

Entretanto, com muito carinho e orgulho em suas palavras, aparece a **Relação percebida pela mãe com seu filho:**

Mas eu sem saber... eu notava alguma coisa aí... porque eu sempre cuidei da mente... eu sempre... cuidava dessa parte... quer dizer que sem saber o que ele era... eu já orientava... a gente sempre teve uma união muito grande... né... eu e ele a gente é muito parecido... muito... com a organização das coisas... o jeito de falar... o medo de magoar as pessoas... a educação... com a responsabilidade... a gente tem até o mesmo jeito de sentar... tem coisas que eu penso... ele tá pensando... as vezes até em pensamento... a gente já tá se entendendo sem se falar... é muito próximo... ele se parece muito comigo... ele fala... que ele se acha muito identificado comigo... né?... e tô indo... na conversa do meu filho... eu perguntava tudo... até coisa de sexo...

Nesta parte do relato, parece que a colaboradora 2 diz que não ficou totalmente de fora, totalmente excluída da vivência da homossexualidade do filho; mais uma vez, enxergando para si alguma autenticidade em seu mundo-com-o-filho aplacando seu sofrimento e se mantendo na identificação. A identificação, também validada pelo filho, permitia a conversa sobre tudo, “até coisa de sexo”. Foucault (1984a) diz que essa vontade de saber imprime-se como uma experiência da qual não é possível escapar, pois se torna uma vontade de saber a “verdade” do sexo em nós. É a obrigação da confissão que se difundiu amplamente e está tão incorporada a nós que, no caso da colaboradora 2, ela nem percebe isso como efeito de um poder que coage o filho.

Tanto Badinter (1985) quanto Giddens (1993) consideram que a idealização da mãe foi parte integrante da moderna construção da maternidade e alimentou certos valores nos quais as mulheres eram reconhecidas pelos homens como sendo diferentes e incompreensíveis. A associação da maternidade com a feminilidade era vista como sendo

qualidades da personalidade feminina. Junto a isso, a fusão dos ideais de amor romântico e da maternidade permitiu às mulheres o desenvolvimento de novos domínios da intimidade. A mãe deveria desenvolver um relacionamento afetuosos com o filho. A maternidade tornou-se um papel gratificante e impregnado de ideal. Tal como é concebida a partir do século XIX, é entendida como um sacerdócio, uma experiência feliz que implica também dores e sofrimentos. Um sacrifício de si mesma. É a tentativa de adequar perfeitamente a natureza da mulher à função de mãe.

Dizemos isso, para esclarecer que o relacionamento fixado, de identificação da colaboradora 2 com seu filho também é construído, para além dos resquícios do ideal materno, em torno de uma dependência compulsiva. Nenhum dos dois, mãe e filho, é nitidamente “viciado”, mas ambos são dependentes de um elo que é uma questão de obrigação de rotina ou é realmente destrutivo para ambas as partes naquilo que destacamos a respeito do desenvolvimento autônomo.

Cada um depende de uma “alteridade” proporcionada pelo outro, como coloca Giddens (1993), mas nenhum dos dois é inteiramente capaz de reconhecer a natureza de sua dependência do outro, ou de com ela chegar a um acordo. A tendência ao relacionamento fixado é devido à profunda ligação entre colaboradora 2 e seu filho, mas apenas enquanto essa ligação não é totalmente percebida ou é ativamente negada. No caso da colaboradora 2, essa extrema identificação com o filho pode estar associada ao seu papel doméstico que se transformou em um envolvimento ritual com seu filho.

Poderíamos acrescentar, por essa perspectiva, que a colaboradora 2 está acostumada a encontrar sua identidade através das ações ou das necessidades de seu filho; tendendo a fundir-se com ele já que tal ligação é uma fonte primária de segurança ontológica. Seu “desprendimento” envolveria uma renúncia à tentativa de controlá-lo. Entendemos que a produção de sua vida e de seu eu é uma produção coletiva que tem o filho como o outro que

convive e atua sobre quem esta mãe é e quem ela será. “E isto, porque esse mesmo eu que jamais é individual, mas plural, é, também por condição ontológica, singular” (CRITELLI, 2006, p. 71).

Quando a colaboradora 2 relatou as **expectativas maternas em relação ao projeto de vida do filho**, este passa também a ser o seu, pois ela percebe que esses planos podem conduzir seu filho a um existir próprio e autêntico, o que a faz feliz:

Eles *pretendem adotar uma menina...* eu falei “*tudo bem*”... e o nome... já tem... seis meses antes... ele vai dar entrada no Fórum... aí quando terminar a Faculdade... já *vai tá com a casa...* porque a casa já sai daqui dois anos... aí vão adotar essa menina... é o *sonho deles...* e eu sei que eles tão idealizando a vida... entendeu?... então acho *uma coisa tão bonita...* é... não... eu sou suspeita pra falar que eu sou mãe... agora num relacionamento heterossexual... não existe isso... pelo menos no meu não existiu...

Todos os elementos constitutivos da colaboradora 2 são reais enquanto possibilidades já que ela está lançada no mundo e nessa sua relação de estar-no-mundo, sua solicitude em relação ao filho fica explícita, ou seja, seu cuidado em forma de solicitude que permite que o filho vá em busca de suas próprias escolhas (GILES, 1989; SANTOS, 2006).

Em suma, ela demonstrou em seu relato, uma vivência autêntica junto ao seu filho homossexual, dando mostras de sua afetividade para o existir inautêntico apenas no momento da revelação. Parece demonstrar que, nesse momento, “curte” o relacionamento do filho com seu parceiro, admirando a ligação deles, comparando ao seu próprio relacionamento heterossexual.

A vivência revelada pela colaboradora 2 é o que Forghieri (2002) considera como ser existencialmente saudável. Embora vivendo paradoxos e limitações na existência, com o mundo da homossexualidade do filho, a colaboradora 2 demonstrou coragem para envolver-se em situações e enfrentar riscos para resolvê-las no seu mundo-próprio. Enquanto mãe de homossexual foi em busca de uma aproximação com as informações sobre a vivência do filho e promoveu uma abertura em seus horizontes.

Colaboradora 3

Entrevista realizada em 03 de abril de 2007.

Colaboradora 3, 53 anos, católica, ensino fundamental incompleto, casada, 4 filhos, classe B2, manicure. Filho homossexual, 30 anos, ensino médio completo, vendedor de loja, mora com a mãe, o pai e dois irmãos. Ela relatou que aos três anos de idade, uma professora da creche avisou-a que o filho “tinha problema” e indicou levá-lo ao médico. Ela nunca viu “nada demais” no modo-de-ser do filho, tendo vindo a saber da homossexualidade apenas quando ele tinha 18 anos, no ano de 1995, pelo próprio filho. Em relação à família, a colaboradora 3 falou bastante sobre sua relação com o marido desde a época do casamento até os dias atuais demonstrando amargura, tristeza e mágoa. Arrepende-se por não ter defendido os filhos da agressividade e violência do marido. Ressente-se buscando entender a origem da homossexualidade do filho nas ações do marido. Afirmou conviver bem com a homossexualidade, contudo preferiu não conhecer o namorado do filho. Sentiu-se despreparada para vê-lo com outro homem. A entrevista foi realizada em sua residência e teve duração de 1 hora.

Iniciando seu relato pela **Vivência anterior à revelação da homossexualidade**, a colaboradora 3 destacou o modo-de-ser do filho antes da revelação da homossexualidade:

Quando ele tava na escola... de pequenininho... a professora dele... ela falava muito pra mim..... “*tudo que o seu filho faz... é você na frente... tudo é você... você é tudo pra ele... e ele se ele pudesse imitar você em tudo... ele te imitava você em tudo*”... *falava da minha roupa... do meu cabelo... do meu jeito... como eu conversava com ele... e ela falava pra mim... “cê toma cuidado... porque ele é assim... os mais velho chamam ele de bicha... e ele num se incomoda”*... já com três aninhos... quer dizer...ele nasceu assim...

Agora, lembrando, a colaboradora 3 percebia a excessiva identificação do filho com o universo feminino, parecendo reconhecer nele a identidade de gênero feminina associando-

a à homossexualidade desde a infância. Por seu estar-no-mundo, lançada em sua existência, a colaboradora 3 interiorizou as proibições e permissões relacionadas ao sexo, entendendo através do olhar do outro (no caso da professora), a sexualidade do filho como “natural”, ela justifica dizendo que seu filho “já nasceu assim”.

Então, atribuiu a proximidade do filho ao universo feminino como uma inversão da identidade de gênero, transferindo a ele seus estereótipos culturais dos papéis masculino e feminino, talvez podendo até ter afetado, em algum momento, o desenvolvimento do autoconceito do filho. Pois, como destaca Costa (1994), “a consciência que temos de pertencer ao gênero masculino ou feminino vem do comportamento dos pais, dos familiares e da sociedade. (...) É impossível, do ponto de vista social, crescermos sem pertencer ao gênero masculino ou feminino”. Contudo, é um processo longo, no qual a identidade de gênero masculina ou feminina se evidenciará, por completo, com o surgimento dos caracteres sexuais secundários na adolescência. Sendo assim, é compreensível que a colaboradora 3 pareça dizer que seu filho se via como menina, a partir daquilo que ela percebia em seu mundo-com-o-filho.

Mais uma vez, buscando certificar-se que seu filho “nasceu assim”, falou:

Só gostava de brincar assim... *com as menina...* se fosse brincar de casinha... *ele era a mãe...* se fosse brincar... assim de guerra... qualquer coisa assim... ele sempre *era a “Sheera”...* sempre queria ser a *“Mulher-Maravilha”...* mas eu não achava estranho... *achava normal* por aqui não ter nenhum homem pra ele brincar... só tinha menina na época dele... mas o meu marido já percebia... né... ele não tava errando... mas *como tinha que ser né... eu não via nada demais...* e aí então... foi crescendo crescendo... e ele cresceu assim... já nasceu assim...

Insinuou haver em seu mundo-próprio, uma contradição entre aquilo que eram as “pistas” que o filho apresentava (me vejo como menina, brinco de ser menina, e estou sempre entre as meninas) e aquilo que, de fato, ela validava como sendo homossexualidade (algo que o marido já percebia). “Esta percepção de que o homem não agüenta a revelação da coisa na

sua total exposição fala-nos que o homem só pode perceber as coisas no seu ocultamento, ainda que na sua total genuinidade” (CRITELLI, 2006, p.80).

A seu modo, a colaboradora 3 percebia as coisas no ocultamento, bem como os papéis de fantasia em seu filho. Em situações de crescimento normal, de acordo com Costa (1994, p.26), a criança de dois anos e meio já desenvolveu sua identidade de gênero (saber que é um menino ou uma menina), ela sabe o que é realidade, e isso lhe permite relacionar com as outras pessoas e assumir outros papéis. Os papéis de fantasia correspondem “à dimensão mais individual da vida psíquica ou psicológica do ser humano. Esse é o momento em que a criança ‘viaja’ com seus brinquedos, finge ser o herói da TV ou personagem de sua própria criação, com a consciência de que tudo isso é fantasia”. Concomitantes a isso, a criança se relacionando com a mãe e com o pai, com o restante da família, depois com a escola e a sociedade; a cada momento, seus papéis de gênero vão sendo confirmados e todos esses papéis são complementares, um não existe sem o outro.

Entendemos com isso que, em seu mundo-próprio, a colaboradora 3 pautava sua percepção naquilo que vem sendo estabelecido pela sociedade como papéis de gênero comuns aos homens e às mulheres, tais como: o homem não chora, não mostra sentimentos, não brinca com meninas, não se faz passar por mulher nas brincadeiras, pois essas são características femininas. A mulher não demonstra força, por exemplo, dentre outros papéis. Sendo assim, a colaboradora 3 mergulhada na sociedade da repressão sexual que dita normas e regras, associava os papéis de fantasia do filho à sua sexualidade, ainda que diga que “não vida nada demais”, isto parece esclarecer a ambivalência de idéias demonstrada por ela ao mencionar tais lembranças.

Revelou-nos ainda que seu filho era de pouco relacionamento social:

Até então *ele não saía de casa...* meu marido implicava com ele... “êh cê não sai de casa... vai passear... vai andar”...

A rejeição paterna, real ou percebida, é um fator determinante para a baixa auto-estima de alguns adolescentes homossexuais. Segundo Isay (1998) por se sentirem diferentes e por causa da rejeição paterna, alguns são mais introvertidos ou se sentem menos à vontade para interagir com seus amigos do que seus companheiros heterossexuais. Talvez seja o caso do filho da colaboradora 3.

Ao adentrar pela **Revelação à família e convivência com a homossexualidade do filho**, após dizer sobre a postura de fechamento e ostracismo que o filho demonstrava em casa, a colaboradora 3 mencionou a revelação da homossexualidade do filho:

Aí quando ele tava assim com uns treze... quatorze anos... ele chegou em mim e ele falou... “oh mãe a senhora não acha eu estranho?”... falei... “ah cê é um pouco estranho”... ai ele falou... que ele gostava era de homem... tal... que... que ele era homossexual... e que... essas coisas tudo... foi me explicando... e nem ele sabia direito o que ele era... né... aí falou assim por cima... deu pra entender... o pai já não aceitou né... ai começou nossos problema aqui dentro... que inclusive meu marido pôs ele pra fora de casa... isso ele já tinha o que... uns dezoito anos... aí ficou uns tempo fora... depois voltou... depois tornou ir... ele não se dava certo aqui...

Ela contou sobre a revelação da homossexualidade como se tivesse sido mais um diálogo espontâneo, entre ela e seu filho, demonstrando ter sofrido mais com a ausência dele em casa. Na fala da colaboradora 3 percebemos que ela demonstrava rapidamente sua percepção, passando logo a relatar as atitudes e posturas do marido. Quando o pai tomou conhecimento da vivência da homossexualidade do filho o expulsou de casa.

Podemos inferir disto que as coisas estão no reino do nada quando falamos nelas, tocamos nelas, as manuseamos sem delas nos darmos conta; isto é, quando a elas nos referimos no modo de uma “consciência velada”. Esse velamento pode ser o que do ente é ignorado, ou esquecido, ou ainda, é desentendido, algo que se entendeu e se voltou a não compreender, a desentender (CRITELLI, 2006). Na colaboradora 3 parece que ocorre o velamento na forma de desentendimento, de ignorância da homossexualidade, principalmente quando ela diz que o filho “falou assim por cima, deu pra entender”.

A sexualidade humana, em geral, tem seus alicerces construídos sobre a ignorância e o distanciamento, bem como sobre informações veladas, contribuindo para uma percepção fragmentada que o indivíduo tem acerca das vivências afetivo-sexuais (SANTOS E BRUNS, 2000). Tal fragmentação é evidenciada pela colaboradora 3 tanto que ela prefere pensar que a revelação era também novidade para seu filho, pois “nem ele sabia direito o que ele era”.

A partir de então, os sentimentos vivenciados pela mãe em relação à revelação da homossexualidade, ficam explícitos em seu relato:

Porque é difícil assim... porque a mãe... não é que ela não saiba... a mãe nunca quer enxergar a verdade... né... acho assim... é difícil uma mãe falar... outra pessoa falar assim “seu filho não é homem... é homossexual... é gay”... a mãe sabe... mas a mãe não quer enxergar e não aceita... eu achei difícil né... foi um choque pra mim... apesar que eu já... tava ciente da coisa... mas a gente nunca quer acreditar ... acha que ainda pode mudar... e eu achei difícil assim... não tanto por mim... mas por ele...

Revela a ambigüidade²¹ de saber, mas nunca querer enxergar a verdade para não defrontar com os preconceitos. É um “choque”, apesar de estar ciente, a colaboradora 3 sentiu a vivência com dificuldade. Ambigüidade que a remete para a inautenticidade. Desde a infância do filho, ela foi “alertada” sobre a possível homossexualidade dele, mesmo assim, em sua dificuldade de compreensão, ela parece demonstrar uma certa aceitação relacionada ao carinho e amor desvelados ao filho, menos, diríamos, em relação a homossexualidade como expressão da sexualidade dele, ainda que diga “a mãe não quer enxergar e não aceita”.

Bauman (2004, p.31) reconhece que o fracasso nos relacionamentos “é muito freqüentemente um fracasso na comunicação” somando-se a isso ele destaca o nosso “desejo de mudar os outros”, no qual temos opiniões definidas sobre como fazer as coisas e sobre como os outros devem ser. Utilizando sua idéia, podemos dizer que a colaboradora 3 não querendo acreditar na homossexualidade do filho, esperava que ele mudasse, pois isso

²¹ “No *existencialismo*, situação básica à qual está submetido todo ser humano, que consiste em se defrontar com a ausência de um sentido preestabelecido ou prefixado para a vida, devendo portanto lutar incessantemente para inventá-lo e estabelecê-lo no mundo real (Koogan-Houaiss, 1998).

Ambigüidade é a possibilidade de uma mensagem admitir mais de um sentido. É geralmente provocada pela má organização das palavras na frase. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/V%C3%ADcios_de_linguagem>. Acesso em abril, 2008.

poderia aplacar seu sofrimento. Quanto mais definitivas fossem suas opiniões, mais se confundiria com uma compreensão excessiva do filho, que deve ser mudado. Mudando, o filho não se separaria dela. Talvez isso significasse sua busca por aplacar a separação, alcançando a união com o filho.

Por outro lado, o receio da colaboradora 3 é compreensível se levarmos em conta a construção social, cultural e histórica da sexualidade que tem como conseqüências a desinformação e a dificuldade para tratar o assunto. Sua postura de brigar contra o preconceito e piadinhas dá indícios de uma tentativa de assumir o filho e não ter vergonha dele, quando ela diz:

Falei “*puxa vida... vai ser discriminado... e os irmãos?*”... os irmãos tava sabendo mas nem tocava no assunto... entendeu?... “*minha família?*”... pensei “*ichi... vai ser um problema*” né... *vão discriminar... vão olhar com outro olho... não vou gostar... claro que não... que eu já escutei muitas piadinhas... já até briguei por causa disso... então é meio difícil... minha preocupação é a felicidade dele né... porque por mais que num queira... eles são discriminados né... não tem ambiente pra eles... sempre se cochicha... sempre fala... eu acho muito... tenho dó... não é dó... fico preocupada... falei “gente... não fica nem em paz” né... num lugar assim a vontade né... não pode ser o que é... tem que tá sempre preocupado com alguma coisa... com outra... vergonha dele eu não tenho... eu não tenho de jeito nenhum... mas eu fico preocupada com ele... é difícil eu aceitar por causa dele... mas é difícil assim você compreender... mas sei lá... ele me conta as coisas que acontecem... é difícil de cê aceitar né...*

A dificuldade da colaboradora 3 em aceitar que o filho era homossexual, fazia com que ela temesse a dificuldade também dos outros em aceitarem, e dizia “vai ser discriminado”. Preocupava-se com o preconceito evidente, para ela, no olhar dos outros, dos irmãos e do restante da família, sentindo, ao mesmo tempo, dó diante da impossibilidade do filho vivenciar sua homossexualidade. É o modo inautêntico, novamente, em seu relato: o temor do olhar do outro e a vivência da homossexualidade de modo próprio, sem se preocupar.

Releva destacar o que nos relembra Isay (1998, p.69): em nossa sociedade falta uma abertura que permita aos jovens gays se encontrar e namorar livremente, e a facilidade com que um homem pode ter sexo com outro levam alguns jovens e adolescentes “a expressar sua

sexualidade de maneira encoberta. Banheiros, cinemas ou livrarias pornográficas são alguns dos lugares que oferecem a oportunidade de encontrarem e conversarem com seus iguais”.

A colaboradora 3 começava a significar que a vivência, então revelada, seria difícil de compreensão e de aceitação. Contudo, através de seus estados de ânimo, de sua afetividade, a colaboradora 3 ia tendo noção de como as coisas a afetavam, de como ela vinha sendo ela mesma neste mundo. É seu modo-de-ser, ontologicamente dizendo, como destaca Heidegger (1995). Por seus sentimentos, outros significados mais verdadeiros foram se abrindo e tudo passou a ter alguma consistência.

Sendo assim, ela nos revelou como convive com a homossexualidade do filho no momento atual:

Mas eu *vivo na boa com ele...* converso muito com os amigo dele... gosto dos amigo dele... minha casa tá sempre aberta pra quando eles vêm... eu ate *faço almoço pra ele e os amigo dele...* se tiver que sair com eles... saio na boa... mas eu *aceito na boa...* pra mim... *normal...* porque *os amigos dele...* que vem aqui... que tá com outro homem... eu fico olhando assim... eles *são... muito feminado... e o Tenório não é...* muita gente não sabe que ele *é...* ele *se comporta como homem...* ele num é delicado assim... que nem os amigo dele... *ce num percebe que ele é... logo assim de cara...* se eu falar... a pessoa começa a ver os detalhe... ai começa a reparar e ai começa a ver que *é... se eu não falar...* e ninguém saber... *num percebe que ele é...*

Ao mesmo tempo em que disse conviver “na boa” com o filho, isto não implicava em sua homossexualidade, mas sim em conversar e receber os amigos dele. Sua inautenticidade se revelou novamente ao dizer que aceita e acha normal, mas prefere que a homossexualidade do filho seja imperceptível, pois isso facilita a convivência com ele. Para Heidegger (1995, p.238)

O falatório abre para a pre-sença, numa compreensão, o ser para o seu mundo, para os outros e para consigo mesma, mas de maneira a que esse ser para... conserve o modo de uma oscilação sem solidez. A curiosidade abre toda e qualquer coisa de maneira a que o ser-em esteja em toda parte e em parte alguma. A ambigüidade não esconde nada à compreensão da pre-sença, mas só o faz para rebaixar o ser-no-mundo ao desenraizamento do em toda parte e em parte alguma.

Sendo assim, pela inautenticidade a colaboradora 3 não tinha nada escondido de sua compreensão, mas se isto funciona nesta forma de velamento é em função de um

rebaixamento de seu ser-no-mundo da homossexualidade. A homossexualidade como desvio que precisa ser vista como normal. Ressalta Costa (1994) que o mundo é regido pelo império da heterossexualidade e que o comportamento dos pais, dos familiares desde quando o filho é bebe é tratá-lo e educá-lo sempre no sentido de encaminhá-lo para um relacionamento com o sexo oposto.

A sociedade ainda é homofóbica, tem verdadeiro pavor da homossexualidade, tal sentimento parece ser coletivo mesmo atualmente. “Preconceito é uma idéia pré-concebida, baseada no desconhecimento da verdade sobre um fato. E se há muitas dúvidas sobre o tema sexualidade, a homossexualidade está carregada de idéias falsas e absurdas” (COSTA, 1994, p. 92). Uma dessas idéias é a de que o homem homossexual é sempre o “afeminado”, o “afetado”, aquele que “desmunheca”. Porém, é preciso esclarecer que aspectos masculinos e femininos estão relacionados com o papel de gênero, ou seja, com o comportamento social que varia de cultura para cultura e de época em época. Talvez por não ter esclarecimento do que seja a homossexualidade, a colaboradora 3 demonstrou tais posturas. Ela se confortou no fato de que o filho não é um *gay* estereotipado e afeminado e se comportava como homem. Parecendo demonstrar que preferia que ele fosse discreto e que as pessoas não percebessem sua homossexualidade. É melhor permanecer velada, encoberta.

A colaboradora 3 acreditava que seu filho vivia de forma imprópria no mundo-com-os-outros dizendo ainda:

Até hoje ele num se encontra aqui... não acha que aqui é o ambiente dele... isso incomoda ele... ele não sente bem aqui não... aqui não é o lugar dele assim... ele viveria até bem se assim... fosse eu e ele...

Costa (1994, p.90) diz que para se aceitar homossexualmente, o homem passa por quatro momentos. “O sentir-se diferente, o começar a dar um sentido sexual a essa diferença, o reconhecer-se como homossexual por meio do papel afetivo-sexual com outros e, finalmente, o aceitar esses sentimentos e esse modo de vida”. A colaboradora 3 percebia que,

mesmo exercendo afetivamente sua função de mãe, o filho em seu mundo-com-os-outros, talvez por não assumir-se totalmente, por não ter espaço para diálogo sobre a homossexualidade nem com o pai nem com a mãe, permanecia na inautenticidade, “o Ser-aí não consegue mais distinguir entre o que sabe e o que ignora, pois não assume a existência, mas deixa-a ser controlada pelo impessoal” (GILES, 1989, p.108).

A colaboradora 3 demonstrava que em vários momentos, estava se questionando, refletindo dentro de suas possibilidades, buscando encontrar uma saída da angústia do não-compreender. Nesse movimento do existir, ela relatou seus estigmas sobre a origem da homossexualidade:

Eu não entendo porquê isso... né... porque que existe ser homossexual... eu fico olhando assim pra ele... falo gente... meu filho é tão bonito... porque isso né?... e até hoje eu não entendo... sinceramente eu não entendo...inclusive se eu tivesse condições e ele quisesse fazer um... transplante assim... virar mulher... eu ia aceitar na boa... na boa... ajudaria ele... se ele quisesse... mas ele disse que não quer não...e mais essa... eu não entendo?... se gosta de homem... porque tem o sexo feminino mais forte né?... os hormônio... o médico disse que é hormônio... ele tem hormônio feminino demais... então... porque que ele não gostaria então... de ser mulher... duma vez né?... quer dizer isso já é né?... genético né?... é genético então né?... o Tenório também já falou isso pra mim... que acha que ele já nasceu assim... que tem... culpa do pai dele... que o pai dele era muito severo... muito bravo... muito ignorante... ele era ruim mesmo... mas muito ruim mesmo...o Tenório fala que a culpa é do pai... mas num é... porque ele já nasceu assim...

Demonstrou partilhar do estigma que coloca a homossexualidade advinda da origem hormonal, ou genética ou até dos maus tratos advindos da criação do pai agressivo. Tal busca pelas causas e origens vai à contramão do momento atual em que as várias possibilidades de sexualidade e expressão desta podem coexistir.

Se seu filho operasse, “se quisesse virar mulher”, talvez isso rompesse com o conflito dela na busca por compreender. Porém, a colaboradora 3 desconhecia que uma coisa é o comportamento amoroso, que chamamos de papel afetivo-sexual, outra, bem diferente, é o que se passa no íntimo de cada um, seu desejo, sua vontade, que é a orientação afetivo-sexual, de acordo com Costa (1994). Vale esclarecermos que o homossexual masculino

pertence ao gênero masculino e a seu desejo é voltado para pessoas do mesmo sexo que o seu (homens).

No caso da mudança de sexo, esta é em geral almejada pelos transexuais masculinos que são homens que afirmam se sentirem mulheres e sentem necessidade de assumirem além de um comportamento de gênero, também um corpo oposto ao seu sexo biológico. Tais homens sempre se sentiram mulheres em corpos de homem e desejam mudar sua genitália. Este não é o caso do filho da colaboradora 3. Supomos que talvez ela faça tais confusões por perceber que seu filho em seu modo-de-ser-com-os-outros desempenhava papéis de gênero, ora mais masculinos ora mais femininos. Porém, em seu poder-ser, para esta mãe parecia não haver escolhas, lançada no mundo, compreendia que o filho nasceu homossexual e, portanto, seu projetar em busca de compreensão fecha-se nessa “certeza”.

Na medida em que a grande maioria das pessoas tem uma orientação afetivo-sexual heterossexual, isso foi sendo considerado como o normal e a homossexualidade como desvio. Tal visão dirigiu as pesquisas para a busca das “causas” da homossexualidade. Preferimos considerar que as origens da orientação afetivo-sexual no ser humano são fruto de vários fatores, tanto os de ordem orgânica, neurológica ou genética, como psicológica e social, ainda não totalmente compreendidas e variando de pessoa para pessoa como nos diz Costa (1994). Quanto à isso, Safranski (2005) diz: “A vida humana nos escapa quando a queremos compreender de uma postura teórica, objetivadora”.

A colaboradora 3 comenta ainda sobre outros homossexuais na família, dizendo:

Eu tenho gente na minha família que é assim... tive dois primos assim... gays... mas que eram gays mesmo... assim... bem afeminado mesmo... eles morreram de Aids... já morreram velho... e não faz muito tempo que eles morreram... então eu tenho também um... um parente aí longe... que eu não conheço também... mas que minha mãe falou que ele é.

Ela demonstra, mais uma vez nesta parte de seu relato, bem como anteriormente, entender a homossexualidade masculina, por meio do estereótipo que permeia o senso

comum: homens afeminados ou femininos que buscam o ser-mulher, habitando o universo do gênero feminino.

Leva-nos a pensar na questão da dominação masculina sobre as mulheres, uma evidência que produziu a heterossexualidade como forma natural de sexualidade. Segundo Welzer-Lang (2001), nesse raciocínio, ser homem trata-se de ser ativo, o macho. Aqueles que não são assim, que não têm como provar que são assim, são localizados como homossexuais e associam-se às mulheres, demonstram o desvio, algo errado e acabam sendo desvalorizados. É preferível que nem sejam vistos, se possível, passem despercebidos.

Ainda, a colaboradora 3 relata sobre o parente *gay* que morreu de Aids, demonstrando que a idéia difundida da doença, considerada a “peste *gay*” na década de 80, que considerava os homossexuais, assim como os drogaditos como “grupos de risco”, ainda permeia o senso comum de modo bastante significativo. Contudo, as conseqüências positivas da Aids foram fazer com que a ciência pensasse mais sobre a questão da imunidade biológica e se acostumar com a existência de homossexuais em seu meio (FRY, 1982; COSTA, 1994).

Mesmo assim, ao surgirem os **Relacionamentos familiares**, considera que se relaciona muito bem com seu filho, mas não conversam sobre a homossexualidade e a relação percebida pela mãe com seu filho foi expressa assim:

Só não converso assim sobre esses assunto... eu converso com o Tenório... ele é um filho maravilhoso... educadíssimo... boníssimo... a gente se dá muito bem... muito bem...

Ela aceitava o filho, o via como bom e educado, mas se distanciava do ato, da homossexualidade. Assumir-se para os pais pode atender às necessidades de desenvolvimento do filho, que muitas vezes até adia a revelação da homossexualidade, por temer a rejeição. Portanto, segundo Isay (1998) pais que rejeitam o filho por ser gay ou lésbica provavelmente querem que ele corresponda às suas expectativas sociais e oferecem pouco suporte ou

respeito para o desenvolvimento da independência, individualidade e autoconfiança do filho. Os pais também se angustiam.

No caso da colaboradora 3, manter distância da homossexualidade a ajudava sentir-se mais segura. Aliviava sua angústia. Heidegger (1995) denomina angústia, a nossa experiência de inospitalidade do mundo, a nossa sensação de não-pertença ao mundo (natural ou artificial) e que acaba sendo por nós compreendida como experiência de desamparo e desabrigo que a todo custo devemos superar.

A colaboradora 3 também demonstrava não ter com o filho uma relação de troca, educando-o com uma ausência de espaço para o diálogo, que tornou a sexualidade um tabu difícil de ser rompido, conforme destacado por Santos e Bruns (2000).

Este modo de compreender a vivência revelou-se nas **expectativas maternas em relação ao projeto de vida do filho:**

Eu falei... “oh tem de partir de vocês... seu pai mudou muito... tem que obrigar ele a sentar e escutar... faz que nem eu fiz... eu obrigo ele a sentar e a escutar... vocês que tem que educar ele agora”... então mais eu falei pra ele... “ce num tem que ficar quieto... porque ele aproveita de você”... falei... “*oh ce tem que reagir também... tem que falar... não tem dessa*”...eu falo não é assim... não pode ir... “oh pai... hoje não dá... dá pra ir amanhã?”... “não num dá”... ah problema dele...

Ela sentia e percebia a importância da relação do pai com o filho, ainda que fosse numa relação de “obrigação”. Porém, a idéia de que a presença da figura paterna é fundamental para o desenvolvimento saudável dos filhos é um mito, em nossa sociedade como esclarece Costa (1994), pois, em sua maioria, os filhos são criados apenas pelas mães, uma vez que os pais estão ausentes trabalhando imersos na competitividade e em suas condições de vida adulta. Muitos pais apenas “dormem” em casa. Portanto, o pai “estar presente” para a colaboradora 3 significaria fazer alguma diferença na vivência do filho.

Relatou ainda:

Ele gosta do canto dele... até eu *falei pra ele construir aqui...* fazer um sobrado lá no fundo pra ele... mas... eu acho que *ele num... tá com vontade de ficar aqui não...* ((quer)) mudar... pro cantinho dele mesmo... e *é bom pra ele também né... apesar que eu gosto... eu prefiro que ele esteja aqui comigo*

mesmo... eu fico mais tranqüila né... mas se de repente ele não quiser... o quê que eu posso fazer... é aceitar né... e apoiar também...

A colaboradora 3 esperava que o filho fizesse suas próprias escolhas mas não deixava de demonstrar o quanto gostaria de mantê-lo por perto, sob seu olhar, para continuar garantindo seu vínculo com o filho e explicitando sua solicitude, aceitando-o e apoiando-o a seu modo, mesmo que sem diálogos mais francos. Para Heidegger (2001a), o cuidado é aquilo que pertence a pre-sença humana enquanto vive e pode aparecer sobre a forma de solicitude, ou seja, a relação com outras pessoas. Um dos modos de solicitude diz respeito a cuidar do outro possibilitando que ele assuma seus próprios caminhos e vá ao encontro de si mesmo. Parece ser isso que a colaboradora 3 demonstrava em relação ao filho.

Toda sua fala foi perpassada por sua relação conjugal. Importava também à colaboradora 3 o resgate da convivência do filho com seu pai, no passado agressivo e sem afeto. Sua amargura era nítida e o foco de seu relato foi o modo-de-ser do marido. A ela parecia restar um remorso, uma ferida de tudo que ela podia ter feito e não fez em defesa de sua prole. Sua postura frente à homossexualidade foi aceitar sem enfrentar. Preferia cuidar do filho a não estar por perto, mesmo não compreendendo totalmente a vivência homossexual dele.

Colaboradora 4

Entrevista realizada em 04 de maio de 2007.

Colaboradora 4, 53 anos, espírita, ensino médio completo, casada, 3 filhos, classe B1, telefonista da empresa do marido. Filho homossexual, 28 anos, espírita, ensino superior incompleto, atua no setor administrativo da empresa do pai, e mora com ela, o pai, os irmãos e a cunhada. Ela soube da homossexualidade do filho no ano de 1997 quando este tinha 18 anos de idade, pelo próprio filho. Relatou que o seu marido sabe da homossexualidade do

filho, porém eles não conversam sobre isso. Demonstrou ter uma relação de submissão ao marido e se refere à agressividade e comportamento violentos dele. Ela, em contrapartida, é delicada, gentil e amorosa. Sobre a família, afirmou não conviverem com outros membros da família. Ela participa de Paradas Gays, eventos e grupos de mães sobre o tema. Relatou sua convivência com uma amiga preconceituosa em relação aos homossexuais na qual ela não consegue defendê-los e nem comentar que o filho é gay. Sua entrevista foi realizada em sala de clínica psicológica particular com duração de 1 hora.

Iniciando pela **Vivência anterior à revelação da homossexualidade**, a colaboradora 4 relatou nunca ter percebido nada no modo-de-ser do filho antes da revelação da homossexualidade. Lembrando-se dele na infância, disse:

Pra mim nunca... notei diferença nenhuma né... eu percebia que ele brincava muito com menina... mas até eu achava assim que é... normal da pessoa...ce vê os dois(irmãos) criaram juntos... falava de menina junto... então pra mim sempre foi normal... eu nunca vi diferença nenhuma... então nunca me chamou a atenção...

A colaboradora 4 não se atentou para a homossexualidade, embora trouxesse a idéia de normalidade para justificar as brincadeiras do filho com meninas, ainda mais quando os dois irmãos sempre demonstraram a mesma postura em relação a namoros e interesse por meninas. Então, a homossexualidade passou despercebida. Duas grandes polaridades – entre homens e mulheres e entre sexualidade normal e anormal – dominam o pensamento social. Ser um homem normal é ser um heterossexual (ALMEIDA, 1995). Esta idéia de normalidade que coloca a homossexualidade como desvio, até hoje, permeia o senso comum. Para viabilizar uma definição rigorosamente científica, surgiu, inclusive, a figura clínica do homossexual e a instauração do “homossexualismo” enquanto categoria científica, sendo então, amplamente utilizada (TREVISAN, 2000).

Contudo, o termo “perversão” desapareceu quase completamente da psiquiatria clínica e tal aversão a ela não recebe apoio substancial da profissão médica. Mesmo assim, a idéia de

normalidade na heterossexualidade e a homossexualidade como desvio permeia o imaginário da maioria das pessoas na cotidianidade, engessando possibilidades de compreensão ainda mais quando a vivência é tão próxima e com pessoas significativas. É impossível, aflitivo e até difícil lidar com um conhecer que já não venha cheio de respostas objetivadas. Para Heidegger (1981) “a reflexão é a coragem de tornar a verdade de nossas pressuposições e o âmbito de nossos fins em coisas que, sobretudo, são dignas de serem chamadas em questão”. (HEIDEGGER, 1981, p. 61).

Sendo assim, ao relatar sobre a **Revelação à família e convivência com a homossexualidade**, o momento da revelação da homossexualidade do filho foi descrito pela colaboradora 4:

Aí um dia nós saímos os dois juntos... foi a hora que ele falou pra mim... que ele não gostava de mulher... que ele gostava de homem... mas *até então... eu não tinha entendido... pra me pegar de supetão assim... fiquei meia... falei “como filho?”... até as vezes a gente... sem querer... batia papo... conversava... se via na televisão... um gay... a gente recriminava... na minha casa... falava de boca... e eu não sabia... que o meu filho era... ce vê como que é as coisa... a gente não pode fica falando as coisa... mas também eu não sabia Roberta... ai quê que ele conversou comigo... me explicou... eu falei “você tem uma amiga... eu quero que você conversa comigo... eu quero participar com seus amigo... eu quero ver”... falei... “só o que eu não quero assim... não quero que você saia pra fora... começa expor pros outro... que eu acho que é pior pra você... porque o povo lá fora... vai te julgar de um jeito”... e a gente vê Roberta que eles criticam muito... então... a minha preocupação com ele... “eu não quero isso pra você”... falei... “a mãe tem medo”... que até então pra mim era indiferente... e eu pensei assim... “mas gostar de homem... como?”... e ele falou “eu gosto de homem pra namorar”... aí eu falei pra ele... “eu acho assim que você tem que saber se comportar”... falei... “todo dia você ta lá fora”... se ele não chegasse e falasse pra mim... ((não perceberia)) nada... que ele se veste como homem... ele conversa como homem... num tem nada que você... sabe?*

Ela se deparou com algo novo, desconhecido, se sentiu vulnerável e não compreendeu a vivência. Veio à tona o seu próprio preconceito e de sua família, o qual ela justificou dizendo não saber da homossexualidade do filho, tanto que ela se culpava por ter julgado e criticado. O cuidado com o filho fez com que ela quisesse saber, participar, se posicionar em sua função de mãe amiga diante do existir do filho.

O cuidado para Heidegger (1995) é a condição de possibilidade de tudo que entendemos por relacionar-se, e também do não-relacionar-se, da solidão. Pode-se pensar que

o cuidado ao modo da ocupação (ou solicitude) predomine nas relações do Da-sein com os outros entes dotados de seu modo de ser. Sendo assim, é a partir dos imprevistos que o Dasein é lançado numa perspectiva em que aquilo cujo sentido era simplesmente dado revela-se como “estando em jogo”, como dependente de um tecido mais amplo e complexo de sentido, o mundo. Tal “estranhamento” da colaboradora 4 é, de início e quase sempre, experienciado como um angustiante vazio de sentido e não como liberdade de possibilidades. Daí o fato de que ela tende, em seu modo cotidiano e mediano, a desviar-se dele, aferrando-se, na medida em que lhe é possível, às interpretações “já dadas” e impessoais sobre si mesmo e sobre outros entes, inclusive sobre a homossexualidade, neste caso, pedindo ao filho que se comportasse, que continuasse sendo homem, por exemplo.

Na convivência cotidiana, este “desviar-se” significa, antes de tudo e na maior parte das vezes, reduzir o “ser-com-o-outro” ao mundo das ocupações, empenhando-se no controle, na certeza e na segurança. Nesse modo de “cuidado”, imperam a dependência e a dominação, ainda que não apropriadas tematicamente e encobertas por discursos impessoais de valorização dos “afetos” e da “necessidade do amor”, ou da impossibilidade de outras experiências.

Aqui, a colaboradora 4 estabeleceu como condição que o filho não se expusesse, não demonstrasse que é homossexual talvez por preocupação com violência e preconceito, já que ela, a mãe que é amiga, não compreendia, então, acreditava que seria mais difícil, lá fora, no mundo circundante. Ela deteve-se no ôntico, nas coisas passageiras e imediatas (o filho ser aquilo que é, ser-aí, e não ao ser do ser-aí dele que é ontológico) esquecendo o ontológico (metafísica do ser, ser enquanto ser) que é a busca daquilo que ele é em sua essência.

A dimensão ontológica do ser-no-mundo-com-os-outros é desvelada pela perspectiva existencial por meio do mundo compartilhado. As relações ocorrem no mundo, compartilhadas com outros entes e seres (HEIDEGGER, 1995). Tal teia relacional tece os

fios de nossa existência, a partir da inter-relação e do compartilhar de sentidos e significados e da internalização dos mesmos por meio de elaborações pessoais. Por esta perspectiva, a colaboradora 4 vivenciava, na relação com seu filho, sua tentativa de assimilar a homossexualidade sem querer sentir muita mudança no mundo circundante já estabelecido. À sua maneira, posicionou-se vendo a possibilidade de participar, de saber, a fim de suavizar a dificuldade. Para suportar a frustração necessitava dessa grande dose de ilusão e de um sentido extraordinário que emergisse da sua vivência.

Portanto, os sentimentos vivenciados pela mãe em relação à revelação da homossexualidade foram relatados assim:

Porque é difícil Roberta... na minha idade... com cinquenta e três anos... faz tempo que ele falou... mas foi um choque... é:... porque eu não entendia de nada... porque a gente foi criada assim... vai casar o homem e a mulher... a mãe sempre incentivava... então... foi a família né... que... a gente foi criada nisso... tem que casar... tem que ter filho... então pra mim foi... uma coisa assim... que me assustou... não sei explicar... tem muitas mães que não aceita... elas não tem culpa Roberta... porque foi a nossa criação... uma mãe hoje... pra ela é muito mais fácil ela lidar... do que antes...

Ela sentiu a vivência da homossexualidade do filho com dificuldade, como choque, não entendia por conta de sua criação dentro dos moldes da repressão sexual que orienta a sexualidade para a reprodução cujo expoente maior é o casamento. Justificou tal dificuldade pela época vivida e por sua idade. Elaborou dizendo que sente culpa por não ter aceitado, já que não compreendia. Entendendo que a sexualidade é uma das dimensões da natureza humana que envolve além do sexo propriamente dito, elementos psicológicos, emocionais e comportamentais, destacamos que Foucault (1984a) nos esclarece que desde o século XVIII, com a ascensão da burguesia, a sociedade vive uma fase de repressão sexual que reduz o sexo à sua função reprodutora e tem como modelo o casal procriador. É um modelo singular de família que se contrapõe à devassidão e a imoralidade, como complementa Chauí (1984). Tanto que a colaboradora 4 diz, no plural, que muitas mães (como ela) não aceitam nem sabem compreender a homossexualidade de seus filhos. Algo que de fato é limitado em função de nossos padrões, conceitos e cultura.

Em seguida, acrescentou:

A minha preocupação era com meu marido... eu tinha medo dele... ele foi um pai que sempre foi violento... meu filho ele sabe se portar... eles criticam muito... se eles vê uma pessoa (gay)... se eles escutam... eles falam mal... sabe... então acho que não poderia ser assim...

Revelou-se em seus sentimentos, um marido violento com os filhos, que sempre criticou a homossexualidade cuja postura a colaboradora 4 não admirava, e também não enfrentava. Confortou-se na postura do filho em não demonstrar que é *gay*. O que ocorre é que alguns homossexuais “afeminados” revelaram publicamente a sua orientação afetivo-sexual e se tornaram “tipos” para a sociedade, sendo tal visão tendenciosa reforçada pela força da televisão, onde o homem homossexual é sempre tratado de maneira caricata ou depreciativa (COSTA, 1994).

Outra justificativa da colaboradora 4 apareceu quando ela demonstrou que o momento atual, a Pós-Modernidade, propicia mais educação e informação para as pessoas sobre a homossexualidade, de modo geral, inclusive com as Paradas de Orgulho Gay. Algo que ela vê como promotor da diminuição do preconceito contra os gays que sempre foram estigmatizados tanto quanto as prostitutas. Disse:

E hoje tem as Parada (Gays)... mais educação... então é muito mais fácil... ah eu acho que melhorou muito Roberta... muito... porque pra nós... assim o pouco que a gente achava... julgava o gay... assim... como se fosse... a mulher de zona... que antes... eles julgava que era a mulher mais suja... a prostituta... então o que antigamente... o que nós... que lá... os antigos acham que eles (os gays)... é a mesma coisa que elas... então eles sabem só criticar...

Pareceu demonstrar também certa culpa por não compreender, por se achar de outra geração que não foi, de fato, preparada para as mudanças, para a modernização dentro e fora das famílias e por todas as mudanças de contexto ocorridas na sociedade. Louro (2004) complementa dizendo que um senso comum bastante hegemônico se agarrou à essa visão que privilegia uma demarcação clara e definitiva entre o masculino e o feminino, entre a homossexualidade e a heterossexualidade ditando a mesma “naturalidade” assumida entre tais categorizações.

Ao mesmo tempo, tal raciocínio bipolar em função do nosso presente, inseridos na Pós-Modernidade, vem se alterando, pois estamos na época do pós-dever que renega o dever absoluto; na pós-moralidade que despreza valores incondicionais elevados e onde prevalece a indignação contra limitações à liberdade e à obtenção de respeito (BAUMAN, 1999; LIPOVETSKY, 2004).

Em função de tal vivência e, por todos esses sentimentos, a colaboradora 4 nos relatou como a mãe convive com a homossexualidade do filho no momento atual, ao dizer:

Mas nós tamo levando nossa vidinha... graças a Deus *o Antônio tá namorando... os amigos vão em casa...* ele vai de vez em quando na boate... agora com namorado num vai né... *fica mais quieto... muitos amigos do Antônio... é um homem... fala assim normal...* mas já tem uns que começa gritar... fazer pampeiro... *Ele não beija... nem abraça nada...* porque eu falo pra ele... “quero que você tenha sua liberdade... junto com você”... até eu com meu marido... eu não gosto de *ficar beijando... eu acho errado... só que eu tenho vergonha...* não fui criada assim...

Ela convive com a homossexualidade dos amigos do filho achando errado, sentindo vergonha, buscando naqueles gays “mais masculinos” e “mais homens” a normalidade. Preferia ver o filho mais quieto por estar namorando, e parecia demonstrar com isso que a sexualidade não deve ser vivenciada. Pois o caminho da intimidade “é acima de tudo uma questão de comunicação emocional, com os outros, consigo mesmo, em um contexto de igualdade interpessoal” (GIDDENS, 1993, p.146). Não sendo isso totalmente possível, torna-se dificuldade, pode piorar a assimilação da vivência, até porque essa mãe é parte de uma cultura que não forneceu condições adequadas para a compreensão da homossexualidade que, segundo Giddens (1993), continua a ser encarada com perversão por muitos heterossexuais e, mais especificamente, como não-natural e a ser moralmente condenada.

A colaboradora 4 também demonstrou preocupação mediante olhares alheios. É a preocupação com o que os outros vão julgar, vão achar, já que ela mesma também julga. Para Heidegger (1995) esta seria a vivência na inautenticidade, na qual a colaboradora 4 mesmo sem possuir condições e sem aventar outras possibilidades de compreender o mundo-com-a-homossexualidade, vê-se guiada por normas de agir, deixa-se levar pelo contexto. Sua

tonalidade afetiva apontava para isso. É o fenômeno da tagarelice ou falatório em que a colaboradora 4 repetia falas alheias e anônimas no desejo de se sentir aceita no mundo circundante, sendo mãe de um filho homossexual, e que seu filho fosse igualmente acolhido.

Ela exemplificou contando que seu medo é real, vem de vivências próximas a ela, em sua família, e sabemos que a mídia também retrata dia-a-dia a violência e agressão por orientação afetivo-sexual. A colaboradora 4 disse:

Eu tenho um parente... por parte do meu marido... eles mataram ele a paulada Roberta... ele tava fazendo faculdade... então foi um choque medonho... imagina?... e não era uma pessoa comum... de família estudada... uma família maravilhosa... então a violência que a gente tem medo Roberta... então pra mim...eu... ichi... o que eu tenho medo é disso...

Bauman (2004) diz que se não há uma boa solução para um dilema, se nenhuma medida sensata e efetiva consegue fazer com que a saída pareça ao menos um pouco mais próxima, as pessoas tendem a se comportar de modo a aumentar o problema e torná-lo ainda menos plausível de ser resolvido. Talvez por perceber a mentalidade de inaceitação social da homossexualidade, a colaboradora 4 demonstrou sentir esse medo que sabemos ser, de fato, real. Já que a “imagem” domina a realidade, Debord (1997) e Lipovetsky (2004) destacam que aquilo que é visto define o que deve ser realidade, com a mídia valorizando o que parece real acima de qualquer conceito e prescrevendo normas de conduta e comportamento. Por mais que a mídia destaque as agressões, assassinatos e violência por orientação afetivo-sexual, ainda há um longo percurso até o fim de tais condutas. Algo que justifica a postura da colaboradora 4. Louro (2004) contribui para o entendimento deste fato considerando que a experimentação da homossexualidade em vários espaços é refutada e “a estes restam poucas alternativas: o silêncio, a dissimulação ou a segregação. A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia” (LOURO, 2004, p.27).

Em seguida, ela acrescentou:

A família em si... ninguém sabe... ele falou pra minha sogra e falou pra minha cunhada... e a vó dá o maior apoio... conversa com ele... uma graça... a minha cunhada é repórter... e ela tem muito contato... então... acho que pra ela é até mais fácil... ela conversa tudo numa boa... agora... minha família... ninguém sabe... Eu tenho uma amiga minha que ela só critica... critica... fala “onde já se viu”... então quer dizer... ela não respeita... acho que tinha que aceitar... invés de criticar... e eu nunca conversei com ela... nunca tive liberdade de expor pra ela a situação... se eu for expor... for contar pra ela a situação do meu filho... eu não sei como ela vai reagir... eu gostaria de uma hora poder conversar com ela... mas não... citar do Antônio... é difícil... porque as vezes você pode conversar com um estranho... ajudar... do que um próprio né?... dentro de casa... eu nunca vi assim... ela chegar e criticar uma coisa que eu não vou aceitar... então eu deixo... a gente bate papo...

Mesmo dizendo conviver com a homossexualidade do filho por muitos anos, a colaboradora 4 demonstrou uma postura de velamento da vivência, já que nem sua família nem sua melhor amiga, sabem, por ela mesma, sobre seu filho ser *gay*. A cunhada que ela percebe como alguém intelectualizada, sente que seria uma pessoa compreensiva, incapaz de julgamentos de valor. Contudo, sua amiga demonstrou preconceito e ela se fechou, temendo ser repreendida, temendo a agressão do pensamento preconceituoso, temendo não saber como reagir com as pessoas com quem tem mais intimidade. É o temor instalado pela dificuldade em lidar. É o velamento garantindo o conforto de não ser julgada pelos outros, é a busca por não enfrentar o desconhecido em seu mundo vivido, já que vem funcionando bem, “tamo levando nossa vidinha”, melhor que fique encoberto e velado. O que é trazido à luz não tem, por determinação, de permanecer desvelado para sempre. A mãe não buscava outras possibilidades de poder-ser.

Entendemos através de Heidegger (1995) que o sentido do ser-aí é ter sua abertura afetiva, discursiva e compreensivamente estruturada para a propriedade ou impropriedade no existir. Lançada em sua facticidade, a colaboradora 4 encontrou-se lançada no sentimento, foi remetida à existência, e esse seu ser-lançado é o fardo de sua existência, ou seja, encarregar-se de si mesma sem confundir a sua existência com a do filho. Seus sentimentos não eram simples estados subjetivos passageiros, mas deveriam ser compreendidos como um existencial, nem exterior nem interior, mas modo de abertura do ser-no-mundo. Pois não há

uma experiência no mundo que não se associe um sentimento. Através disso, ela escolheu suas posturas com o filho, com a homossexualidade e com o mundo-com-os-outros.

Prossigui relatando sobre a **Relação percebida pela mãe com seu filho:**

Então *meu marido por ser muito agressivo... chegava em casa... brigava... então meu ponto... minha válvula de escape era o Antônio... ah chorava e conversava com ele... coitado... então ele cresceu desse jeito... e eu contava tudo as coisa pra ele... eu falo pra ele... falo “filho... a mãe só não quer que você tenha liberdade... assim... de beijar... na frente de qualquer pessoa dentro de casa... porque é chato”... ele.. “oh mãe pode ficar sossegada”... pra ele é tudo normal... ele aceita numa boa... eu acho que tem a hora deles né... agora eu só não quero lá fora... porque a gente tem medo do pessoal criticar... porque critica...*

Novamente, o mundo-com o marido agressivo, opressor, briguento e ela se mostrando uma mulher passiva e submissa, vendo o filho como alguém capaz de acolhê-la. O filho acolhedor e a mãe oprimida, numa relação que permitia a ela pedir ao filho que não demonstrasse sua sexualidade para a família nem para o mundo circundante, achando que assim exercia da melhor forma sua função de mãe. A colaboradora 4 justificou sua postura, mais uma vez, no medo da crítica. Seu mundo-com-o-marido parece tão inseguro e desconfortante, muitas vezes; que ela preferia não se comunicar com ele, nem enfrentá-lo, mas descansava suas dores no filho. Culpou-se ao dizer “ele cresceu assim”, ou seja, carregando com ela seu peso.

Giddens (1993, pg.118) diz que muitos pais, considerados tóxicos, “não suportam que seus filhos possam agir e pensar diferente de seus valores e convicções e compreendem suas atitudes como desvalorização, ingratidão e falta de amor” e, como retaliação a isso, assumem um comportamento controlador sobre as necessidades dos filhos. Talvez seja esse o caso do marido da colaboradora 4.

Em dois momentos do relato, o **Horizonte de silêncio** se revelou:

Falou... “mamãe eu vou falar uma coisa e não sei se você vai gostar”... eu falei “o que?”... “*mamãe eu não gosto de mulher... eu gosto de homem*” ((silêncio))... então pra mim... foi assim... *eu assustei* ((silêncio))...

No momento da revelação o silêncio ocorreu de forma significativa, pois se tratava do susto inicial, do choque, antes mencionado por ela. Era o silêncio permeando a dor. Em seguida, trouxe mais silêncio ao falar, novamente, do marido:

A gente fala sempre pra ele ((o pai))... “pára... chega... problema de firma é lá”... e não adianta... ele não ouve... *a gente entra no carro e ele começa a falar tudo... quê que eu vou fazer?... ((silêncio))... não adianta vai falando as coisa... gritando... é desse jeito... eu falo pro Antônio assim... “seu pai não vai mudar... é mais fácil você mudar do que seu pai”* ((risos))

Nunes (1992) e Giles (1989) esclarecem que somente porque ouço posso escutar o que me dizem, não como simples som, mas compreendendo como algo significativo e justamente porque estou no relacionamento com os outros, num ser-em-comum, que compreendo ouvindo. A linguagem falada se insere nesse circuito em que o ouvir se encadeia ao dizer em que é possível o silenciar. A colaboradora 4 silenciou pois desvelavam-se vivências significativas tanto na revelação da homossexualidade do filho quanto no modo-de-ser do seu marido. Ela tentava compreender ouvindo, silenciando.

Todo o relato da colaboradora 4 foi permeado pela dificuldade de convivência com seu próprio marido e, isso, ampliou-se para a vivência da homossexualidade como um todo, já que antes tudo era “normal” e, depois da revelação, a homossexualidade, antes estigmatizada e criticada quando era com os outros, passou a ser mais um tabu dentro do seu casamento já opressor e unilateral, ampliando a falta de comunicação dentro da família.

A maneira de ser ou de existir da colaboradora 4 consistia, fundamentalmente, na sua maneira de encontrar-se aberta ou exposta ao ser; como todos nós, seres humanos, neste estar-af aberto ou exposto ao ser. Mas é isto o que, em Heidegger (1995, 2001), significa a autenticidade: assumir o seu ser mais próprio, a autêntica relação consigo mesmo; assumindo em meio aos entes, mas, ao mesmo tempo, para além de todo comércio com os entes, o que fundamentalmente somos: abertura ao ser e, portanto, potencialidade-de-ser. A colaboradora 4 com os recursos de que dispõe acalentou-se na convivência amigável com seu filho, apesar

de inautenticidade e angústia em vários momentos do seu existir, e essa não deixa de ser uma possibilidade em seu mundo-próprio.

Colaboradora 5

Entrevista realizada em 04 de maio de 2007.

Colaboradora 5, 55 anos, espírita, ensino superior completo, divorciada, 3 filhos, classe B1, empresária. Filha homossexual, 24 anos, não tem religião, ensino superior incompleto, música percussionista. Filho homossexual, 27 anos, não tem religião, ensino superior completo, atualmente fora do país. A filha mora com a mãe e outra irmã. A colaboradora 5 soube da homossexualidade do filho em 2002, quando este tinha 21 anos de idade, pelo próprio filho. A homossexualidade da filha foi descoberta em 2004, quando esta tinha 21 anos de idade tendo se assumido para a mãe e demais pessoas. A colaboradora 5, em certo momento da entrevista, chorou e se emocionou ao relatar fatos dolorosos da infância dos filhos. Sente-se magoada com o abuso sexual sofrido pelos filhos e estava tentando perdoar, naquele momento. Relatou conviver bem com a homossexualidade, tendo em seu círculo de amizades, pessoas homossexuais. A entrevista foi realizada em sala de clínica psicológica particular e teve duração de 1 hora e 7 minutos.

Iniciando pela **Vivência anterior à revelação da homossexualidade**, a colaboradora 5 destacou o modo-de-ser dos filhos antes da revelação da homossexualidade contando a respeito do abuso sexual²² enfrentado tanto pelo filho quanto pela filha:

²² Define-se Abuso Sexual como qualquer conduta sexual com criança ou adolescente levada a cabo por um adulto ou por outra criança mais velha. Isto pode significar, além da penetração vaginal ou anal na criança, também tocar seus genitais ou fazer com que a criança toque os genitais do adulto ou de outra criança mais velha, ou o contato oral-genital ou, ainda, roçar os genitais do adulto com a criança. Também inclui *voyerismo*, assédio e exibicionismo (HABIGZANG et al,2005).

Eu tenho uma irmã mais nova... foi a única tia que tava mais perto... o marido dela também... eles tinham uma casa muito gostosa... eles não saiam da casa da minha irmã... e então foi uma coisa assim que *eles tavam muito próximos*... mas um dia o Gustavo foi muito forte assim e falou... “ah mãe... não quero ir mais lá... o Tio manda fazer coisa que eu não gosto”... eu falei assim... “então faz o seguinte... quando ele mandar você fazer alguma coisa... fala que você não quer fazer... e que você vai contar pra mim”... e ficou nisso né... até que foi no Natal de noventa e nove... o meu filho não cumprimentou o tio...e ele sentou e *confessou que o tio mexia com eles... fazia eles fazer um monte de coisa que ele não gostava... era isso... imagina... isso ele tinha nove... dez anos de idade... um menino... eu fiquei sem ação nenhuma... eu fiquei totalmente paralisada...* ai outra surpresa... *as meninas me confessaram que o pai desse individuo mexia com elas... punha a mão nelas... passava a mão ((colaboradora faz o gesto passando a mão em si mesma))... aiii Nossa ... e ai a Gleice confessou que uma vez... ((começa a chorar))... ele chamou ela no terreiro... no quintal... e ela não lembra de mais nada que aconteceu ((chorando e falando))... então pra ela... aquilo é uma coisa que bloqueou... e eu... eu só chorava né... nessa época... eu queria falar pra todo mundo... eu queria me abrir e num queria falar pra minha família... mas falava com a psicóloga la da empresa... então foi assim... foi terrível... terrível... foi um choque... o meu filho... ele queria que eu tomasse uma atitude... mas eu sempre... assim... “ah não sei”... eu queria protegê-los né... mas o quê que eu ia fazer com o indivíduo?... eu não tinha provas... depois que aconteceu tudo isso né... então eu acabei cortando a relação com a minha irmã...*

Ela confiava na irmã e em seu marido, sentiu-se traída, a vivência foi um choque, paralisante e terrível; ela sentia vontade de falar, mas ao mesmo tempo, precisava proteger os filhos, não tinha provas contra os abusadores depois de tantos anos. A saída para seu sofrimento e impotência foi terminar o contato com a irmã. Sua postura de silenciar (em relação à irmã e às providências na Justiça), permeava-se por uma afetividade carregada de significados, no qual a não-proteção aos filhos sinalizava sua dor. Como escreveu Giles (1989, p.112): “as palavras não são mais palavras. Elas estouram para manifestar a presença do Ser. Depositários de uma presença ontológica e sobre-humana, elas se vestem de um silêncio essencial”. O silêncio dela é falante.

Imersa nesse silêncio, considerando, segundo Heidegger (1995), que todo Dasein é um poder-ser, a colaboradora 5 compreender-se quer dizer, em princípio, mal compreender-se, estar na caverna, na opacidade, cegueira. Ou ainda, sua compreensão será imprópria, a partir do que ela faz e do pensa que deve fazer; ou será uma compreensão própria de si, abertura verdadeira. Portanto, compreender é explicitar. Na explicitação de uma coisa, ela vem a si mesma, é compreendida. A colaboradora 5 tanto quanto seus filhos necessitariam de

acompanhamento psicológico para compreender o abuso sexual, sua dinâmica e novas possibilidades de existir autêntico a partir desta dor (HABIGZANG et al,2005).

Ela chorou ao retomar estas lembranças. Contudo, seguiu relatando:

Eles descobriram que o Gustavo e Gleice tavam usando maconha... e pegaram um dia os dois... sem eu saber e caíram em cima dos dois...apesar de que na faculdade ele tava enrolando muito... e toda vez que eu falava em trabalhar... no fim... confusão...Ele não tinha jeito... ele não tinha trejeito... não tinha voz... ele não é gay... ele não senta como gay... ele não pensava como gay... nem a gíria de gay... ele tem... sabe... tinha uma namorada...

A colaboradora 5, com mais um exemplo, demonstrou sua mágoa em relação à postura dos tios de encobrimento das vivências dos seus filhos. Ela mencionou ainda que em seu modo-de-ser, o filho não agia como homossexual, dentro dos moldes estereotipados do que é ser um homem *gay*. Há um consenso que aponta para a virilidade como um aspecto importante na significação do que é ser homem. Tanto que os modelos de masculinidade são fundamentados na força, na firmeza, na superioridade e estão ancorados na figura do pai-marido que aparenta ter domínio sobre a reprodução social da família e autoridade sobre ela (FIGUEIRA, 1987; GIDDENS, 1993). Por isso, a evidência da masculinidade como algo que está sempre em perigo e deve ser a todo o momento defendida, remete-nos à figura do outro, gerando uma idéia de desacerto e por isso o preconceito. Nesse caso, a mãe ao dizer que via o filho como homem e não como *gay*, parece demonstrar este preconceito e o desejo de que ele não fosse *gay*.

O filho teve namorada e isso, parece justificar o fato dela não ter percebido a homossexualidade. A homossexualidade também é algo desconhecido aos olhos, oculta, secreta, que depende muitas vezes de uma revelação para se explicitar. O medo da revelação que os filhos, em geral, sentem, é-lhes duplamente complicado: não saber bem ou não entender o que está revelando, e como a mãe pode reagir.

Contudo, ocorreu a **Revelação à família e convivência com a homossexualidade**, e a colaboradora 5 relatou sobre a revelação da homossexualidade dos filhos dizendo:

Foi de quatro a cinco anos... um dia ele veio... num final de semana... ele veio aqui sozinho... lembro bem... foi na cozinha de casa... ele falou... “mãe... eu vim aqui porque preciso te falar um negócio... eu:... eu não quero mais guardar comigo... eu preciso falar com você... eu vim aqui SÓ pra te dizer isso...eu não gosto de mulher”... eu abracei ele... falei “oh Gu... é mesmo?... *é isso?... ce tem certeza disso?*”... ele falou “eu tenho”... eu abracei ele... falei “olha... você continua sendo meu filho... gosto de você da mesma forma... e:... *quê que eu vou fazer?... né?... não era isso que eu imaginava... não era isso que tal... mas... eu num... eu acho que eu num... eu num posso... te obrigar a nada... né?*”... daí ele... digamos assim... se sentiu melhor né... e:... eu falei “continua a sua vida... como sempre foi né... e tudo bem” ... *foi logo quando a Gleice começou... “porque eu vou na casa da Lara... vou na casa da Lara... vou na casa da Lara”... eu falei “Gu... tá muito estranho esse negócio da Gleice”... ele falou... “mãe... ela quer se abrir com você”... daí eu peguei um dia... e ela falou “não mãe... eu to apaixonada na Lara... a Lara apaixonada por mim... nós tamo namorando sim... sabe?”*

Ela soube da homossexualidade do filho e, logo em seguida, da filha. Já que o ente carrega em si seu ser, seu aparecer e desaparecer, seu estar à luz e estar no escuro, o ser não está à sombra, mas está no ente, naquilo que se mostra e, por isso, a aparência é legítima (CRITELLI, 2006). Ela, então, buscou se certificar se havia certeza no filho, e sua postura é de aceitação, acolhimento, mesmo que não imaginasse ter um filho homossexual, ainda que não fosse esse seu desejo, sentiu que não podia fazer nada para mudar a vivência, então preferiu acolhê-lo. Em relação à sua filha, seguindo a aparência daquilo que se desvelaria, ela começou notar a aproximação dela com outra moça, e isso a fez confiar no espaço para diálogo entre ela e seus filhos, e buscou saber aquilo que estava se desvelando a sua frente. Em seu modo-de-ser-mãe deixou abertura para os filhos se expressarem, tanto que ao revelar a homossexualidade, sua filha pôde se dizer “apaixonada”.

As mulheres em nossa sociedade foram preparadas para procriar. Tal sentimento, ou desejo ou “obrigatoriedade” são tão acentuados que muitos chegam a falar em instinto materno. Discordamos dessa visão, já que cheio de preconceitos e conceitos, esse papel é puramente de origem social ou cultural. A maternidade é uma escolha e não uma obrigação (BADINTER, 1985; COSTA, 1994). Provavelmente, a colaboradora 5 também sinta essa aparente “naturalidade” do papel de mãe cristalizado por séculos como uma imposição social nas mulheres, e, assim, cobrou de si mesma o dever em assumi-lo, sendo mais atenta aos

filhos, indo em busca de ouvi-los de forma autêntica, tentando aceitar e acolher as escolhas deles mesmo quando não as compreendia.

Foi então que os sentimentos vivenciados pela mãe em relação à revelação da homossexualidade, apareceram no relato da colaboradora 5:

Foi *muita surpresa...* mas assim... *eu num fiquei...* “*ai ai... credo*”... sabe?...talvez essa minha atitude também... é meio que:.... “*olha não quero confusão*”... e eu sempre fui assim... *eu sempre tive a minha liberdade... e eu achei que educando meus filhos assim... eu fosse acertar...* Eu acredito que as vezes eu *não queria enxergar muito...* sabe... algum comportamento que eu não gostava... *eu teria até uma certa convivência com a coisa...* “*ah deixa ser o que quer*”... eu sempre fui muito assim sabe... e *eu não tinha força...* né... *eu não tinha atitude de cobrar mais...* responsabilidade sabe...eu *acabava cedendo...* eu falava falava falava e depois eu acabava cedendo...

Sentiu a vivência como surpresa e sua postura foi de aceitação para não ter problema. Ao se perceber como um mãe permissiva e conivente com as escolhas dos filhos, os novos pais, assim como a colaboradora 5, foram educados nos moldes tradicionais das décadas de 50 e 60. Posteriormente, adquiriram novos valores e ao incorporarem tais novos valores sem muitas restrições, pensavam ter abandonado aqueles sobre os quais pautavam suas condutas décadas antes. Sendo assim, os seus valores arcaicos não foram totalmente erradicados, mas passaram a conviver com os valores mais modernos adquiridos recentemente, segundo Figueira (1987). Então, quando a colaboradora 5 desejava que seus filhos vivessem autenticamente, desenvolvendo aquilo que não lhe foi permitido desenvolver, por outro lado, ela também desejava que eles conhecessem as faltas pelas quais ela passou.

A postura de aceitação parece se relacionar à tentativa de valorizar o ontológico, aquilo que os filhos da colaboradora 5 são em essência, permitindo que eles buscassem a todo instante, seu ser mais próprio. Por outro lado, como coloca Nunes (2002, p.50), “na angústia se manifesta um retroceder diante de... que, sem dúvida, não é mais uma fuga, mas uma quietude fascinada”. É o não querer enxergar, é o não ter cobrado responsabilidades, uma espécie de “e se” da colaboradora 5 que a faz angustiar-se, em seu ser-aí, é o nada que se revela na angústia.

Também como disse Amazonas e Braga (2006) a família é o lugar em que as pessoas vão se indagar sobre o desejo que as gerou e sobre os seus próprios desejos. É isso que parece se refletir nas palavras da colaboradora 5 quando diz que quis dar aos filhos uma formação diferente da sua, ressignificando sua vivência a partir do mundo-com-os-filhos. Tanto que Heidegger (2001b) deixa bem claro que Ser faz sentido para os homens, não apenas pelas suas significações públicas e articulações lógicas, mas através da propriedade ou impropriedade, cujos índices estão nos seus estados de ânimo. Por isso, o ser faz sentido antes ao coração do que ao intelecto. Por isso mesmo, aparece como algo sempre misterioso e não como algo perfeitamente definível em idéias e conceitos.

Ao relatar sua preocupação com preconceito, revelou o medo da promiscuidade:

Falei pra ele se cuidar né... aquilo tudo que a gente fala né... pra ele se cuidar... pra ele saber o quê que ele tava fazendo... não se envolver com muitas pessoas né... ter cuidado com isso... né...eu só sei que eu dei um apoio pra ela... “ce quer ir morar fora?... vai”

O aviso de “cuidado” foi dado apenas ao filho, em relação à filha, a colaboradora 5 demonstrou tê-la apoiado na sua busca por morar com a namorada. Vaitsman (1994) diz que as mudanças nos comportamentos femininos e masculinos ocorreram a despeito do controle da família, mais severo em relação às moças do que aos rapazes. Os homens tiveram mais direito à sexualidade mesmo sendo forçados ao exercício da masculinidade e isso gerou, ainda, outra visão que encerra os homossexuais (mais os *gays* do que as lésbicas), na noção que Foucault (1984c) levanta de que o que o *gay* é, não escapa de sua sexualidade, sua natureza singular é mais suas relações sexuais do que ele próprio. Por isso, essa noção de promiscuidade incutida nas regras de comportamento e aparecendo no relato da colaboradora 5. Tanto que a filha, talvez por namorar, não tenha sido lembrada acerca do envolvimento com várias pessoas.

Prosseguindo no relato de seus sentimentos:

O problema é que as vezes eu *me CULpo... pra caramba... uhn:::... nossa:::... eu me culpo...* teve época... que hoje eu fico mais... eu não quero nem saber... as coisas aconteceram... eu fico naquela... ah *eu fiz o melhor que eu pude?*... a culpa né... eu fiz melhor que eu pude naquele momento... ((riso)) quando dá aquelas leve depressão assim... aquelas crisezinha né... que a gente tem né... *eu choro... eu me pergunto porque?*... *disso...*as vezes assim... *o que eu me culpo é de não ter ido mais a fundo...* né... de perguntar porque que realmente ele não gostava de ir na casa do tio... o quê que realmente o tio dele fazia... oh Roberta... é uma coisa que *eu não sei explicar...* sabe... *é uma coisa doida... maluca...* as vezes eu tenho ainda *um pouco... de raiva...* sabe... ce vê... né?... o único tio...

Junto ao sentimento de culpa por não ter explorado mais as necessidades dos filhos, muitas vezes elaborando que fez o melhor que pode, a colaboradora 5 também manifestou raiva do tio, em seus estados de ânimo, e sofreu por não conseguir compreender, por considerar a vivência algo “maluco”, “doido”, fora de lugar.

Como esclarece Heidegger (1995, p.204), “na compreensão, a pre-sença projeta seu ser para possibilidades. [...] O projetar da compreensão possui a possibilidade própria de se elaborar em formas. Chamamos de interpretação essa elaboração. Nela, a compreensão se apropria do que compreende”. A interpretação da colaboradora 5 a faz compreender os fatos do passado, ainda que como algo maluco.

No caso do abuso sexual, uma falsa crença é esperar que a criança abusada avise sempre sobre o que está acontecendo. Muitos pais, como a colaboradora 5, se sentem totalmente despreparados e pegos de surpresa quando sua criança é abusada. Contudo, Ballone (2003, p.5) nos esclarece dizendo que “a primeira intenção da criança é, de fato, avisar a alguém sobre seu drama, mas, em geral, nem sempre ela consegue fazer isso com facilidade, apresentando um discurso confuso e incompleto”. Podemos pensar que, então, a colaboradora 5 sentiu culpa e raiva de si mesma por ter “falhado” no papel de ouvir o filho no momento da infância em que ele reclamou das visitas na casa do tio.

Ao relatar situações atuais, de como a mãe convive com a homossexualidade dos filhos no momento atual, ela disse:

Eu *tenho amigos gays...* tem um musicoterapeuta que é amigo meu... que é gay... eu adoro conversar com eles... eu... eu... *sou super aberta pra isso... tenho paixão de conversar com eles...* gosto muito

dos amigos dele... sempre gostei muito deles... *encontro* com eles... *adoro* sabe... ia na casa deles quando tem alguma coisa né... mas... é uma coisa que... *eu convivo bem...*

A colaboradora 5 dizendo-se aberta, tendo amigos gays e convivendo bem com eles, tentava uma forma de pensar a homossexualidade em que esta possa ser agradável, na qual a mãe consiga olhar sem ver problema. Pois, segundo Figueira (1987), a crise é o resultado das tensões entre o exercício de papéis definidos por regras estabelecidas tradicionalmente e o conteúdo que novas relações entre indivíduo e sociedade imprimem na existência de cada um dentro da família.

Sobre o filho no momento atual, relatou:

E o ano passado fui eu e o Gustavo... nós fomos *pra Itália... ele ficou lá...* já ta com a cidadania italiana na mão... e agora ele ta morando em Londres... ele ta trabalhando... mas *ele tá AMANDO...* então eu vejo assim... *ele precisava sair daqui... mas de uma certa forma... acho que ele ta se sentindo gente... mais adulto...* tá pagando a despesa dele... ele reconhece... *ele é um doce... ai... o Gustavo é uma coisinha fofa* mesmo... todas as pessoas... todos que já conhecem ele... adoram ele... *ele é educadíssimo* sabe?... então ta assim... ele tá lá...

Fica nítido nas palavras da colaboradora 5 sua proximidade com seu filho, a admiração que tem por ele e o quanto sente-se feliz com essa postura madura dele de escolher e construir sua própria vivência. Convence-se que para o filho seja um existir autêntico, a retomada do seu si-mesmo, por estar vivendo em um mundo circundante totalmente diferente e distante.

Sobre a filha relatou:

Ela assumiu a coisa muito assim... *assumiu na frente de qualquer um... ela assume...* ela se isolou... *de tudo... dos amigos...* não sei se por causa do temperamento da menina... mas assim... ela se isola... é ela e a Lara... a Lara e ela... sabe?... muito intenso... *MUITO intenso... tem gente que não se conforma de ver que a Gleice assim... uma menina tão... tão delicada... tão assim quietinha... tá com uma... gostar de uma pessoa assim tão brutona...* assim tão... sabe... geniosa... *mas elas tão bem assim... tão felizes assim e assim tão vivendo...* Eu percebi que ela tá assim num momento... *ela quer morar junto... com a Lara... sozinha...* hoje ela trabalha em projetos sociais... e agora elas querem achar o lugarzinho delas... *sabe eu acho mais do que certo... sabe tem que ir mesmo... eu claro que eu vou ajudar... imagina se eu não vou ajudar... tenho que ajudar... tenho... depois de cinquenta e cinco anos eu não vou ser agora durona... pra que?...*

A colaboradora 5 percebe na postura da filha um isolamento social e ela ter assumido tão prontamente a homossexualidade diante de todos, parece ser um incômodo, ainda mais que a filha é feminina, delicada, quieta e se envolveu com uma pessoa mais “geniosa, brutona”. Podemos pensar que, quando a colaboradora 5 se incomoda com o assumir da homossexualidade da filha, ela, ao mesmo tempo, valida a vontade dela em morar com a namorada. Uma forma de desfazer a proximidade com aquilo que a incomoda. Ao dizer “tenho que ajudar” parece que esta postura de obrigação e de responsabilidade aplaca um pouco da dor desvelada em ter sido uma mãe muito aberta e ter deixado os filhos tão livres. Ajudando, sua culpa pode ser diminuída. A experiência da angústia sempre nos revela sós, entregues a nós mesmos, por nossa própria conta para dar conta do ser (CRITELLI, 2006).

Seu papel de mãe acolhedora e que aceita os filhos como são, em alguns momentos, parece não lhe dar garantias de sucesso ou felicidade dos filhos, nem da sua própria autenticidade. Contudo, escolheu acreditar que nesse modo-de-vida que a filha está, ela é feliz e vive autenticamente. A autenticidade, como coloca Bruns e Trindade (2003), manifesta-se quando, mesmo estando no mundo, é a si mesmo que o Dasein considera primeiramente nesse existir.

Ao relatar os estigmas sobre a origem da homossexualidade, a colaboradora 5 disse:

Olha... uma história super difícil... *eu não sei se o que aproximou as duas... foi isso...* eu não sei sabe... Roberta... *eu não sei... se isso que eles passaram... colaborou... ou isso não tinha nada a ver com o contexto... de hoje... eu não sei sabe...* eu não fico fixa nisso não... “ah porque teve a experiência que ele passou”... não sei... acho que *pode ter influenciado um pouco...* mas não sei...

Sabemos que, embora, a orientação afetivo-sexual, qualquer que seja, de uma pessoa não tenha sido determinada com segurança pela ciência, pois várias são as teorias e enfoques; Costa (1994, p.102) escreveu que o que se pode dizer é que “no caso de uma orientação homossexual, ela não se dá por problemas familiares, por repressão dos pais, famílias em desequilíbrio, falhas na educação, ‘más companhias’, disfunções genéticas ou qualquer outra

coisa”. No caso do abuso sexual, sabemos que a sexualidade pode ser afetada, sendo um dos problemas posteriores a falta de prazer no sexo, promiscuidade e distúrbios na sexualidade. Vítimas de abuso sexual enfrentam também problemas relacionados ao sentimento de culpa, de auto-desvalorização e depressão (BALLONE, 2003; HABIGZANG et al,2005). Contudo, não podemos inferir a respeito do abuso sexual contribuindo para a orientação afetivo-sexual homossexual.

Em seguida, destacou a **Relação percebida pela mãe com seus filhos:**

Eu falo... “eu eduquei vocês tudo errado...eu dei muita liberdade... eu fui educada de uma forma... achei que foi errado... quis educar vocês de outra forma... eu não cobrei responsabilidade... eu deixei todo mundo solto”... eu sou meio aventureira assim... eu nunca fui muito de fixar... sabe... de criar raiz... falar “ai daqui eu não saio... ai é a melhor cidade do mundo”...então acho que meus filhos acabaram... todos eles acabaram indo pra esse lado... né... nenhum foi pra exatas... nenhum é certinho... certinho... ai... também acho que foi isso né...essa coisa de superproteger... foi muito minha... da minha mãe... eu hoje percebo... que a gente superprotegia eles... tudo a gente tava ali pronto... na mão... eu sempre escondi deles qualquer problema que eu tivesse... então assim eu superprotegi muito...

Novamente ela se via como uma mãe permissiva, agindo “errado” ao dar tanta liberdade aos filhos. Ao mesmo tempo, demonstrou ambigüidade, pois parecia dizer com certa alegria, que os filhos seguiram sua influência não se tornando pessoas muito certinhas ou exatas. Acredita ter superprotegido muito e talvez nisso veja que errou. No presente, ela percebe que foi superprotetora, sinalizando que enquanto a existência veio se desenrolando, ela não teve essa certeza, essa clareza, algo foi fluindo e se estabelecendo em seu modo-de-ser-mãe que ela mesmo não escolheu totalmente.

Os pais permissivos, de acordo com Herbert (1991), apresentam comportamento acolhedor e não-punitivo, evitando exercer controle excessivo sobre os filhos e não os estimulam à obediência de padrões absolutos; os pais superprotetores alternam seu comportamento entre dominar os adolescentes e submeter-se à eles.

Muitas vezes, para evitar a frustração dos filhos, os pais atendem todos seus pedidos, acreditando que, dessa forma, são amigos dos filhos. Podem acabar confundindo essa

“amizade” com deixar que os filhos façam tudo que querem. Estes, por sua vez, passam a lidar com a existência acreditando que todas suas vontades serão satisfeitas. Esse clima de permissividade acontece porque é mais cômodo deixar os filhos realizarem seus desejos, assim como é difícil dizer não, já que os pais querem ver os filhos felizes (ZAGURY, 2001).

O **Horizonte de silêncio** é permeado novamente por emoções que trazem choro e as mágoas por ter confiado tanto na irmã e em seu marido:

Então foi assim né ((chorando novamente e silenciando)) e ai eu acabei indo lá ((chora um pouco, novo silêncio)) foi duro... E depois... *eu confiava muito neles né? Eu deixava muito eles com (os tios)...*

Não somente mágoas, mas também a culpa por ter deixado tanto os filhos com os tios e aquela sensação, descrita antes pela colaboradora 5, de não ter percebido, não ter intervindo, não ter especulado melhor os incômodos dos filhos. É a dureza de se sentir impotente frente à realidade.

Costa (1994) diz que os pais precisam entender que não são responsáveis pela homossexualidade de seus filhos, pois se assim fosse, já teríamos descoberto uma forma de evitar ou “consertar” a homossexualidade. Releva destacar que a colaboradora 5, trata seus filhos de forma humanizada, buscando se perguntar o que é que eles desejam para si-mesmos, ainda que tenha sua afetividade permeada fortemente pelo sentimento de culpa.

Porém, logo surgiu sua tentativa de elaborar a vivência por completo quando ela revelou as **Expectativas maternas em relação ao projeto de vida dos filhos**:

Fico super feliz que o Gu tá La(fora do país)... que ele ta se dando bem... ai (suspiro)... nossa... foi um sonho realizado... foi um sonho sonho sonho... eu sei que lá... ele vai ser muito feliz... né... já é feliz la... então eu não sei...eu quero mesmo que eles sejam felizes... muito muito felizes.

Elaborou dizendo que o filho estava feliz por ter realizado seu sonho de ir para fora do país, dizendo “lá ele vai ser muito feliz” e, ainda, por ter contribuído e participado dessa felicidade. Nesse sentido, sentia que não falhou como mãe, esteve junto a ele.

Todo o relato da colaboradora 5 é um relato de amargura e dor pela vivência do abuso dos filhos, implícito em seu sentimento de culpa, em sua idéia de ter se descuidado e confiado em quem jamais ela acharia que fosse capaz de tais atos. Demonstra ser leve, alegre e desejar que os filhos vivam autenticamente, do modo como lhes convier, buscando a todo momento seus si-mesmos e a fuga da impessoalidade.

5.3 Análise Individual dos Colaboradores

Colaborador 1

Entrevista realizada em 11 de março de 2007.

Colaborador 1, 50 anos, não tem religião, ensino médio completo, divorciado, vive em união estável atualmente, 3 filhos, classe B1, vendedor. Filho homossexual, 25 anos, ensino superior incompleto, cabeleireiro, mora com seu parceiro, a mãe e a irmã. O colaborador 1 mora com sua esposa atual e filho. Ele soube da homossexualidade do filho no ano de 2003, quando este tinha 21 anos e se “declarou” para o pai. Mesmo assim, o colaborador 1 afirmou já saber da homossexualidade do filho desde que este tinha 7, 8 anos de idade. Baseia sua percepção no modo-de-ser do filho. Diz que o filho se afastou dele, por um tempo, por imaginar que ele seria contra sua orientação afetivo-sexual. Comentou que preferia que todos os filhos fossem gays se fossem filhos com o mesmo caráter de seu filho. Afirmou conviver bem com a homossexualidade recebendo o filho e seu parceiro em sua casa. Acredita que falta informação e “orientação” para os pais saberem lidar com seus filhos. A entrevista foi realizada em sua residência e teve duração de 1 hora.

No que se refere à **Vivência anterior à revelação da homossexualidade**, o colaborador 1 relatou sobre o modo-de-ser do filho antes da revelação da homossexualidade:

Olha... essa é a maior gafe da minha vida porque primeiro que eu já desconfiava né... daquilo né... mesmo sabendo que ele num queria eu levei ele num jogo.. jogo de criança... ele tinha uns oito anos... nove anos parece... e de repente eles saem num ataque lá e o rapaz chutou a bola... e pá na cara dele... ficou vermelhinha a cara dele... aí veio batendo o pé duro “eu num vou jogar não... eu num quero saber de futebol não... num vou jogar isso aí... num gosto disso aí”... falei “ah tá bom então”...tava fazendo só pra me agradar... aí nunca mais... é deixa pra lá...eu levei ele pra pescar uma vez... ele ficou a tarde inteira no sol e eu lá na lagoa “vem filho... vem pescar”... ficou lendo um livro a tarde inteira... falei “não... num vai pescar comigo não... vai fazer o que né?”...

Em suas lembranças, o colaborador 1 desconfiou “daquilo”. O aquilo é a homossexualidade, ainda velada, devendo permanecer como coisa, objeto, ainda no plano das idéias. Parece que para se certificar que sua desconfiança não o estava enganando, ele levou o filho ao futebol e à pesca, tentativas de colocar o filho em atividades do gênero masculino. Estranhava a diferença de comportamento do filho se comparado com o papel social de gênero (jeito de ser, masculino ou feminino) que é determinado pela cultura. Talvez acreditasse que algo pudesse ser feito enquanto apenas desconfiava. Elaborou sua decepção dizendo que não iria insistir. Sarti (2004) nos lembra que como o objeto das expectativas familiares, os jovens têm os rumos de suas vidas traçadas por seus pais de forma a cumprir o que a família espera para si. Sendo assim, o colaborador 1 tentou fazer algo para enquadrar o filho em suas expectativas. É o desejo dos pais, em geral, em querer que a homossexualidade percebida seja algo sobre o qual os filhos não têm domínio ou não escolheram vivenciar, inclusive pelo medo do desconhecido que tal vivência desperta nos pais (MODESTO, 2008).

Relatou ainda:

Eu já sabia *desde os 7 anos* de idade... a forma da pessoa conduzir as coisas... ce percebe que... ah que é mais *delicado*... que ele fica *chateado com mais facilidade*... sentimento né... *é mais sensível*... e eu percebia que ele tava *no meio das menina*... ele preferia ficar brincando com as menina *do que com os menino*... na rua de casa eu acho que ele brincava *com menino* assim... *o menos macho né?*... mas o João sempre disfarçou muito bem... *não sei se ele tentava esconder*... *acho que ele tentava*... acho que ele *tinha medo da gente rejeitar*...*é natural*... é aquilo que eu te falo... *ce percebe naturalmente* as coisa... *cê força porque é a natureza*...

Contudo, com filho ainda na infância, o colaborador 1 trocou a desconfiança por algo percebido. A percepção dele era de um filho delicado, sensível, que se chateava facilmente, brincando sempre com meninas e que tentava esconder esse seu modo-de-ser. Por essa perspectiva, a homossexualidade pode ser tida como “natural” e associada à delicadeza. Demonstra seu preconceito apoiando o que é feminino na noção de inferioridade e fraqueza. Quanto ao fato de ser natural, parece querer dizer que a homossexualidade não é uma

escolha, ou opção, ou transmissão de valores, não é provocada, mas sim espontânea. Tanto que ele “forçou” o filho por ser essa sua característica, seu modo-de-ser pai.

Costa (1994, p.88) diz que “a maneira de se criar um menino poderá fazer com que ele seja mais delicado, aparentemente feminino, ou que não tenha as características que a sociedade considera como masculinas. Entre elas estão a competitividade e a agressividade”. No entanto, isso não quer dizer que, necessariamente, ele esteja exteriorizando uma orientação homossexual. Complementa Isay (1998, p.15) que a “consciência da orientação sexual se intensifica no início da adolescência, através das fantasias homoeróticas prazerosas e posteriores experiências homossexuais”. Em vista disso, o adolescente ou jovem adulto terá uma auto-imagem saudável e poderá se assumir perante amigos, adultos e, posteriormente, frente aos pais e membros próximos da família.

O colaborador 1 fica em dúvida se o filho tentava ou não esconder a homossexualidade e se reconforta pensando que ele teve medo de ser rejeitado. Relatou:

Depois que eu *divorciei* ... o João sempre ficou *mais reservado*... sempre ficou *mais quieto*... eu acho que faltou um contato nesse período por causa *disso*... A partir dos dezesseis anos... *ele tinha o cuidado*... principalmente... por causa *disso*... *deu saber e ter um choque*...

Parece que ele elucubrou algumas hipóteses para justificar o comportamento do filho em não lhe revelar a homossexualidade antes, até porque isso o conforta de certa maneira. Possivelmente, o filho por já ter vivenciado situações “forçadas” pelo pai, afastou-se. No entanto, o colaborador 1 acreditava na solicitude do filho com ele. Parece ser mais confortável emocionalmente pensar que o filho longe (ainda que por medo e receio) também cuidava do pai. A solicitude é essa forma de cuidado que designa a condição fundamental do existir humano como uma abertura originária que ilumina tudo o que lhe vêm ao encontro, desde sempre co-originária ao mundo e ao outro (HEIDEGGER, 1995). Mediante o cuidado, o homem se antecipa sobre sua realidade atual e se arroja para a realização de projetos

futuros. Ser é esse ser-no-mundo-com-o-outro que, nesse caso, é o pai ir ao encontro do existir homossexual do filho sentindo-se sendo-com-ele.

Ao adentrar pela **Revelação à família e convivência com a homossexualidade**, o colaborador 1 contou sobre a revelação da homossexualidade do filho:

Não foi surpresa pra mim porque ele me declarou quando ele fez 21 anos... eu acho que *ele pensava que eu ia ter alguma coisa contra...*e quando ele me declarou isso... eu divorciei ele tinha 14... 16... “oh o tempo que nós passamos separados”... ficava mais distante né... quando ele veio me falar... “pai é assim... é assim”... eu falei pra ele “você é maluco cara... *passou tanto tempo sem necessidade... cê acha que eu ia ser contra isso?...* cê é meu filho... o que importa pra mim é o seu caráter... não é só sua conduta pessoal”... e foi uma conversa tranqüila... *depois disso* ele ficou muito a vontade... *a gente conversava...* de tempos em tempos... mas conversava mais...e eu falei pra ele “meu filho... *meu orgulho de você é em outro sentido...* não tem nada a ver com isso aí”...as vezes o cara é e você num sabe porque *num sabe como lidar com isso...* ce vê no caso do meu filho... num veio me falar com 21 anos de idade... sendo que *eu Já sabia... teoricamente eu já sabia...* num precisava disso...

A homossexualidade não foi surpresa, mas até que a vivência fosse assimilada, o colaborador 1 continuava chamando-a de “isso”, numa atitude de “coisificar”, lançando-a a uma dimensão objetiva da existência, como algo apenas “utilizado” pelo filho, não como uma das facetas de sua existência. O colaborador 1 deixou claro que não compreendia a homossexualidade, mesmo assim, ele teoricamente já percebendo a homossexualidade, possivelmente tentaria continuar se orgulhando do filho pelo caráter dele.

Em contrapartida, pai e filho aproximaram-se e passaram a conversar mais após a revelação. É o poder da palavra retomando esta relação pela porta aberta da homossexualidade dita. Algo que parece ter sido muito importante para o colaborador 1. Critelli (2006, P.81) escreveu que coisa alguma chega realmente a ser, “se não é recriada através da fala [...]. Para o homem, aquilo de que não se fala simplesmente não existe. E o que existe só existe na medida exata de como é apresentado pela linguagem”. Por isso que mediante a fala, a existência do colaborador 1 junto-com-a-homossexualidade começou a ter alguma tangibilidade. Steiner (1978) complementa dizendo que, para Heidegger, ser é questionar-se, ser um homem significa ser um ente que fala e se, em sua essência, não incluísse o “poder da linguagem”, todos os outros entes estariam fechados para ele.

O relato a seguir apresenta os sentimentos vivenciados pelo pai em relação à revelação da homossexualidade:

Eu acho que pra mim num teve problema nenhum... só assim... de fato sofre... sofre porque o impacto disso... muito duro né... foi muito profundo... e eu tava preparado pra isso... mas mesmo assim... você fica naquela esperança que... sei lá né... seu filho vai casar... essas coisas né...

O colaborador 1 sentiu o impacto duro e profundo da homossexualidade do filho em seu existir e, mesmo tentando não ver nela nenhum problema, se dizendo preparado, revelou sua esperança de ver o filho se casar. É o seu projetar em busca da compreensão da vivência, mesmo com tanta dificuldade e sofrimento, mesmo com esperanças de que o filho fosse diferente. Sua angústia mostrou-se tamanha e através dela ele tem que achar sua própria saída. “A necessidade sentida é a de se recuperar um sentido (novo) para ser” (CRITELLI, 2006, P.136). Buscar ressignificar a paternidade.

A seguir, ele revelou:

Eu falo pra eles que tudo bem...no começo foi difícil porque eu tinha confiança das coisas mas não tinha certeza... eu tinha aquela esperança... sei lá... porque eu acho que esse negócio de sexo... de sexualidade... não se define assim... de uma hora pra outra... eu não sei até que ponto que eu sou machista... eu tenho minhas visões né... minha vida toda... e aprendi com o que é certo... mas ficava assim... até que esperando uma possibilidade dele mudar... “ah... isso aí quando fizer uns 12 anos... 13 anos... vai começar a ter amizade com os coleguinhas de escola da idade... aí muda o pensamento”... mas não... com certeza uma experiência muito... mas muito grande mesmo... só quem passa que pode entender... não muda... não muda... se é... é... e acabou... morreu o assunto... burrice... é lógico que não tem que ter discriminação... porque ce pode ter discriminação numa coisa que você pode evitar... mas não numa coisa que você não pode evitar... é igual ce vê... não deve haver preconceito e discriminação porque?... porque faz você sofrer... você é que cai de cama...

Elaborou sua angústia, o seu ser lançado num mundo de desconforto e solidão, acreditando que não devia haver discriminações, apenas com aquilo que poderia ser evitado, não com a homossexualidade desvelada, dita e real, então ele diz: “tudo bem”, ainda que houvesse esperança de mudança no filho, ainda que possibilidades pudessem surgir a partir dali. Para ele, preconceito e discriminação são sofrimentos que afastam os pais de seus filhos, distanciam o contato, algo que o colaborador 1 experimentou no passado e não gostou. Heidegger (1995, p.141) diz: “a insignificância do mundo, aberta na angústia, desentranha o

nada das ocupações, isto é, a impossibilidade de se projetar um poder-ser da existência”. Quer dizer que a angústia impossibilita o vir à tona de um poder-ser em sentido próprio, autêntico. Falta-nos mundo, nos falta nosso próprio ser. E então nos é dada a possibilidade de não fugir, mas de escolhermos vir a ser. Quem seremos e o que faremos se abre diante de nós (CRITELLI, 2006). Por isso o colaborador 1 se questionou. Em seu mundo-próprio validou a certeza de que mesmo ele sendo um pai machista que aprendeu “o que é certo” (homem com mulher e casamento entre heterossexuais), preferia não adoecer, escolhia agir com inteligência, para, com isso, tentar se livrar do próprio preconceito.

Em seguida, ele afirmou que ter um filho *gay* é muito difícil, algo que necessita de preparo psicológico:

É claro que *tem que tá preparado psicologicamente* pra ter uma boa conduta moral... uma boa conduta psicológica... porque *ter um filho gay é difícil né?*... porque eu falei... eles devem tratar ele com preconceito... é duro... pra minha visão cultural das coisas...

É evidente no colaborador 1 o medo do preconceito lá fora, já que ele, como pai, mesmo tendo percebido indícios desde a infância do filho, como a sociedade reagiria a isso?

Com preconceito e de forma dura. Segundo Sarti (2004, p. 22-23):

A negação do diferente, a base etnocêntrica de todo o preconceito, funda-se precisamente na dificuldade de aceitar que o suposto diferente se parece muito conosco e pode nomear o que para nós é inominável. Na verdade, ele revela muito de nós mesmo e põe em questão o caráter absoluto de nossas próprias referências culturais. Se o outro pode estar certo, então, isso significa que nós podemos estar errados?

O pai é posto diante de algo inominável e que, de certa forma, revelava muito dele mesmo, pondo em cheque suas referências culturais. É um conflito interno, pois ele tendo aprendido um jeito de “ser pai” através de modelos, conjunto de valores mais tradicionais, saindo disto e tendo contato com outras mudanças, achava então que havia assimilado, queria ser diferente com seu filho, mas essa mudança, como foi assimilada muito rapidamente, gerou contradição. Como afirma Figueira (1987), conjuntos de valores mais primitivos são

mantidos invisíveis no sujeito, em convivência com conjunto de valores mais recentes e visíveis tanto do ponto de vista da sociedade quanto do sujeito. Essa noção faz com que a vivência descoberta e frustrante, seja vivida como uma existência inautêntica expressa na dificuldade em lidar. Heidegger (1995) acrescentou que a inautenticidade está freqüentemente associada ao impessoal e faz com que a pessoa não faça as coisas do seu próprio modo, mas guiadas pelo modo como devem ver as coisas e fazê-las; por isso, a sensação ambivalente em todo o relato, ou seja, querer achar que está tudo bem, ainda que incompreendendo.

Sendo assim, o colaborador 1 sentiu que para garantir sua função de pai:

Tem que dar é apoio né... dar apoio moral... amor... companhia... cumplicidade... então é por aí... nada de crítica não... aquilo que é desconforto... solidão... isso aí é a menor delas... eu acho... é por aí... é uma coisa muita complexa né... AINDA...

Tentando dar apoio, amor, companhia, cumplicidade e nenhuma crítica, guardando consigo sua angústia, talvez amenizasse a certeza da complexidade de tal vivência, que no “ainda”, no agora, no presente, ainda é muito incompreensível.

Porém, surgiram exemplos, situações e fatos em que o colaborador 1 relatou como convive com a homossexualidade do filho no momento atual:

Agora é tranqüilo... a gente senta... ele também já tem uma pessoa com ele... tão casados... eu to sempre por perto...ele num queria vim na minha casa com o namorado dele... ou marido... ou sei lá... mulher... sei lá o quê que é... não tenho idéia... até hoje não consegui entender isso direito... mas não importa... e acabou entendeu... isso aí é difícil... tá difícil... eu acho difícilimo...porque você não tem uma orientação... é porque é difícil mesmo... pro homem é assim... é difícil... até quando eu vou falar com ele... as vezes eu erro...

O colaborador 1 relatou que seu filho está “casado”, depois falou “namorado dele” revelando que não sabe como lidar com os termos. Contudo, afirmava que, para ele, isso não importa, ainda que erre com o filho algumas vezes. Parecia demonstrar, mais uma vez, que o pior é a dificuldade sentida. Facticamente, lançado no mundo-da-homossexualidade, através dos sentimentos e de sua tonalidade afetiva. (HEIDEGGER, 1995). Como ser que é, sempre

afetado nas relações que estabelece com os outros, o colaborador 1 teve as condições de sua vida de pai alteradas pela homossexualidade do filho, ora sentindo-se mais alegre, ora mais triste, com dor e dificuldade, porém, buscando uma experiência mais autêntica para que isso amplie seu projeto existencial.

Por outro lado, o não conseguir entender direito, que o colaborador 1 se refere tem a ver com a educação sexual não recebida por sua geração. Santos e Bruns (2000, p. 63) quanto a isso, escreveram que a Orientação Sexual decorre das experiências vividas ao longo da existência e do modo como a sexualidade foi construída para cada indivíduo. “Falar de sexo e sexualidade, algo que, para muitos, sempre foi velado, ocultado ou dito por meias palavras e desvelar essa realidade em grande parte das vezes é um processo árduo e trabalhoso e requer grande empenho tanto pessoal quanto profissional”.

Prosseguiu relatando:

Mas hoje eu levo tudo na brincadeira... eu num sei falar... “pega teu namorado e vem aqui”... não sei mesmo como lidar com isso... mas... a coisa tá andando e tá dando certo...você chega lá... você num sabe tratar... quem é quem?quem que é o homem? quem que é a mulher?... num sei pô... como tratar eles... as vezes a gente dá umas escorregadas...é difícil entendeu... ce tem fazer de conta... a gente faz até um teatrim nessas horas né... ou você leva na gozação... na brincadeira... pra conseguir tratar os dois da mesma maneira né... porque tem hora que até escapa... eles já ta aqui... já faz parte do ambiente aqui... eu falei... “nossa que bichona... num sei quê”... sabe aqueles comentário né...

Não sabendo lidar com a homossexualidade de um filho tão diferente dele mesmo, o colaborador 1 diz que faz de conta, faz teatro, leva na brincadeira ou na gozação. Não conseguia considerar que o filho tivesse um namorado. Sentia muita dificuldade em entender quem exerce o papel sexual do homem ou da mulher no casal homossexual. Mesmo percebendo que não convivia adequadamente, que suas palavras e atitudes saíam “erradas”, o colaborador 1 tentava acreditar que tudo está dando certo. Santos e Bruns (2000) nos relembram que vivemos em um período de transição e que os papéis sexuais vêm sendo revistos e reavaliados, porém, mesmo assim, filhos e filhas ainda são educados de maneiras distintas. Por isso que essa “confusão” é sentida pelo colaborador 1, pois para ele, dentro do

casal, ainda que homossexual, deve ter aquele que exerce a função de mulher e o outro a de homem, senão não se trata de um relacionamento. Consideramos ainda, segundo Chauí (1984), que a sexualidade é construída social, histórica e culturalmente e sendo assim, ainda há muitas atividades sexuais que são consideradas tabus e de difícil compreensão por conta da repressão sexual. Pelo menos, entendemos que o colaborador 1 não estava negando a sexualidade do filho, mesmo sem compreendê-la, reagindo a ela da maneira relatada, a percebia como algo real, que o filho vivenciava de fato.

Disse em seguida:

Mas eu sou tranqüilo... é uma coisa normal... acho que como tudo na vida... tem os problemas e... as vantagens e as desvantagens...ce fica vendido sem saber entender... eu queria até ver um estudo mais profundo nisso... que esclarecesse pra população... pros pais saber conduzir de uma maneira certa... é difícil você lidar com isso... num é fácil não... eu trataria de forma melhor se eu soubesse...na situação dele é mais difícil pra nós... entender... pra gente... pai...

Tentava, a todo custo, estar tranqüilo, reconhecer vantagens e desvantagens, convivendo com ambivalências nessas áreas. Sentia necessidade de uma orientação, de um estudo profundo para os pais poderem compreender, para terem informação e encontrarem uma possibilidade de convivência em que não vejam problema na homossexualidade, nem a vivenciem como anormalidade, principalmente em se tratando de filhos homossexuais masculinos. Demonstra que, por temer o desconhecido mundo-da-homossexualidade, sua tendência é procurar conhecimento sobre ela. Diríamos que é um pai que não está mais trancado no armário. É o conhecimento que será capaz de diminuir seu preconceito. Contudo, como nos adverte Modesto (2008, p. 135) “o preconceito fica muito mais no nível da emoção do que no do conhecimento”.

Pela perspectiva de Heidegger (1995), apesar de querer “sair do armário”, algo se explicita no palavrório do colaborador 1, que a todo tempo, repete uma fala impessoal de quem quer considerar a homossexualidade como algo natural, mas ainda está repleto de preconceito. O palavrório o faz sentir-se vivendo inautenticamente, apesar de ser considerado

por Heidegger (1995) como um fenômeno positivo, uma possibilidade do discurso que determina a interpretação e a comunicação cotidiana e pública do ser-aí. Contudo, a inautenticidade é essa existência desintegrada sentida na vivência em que, por mais que conviva bem com o filho, sente-se impossibilitado de ser si-mesmo como pai, e de compreender totalmente, já que o palavrório esconde e oculta aquilo de que se fala, torna-se um falar por mero falar, ao qual corresponde um escutar que não atenta verdadeiramente ao que escutou.

Ao mencionar que a “situação” do filho é mais difícil para o pai compreender, o colaborador 1 parecia dizer que um filho homossexual “incomoda” o pai por tocar em aspectos de sua própria masculinidade. Na nossa sociedade, a supervalorização do masculino como figura de poder cria sérias desigualdades entre homens e mulheres e entre heterossexuais e homossexuais. O fato de as mulheres serem socialmente vistas como menos competentes faz, por extensão, com que os *gays* sejam vistos como inferiores, pois não se pode admitir que seres nascidos do sexo masculino sejam supostamente mais delicados, sensíveis, e que se aproximem do gênero feminino, abrindo mão do poder e da glória de ser “macho”. Neste sentido, entende-se perfeitamente bem por que os *gays* são ridicularizados e menosprezados (FOUCAULT, 1984a; LOURO, 2004; TREVISAN, 2000). Parece ser esse o incômodo do colaborador 1: ter um filho homem, porém *gay*, que será ridicularizado e tido como “menos macho”.

Em seguida, disse que o filho não é uma farsa, nem um *gay* “desvirtuado”:

Ele num é um gay desvirtuado... ele é uma pessoa super tranqüila... super controlado... não fica se mostrando... ele num é uma farsa sabe... você tem que viver em sociedade... a família... por exemplo... nós aqui dentro convivemos muito bem com essa situação... nós... eu e minha mulher... minha esposa não tem nada contra isso... mas eu falo assim... pra gente viver numa sociedade... é difícil... sempre vem assim um constrangimento...acho que num é um bicho de sete cabeça não... por mim... to tranqüilo... ele num tem que esconder de mim mais... eu num tenho nada contra não... numa boa... numa boa... tranqüilamente...só falo pra ele tomar cuidado né... é um mundo muito arriscado...

A palavra desvirtuado quer dizer: indecência, desvirtude, vício (Koogan-Houaiss, 1998). Parece ser mais fácil elaborar a vivência e conviver em sociedade quando a homossexualidade do filho não é totalmente revelada, quando fica encoberta, quando o filho não se exhibe ou veste roupas de mulheres (nesse caso confundido com o travestismo). A postura do colaborador 1 novamente de ambivalência, ao mesmo tempo que convivia muito bem, não achava um bicho de sete cabeças, o filho não precisava mais esconder dele; simultaneamente sentia a vivência como um constrangimento. O constrangimento é o sentimento que o (re) coloca, a todo instante, na angústia. Experimenta tal angústia pelas possibilidades que colocam em questão sua existência. Traz sua inquietude diante do seu destino e sua responsabilidade. Ela revela ainda um aspecto básico da sua existência: a liberdade. O colaborador 1 se angustia diante da possibilidade do filho ser homossexual porque essa possibilidade lhe mostra que nada está inteiramente determinado – as determinações que estabelecemos por opções já feitas nos comprometem, mas não eliminam a incerteza (HEIDEGGER, 2001b).

Pedi ao filho para ter cuidado, pois acreditava ser um mundo arriscado, talvez pensando na palavra usada, um mundo promíscuo, vicioso, indecente – a própria visão do preconceito e também o medo da violência fora de casa. Modesto (2008) adverte que alguns pais fazem uma relação direta entre homossexualidade e falta de caráter e promiscuidade, por isso estar relacionado à crença de que a homossexualidade é uma opção, ou indício de sem-vergonhice e safadeza.

Ao se referir às suas próprias amizades, ele disse o seguinte:

Eu com *os amigos que freqüentam a minha casa...* num tenho problema nenhum... eles *sabem* e eu num vou aqui receber na minha casa... uma pessoa que eu sei que num vai ter jeito pra isso... prefiro mais marcar num outro dia... mas os amigos meus que freqüenta a minha casa... eles sabem... eu *já preparo eles...* e todos eles... correspondem da mesma forma... tudo normal... *tudo tá funcionando...* isso é normal... *isso aí* num tem *nada a ver...* se eu quiser aumentar... abranger assim as amizades... *eu tenho que conviver com isso... o problema...* que é uma coisa natural... que *antigamente parecia que num era natural...* eles tratava *gay como uma anormalidade* né... hoje é *natural* isso... é natural...

O colaborador 1 percebia que ser *gay* era anormalidade apenas antigamente, porém, há uma ambivalência quando diz que mesmo assim, com tudo funcionando muito bem e “normal”, ele tem que preparar seus amigos que freqüentam sua casa a respeito da homossexualidade do seu filho. Ainda se refere à homossexualidade como “isso”, coisa, objeto. Sua postura foi a de respeitar o filho para não perder novamente o contato, ainda que não tivesse digerido totalmente as novas informações, convivia com elas. A todo o momento, tenta dizer a si mesmo que não vê problema, mesmo se referindo à homossexualidade como “o problema”.

Quando os estigmas sobre a origem da homossexualidade apareceram, ele relatou:

Se você estudar o comportamento de cada gay... ce vai ver que deve ter pelo menos uns dez... quinze tipos diferentes né... eu num sei qual que é mais... qual que é menos... porque são muitos... que se veste de mulher... até essa novela que tá passando agora... tá demonstrando isso muito bem né... tem casal que é um exemplo... de profissionais... médico e tudo... e convivem numa casa... só que acho que eu... não sei qual que é o tipo certo... qual que é o tipo incorreto... não sei... mas eu sei que tem muitas formas...tem gay mais desvirtuado... que só pensa em sexo... e tem mais reservado... se você falar bicha... é um sentido... se você falar gay é outro sentido... bicha popular... gay social... antigamente não existia a convivência social... existe hoje porque evoluiu né... mas existia... num deixava de existir... as vezes falam assim... “ah porque aumentou a quantidade de homens feminados”... num é não... antigamente existia também... ce vai ver lá em Nero lá... na Roma... isso aí sempre existiu...

Refletindo, pensou em tipos de *gays* (mais e menos *gays*), confundiu homossexuais com travestis, se referiu aos *gays* da novela que são profissionais bem-sucedidos como um “tipo” menos incômodo, se referiu, ainda, à idéia da homossexualidade ligada à promiscuidade. Torrrão Filho (2005) esclarece que homens *gays* são quase sempre definidos inteiramente em termos de sua masculinidade, ou melhor, em termos de sua ausência. Tanto que a maior ansiedade com relação à homossexualidade, para os homens, está nesta identificação com o feminino, com o ser dominado por outro homem como se fora uma mulher e com a identificação à promiscuidade referindo-se a inúmeras relações sexuais.

O colaborador 1 demonstrou que buscava compreender qual a forma menos sofrida que o *gay* devia vivenciar, até para não ter sua honestidade e caráter colocados no pacote da

perversidade, doença, desvio sexual que permeou (e ainda permeia) a homossexualidade por anos. Buscava esclarecer os sentidos das palavras *gay* e *bicha* e compreendia que a história da homossexualidade não é atual. Segundo Lins (1997), no Império Romano não existia classificação das pessoas entre homo e heterossexuais. O termo usado para homossexualidade era sodomia e descrevia relações anais masculinas, também masturbação ou qualquer prática sexual que não levasse a procriação.

Prosseguindo em seu relato, surgiu a **Relação percebida pelo pai com seu filho:**

Meu filho... ele é uma pessoa formidável... eu não tenho nada contra o fato delem ter a preferência homossexual dele... ele nunca me deu trabalho... sempre foi um exemplo de pessoa... e mesmo com os problemas ele sempre encarou a vida muito firmemente... com o pensamento muito forte... e a gente sempre conversou muito...por causa do preconceito... ele achava... talvez... que eu não fosse aceitá-lo... eu achei que foi por isso... foi a causa dele ter... se distanciado um pouco do pai...

O colaborador 1 assimilou que o filho se distanciou dele por receio de seu preconceito. O filho pode ter se sentido rejeitado ou muito diferente do pai e se afastou por medo de desapontá-lo ou frustrá-lo em suas expectativas. Parece que para se livrar da angústia do filho ter ficado distante tanto tempo, ele repete ao longo de sua fala que não tem “nada contra”, tentando certificar-se disso, buscando validar para si mesmo tal postura. Colocou a orientação afetivo-sexual como “preferência sexual”, contradizendo-se, já que desde o início do relato colocou a homossexualidade como natural, espontânea, não sendo escolha nem preferência.

Contudo, mesmo considerando-se tranqüilo, há a vivência de dificuldade para assimilar, aparecendo no relato do colaborador 1 mediante o **Horizonte de silêncio:**

É difícil... nossa... é difícil... eu falo porque eu que sou tranqüilo... mas é... ((silêncio))...você vive uma vida inteira...((silêncio))...você vive uma vida inteira de espera... uma vida inteira... sei lá... eu poderia ter neto...

Parece que há nesses intervalos de silêncio uma dor, profunda e dura, como ele havia relatado anteriormente; a angústia diante da ambivalência de conviver bem, não ter nada contra, ser tranqüilo, ao mesmo tempo, ter vivido uma vida toda de espera, quem sabe, por

um neto, as expectativas em relação ao existir do filho. O silêncio (como modalidade do discurso, e não como simples negatividade da ausência de proferimento) está no coração do discurso. Tudo depende de uma escuta, que é uma certa experiência, a de uma voz intimando a ser si-mesmo verdadeiramente, e que é silenciosa, como nos postula Heidegger (2001b).

Esta espera acaba reaparecendo nas **Expectativas paternas em relação ao projeto de vida do filho**, quando o colaborador 1 relatou:

Pensam em adotar uma criança... espero que eles façam... que as leis mudem pra eles... pra eles terem felicidade na vida deles... eu espero que dê tudo certo pra eles... então deveria ter essa válvula de escape assim... abertura pra que eles pudessem... ter uma vida normal... porque não justifica o fato de ter uma vida de casado sem ter um filho... tem muita criança na rua... tem muita criança pra adotar... deveria ter mais leis pra eles... graças a Deus ce tá fazendo esse trabalho aí... põe no jornal... faz alguma coisa... vai ser interessante...É um campo complicado... que merece muitos estudos... no sentido de esclarecimento... de cuidado... no sentido de fazer alguma coisa... de melhorar... as próprias leis né... nesse sentido assim que eu falo...

Deseja que as leis mudem e favoreçam os homossexuais, deseja que o filho alcance uma vida de casado plena na adoção de uma criança, pois seria viver uma vida “normal” e feliz. O desejo que o filho viva autenticamente, porém, dentro dos moldes do que se convencionou chamar família: o casal com filhos, vivendo formalmente segundo a lei, protegidos por esta.

Todo o relato do colaborador 1 foi preenchido pelo seu cuidado em não perder novamente o contato com o filho homossexual, ainda que venha refletindo, em seu mundo-próprio sobre o mundo-com-a-homossexualidade, lançado nessa facticidade de algo que não desejou vivenciar, buscando formas de olhar para a homossexualidade como algo natural e que deve ser vivido com espontaneidade e sem preconceito pelos pais. Repetiu que para os pais se sentirem mais confortáveis em tal vivência, orientação e estudo seriam importantes, tanto que percebeu nossa pesquisa como algo interessante, devendo ser divulgada.

Colaborador 2

Entrevista realizada dia 07 de julho de 2007.

Colaborador 2, 60 anos, católico, ensino fundamental incompleto, casado, 6 filhos, classe C, operador de sistemas de água. Filho homossexual, 19 anos, não tem religião, ensino fundamental incompleto, mora com os pais e uma irmã. O colaborador 2 soube da homossexualidade do filho em fevereiro de 2007 e relatou ter percebido “algo diferente” no modo-de-ser do filho. Disse ter recebido a revelação com naturalidade e demonstrou preocupação com violência e preconceito. Incentiva o filho a estudar para conseguir emprego bom. Sobre a homossexualidade diz conviver bem, recebendo os amigos do filho em sua casa e lembrando aspectos do passado, em que trabalhava com pessoas homossexuais com os quais convivia também fora do trabalho. Demonstrou interesse e curiosidade pelas vivências do filho, desejando sair com ele para boates *gays* e locais que o mesmo frequenta. A entrevista foi realizada em sua residência com duração de 1 hora. Ele relatou no final que é padrasto do filho afirmando: “pai não é o que faz, é o que cria”.

No que se refere à **Vivência anterior à revelação da homossexualidade**, o colaborador 2 lembrou-se do filho na infância, evidenciando o modo-de-ser do filho antes da revelação da homossexualidade:

Percebia alguma coisa diferente... mas falava pra mãe dele... “a gente não sabe se é ou se não é... sei lá”... a gente ficou meio em dúvida... aí “vai fazer isso”... “ah não porque eu num gosto”... eu brincava com ele... falava “pára de viadagem”... e ele... “é porque num sei quê que tem... sou hetero... sou isso... sou aquilo”... deixava pra lá... ele era normal nessa fase... sempre foi... desde pequeno ele é criança normal como as outras... num dava demonstração de nada...

O colaborador 2 percebia algo diferente em seu filho na infância, porém, ao mesmo tempo disse que ele não demonstrava nada. A homossexualidade era percebida e trazida com preconceito (“pára de viadagem”). Em contrapartida, havia a visão de normalidade no filho. As duas possibilidades coexistiam pela ambivalência: o filho homossexual, “viado”, ao

mesmo tempo, normal. Badinter (1985) nos auxilia a refletir que o sexo que identifica a criança ao nascer, não garante ao homem a identidade masculina; tendemos a lidar com a feminilidade como um dado da natureza, e com a masculinidade como uma conquista cultural. Sendo assim, o homem sempre enfrenta o desafio de provar sua masculinidade, desde muito cedo.

Prosseguiu relatando:

Tentou disfarçar... fazer de conta... “tá vendo... só me chama de viado... num sou nada disso”... ele brigava contra isso... xingando essas coiseira... e passando trem na cabeça... e alisando cabelo... “ce acha que eu sou viado?... aqui não... eu gosto de andar limpo”... que num sei quê que tem...

O colaborador 2 considerou as atitudes do filho estranhas, lhe parecendo serem do universo feminino, mesmo assim, disse que o filho tentou disfarçar a homossexualidade, “fazer de conta”. Como alguém que tentava disfarçar continuava passando creme e alisando o cabelo? Se tentasse disfarçar, não tentaria também esconder tais comportamentos, por serem estes percebidos como femininos pelo pai? Algo nem tão oculto assim, vinha se desvelando e o colaborador 2 preferia pensar que, mesmo diante de tais pistas, o filho “brigava” contra a homossexualidade. Colocou-a, também, como coisa, “isso”.

A dicotomia sexual homem-mulher com características e peculiaridades próprias e mutuamente exclusivas – assumida por pais, familiares, escola, meios de comunicação e sociedade em geral, é incorporada como uma forte formação ao longo da existência (HEILBORN, 2004; LOURO, 2004). Sendo assim, as diferenças psicossociais entre meninos e meninas são, de certo modo, absorvidas, desde muito cedo, através de disposições, expectativas, reforços, atitudes e comportamentos típicos para cada sexo, uma noção esperada, consentida, permitida ou excluída, do que é ser homem ou ser mulher. Por isso se espera que meninos e meninas inclinem-se mais a imitarem os seus iguais do que os do outro sexo. Reside aí a ambivalência sentida na percepção do colaborador 2.

Por outro lado, entendemos que o uso da autoridade (e até da punição) como recurso de controle familiar é uma das características do modelo patriarcal de família que envolve a noção de fidelidade e obediência (ARAÚJO; SCALON, 2006). É possível que o colaborador 2, em sua relação com o filho, mesmo sem uso de punição, continuasse preferindo contar com a fidelidade e obediência do filho, pautada em sua própria experiência familiar, questionando o tempo todo a sexualidade do filho a partir dos comportamentos desvelados.

Quanto à **Revelação à família e convivência com a homossexualidade**, o colaborador 2 relatou sobre a revelação da homossexualidade do filho dizendo:

A mãe dele num apertou não... mas conversando com ele... falou... “oh mãe quer saber duma coisa... eu sou... aqui o pessoal já sabe... falta só aqui dentro de casa e eu quero abrir... depende de vocês”... a mãe dele falou “você num vai deixar de ser meu filho” e a mesma coisa eu falei... mesmo os irmãos falou... aí que ele abriu... falou “eu sou e faz tempo... eu tava com vergonha de falar e vocês não aceitam” e ficou numa boa... quanto a homossexualidade encarei com normalidade... sem preconceito nenhum... “ah pai eu sou isso... sou aquilo”... eu falei... “seja bem vindo... você num vai deixar de ser meu filho... seja sempre bem vindo... se for sair... sai... vai com Deus... Deus te abençoe... mas se tiver qualquer coisa... cê liga em casa... pra contar aonde você está... pra gente não ficar preocupado”... e nosso lema aqui dentro de casa é esse... e a gente tá sempre preocupado... num tem preconceito em hipótese alguma... é só normalidade...

A postura do colaborador 2 diante da revelação da homossexualidade foi de acolhimento. Considerando que desvelamos e revelamos juntos o que algo é, a fala desvela a ontológica pluralidade do homem. Sem testemunho, o desvelado e o desvelamento, o revelado e a revelação esvanecem-se, dissolvem-se. Sem o testemunho não há manifestação (HEIDEGGER, 1995; CRITELLI, 2006). Portanto, o colaborador 2 conta com o testemunho de sua esposa na manifestação do fenômeno da homossexualidade do filho, desvelado pela fala em seu mundo-próprio de pai.

Ele nomeia a vivência. Diz ter enfrentado sem preconceito e com naturalidade, usando a palavra “normalidade”. Modesto (2008) afirma que o preconceito causa um mal e a necessidade de tornar natural a diversidade sexual, o mais rápido possível. O colaborador 2 demonstrou, ainda, preocupação quando o filho estava fora de casa.

Em seguida, ele nos relatou os sentimentos vivenciados pelo pai em relação à revelação da homossexualidade:

É recente né... mas não me abalou em nada ((risos))... olha pelo contrário... fico é preocupado... saiu na quinta feira pra amanhecer antes de ontem e voltou hoje cedo... fico preocupado... já falei pra ele... “oh onde ce tiver... arruma um telefone... to em tal lugar... tá tudo bem... não se preocupe comigo” e é isso aí... a gente se preocupa... mas não adianta... e fica preocupado ainda... esse mundão de meu Deus... cheio de covardia e também tem essas pessoas que é revoltada com homossexuais né e podem fazer malvadeza... que nem acontece em São Paulo... que aconteceu em outros local... que dá tiro e dá facada... então a gente fica preocupado com isso... e graças a Deus... até hoje... até ONtem num aconteceu nada... e a gente espera que não aconteça...

O colaborador 2 reafirmou sentir preocupação com a violência e preconceito de pessoas homofóbicas contra seu filho. Um medo real por histórias que ele vê e ouve. Welzer-Lang (2001) propõe a homofobia como sendo a discriminação contra as pessoas que mostram, ou a quem se atribui, algumas qualidades (ou defeitos) atribuídos ao outro gênero. Sendo assim, entendemos que a homofobia engessa as fronteiras do gênero. Também aventamos que as pessoas que não conseguem lidar bem com a própria sexualidade poderão ter dificuldade em lidar com a sexualidade do outro porque a sociedade está carregada de tabus, preconceitos e idéias falsas (COSTA, 1994). Ou seja, a preocupação do colaborador 2 fundamenta-se em uma realidade ainda muito hierarquizada, na qual as várias formas de expressão da sexualidade, a dita diversidade sexual, convive com valores arcaicos depositados em forma de preconceito, discriminação e violência maciça (MARTINEZ, 2008; SANTOS, 2004). Talvez esteja expressando que também sente dificuldade de ver a homossexualidade sem preconceito e discriminação, por isso o medo da sociedade, já que ele, pai também não a compreende de outra maneira.

O colaborador 2 elaborou sua vivência dizendo:

Mas eu num deixo o bagulho cair comigo não... o nego fala... eu falo... “é meu filho... ele seja o que for... é meu filho”... se (alguém) criticasse... é o que eu to falando... eu rodo a baiana... falo pra todo mundo... “mexe comigo... mas não mexe com meu filho nem com minha esposa não”... aí eu compro briga... briga feia... “fale de mim ((risos))... mas num fale de ninguém da minha família não”... ah não... pelo amor de Deus... num gosto não...

Sua postura foi de proteção com o filho e a família. Tentou não se abater por ter o filho homossexual e preferiu o enfrentamento das críticas, talvez para assimilar a experiência e aplacar seu próprio preconceito. Para Heidegger (1995), o Dasein enquanto ser de afetividade tem a possibilidade de já-no-mundo vincular-se afetivamente a tudo que o rodeia, sejam objetos ou outros seres humanos. A impossibilidade de demonstrar certos sentimentos, considerados inadequados social e culturalmente para os homens, fez com que muitos deles mantivessem uma dificuldade de diálogo com os filhos e a família, ainda no presente. Talvez seja o caso do colaborador 2 que buscava enfrentar a homossexualidade, seja ela “o que for”.

Em outro sentido, diríamos que, de modo geral, o homem encontra dificuldades para separar sua individualidade da função de pai. Algo sempre apoiado pela cultura que, sendo patriarcal, reservou-lhe lugar acima da trama doméstica (BADINTER, 1985; CHAUI, 1984). Por mais que esta atitude venha se modificando, nos lembra Figueira (1987), que a mudança de hábitos não acompanha o ritmo da transformação de valores. Por isso, o colaborador 2 é um exemplo de alguém que busca formas alternativas de convivência familiar, criando espaço para a manifestação diferenciada da paternidade, não apenas como o provedor, não sendo reduzido ao papel de mero reprodutor, que deve proteger a família, mas também em sua busca por enfrentar o preconceito e a homossexualidade, ainda que no embate com pessoas fora do mundo-familiar-circundante.

Em seguida, o colaborador 2 relatou como o pai convive com a homossexualidade do filho no momento atual:

Eu já conhecia... eu já sou vivido nesse mundo... eu trabalhei e na minha seção tinha três homossexual... na hora do lanche eu saía pra sentar com eles pra trocar idéia... pra pegar experiência e ver como que é a história... falei “tá bom... num sei o dia de amanhã” ((risos))... e amanhã é isso... e tudo na normalidade... graças a Deus... nada me abalou... eu sou o tipo de pessoa que eu sempre espero o amanhã... num julgo ninguém porque não sei o dia de amanhã... tem gente que não gosta de viado... tem gente que tá pagando agora a língua porque falou... mas eu tinha amigo e eu saía pra tomar café junto com eles... eram meus amigos e nós saía muito pra dançar... aí nois encontrava no salão... sentava tudo na minha mesa... tomava cerveja... sempre foram meus amigos... num tive... nunca vou ter... eu não sei o dia de amanhã... num sei... amanhã até eu posso ((risos))... quem sabe?...

O relato do colaborador 2 sobre sua amizade com homossexuais, em seu trabalho, foi para dizer que não sabendo do futuro, tentou ver a homossexualidade como “normalidade”. Demonstrou seu receio de “estar pagando língua”, se justificou dizendo que não falava mal dos homossexuais e, assim, elaborou pensando que não se abalou com a homossexualidade do filho. Validou para si mesmo a hipótese de que não julgava as pessoas. Seu relato demonstrou sua curiosidade pelo mundo-da-homossexualidade, insinuando vir a vivenciar experiências como *gay*, um dia.

Sendo o homem plural, os outros não são aqueles com quem o indivíduo convive, nem aqueles que o completam; os outros constituem-no. E assim, aquilo que é compreendido (desvelado/revelado) por alguém nunca é, assim, compreendido como coisa em si, mas é sua existência mesma que ganha outra iluminação através desta compreensão. Junto com os outros o indivíduo tem a garantia de que desvelou algo (HEIDEGGER, 1995; CRITELLI, 2006).

Nesse mundo-com do colaborador 2 que ele veio desenhando os caminhos de sua compreensão, utilizando suas vivências anteriores, estando-com-os-outros, demonstrando como sua afetividade se revela. Heidegger (1995) considera o homem como ente que compreende, e na existência, cada nova experiência é uma experiência que nasce sobre o fundo das anteriores e as reinterpreta. Parece que o colaborador 2 vem tentando compreender a homossexualidade do filho, sua curiosidade aponta que o caminho seria também vivenciá-la. Algo que possivelmente, em seus estados de ânimo, aponta para a clareira, a saída, retirando-o da angústia da incompreensão. A fuga à angústia é um modo de existir inautêntico, segundo Heidegger (1995), uma vez que o homem foge ao seu poder-ser mais próprio, que o abre inteiramente para si mesmo.

O colaborador 2 relatou, ainda, sobre o filho ter parado de estudar, no momento atual, desvelando sua tristeza:

Depois ele assumiu num foi mais (estudar)... foi logo que ele assumiu... eu creio que não (gosta)... pelo jeito que ele fez né... parar de repente... porque vai fazer falta... quem tem curso... tá formado... ce vê... formado já é difícil... imagina sem formar... eu falei pra ele... “sem preconceito nenhum... você tem mania de falar que é nego...o povo tem mania de falar... é nego... viado e pobre”... e geralmente se polícia pegar... pega as vezes... um que é de cor ((risos))... nesse país nosso... a idéia geral é essa...

Ele associou a revelação da homossexualidade pelo filho à evasão dos estudos. Ele teme pelo filho negro, homossexual e pobre num país que para ele, o estudo é a esperança. Suas palavras demonstram, ao mesmo tempo, um preconceito real, seu receio de pai preocupado com o futuro do filho, desejando para este um existir autêntico, e por outro lado, o seu próprio preconceito. O pai tentou elaborar que provavelmente o filho não goste de estudar.

No que diz respeito a **Relação percebida pelo pai com seu filho**, o colaborador 2 mencionou ser o padrasto do filho:

Padrasto... exatamente... pai num é o que faz... é o que cria... eu sempre falo isso pra ele... “oh o caminho certo é esse... até três vezes eu trago você pro caminho certo... mas passou de três vezes... eu largo de mão... não... acho que agora num tem mais jeito”... mas pai é um bicho besta... as vezes fala que não faz... quando vê já tá fazendo e((risos))... terrível... aí depois vem... “é pai... bem que o senhor falou”... tudo que uma pessoa pode tratar com o maior carinho... a única coisa que eu não consegui arcar é colocar ele pra tocar violino... depois ele falou que tava afim de fazer um curso de costureiro... eu falei “se não der certo... eu vou tá sempre aqui”... e é assim... vai passando...

O colaborador 2 sentia-se pai do seu filho por o estar criando. Seu sentimento foi de pertencimento. Permeava sua conduta com o filho pela confiança e amizade. Elaborou sua vivência de pai, dizendo que “pai é um bicho besta” que sempre faz mais por seus filhos, mesmo dizendo o contrário. Ele se via como um grande incentivador do filho, principalmente se algo der errado, dizendo que estará lá para acolhê-lo, sempre com muito carinho.

Tal manifestação nos faz pensar que a figura do pai contemporâneo se faz em uma base sensível, que respeita a capacidade do homem de perceber e reconhecer suas necessidades afetivas. Entendem que ao se permitirem o reconhecimento da própria sensibilidade, transformam-se em pessoas privilegiadas, com direito a atender necessidades

da vivência paterna atual: conquistar seu próprio espaço afetivo (BADINTER, 1985; BAUMAN, 2004; SARTI, 2004).

Além disso, relatou uma conversa entre eles, sobre as amizades do filho, que o colaborador 2 considera vulneráveis, dizendo:

As vezes fala... “pai vou fazer isso... tem uns colega meu que vai vim num churrasco aqui em casa”... eu falo... “que colega? *num tem problema ninguém entrar aqui... desde que respeite minha casa... respeite minhas coisas...* mas tem certeza que fulano é seu amigo?... e quando você mais precisou... onde ele tava?... te deu uma palavra de apoio?... não financeira... de apoio?... então... ce quer trazer ele... traz... se considera ele como amigo desse jeito ((risos))... só num precisa ter inimigo...*traz esse pivete*”... *ai eles se junta lá... aquela tranqueira...(ele)*é despreparado... depois de um tempo... “cadê fulano?... cadê seu amigo?”... “ah faz tempo que num vejo”... eu falo... “isso é amigo?”... ((risos))... amigo é... “oh fulano... tá precisando pelo menos dum apoio moral?...oh tá precisando de alguma coisa?...você tá com problema?”... *isso que é SER amigo...* pelo menos eu penso assim... eu falei pra ele assim... “ah ce ainda é jovem ainda... ce tem muito o que aprender”... eu falei... “na escolinha que ce ta fazendo... meu filho... eu já conheço tudo”... ((risos))...

O colaborador 2 sentia-se mais experiente que seu filho e tentava dividir com ele sua experiência. Era uma forma de se aproximar do filho e exercer sua função de pai. Quando os amigos do filho queriam entrar em sua casa, o pai questionava pelo nível das amizades e pedia respeito com sua casa. Chamou os amigos do filho de “pivete”, de “tranqueira”, novamente o preconceito. Talvez a inexperiência e o despreparo que o colaborador 2 diz perceber em seu filho, tenham a ver com a homossexualidade. Talvez os amigos sejam *gays* e, por isso, o incômodo do pai em recebê-los em sua casa. Elaborou pensando que aqueles amigos somem, ficam distantes do filho, então não são amigos tão verdadeiros assim. Talvez conversando abertamente sobre as amizades com o filho sinta-se conhecendo tudo. Diz Modesto (2008, p. 194) que vários pais e mães reclamam dos amigos do filho e não querem aceitá-los em sua casa, pois, “na verdade, grande parte desse estranhamento vem de fantasias relacionadas ao preconceito de que homossexual é sem caráter, pode ser bandido”.

Onde se instalou a sociedade do espetáculo, pautada no consumo abundante, aparece uma oposição entre a juventude e os adultos: “porque não existe nenhum adulto, dono da própria vida, e a juventude, a mudança daquilo que existe, não é de modo algum propriedade

desses homens, (...) mas sim do sistema econômico” (DEBORD, 1997, p.42). Sendo assim, o colaborador 2 também busca validar para si que sendo adulto, tendo vivido muitas experiências, deve orientar o filho que não sabe, ainda, ser dono de sua própria vida.

Ao falar das **Expectativas paternas em relação ao projeto de vida do filho**, o colaborador 2 trouxe em seu relato planos, expectativas e aspirações para o filho, o ideal do estudo:

Então sempre eu falo pra ele... “você tem que voltar... *termina seu curso... tira seu diploma... pode ser qualquer curso... de cabeleireiro... de costureiro... manicure... sei lá o que for... o que quiser... sem estudo* num é nada... quem tem estudo já é difícil”... (*espero que ele*) volta... *essa é a esperança que eu tenho... quem tá formada... pra arrumar um emprego... pra ganhar bem... não tá fácil... o caminho vai ser mais difícil... o amanhã né?... come que vai tá?... toda essa evolução né... sempre falo pra ele... “é o primeiro caminho que tem é o estudo... se quiser fazer concurso... se eu tiver condições de pagar... pode ter certeza... que estudando a gente paga o curso... você consegue formar e... encaixado... arruma serviço mais fácil”... é isso né...*

O colaborador 2 incentivava o filho a terminar algum curso para ter um diploma, seja de cabeleireiro, manicure ou costureiro. Acreditava no poder dos estudos para facilitar o caminho rumo ao emprego. Até ficava planejando ter condições de pagar algum curso para o filho ou então, ajudá-lo a prestar concursos. De algum modo, parece se evidenciar no relato do colaborador 2 algumas profissões que são mesmo tidas como profissões para homossexuais.

Revelou, ainda, o desejo de conhecer os locais que o filho freqüentava, a seguir:

Um dia eu vou sair com ele também... pra uma noitada... ver onde que ele ((risos))... o quê que ele tá fazendo... tenho curiosidade... ele fala pra mim que vai em boate gay... e você pode ter certeza que eu vou entrar... e vou me divertir... uma hora eu vou sim... falo... “se você pode... então eu posso... é aqui que você fica?... então vamo entrar... quer ir embora... vamo embora... se quiser ficar... pode ficar... to indo... eu já sei que ce tá aqui... tranquilo”...

Novamente a curiosidade do colaborador 2 pelo mundo-da-homossexualidade, para saber onde o filho vai e o que faz. Sua intenção é participar da vida do filho, se divertir com ele, exercer seu papel de pai, conferir os locais onde o filho freqüenta e, então, poder ir

embora tranqüilo. Seu relato é permeado pelo preconceito e pelo desejo de compreender melhor a homossexualidade.

Colaborador 3

Entrevista realizada dia 13 de janeiro de 2008.

Colaborador 3, 56 anos, católico, ensino médio completo, separado, 3 filhos, classe B2, motorista particular e dono de lava-jato. Filho homossexual, 31 anos, não tem religião, ensino médio completo, cabeleireiro, mora sozinho, filho do primeiro casamento. Filho homossexual, 20 anos, não tem religião, ensino médio completo, estudante, mora com a mãe e a irmã, filho do segundo casamento. O colaborador 3 mora sozinho. Ele afirmou que foi “desconfiando” da homossexualidade dos filhos até que se confirmou. Não se lembrava a data e a idade que o filho mais velho tinha, pois foi há muito tempo. Sobre o filho mais novo diz que ocorreu quando este estava com 15 anos no ano de 2002. Em relação à família, conta não ter havido problemas. Relembrou de outros casos de homossexuais na família. Relatou conviver muito bem com a homossexualidade dos filhos e estão reunidos, sempre que podem. O filho mais velho tem um namorado há alguns anos, e o filho mais novo já lhe apresentou namorados, mas no momento não tem nenhum. A entrevista foi realizada na residência da mãe da pesquisadora com duração de 1 hora.

Iniciando seu relato pela **Vivência anterior à revelação da homossexualidade**, o colaborador 3 trouxe, nas lembranças da infância, a explicação para o modo-de-ser do filho antes da revelação da homossexualidade:

Com ele (mais novo) *eu notei quando ele era pequeno... ele ficava brincando com os brinquedinho... ele tava com 18 anos... ele tava brincando com esses brinquedinho... com vídeo game... então ele num era pessoa de sair... num tinha quase amizade... era pessoa fechado... qualquer coisinha... se atravessasse ele... ele queria brigar... ele num aceitava os outros... num aceitava desaforo não... ele*

estudava e *num gostava que ninguém entrava no quarto hora que ele tava brincando com os brinquedinho dele não... menino de tudo... brinquedo de menino... de criança né...*

O colaborador 3 revelou o modo-de-ser do filho mais novo, pelas brincadeiras que eram solitárias na infância, sempre estando fechado no quarto, e não gostando de ser importunado. O pai percebia o filho um pouco agressivo e justificou que brincava com “brinquedo de menino”. Apesar de ter dezoito anos, o pai o achava muito criança e percebia que algo era diferente. Issay (1998) esclarece que por se sentirem diferentes, alguns adolescentes homossexuais são mais introvertidos ou se sentem menos à vontade para interagir com seus amigos e companheiros heterossexuais, sentindo-se estranhos, ficam à margem dos grupos de amigos. O colaborador 3 percebia essa postura em seu filho mais novo, talvez, até por este perceber o preconceito social nas atitudes do pai e dos amigos.

Prosseguindo, sobre a **Revelação à família e convivência com a homossexualidade**, o colaborador 3 relatou sobre a revelação da homossexualidade dos filhos dizendo:

Na época... tem muito tempo... eu comecei a perceber... eu comentei com a mãe dele(mais velho)... e com o tempo eu fui notando... aí já fiquei sabendo que ele tava com uma pessoa... e foi convivendo com aquela pessoa... e tá até hoje com essa pessoa... ele já tinha um relacionamento e aí me falou... e eu aceitei isso numa boa... porque o ponto de vista de cada um quem é nós pra julgar né?...Olha... foi através da mãe dele (mais novo) que eu descobri... que ele era homossexual... então ele já tinha feito 16 anos... aí que eu fiquei sabendo... mas aí eu aceitei de boa também... não falei nada... não recriminei ele hora nenhuma... não teve problema de jeito nenhum...eu sabia mais ou menos...

O colaborador 3 percebia e notava a homossexualidade de ambos os filhos. Ele nomeia a vivência. Sua postura é de aceitação. Em seu relato, destacou que respeita os filhos, não se sente apto a julgamentos, ainda que não compreenda totalmente a homossexualidade, tenta não recriminá-la ou vê-la como problema. Segundo Heidegger (1981) relacionar-se com o outro, de maneira significativa e envolvente, define a solicitude. Algo que o colaborador 3 desvela para os filhos. Há, portanto, em seu relato, a importância da relação envolvente e significativa com seus filhos, em seu mundo-com-a-homossexualidade. Heidegger (1981) esclarece que ser-com-os-outros é um constitutivo fundamental do existir

humano, que diz respeito ao modo como nos relacionamos, sentimos, pensamos, vivemos e acolhemos nossos semelhantes. Sem essa característica genuína e fundamental do homem, o existir não teria nenhum sentido.

Em função disso, o colaborador 3 escolheu sua postura. Segundo Forghieri (2002), as escolhas envolvem sua abertura de compreensão da vivência e exige dele responsabilidade para assumir o risco da imprevisibilidade das conseqüências de sua decisão. Tais conseqüências parecem ser sentidas na incompreensão e nas dúvidas que o rodeiam.

Daí surgiram os sentimentos vivenciados pelo pai em relação à revelação da homossexualidade dos filhos:

Não é o primeiro caso... não vai ser o último... então o pai deve respeitar muito o filho que tem... a filha que tem... cada opção de vida... é melhor partir pra uma coisa dessa do que partir pra droga... pra outras coisa... e é uma opção de vida... a gente deve viver feliz e de boa... isso que importa... o resto... então a gente deve aceitar os problemas de filho... eu acho que a pessoa deve assim... estudar... trabalhar e viver a vida... não preocupar com a vida dos outros... isso é que importa... agora opção sexual... isso é problema muito pessoal da pessoa... então num adianta o pai ficar... exigindo do filho... “ce tem que ser machão... ce tem que sair pegando todas”... não...isso é bobagem...

O colaborador 3 colocou a homossexualidade como opção de vida, opção sexual em oposição ao conceito de orientação afetivo-sexual. Segundo Costa (1994) o termo orientação afetivo-sexual é utilizado, em todo o mundo, para designar o relacionamento amoroso ou sexual com uma pessoa do mesmo sexo, com pessoa do sexo oposto, ou com pessoas de ambos os sexos. Esta orientação afetivo-sexual começa a ser constituída na infância, passa-se a ter maior consciência dela na adolescência, mas somente na fase adulta se confirma. Para o colaborador 3, esta é uma das facetas dos filhos, não devendo ser a prioridade dos pais, estes devem sim orientar os filhos a estudarem e a trabalharem, vivendo suas vidas sem exigências tolas de que o filho, no caso, cumpra o papel de “machão”.

Preferiu a homossexualidade ao uso de drogas pelos filhos. Talvez demonstrando com isso uma negação da homossexualidade por causa da dificuldade de aceitação, tanto que

colocou-a como “problema”. Percebia na função de pai o acolhimento e a aceitação. Elaborou não se sentindo sozinho, pois seus filhos não são os únicos gays a se assumirem.

Aqui, o colaborador 3 se questionou sobre a culpa pela homossexualidade dizendo aceitar, mas não entender:

Eles num tem culpa... será que tem culpa?... será que num é a mãe e o pai que tem culpa... quando nasce uma criança já fazer... um exame de hormônio pra num virar gay no caso né?... Eu aceito numa boa mas não entendo...pra mim ele é normal... num faz diferença... não teve diferença nenhuma... ah que isso é uma opção... num dianta... a gente tem que ter confiança na gente... agora os filhos... filho vai viver a vida deles... a gente põe eles no mundo e dá um empurrão... aí eles pega o embalo e vai...vou ficar preocupado também não... a vida é deles... “sente bem?”... é isso que importa...antigamente a pessoa casava sem amor... então era obrigado... então era diferente...como diz o outro... não seria feliz... e o que importa é ser feliz... o que importa é que eles seja feliz... não importa com quem... isso aí... não to preocupado com quem ele esteja não...a gente quando vai casar... deveria ter um curso e já tá preparado pra tudo... mas a gente num é preparado pra nada não... é o que vai acontecendo e a gente vai acompanhando... (risos)...

O colaborador 3 demonstrou sua confusão quando se questionou sobre a culpa, se é dos filhos, se é dos pais e, ao mesmo tempo, elaborou a vivência dizendo que aceitava sem compreender. Issay (1998, p.80) diz que “os pais muitas vezes se angustiam porque não poderão ter netos, por causa do infortúnio que prevêm para seus filhos, ou por causa da culpa”. Portanto, pais preocupados em oferecer um meio que aceite os filhos, faz com que se sintam amados, que tenham uma auto-imagem positiva, e podem, ainda, ajudar a combater a estigmatização e o preconceito.

Para o colaborador 3, o filho é “normal”, não teve diferença; talvez por já ter vindo convivendo com as diferenças do filho mais novo desde a infância (nesse caso, o filho mais novo que é quem esteve mais próximo). A idéia de normalidade para aplacar a dificuldade de lidar, embora, o tempo todo dizendo que aceita “numa boa”.

Considerando que, para Heidegger (1995), há dois modos de estar-no-mundo que consistem na existência autêntica (modo próprio de ser) e existência inautêntica (modo impróprio de ser), podemos cogitar que o colaborador 3 está, de certa maneira, imerso na existência inautêntica caracterizada por uma impropriedade, ou seja, por uma esfera da

existência que segue sem direção própria, assim preferindo o conforto da superfície. Modo que se traduz no fenômeno da linguagem que Heidegger (2001b) chamou de falatório. O tempo todo, o colaborador 3 está dizendo para seu si-mesmo “aceito numa boa”, mas tal fala revela o falatório. Algo que não deve ser visto de forma negativa, mas sim como o modo imediato de sua existência cotidiana, o modo como primeiramente se vê lançado no mundo-da-homossexualidade. Contenta-se em repetir uma fala e passá-la adiante. É a inautenticidade na fala que o dispersa dele mesmo, por não conseguir buscar o que lhe é mais próprio, por não conseguir permanecer em si-mesmo como pai de filhos *gays*.

O colaborador 3 percebia que a função dos pais é pôr os filhos no mundo e dar incentivo, “um empurrão”, sendo assim, não se preocupava com as escolhas dos filhos. Suas palavras vão ao encontro do que está em voga na Pós-Modernidade: o que importa é ser feliz, não importa com quem (BAUMAN, 2004).

Ele gostaria de ter sido preparado para o casamento, para os filhos que teve, pois sente que as coisas foram acontecendo e ele veio acompanhando, sem muita compreensão. É assim que elaborou. É a modernização da família que segundo Figueira (1987) permite conviver valores arcaicos com outros mais modernos, gerando nos pais a sensação de não estar agindo de acordo com o que se espera deles.

Como o pai convive com a homossexualidade dos filhos no momento atual mistura-se

à forma com a qual o colaborador 3 se relaciona com os filhos:

Aí eu já não toquei no assunto com ele... aí eu já aceitei numa boa... e nunca toquei no assunto... falar que eu num aceito... ou que eu aceito... nunca... quer dizer... a gente é amigo... mas nunca toca nesse assunto... eu num recrimino nem nada... mas também não toca no assunto comigo de boa... ele me trata demais bem... então eu acho que pra mim tudo é... se acha uma parceira ou um parceiro... e vive bem... isso é que importa... o resto... o que a sociedade acha... é outro problema... num é problema pras outras pessoas... cada um vive a vida de acordo com o que pode... se acha que tá certo... não é a gente que vai mudar a vida deles... num é o pai que vai mudar... bater de frente né... então é aceitar numa boa e pronto...incomodaria eu não viver bem com meu filho... mas eu vivo bem com ele... então... isso aí não me preocupa... se alguém falar assim... “seu filho é gay”... eu não to preocupado... eu não devo pra ninguém... eu prefiro a vida que eles leva... o pai tem que ter muito cuidado pra conversar com o filho... não pode bater de frente... tem que ser amigo deles e pronto... se bater de frente assim... aí não tem diálogo...

Sendo bem tratado pelos filhos e mantido o silêncio em torno da homossexualidade, o colaborador 3 acreditava que o importante nos relacionamentos é a boa parceria. Elaborou sua própria vivência dizendo que “cada um vive a vida de acordo com o que pode”, embora a sociedade exista e tenha suas normas, parece estar dizendo que é assim que consegue vivenciar a homossexualidade. Resta-lhe aceitar “numa boa”, pois acredita que sofreria não convivendo bem com seus filhos e perdendo o diálogo com eles. Sua postura é de compreensão, não bate de frente com os filhos nem tenta mudar a vida deles. Não vê isso como função paterna.

O colaborador 3 novamente repetiu que prefere a vida que os filhos levam. Não quer perder os filhos para o mundo lá fora e, por isso, prefere ver a homossexualidade como algo normal do que tentar compreendê-la e, possivelmente, bater de frente com suas próprias questões e dificuldades.

Prosseguiu dizendo:

Então isso não me atinge de jeito nenhum... eles são normais... eles num veste de mulher... num é travesti... sabe como que é?... a gente vive dos mais bem...

A homossexualidade apareceu como “isso”, coisificada, objeto. Demonstrou que sentiria vergonha caso os filhos se vestissem de mulher como os travestis travestis. Os travestis são pessoas que se sentem pertencendo aos dois sexos, ao mesmo tempo, mas se orgulham de sua aparência feminina de acordo com Costa (1994). Não sentem necessidade de uma mudança radical de sexo, usam roupas de mulher e exibem algumas características e trejeitos femininos, conservando seu pênis e suas gônadas masculinas. Os travestis podem ser heterossexuais, homossexuais ou bissexuais, o que depende de sua orientação afetivo-sexual. Possivelmente, o colaborador 3 estava confundindo orientação afetivo-sexual com identidade de gênero: sentir-se homem ou mulher. Seus filhos são homossexuais e não travestis.

Permeando todo seu relato, vimos aparecer estigmas sobre a origem da homossexualidade:

Isso aí é opção de vida... um filho ser mulher no caso... tudo é filho né?...pode ser assim... coisa de hormônio... problema hormonal... ser problema religioso... que muita gente fala esse negócio de Espiritismo... então que tem espírito... no caso incorpora a pessoa e a pessoa se torna gay né... porque dizem que bebe... aí se transforma... aí bebe... aí ele vira gay... ele veste a roupa até de mulher... assim eu já vi falar...diz que tem mulher também...que fica com a outra... encantada assim... larga até marido... então tem umas coisas que eu num... não posso explicar... não entendo... se é problema de hormônio... o hormônio masculino na mulher... e o hormônio feminino no homem... e se é problema de... de vida... de bebida alcoólica... alguma coisa...ou será que foi o hormônio da mulher que manifestou mais... então pode ser problema hormonal... que é difícil a gente falar assim... vamos supor... uma mulher falar assim... “nossa a fulana é tão bonita”... e apaixonar pela outra mulher... o homem... olhar um homem assim e achar bonito e apaixonar pelo homem... eu acho esquisito... então pode ser uma... tem que ter uma atração... o oposto... então pode ser problema hormonal... num tem condição... eu acho que é por aí... então não entendo... eu acho que muita coisa é por Deus... o que você tiver que passar aqui... vai passar... então eu acredito nisso... então a gente tem que aceitar... Eu tenho dúvida... mas será que eles tem culpa?... será que não é uma coisa que eles tinha que passar?... de outras vidas... a gente num sabe... nós sabemos tão pouco...isso é uma realidade do mundo... é a evolução da espécie... então a gente tem que respeitar os outros... as vontades... essas coisas... eu num recrimino ninguém não... porque tem casos de filhos assim... que eles não tem coragem de contar pros pais... pras mães... e os pais sabem e fingem que não sabem...

O colaborador 3 tem inúmeras dúvidas sobre o que é a homossexualidade. Em suas reflexões, seu pensamento passeia pelas possibilidades hormonal, religiosa reencarnacionista (“coisa de outras vidas”), uso de bebidas alcoólicas. Revela não compreender, ter dúvidas, considera esquisita a atração entre pessoas do mesmo sexo. Mais uma vez, questiona se os filhos teriam culpa? Usa a palavra culpa embora o tempo todo estivesse dizendo que não via problema nenhum na homossexualidade dos filhos. Elabora dizendo que “é uma realidade do mundo, é a evolução da espécie”, então “tem que respeitar”. Ele respeita também porque percebe que muitos pais, sabendo da homossexualidade dos filhos, fingem não saber e afastam-se dos filhos. Seu maior temor enquanto pai é ser afastado de seus filhos. O colaborador 3 está refletindo em seu mundo-próprio e tentando encontrar uma forma de compreensão em que não veja a homossexualidade como problema. Busca, dessa maneira, formas de pensar em que seja possível não sentir tanta dúvida.

Sua visão estigmatizada sobre as origens e causas da homossexualidade é fruto da visão biológica que colocou o homossexual como doente e desviante por muito tempo (FOUCAULT, 1984a; LINS, 1997), dentre outras causas hormonais que o colaborador 3 destacou. A busca por compreender as causas e aplacar o silêncio mantido em torno da vivência, também causava-lhe ainda mais curiosidade. Por outro lado, essa ânsia de descobrir de onde vem a homossexualidade relacionava-se ao medo do desconhecido. Talvez sabendo de onde ela venha e o que a causa, o colaborador 3 pudesse vivenciar a experiência mais tranquilamente (MODESTO, 2008).

Ao relatar sobre a **Relação percebida pelo pai com seus filhos** disse:

Então *eu aceitei numa boa e nunca tive problema com ele... nada... problema nenhum... ótimo filho... responsável demais da conta... então pra mim eu não tenho nada que falar que aceito isso... que num aceito isso... e aceito de boa... porque o que é que eu vou fazer né?... então isso num é motivo de falar mal do filho... O outro também tem esse problema... mas ele é uma pessoa muito... assim ele é nervoso... mas ele me trata muito bem... bom filho... o dia que ele num me vê... fica desorientado... é apaixonado comigo... meu amigo... ele me encontra... ele quer me dar beijinho... é aquela coisa (risos)... muito carinhoso... é uma pessoa ótima... é nervoso... é bravo... mas é bom filho... e a gente conversa muito... eu não recrimino ele de jeito nenhum... eu aceito numa boa... Ele fala... “eu to de namorado”...(risos)... e num tem problema não...e eu num preocupo com essa parte... ce tá entendendo?... eu num vou preocupar... não precisa... eu só falo assim “oh vocês sabem o que faz... a vida é de vocês... cada um respeita... o que é bom pra vocês não é pra mim...ce tem que ter vida própria... ce tem que ver o quê que é bom pra você... o quê que é ruim”... tem que dar cabeçada né... sentir na pele assim... falar “nossa senhora”... pagar uns mico...pra mim são ótimos filhos... num tenho assim nada que reclamar de filho nenhum... me tratam muito bem... então... eu sou amigo deles... eles são meus amigos... então num... num dá pra ser contra eles não... eu vou criar caso? (risos)... eu acabei ficando muito pouco tempo com eles...quando eu não tava trabalhando... eu tava viajando pros outros e chegava às vezes... uma hora da manhã... e realmente eu tive pouco tempo pra eles... relacionamento pouco pra filho...*

O colaborador 3 elogiou ambos os filhos: o mais velho é ótimo filho e responsável, o mais novo, é nervoso, mas bom filho, carinhoso, pessoa ótima, trata-o bem, gosta de encontrá-lo. Tendo filhos bons e amigos, ele tenta não sentir a vivência da homossexualidade como uma experiência ruim, então aceita, opta por não falar mal dos filhos, nem ir contra. Elaborou sua relação com os filhos dizendo que teve pouco tempo e pouco relacionamento com eles, por estar sempre tão ocupado trabalhando e, ao respeitá-los, talvez por essa ausência, questiona-se “o quê que eu vou fazer?”. Não tendo o que fazer, fica a favor da

homossexualidade, até porque não a compreende direito. Inclusive ele deixa isso explícito quando diz que não se preocupa com “essa parte” da vida dos filhos. Sua postura é de lembrar os filhos que as escolhas são individuais e devem guiá-los para o bom da vida. Acredita que as dificuldades são pilares para o aprendizado de cada um, talvez dizendo com isso que não pretende retirar todas as pedras do caminho dos filhos.

O **Horizonte de silêncio** apareceu quando o colaborador 3 mencionou:

*É a mãe que descobriu primeiro... ((silêncio))... então num ((silêncio))... ichi... se desse pra tentar mudar a cabeça... mas num adianta... num muda... e eles falam assim... pau que nasce torto... até o fim é torto mesmo... ((risos))... então num adianta... isso aí *ce tem que aceitar os filhos de boa... igual um prejuízo... ce correr atrás dele... então num adianta... então é aceitar o prejuízo... e bola pra frente... e vamo((silêncio))... e pode ver... de cinco em cinco anos a pessoa muda de pensamento... muita coisa que a gente aceitou... hoje num vai aceitar... outra coisa que não aceita... vai aceitar... então a gente muda muito ((silêncio))...**

Nas reticências de sua fala, o colaborador 3 admitiu querer mudar a cabeça dos filhos. Porém, acreditava que não haveria mudança, e em função do mundo-com-os-filhos que quer continuar partilhando, aceitava. Ainda que se visse no “prejuízo”, posicionou-se aceitando, ao invés de lutando contra. Prosseguiu em seu existir, refletindo que há um ciclo de mudanças nas pessoas, de pensamentos e posturas frente aos mesmos problemas, talvez querendo indicar com isto que também gastou um tempo até aceitar a vivência da homossexualidade, dessa forma que conseguiu aceitar. Não confrontava a vivência dos filhos. Sua angústia se expressava na sensação de querer que os filhos não fossem diferentes, de querer mudá-los embora saiba que a homossexualidade é algo que acontece naturalmente, também em função de tudo isso ser sentido em forma de prejuízo. É uma dificuldade sentida no fato de respeitar, sem aceitar totalmente. Seu silêncio demonstra a angústia. A angústia produz um movimento existencial de resgate do si para si, que no caso do colaborador 3 pode retirá-lo da inautenticidade, na medida em que ele perceber-se seus limites como pai, projetando-se para a compreensão (HEIDEGGER, 2001b; NUNES, 2002).

As **expectativas paternas em relação ao projeto de vida do filho** apareceram da seguinte maneira em seu relato:

Eu vou passar... eu vou morrer e não vou acompanhar o fim da vida deles... é o caminho... é o filho que vai viver... num é eu não... se quiser estudar... vai estudar...eu falo “o que vocês fizer... vai depender docêis... num vai depender de mim não... um bom emprego... vai depender dóceis”... eu quero é que filho tenha... isso é que importa pra mim... agora o resto... tem que confiar... é isso mesmo... tem que deixar...

O colaborador 3 percebia sua finitude, seu ser perene, e não poderia acompanhar os filhos até o final da existência deles; em vista disso, entendia que o “caminho” seria vivido e escolhido pelos filhos, tanto no que diz respeito aos estudos quanto a ter um bom emprego. É o que ele desejava aos filhos, para ele isso era importante, “o resto” ele confiava, ele deixava, ele aceitava ainda que sem compreender. Ao ter consciência de que é finito, um ser-para-o-fim, buscava adaptar-se à facticidade da homossexualidade. Heidegger (2001b) diz que a facticidade remete-se às possibilidades e impossibilidades que o constituem enquanto ser.

Todo o relato do colaborador 3 foi marcado pela tentativa de pensar a homossexualidade sem percebê-la como problema, mediante sua postura de respeito com os filhos, ainda, por acreditar que esta vivência é parte das escolhas deles. A incompreensão lhe provoca dúvidas numerosas. Manteve-se no falatório, na fala inautêntica, repetindo-se alheamente ao seu si-mesmo de pai de homossexuais, pois demonstrava estar tentando caminhos de conviver com a homossexualidade sem sentir tanta vontade de mudá-la.

Colaborador 4

Entrevista realizada dia 14 de janeiro de 2008.

Colaborador 4, 49 anos, espírita, ensino fundamental completo, casado, 2 filhos, classe B2, empresário. Filha homossexual, 25 anos, católica, ensino superior incompleto, vendedora, mora com o irmão em outra cidade. O colaborador 4 mora com sua esposa. Ele soube da

homossexualidade da filha através de sua esposa (esta soube por intermédio da ex-patroa da filha), no ano de 2002. Relatou que ele e a esposa demoraram cerca de 2 meses para aceitarem totalmente, pois nesse período sofreram e se sentiram tristes. Ele afirmou conviver muito bem com a homossexualidade da filha, pois ela é muito feminina, não mudou seu modo-de-ser e, inclusive, seus três relacionamentos homossexuais foram com moças também muito femininas. Ele demonstrou facilidade para aceitar, não sentindo vergonha da filha, por causa de sua feminilidade. Ele e a esposa, inclusive, recebem a namorada atual da filha em casa. Acredita que a origem da homossexualidade seja hormonal e que não é opção. A entrevista foi realizada em seu local de trabalho e teve duração de 1 hora.

Iniciando pela **Vivência anterior à revelação da homossexualidade**, o colaborador 4 destacou o modo-de-ser da filha antes da revelação da homossexualidade:

A gente não imaginava isso... então ela escondeu tão bem da gente e até do próprio namorado... ela namorou muito tempo... a gente não sabia disso... eu acredito que quando ela arrumou namorado foi pra poder atrasar a gente... pra poder enganar os pais né?... quer dizer... eu acreditando qualquer um pode acreditar também... com certeza...aí desde aquela época ela parou... não quis arrumar mais namorado... acho que era pra agradar a gente... sabe?...nunca houve algum episódio por exemplo... que a gente falasse assim... “opa esse trem tá errado... tem alguma coisa no ar”... não nunca... ela foi muito discreta nos seus sentimentos sabe... ela foi tão normal que essa coisa de homossexualidade na mulher é tão imperceptível que a gente não viu... se fosse no caso do homem... desde os quatro... cinco anos de idade ele já manifesta... aí você já sabe... mas no caso dela não... ela foi muito feminina... sempre feminina... se a gente tivesse tido alguma suspeita desde o nascimento dela... mas na verdade não tinha...

A explicação do pai para a homossexualidade da filha ter passado despercebida é que ela namorou, tentou agradar os pais e disfarçar a sua orientação afetivo-sexual, sendo discreta, enganando, não demonstrando sentimentos. Contudo, Mott (1987) explica que muitas lésbicas antes de descobrirem ou optarem por sua verdadeira e mais profunda identidade sexual homoerótica, tiveram uma ou várias experiências com o sexo oposto.

O colaborador 4 gostaria de ter suscitado da homossexualidade e se alivia pensando que a homossexualidade feminina é menos perceptível, até porque a filha sempre foi “muito

feminina”, então ele não viu. Segundo Modesto (2008) há um mito de que as moças homossexuais são sem vaidade, e o fato de serem lésbicas não invalida que, como mulheres que são, possam apresentar características predominantemente femininas como vaidade e sensibilidade.

Para ele, a homossexualidade masculina manifesta-se desde a infância e isto se explica por que os homens são cerceados pelo policiamento das demais pessoas a exibirem comportamentos ditos masculinos. Já a mulher, de certa maneira, tem o exercício de sua sexualidade menos condenado pela sociedade, pois podem, por exemplo: andar de mãos dadas com colegas, darem beijinhos entre si, dormir juntas e etc, enquanto aos homens resta-lhes adotar atitudes masculinas como agressividade, não demonstrar afeto e etc (HEILBORN, 1996; LOURO, 2004; SCOTT, 1995). Contudo, o gênero tem muito mais a ver com a identidade do que somente com papéis masculinos e femininos.

Ao relatar sobre a **Revelação à família e convivência com a homossexualidade**, o colaborador 4 soube da revelação da homossexualidade da filha através de sua esposa:

Acho que pra única pessoa que ela contou foi pra patroa dela quando *ela já tava tendo o relacionamento...* aí a patroa dela então chamou minha esposa e contou pra ela... aí quando foi mais tarde... falei “bem... quê que aconteceu?”... aí eu vi que ela tinha chorado... tava chorando... ela “depois eu te falo... por telefone não tem jeito”... aí eu *fiquei preocupado* também... aí eu pensei... “gente a Lia só pode ter alguma enfermidade... um mal... maligno... uma coisa assim”... aí já tava na cabeça aquilo... voltei em casa... comecei conversar com ela... aí ela contou... falou “a Lia não gosta de homem”...*quando a gente viu que não tinha jeito... esse relacionamento... ela foi morar com a outra pessoa... tal... nós conversamos...* falei “filha oh vive sua vida... *faz o que você quer...* tá beleza... tá ótimo”... e eu vou te *ser sincero*... às vezes a gente... acha até *dó*... no fundo no fundo nós *não é satisfeito* com ela...

A revelação da homossexualidade de sua filha se deu quando ela estava tendo um relacionamento homossexual. Saber que a filha tinha uma namorada era o testemunho vivo de que a filha é lésbica. O desvelado e exposto (revelado) era visto e ouvido por outras pessoas, sendo testemunhada a homossexualidade, ganhava uma espécie de consolidação (CRITELLI, 2006). Os outros constituíam para ele, a possibilidade de aparição, da manifestação da

homossexualidade, constituindo a identidade dele próprio como indivíduo, como sua “clareira” aberta para ser-pai de uma filha lésbica.

No entanto, o colaborador 4, por nem imaginar ou desconfiar antes da homossexualidade, preocupou-se pensando em alguma doença, e quando viu que “não tinha jeito”, resolveu conversar com a filha e ter a postura de acolhimento. Porém, lançado nesse sentimento de situação, demonstrou sentir dó e não estar satisfeito com a vivência, numa mistura de decepção com desapontamento.

Como disse Dartiguês (2005, p.119) o sentimento desse ser-já-aí, coloca o tempo como a própria essência do Dasein, “o homem não está no tempo, ele é o tempo”. Por isso, o ser-da-homossexualidade da filha do colaborador 4 é apreendido como “presença”, ele é compreendido por referência a um modo determinado de tempo, o presente. Sendo fático e finito, o colaborador 4 sabe que o sentido fundamental da homossexualidade escapa a toda sua dominação ou maestria, pelo menos naquele momento inicial, no presente da revelação.

Então, os sentimentos vivenciados pelo pai em relação à revelação da homossexualidade foram relatados:

Eu não tenho nada contra... mas então foi uma dificuldade muito grande quando a gente ficou sabendo e na hora não me abalou tanto... no início quando eu descobri... eu relevei... tentei apaziguar... tentei acalmar minha esposa de tudo isso sabe... mas aí ela não aceitava... no fim eu também passei a não aceitar... não queria conhecer aquela pessoa que tava com ela... queria brigar com ela tal... então se a gente pelo menos se tivesse a desconfiança... tudo bem... aí eu sei que nós chegamo a conclusão... eu falei pra ela...mais seria muito pior se fosse no nosso caso... um homem... eu acredito que seria mais difícil falar do filho... o homem no caso ele realmente ele é discriminado...porque o homem é feminado...a mulher não é tanto...gosta de pintura ((maquiagem))...novela...televisão...é normal... então dali em diante foi um baque... esse tipo de coisa... de preconceito... tivemos de início... ficamos revoltados com essa história... você não aceita é a situação... o que acontece de verdade é a revolta... você se revolta... aí pensei... pensei... pensei... falei “não isso num tá certo não... pára com isso” né... mas pelo menos a filha ninguém nota...

O colaborador 4 percebeu a revelação da homossexualidade com muita dificuldade. Mesmo tentando relevar, apaziguar, acalmar a esposa, não aceitava, queria confrontar a filha, ficou revoltado. Negou-se a conhecer a namorada dela. Parece dizer que se, pelo menos, tivesse desconfiado, a surpresa não seria tão grande e seu modo de vivenciar seria outro.

Justificou-se dizendo que, mesmo assim, não tem preconceito e nem “nada contra”, até porque se confortou no fato de que a homossexualidade da filha não é notada, fica velada, disfarçada, encoberta. Algo que parece facilitar a tentativa de não ter preconceito. Foi lançado na angústia, reduziram-se as significações banais e utilitárias do mundo. Como Dasein, o colaborador 4 não sentia-se mais “em casa”, tentando pensar sobre a homossexualidade, sentiu-se “isolado”, “estrangeiro”, arrancado à “pátria da existência pública”, onde estava a vontade pensando que a filha teve namorados e era heterossexual (DARTIGUÊS, 2005; HEIDEGGER, 1995).

Para Heidegger (2001b), o modo fenomênico de compreender, que é condição na qual a vida foi dada ao homem, é determinante de toda possibilidade ôntica para o conhecer que o homem pode constituir. Ao homem, é-lhe dado (ontologicamente) ser como compreensão do ser. Esta possibilidade de compreensão está originariamente determinada por outras condições ontológicas que devem sempre ser levadas em conta. Tais condições ontológicas são dadas ao homem como possibilidades que se transformam em acontecimentos (que o homem torna próprios ou não). Portanto, o ser possível constitui-se num resultado e para cada homem a vida terá um resultado diferente. Por isso, entendemos que o colaborador 4 veio tentando compreender a homossexualidade dentro de suas possibilidades e sua fala expressa o resultado, de tal busca por compreensão, em sua afetividade. Ele passa a ser afetado pelo fenômeno da homossexualidade da filha.

Elaborou a vivência imaginando que se fosse seu filho seria mais difícil, pois os homens *gays* são “feminados” e “a mulher nem tanto”. Portinari (1989) destacou que o tom é o da identidade de gênero, pautada pelos conceitos de masculino/ativo e feminino/passivo na homossexualidade, que no caso do ingresso da pessoa na homossexualidade feminina, ela é chamada a ocupar um lugar nessa escala. Sendo assim, entendemos que o colaborador 4

pensa de acordo com a regra social que pauta o relacionamento amoroso/sexual entre duas mulheres pelo padrão da parceria heterossexual, o modelo homem/mulher.

O colaborador 4 demonstrou colocar-se no lugar da filha, dizendo:

Ela deve ter sofrido demais... se ela fosse uma menina namorada... se ela gostasse de homem... às vezes ela tinha até filho pra gente criar... sem contar que muitas das vezes... arruma só esses vagabundos... e esse lado aí dela é muito difícil uma homossexual querer ter filho...

Considerou o sofrimento da filha em ter velado sua própria homossexualidade, talvez até porque acreditasse que a filha sempre soube que era homossexual. A homossexualidade apareceu como “esse lado aí”. Compensou-se no fato de que as lésbicas dificilmente querem ter filhos. Costa (1994) afirma que poucas mulheres lésbicas procuram reproduzir o modelo de relação heterossexual.

O seu relato é permeado por essa comparação da homossexualidade de sua filha com a homossexualidade masculina. Num certo sentido, ele tem toda razão, pois, além de haver maior evidência de gays, tanto militantes quanto na mídia, há também maior vulgarização da sexualidade e homossexualidade masculina e um maior ruído produzido sobre elas. Tal disparidade, segundo Portinari (1989), costuma ser atribuída ao prolongado monopólio exercido pelos representantes do sexo masculino sobre a história e a cultura. Talvez daí que o silêncio sobre o lesbianismo faça parte de um silêncio maior que recobre o universo feminino como um todo, pela ausência das mulheres, por um longo tempo, no processo histórico e na produção cultural.

Ao revelar como o pai convive com a homossexualidade da filha no momento atual, o colaborador 4 destacou:

As pessoas chega... “nossa sua filha é linda”... *amigos meus...* eu falo “não gosta de homem... não adianta querer”... *falo na hora “ela gosta de mulher... puxou o pai” ((risos))...eu falo “ah gente num tem nada a ver não... esse negócio de gay em família”* tal... parece que o gay... essa palavra gay ela é pejorativa... parece que ela assenta mais para o sexo masculino... *no caso de uma menina...* uma mulher... “ah aquela mulher é gay”... num é gay... *ela é homossexual...*

Ele passou a conviver com a homossexualidade revelando-a aos amigos que elogiam sua filha. Tentou sentir que conviver com a homossexualidade não é “nada demais”. Buscou para si-mesmo, o melhor termo para designar sua filha que não soe pejorativo. Interessa notar que realmente, tanto no Brasil como em outras partes do mundo, não se costuma empregar o termo *gay* para falar de homens e mulheres homossexuais. Dizem-se *gays* e lésbicas, homossexuais e lésbicas, mulheres entendidas, etc. (MOTT, 1987; PORTINARI, 1989).

Em seguida, revelou como percebe o modo-de-ser da filha homossexual, dizendo:

Não anda abraçada... não anda de mão dada... não anda de jeito nenhum... relacionamento normal... nunca deu um beijo perto de mim... me respeitam demais... e também seria normal se beijassem perto de mim... mas a minha filha ela é muito discreta nesse ponto... então quando vêm pra casa... ela dorme no quarto com a outra pessoa... as vezes eu vou lá... acordo elas e brinco com elas... e acho normal... não tem nada de errado...

O colaborador 4 sentindo-se respeitado pela filha e sua namorada, pode ir até o quarto delas e, assim, por essa liberdade sentida, buscava considerar a vivência como algo que não é errado. Lidava com a dificuldade de lidar com seus próprios sentimentos. Negava, num certo sentido, a sexualidade e afetividade da filha, não vê-la beijando ou andando abraçada e de mãos dadas com a namorada o aliviava. Dissociou o relacionamento sexual e afetivo da filha homossexual.

A partir desta possibilidade de conviver com a filha sem ser confrontado por sua sexualidade, na temporalidade da vivência, o colaborador 4 relatou:

A gente foi se reaproximando e pra ser sincero... hoje por exemplo... eu e minha esposa... nós tamo super satisfeitos com isso... nós convivemos com esse relacionamento dela... normal... hoje é normal... hoje é tranquilo... eu num tenho nada que reclamar da minha filha... tudo que ela faz é muito bem feito e... tá tudo ótimo... tá tudo de bom... tô super satisfeito... não tenho o mínimo resquício de ciúmes disso...

Passou a aceitar o namoro da filha e até a conviver bem com ele, já que não se sentia desrespeitado. Mesmo assim, continuou a “coisificar” a homossexualidade chamando-a de “isso”. Por toda essa forma de experienciar o mundo-com-a-filha, o colaborador 4 tentou considerar a homossexualidade como algo tranquilo, ótimo, que lhe traz satisfação, já que não

o perturba e fica no lugar de coisa. Possivelmente, no passado teve ciúmes da filha. Seu relato demonstrou muita confusão, ao mesmo tempo negando a sexualidade e afetividade da filha, e por outro, se conformando. É seu modo de compreender.

Relatou ainda:

Cê tá num bar tomando cerveja junto com a turma... chega um afeminado no bar... as pessoa logo logo fala... se chegar minha filha... vai chegar de mão dada com a outra namorada... quer dizer que não falam... não fazem isso... no caso da mulher homossexual por exemplo... ela não deixa transparecer porque ela age normal... é diferente do homem né... o homem todo mundo nota... a maioria deles as pessoa nota... veste de mulher tal... a fala é diferente...

A preocupação do colaborador 4 expressou-se pela cobrança do olhar das outras pessoas, é o receio de que sua filha seja estigmatizada e tratada com preconceito que o faria sentir vergonha. Modesto (2008) afirma que, por conta da homofobia, realmente, muitos filhos e filhas homossexuais passam por perigos maiores do que os heterossexuais, algo que parece justificar o receio do colaborador 4. O tempo todo ele veio tentando se confortar no fato de que a homossexualidade da filha não é algo que chame a atenção ou fique evidente. Seu preconceito evidenciou-se quando validou, mais uma vez, que a homossexualidade masculina, difere da feminina, pois naquela a fala e o vestuário são diferentes do gênero. Com essa percepção do colaborador 4 destacamos o que escreveu Portinari (1989, p.57):

A constatação de que ativo e passivo, masculino e feminino podem habitar uma mesma figura e os conseqüentes retoques caracteriológicos feitos a partir daí (“aparência feminina e temperamento masculino” mais todos os vice-versas imagináveis) são um dos muitos malabarismos que se tem que executar.

Para a autora, essa dicotomia na fala do colaborador 4 revela uma fala vazia, uma reprodução obediente dos padrões vigentes capaz de promover desgaste e reduzir tais formas ao absurdo. O que seria para Heidegger (1995), o fenômeno do falatório, pautado num senso comum, no qual o colaborador 4 se mantém na superficialidade dos discursos, na impropriedade da fala, na homossexualidade estigmatizada e difundida, lançado na repressão

sexual e heteronormatividade a definir o que se deve pensar e como se comportar diante da homossexualidade, algo incutido nos valores e tradições dentro da sociedade.

Tanto que, em seguida, ao relatar os estigmas sobre a origem da homossexualidade, o colaborador 4 mencionou suas inúmeras dúvidas na busca por compreender a vivência:

Porque também *existe aquelas... o estereótipo...* aquelas pessoas que *o estereótipo delas é tudo de homem...* eu conheço pessoas que as outras falam... essa pessoa não é fulana... é o fulano... você vê na cara que é homem mesmo... não tem jeito...*a minha filha* por exemplo... *ela é homossexual...* a gente sabe... *pela escolha que ela fez de ficar com mulheres...* mas ela não é por exemplo... masculina de verdade... não... *minha filha não...* *ela adora brinco...* *adora roupa bonita...* *adora batom...* ela adora... ela é *super feminina...* *só que ela gosta de mulheres...*

Ele compreendia a homossexualidade feminina pelo prisma do estereótipo no qual toda lésbica é masculinizada. Mott (1987, p.61) afirma que “nunca seria demais lembrar que a aparência física, ou os modos do comportamento de uma pessoa, não têm correspondência necessária com suas preferências e orientação eróticas”. A filha do colaborador 4 ser feminina, gostar de “coisas” de mulher fazia com ele buscasse acreditar que, então, a homossexualidade foi uma escolha. Talvez isso o retirasse da total inautenticidade, da fala vazia e da angústia de ser lançado no mundo-da-homossexualidade.

Contudo, em seguida acrescentou:

Até houve caso da *minha mulher falar* que ela fez isso porque... ((silêncio)) eu *tive um outro relacionamento fora...* eu adquiri outros filho fora... dois filhos fora de casa... mas foi um relacionamento por aventura mesmo... por aventura e sem cuidado né... a minha esposa... “é que a Lia só tá assim *porque você...* *você fez assim...* assim... assim”... eu não acredito... *não acredito nisso...*

Confrontado pela esposa, sobre sua relação fora do casamento, demonstrou culpa por poder ter provocado a homossexualidade da filha. Porém, novas dúvidas o colocaram em contradição quando disse:

E se é homossexual também *não é opção...* *ninguém é gay por opção...* *ninguém escolhe né?...* sei lá... parece uma *questão natural...* uma *coisa de gene* mesmo... uma *coisa que vem com a pessoa...* que isso na verdade *não é opção...* *ninguém vem falar pra mim que o cara que nasce homossexual...* o homem ou a mulher teve uma opção... *opção não é escolha?... eu acho que não é escolha...* *tem uma coisa que eu não entendo muito bem...*

Tentando compreender, o colaborador 4 (que antes sentiu culpa pela relação fora do casamento e também colocou a homossexualidade como escolha), aqui, disse que não é opção ou escolha, considerando-a natural (espontânea). Também, ao mesmo tempo disse que a causa é genética, pois “vem com a pessoa”, por outro lado, afirmou que não é possível alguém nascer homossexual. De fato, demonstra muita confusão e não compreende. Busca pelas causas e origens da homossexualidade para ajudar a assimilar e aceitar melhor a vivência. A questão da homossexualidade não é recente, mas estudos sobre a sua origem ainda não são conclusivos, apontando para vários fatores: desde hormonais, genéticos e congênitos, até culturais e emocionais (LINS, 1997).

Por outra perspectiva, refletiu sobre a criação pelos pais e, aqui, a homossexualidade apareceu com causa genética ou hormonal:

Eu não acredito em criação não... você já deve ter lido sobre o Máster Jonshon... um dos maiores sexólogos dos Estados Unidos... ele diz que toda mulher e todo homem que quiser ou tiver relações... anais por exemplo... o homem ou a mulher... ele passa a gostar... então quer dizer... *a coisa tá na gente... se você tentar... você passa né... você vira homossexual sem querer...* isso vem de um *erro genético*... porque é a palavra mais certa é um erro genético... *isso aí é um...* não digo *um desastre*... mas um desvio genético... porque existe a *testosterona e a progesterona*... então a testosterona vai ficar mais alta nessas pessoas... na mulher... e o contrário para o homem...

O colaborador 4 chegou a conclusão que a criação não influencia para a homossexualidade, algo que talvez aplaque sua culpa pela relação tida fora do casamento. A homossexualidade foi, então, vista como um erro (genético ou hormonal), um desastre, um desvio. Ao mesmo tempo, entrou em nova contradição ao dizer que se pode “virar homossexual” sem querer, basta tentar ter relações sexuais homoeróticas. Aqui, a confusão evidencia-se por ele acreditar que as relações sexuais escolhidas por uma pessoa irão determinar sua orientação afetivo-sexual. Contudo, a orientação afetivo-sexual inicia-se na infância e estará totalmente consolidada na vida adulta e independem de suas práticas sexuais (COSTA, 1994; MOTT, 1987).

É possível que a confusão do colaborador 4 seja porque apesar de lésbica sua filha é feminina, e Portinari (1989, p.73) escreveu que paira uma expectativa sobre a mulher homossexual de que ela acabe se revelando como uma fraude, uma heterossexual falhada, uma homossexual inautêntica, já que a “homossexual autêntica é um mistério – como conceber que uma mulher deseje verdadeiramente outra mulher e recuse sinceramente o papel da feminilidade?”. No caso dele, sua filha não recusa a feminilidade, algo que torna mais difícil entender já que pelo seu modo-de-compreender, a lésbica é masculinizada.

Sobre a **Relação percebida pelo pai com sua filha** relatou:

Meu relacionamento com ela é ótimo... é uma super filha... super irmã... só tem nos dado alegria...o relacionamento nosso é ótimo... minha filha é gente boa pra caramba... sou apaixonado por ela... nada de errado... normal... tudo normal... eu acho que depende muito da cabeça do pai... eu acredito que se fosse um filho meu... eu falaria também da mesma forma... e eu não deixaria desmerecer ele... seria meu filho do mesmo jeito...

Mesmo com todas suas dúvidas e percebendo a homossexualidade como um erro, ele sente que convive bem com a filha, que não deixa transparecer que é homossexual, então, a vivência é bem tolerada. Muda de postura ao revelar que se fosse o filho, também iria aceitar.

Sua dificuldade desvelada, junto à revelação da homossexualidade, apareceu no

Horizonte de silêncio, manifestando suas dificuldades e angústia:

((Silêncio curto))... aí até cair a ficha... aí eu falei “gente ce tá brincando?” Porque ela teve namorado... ela gostava do namorado... ce entendeu?... mas depois a gente foi descobrir isso aí... ((silêncio))... eu não sei porquê ((silêncio))... então ((silêncio))... eu acho que foi difícil... mas...

Pensou que a revelação da homossexualidade fosse brincadeira e sentiu que ainda não “caiu a ficha”, tanto que mencionou a vivência como “isso”, coisa. Não entende o porquê, já que a filha teve namorado e, por tudo isso, sua dificuldade. Vem pensando e repensando a sexualidade da filha, muitas vezes em termos de homem e mulher, quando na verdade só podemos ter idéia do ser-homem e ser-mulher e em relação sexual. Ele pensa como se isso pertencesse à natureza, enquanto, no fundo, sabemos que pertence exclusivamente ao imaginário.

Portanto, o relato do colaborador 4 é marcado pela confusão, pela busca por compreender para viver melhor com a filha, ainda que negue sua sexualidade e afetividade de lésbica. Também se revelaram os estigmas que permeiam seu mundo-com-a-homossexualidade desvelando, em alguns momentos, um existir inautêntico que repetia falhas alheias o lançando no falatório; em outros momentos, angústia e afastamento da vivência para conseguir suportá-la.

Colaborador 5

Entrevista realizada dia 14 de janeiro de 2008.

Colaborador 5, 50 anos, católico, ensino médio completo, casado, 2 filhos, classe B1, eletricista de distribuição. Filha homossexual, 20 anos, católica, ensino superior incompleto, mora sozinha em outra cidade. O colaborador 5 mora com sua esposa e filho. Ele soube da homossexualidade da filha através da esposa quando a filha tinha 15, 16 anos no ano de 2002, 2003. Ele relatou que foi muito difícil entender e aceitar, tendo sofrido e chorado bastante. Diz que sai com a filha e amigos dela para bares, é um pai presente, telefona para a filha todos os dias, são amigos, mas não tocam no assunto da homossexualidade. Apenas no início, na época da revelação, ele conversou com ela. Em sua família, ele afirmou que todos sabem, mas também não falam no assunto. Ele nunca se sentiu constrangido e alimenta uma esperança de que até os 25 anos pode ser que “ela mude”. Ele tem dúvidas sobre a origem da homossexualidade. A entrevista ocorreu em seu local de trabalho com duração de 1 hora.

O colaborador 5 iniciou seu relato pela **Revelação à família e convivência com a homossexualidade** dizendo como foi que “ficou sabendo” da revelação da homossexualidade da filha:

Foi de 15 pra 16 anos... passou uns dias e aconteceu que *eu fiquei sabendo...eu conversei muito com ela... ela não respondia... ela ficava calada... eu vi que ela tava sentindo... ela não me responde... nunca foi de responder... fica com vergonha...porque aí também a gente começou... a mãe chorava ((esposa)) não queria deixar ela sair de casa... eu falei “não... isso aí não vai resolver não... isso é pior... prender dentro de casa num adianta”... falei “não... deixa sair”... e a gente foi conversando...*

Diante da revelação, ele buscou conversar com a filha sobre o assunto, acreditou que a filha sentia sua cobrança e ficava em silêncio, com vergonha. Ele foi conivente com o choro da esposa e sua pressão para a filha não sair de casa, até que, refletindo, optou por ir conversando, já que não acreditava que a cobrança e a imposição fossem ajudar.

Como destaca Giles (1989, p.104) “a característica mais importante de ser um sujeito individual é que o homem é pessoalmente preocupado com as possibilidades de sua própria existência, e pode realizar-se apenas em termos dessas possibilidades”. Por isso que o colaborador 5 pôde tomar decisões com referência às suas possibilidades, escolhendo ganhar ou perder seu verdadeiro “eu” em função delas, no seu mundo-com a filha homossexual. Perder seu verdadeiro “eu” parecia significar a ruptura com a filha e a não permissão de que ela vivesse um existir autêntico, ficando presa dentro de casa.

Desvelaram-se, em seguida, os sentimentos vivenciados pelo pai em relação à revelação da homossexualidade:

Quando eu fiquei sabendo... a gente fica pensando “*será que foi a gente que fez alguma coisa errada?... o quê que foi?... na criação?*”... e eu não sou assim de ficar conversando com outras pessoas... eu to começando a pensar... “*ah gente... isso existe... num é a primeira não vai ser a última*”... eu fui pensando e fui conversando... nos primeiros meses assim foi chato... Aí eu também pensei “*ah eu também não vou ficar assim... discutindo... falando... jogando na cara dela... isso eu num vou*”... mas eu falo... filho é filho... *é ruim? é...* a gente fica contrariado numa parte mas a gente tem muita amizade... vive bem... tranquilo... *Eu não sofro não... eu não tenho esse negócio de ficar cobrando as coisas... isso não...*

Assim que soube da homossexualidade, sentiu culpa e refletiu sobre a possibilidade de ter contribuído para a orientação afetivo-sexual da filha. Ele se percebe como uma pessoa de pouca conversa, no entanto, a vivência o fez pensar e conversar sobre o assunto. Por mais que tenha sido “chato”, não se sentiu só, aplacou um pouco da dor pensando que sua filha não

é a única homossexual. Então, ele se posicionou não discutindo, não falando em excesso, não jogando nada na cara da filha, nem cobrando. Elaborou que por mais que se sinta “contrariado numa parte”, eles vivem tranquilos e com muitas amizades, ou seja, ninguém se afastou deles porque sua filha é homossexual. Como se sabe, Heidegger (2001b) sustenta que, dentre todos os entes, o homem é um ente especial que se caracteriza por compreender o modo de ser de todos os entes, inclusive o seu próprio modo de ser. Sendo assim, em seu ser de pai, já-lançado no mundo-da-homossexualidade, vivenciou a angústia. A angústia não o bloqueou, mas estimulou o questionamento da situação originante da vivência e a procura de novos caminhos, pois o revelou só, entregue a si mesmo. Tentou não se sentir só como pai.

Em seguida, novos sentimentos expressos pelo colaborador 5:

E aí assim a gente ficou muito *chateado com o problema... mas não assim de recriminar ela... isso aí não... eu deixo...eu não tenho nada contra... ela respeita totalmente... bem discreta e pra mim é melhor... porque eu acho que se fosse mais... aí eu achava ruim... mas desse jeito... é lógico que a gente fica contrariado... fica chateado... mas ela não deixa de ser minha filha... do mesmo jeitinho... eu tratei ela do mesmo jeitinho...*

Ele sentiu a vivência com chateação e contrariedade, por sua afetividade, uma das estruturas ontológicas de sua existência, se confortou no fato da homossexualidade da filha permanecer encoberta, então, ele a respeitou, continuou tratando-a da mesma maneira, ela não deixou de ser sua filha. Critelli (2006, p. 76) diz que “o que é trazido à luz não tem, por determinação, de permanecer desvelado para sempre, nem de uma mesma maneira”. É preciso uma autorização do ser para que aquilo que aparece se torne real, para se desvelar seu significado. Está aí, mas não foi apanhada, desvelada a homossexualidade da filha.

Para Heidegger (1995), é por meio do modo impróprio de estar-no-mundo que o colaborador 5 ganhou o direito ao modo próprio de ser, lançado na angústia, como que suspenso sobre um abismo, foi-lhe dada a possibilidade de decidir: permanecer no modo impróprio de ser, ou estabelecer uma relação autêntica. Voltando-se, então, ao que lhe é mais próprio, mas sempre atento à filha, acabou por encontrar sua própria medida: respeitar a filha.

Não se sentindo desrespeitado, preferiu acreditar que não recrimina, nem tem nada contra a homossexualidade.

Apegou-se a algumas falas da filha demonstrando ter esperanças de mudanças nela:

Inclusive ela fala “ah quando eu tiver minha filha... meu filho”... fala mas *num sei se é pra agradar a gente... mas eu num aperto também...* então eu acho assim sabe Roberta... o que assim que *eu tinha medo* é de ser assim muito... eu *não tenho orgulho... não tenho nada...* mas tem as pessoas que são mais bagunceiras... e isso aí *eu acho muito feio...* eu acho que *eu ia sentir muito mais...*

Não sabendo se é para agradá-lo, mesmo ele não sendo um pai autoritário, guarda a esperança da filha não ser homossexual por ela falar em ter filhos. Ele considera a homossexualidade muito feia, principalmente aquela que é estigmatizada e estereotipada pelo olhar do senso comum. Teria medo se sua filha fosse discriminada e já que ela não demonstra sua homossexualidade, fica em silêncio, não fala, ele acredita que não tem orgulho nem preconceito até porque não tem com o que se confrontar.

O preconceito nos é introjetado desde que nascemos, seja contra a diversidade sexual, seja em relação àquilo que não é considerado norma e não é valorizado socialmente. Tal olhar estereotipado nos é passado desde muito cedo e, grosso modo, somos homofóbicos em menor ou maior grau (COSTA, 1994; LOURO, 2004; WELZER-LANG, 2001). Talvez tal constituição, enquanto ser social e cultural, faça com que o colaborador 5 considere a homossexualidade feia, já que esta tem um forte componente cultural.

Mesmo tentando achar que não tem preconceito, ele prosseguiu relatando:

E às vezes *a gente pena...* às vezes *a gente fica mais é sentido... fica mais preocupado...* É igual eu penso... *queria que fosse diferente?... sim... mas poderia ser pior...* muito pior... Na vida eu sempre falo assim que *a gente sonha o melhor...* mas quando *cê tá sonhando o melhor pro seu filho... cê pensa no pior... cê prepara também...* que *pode ser que lá na frente não vai ser aquilo que cê sonhou... cê vai sofrer demais... Eu não queria que fosse assim... mas eu não desesperei...* eu escutei uma frase assim “nós tá vivendo uma época que nós aprendeu a respeitar nossos pais e hoje nós tem que respeitar nossos filhos”... é verdade... *hoje cê tem que escutar o filho porque senão vai ser pior...* Eu acho que eu taria muito preocupado... se chegasse assim... “oh sua filha ta fumando droga e num tá estudando e tá gerando só confusão”... aí eu acho que *isso que é problema mesmo...* Num sei se *não ter esse problema... mas pra ficar brigado...* eu acho que eu *acharia mais ruim...* se ela ficar implicando comigo... com a mãe dela... e sumisse de casa... aí que eu ia ficar contrariado...

Gostaria que sua filha não fosse diferente, sonhou para ela outro futuro, “não queria que fosse assim”. Mesmo tendo se preparado para a filha não atender suas expectativas, apesar da preocupação, sofreu demais, “penou”, mas acredita que não se desesperou. Tentou elaborar sua dificuldade de lidar com seus sentimentos em relação à homossexualidade da filha, pensando que poderia ser pior, parece haver culpa por não saber como escutar a filha, como falar da homossexualidade, como respeitá-la sem sofrer tanto. Mesmo não conseguindo, a filha não lhe causou problemas maiores e, então, fica garantido o vínculo entre eles. A homossexualidade apareceu como “esse problema”.

Validou inclusive o momento pós-moderno em que as relações devem ser baseadas em confiança e esta devendo ser trabalhada por ambas as pessoas envolvidas, conforme destaca Giddens (1993).

Ao revelar como o pai convive com a homossexualidade da filha no momento atual, o colaborador 5 destacou a postura de velamento em toda a família:

A família dos dois lados sempre respeitou... ninguém nunca falou nada... que saber todo mundo sabe... eu acho que a maneira dela conduzir... eles gosta tanto dela que ninguém tem coragem de falar nada... sempre apóia ela... nem pergunta... ninguém toca nesse assunto com ela... e ela também não... De vez em quando a vó dela “ah você tem que arrumar um namorado”... e ela “não vó eu vou arrumar”... num desconversa... num dana com a vó... num apela... normal... tranquilo... tudo que é reunião de família ela participa... não tem problema nenhum não... nunca ninguém falou nada... porque saber eu sei que sabe... nem o irmão... até os dois combina demais... ele nunca falou nada...

Ele preferiu acreditar que, por gostarem muito de sua filha e pela conduta moral dela, ninguém da família, nem os conhecidos e amigos, falam da homossexualidade. Esta permanece oculta, velada, escondida, devendo mostrar-se discreta. Muito provável que não saibam como lidar, como se posicionar, então o silêncio, rico de significações, protege a todos da busca pela aceitação.

A própria filha demonstrou não se posicionar, firmemente, diante de sua orientação afetivo-sexual, não confrontou a avó e continuou presente nas reuniões de família; então, o pai sentiu que “não tem problema nenhum”. Talvez se a filha enfrentasse e quisesse ser aceita

ou falar sobre a homossexualidade, pode ser que ele e a família tivessem que lidar diretamente com ela e sua afetividade-sexualidade. Mott (1987, p. 152) diz que:

Enrustir-se é a condição da grande maioria dos homossexuais de ambos os sexos em nosso país. Os perigos reais ou imaginários, decorrentes da publicidade do homoerotismo, tiram o sono e a paz de milhões e milhões de mulheres brasileiras, temerosas de serem apontadas e sofrerem estigmas decorrentes da situação homossexual.

Algo que torna a vivência da filha do colaborador 5, como lésbica, mais difícil.

Sendo assim, o colaborador 5 relatou:

Os amigos... eles vem e nós trata todo mundo bem... é lógico que de vez em quando aparece algum que eu não vou muito com eles... acho que isso aí é normal... porque tem uns amigos dela que eu fico falando assim... não é por causa dos problema dela... num é... é porque as vezes o santo não tá cruzando...

Novamente a homossexualidade apareceu como “problema” desvelando o modo como colaborador 5 convive com ela. Porém, não lhe agrada o contato com os amigos homossexuais da filha. Modesto (2008, p.194) diz que “grande parte desse estranhamento vem de fantasias relacionadas ao preconceito de que homossexual é sem caráter, pode ser bandido”. Em seguida, revelou:

Do jeito que tá eu acho que... deixa o tempo passar pra ver... nunca deixei de fazer as coisa pra ela e nem vou deixar e nós convivemos bem... é tranqüilo... se for pra continuar igual tá também eu não tenho objeção não... deixa... se for pra ela ficar feliz do jeito que tá assim... tá bom...até agora tá tudo certo... se ela começar com esses trem... aí eu vou ter que conversar... agora enquanto ela tá discreta...

O colaborador 5 não irá intervir ou fazer alguma coisa em relação a homossexualidade da filha enquanto tudo está dando certo, dentro do que ele acredita como certo: a discrição e o velamento da vivência. Não tem objeção desde que a filha não resolva manifestar sua homossexualidade da maneira que mais lhe convier, e porventura, ser si-mesma de um modo que o incomode. Para o pai é muito mais fácil conviver com sua filha lésbica desse modo. Segundo Critelli (2006) o velamento pode ser de várias formas: aquilo que é ignorado, ou o que é esquecido, ou o desentendimento, ou a distração, ou a recusa

determinada, ou, ainda a insignificância. No caso do colaborador 5 nos parece ser algo que ele ignora e também desentende. Porém, a volta para o velamento da vivência, o encobrimento de suas facetas, não é nada negativo, mas essencial. Diz a autora que uma existência sem o velamento seria insuportável, pois estaríamos diante de experiências, por vezes, tormentosas e até fatais.

Tanto que isso possibilita que ele saia de casa, que saia com a filha, que não sinta vergonha, que mesmo não estando preparado, possa aceitar a vivência. Relatou ainda:

Eu conheço alguns pais aqui que tem filho ((homossexual)) nem sai de casa entendeu?... mas eu não... eu saio junto com ela... tranquilo... tudo bem... hoje o povo fala... “ah o mundo mudou demais”... não num mudou tanto não... isso aí... toda vida foi desse jeito...as pessoas não são preparada e outros não aceitam... e eu acho que o que não é preparado mas ele aceita é mais fácil... aqueles que não é preparado e não aceita...sofre muito... porque aí fica aquela mágoa... até as vezes você pode ficar meio contrariado com a situação... mas não com a pessoa... de forma alguma... é filho... é filha... e eu vejo assim...na sociedade hoje... tanto filho saudável... não tem esses tipo de problema e não combina com os pais... nossa então é difícil né... quer dizer... família é família...

Ele elaborou dizendo que, mesmo assim, fica aquela mágoa e ele permaneceu contrariado com a homossexualidade, não com a filha. Preferiu conformar-se a conviver bem com a filha, numa relação de amizade, do que não ter isso. Optou pelo cuidado em forma de solicitude com a filha, que segundo Heidegger (1995), é esse cuidar do outro só que, aqui, não permitindo que ela assuma seus próprios caminhos e vá ao encontro de si-mesma.

Mais uma vez seu preconceito explicitou-se quando ele compreendeu a homossexualidade como “problema” e algo que não é saudável. Contudo, a homossexualidade não é doença física nem problema psicológico. Em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou a homossexualidade do seu Manual de Diagnóstico e Estatística de Distúrbios Mentais (DSM), com base em estudos que demonstravam que a homossexualidade é uma variação possível e legítima de manifestação do desejo sexual (LINS, 1999; MODESTO, 2008).

Em relação aos Estigmas sobre a origem da homossexualidade relatou:

Eu num tenho essa certeza... eu tenho *uma prima* mais longe... do lado da minha mãe... ela *viveu isso* a vida inteira *depois ela teve uma filha... casou... agora ela tá assim* ((risos))... pra te falar a verdade *não sei como que ela tá sabe...*

Talvez ele quisesse saber se a prima realmente não é mais homossexual, pois isso pode ser que o fizesse não ter esperanças, em vão, de que sua própria filha venha a se casar e ter filhos. Contudo, o colaborador 5 não compreende ainda que a homossexualidade é uma condição natural e espontânea que faz parte da diversidade sexual. O homossexual não opta por ser homossexual ou heterossexual já que a sexualidade humana, como nos diz Chauí (1984), é polimorfa, ultrapassa a necessidade fisiológica. Por outro lado, sua visão parece estar arraigada à questão da reprodução e maternidade fortemente ligadas ao casal heterossexual.

Disse ainda:

O que eu acho melhor assim pra mim é porque *tem vários tipos né...* tem as pessoas que são mais avançada... anda junto... ela não...

Seu preconceito evidenciou-se quando falou em “tipos” de homossexuais. Contudo, a homossexualidade está mais inscrita dentro de um *dever* homossexual, a formas singulares de tornar-se homossexual. Ela não está pronta, mas constitui-se numa trajetória individual (FOUCAULT, 1984c; HEILBORN, 1996; TREVISAN, 2000).

Prosseguiu relatando sobre a **Relação percebida pelo pai com sua filha:**

Eu vou lá... eu ando com ela... sempre presente... eu saio com ela... ela tem os amigos dela... ela leva os amigos dela na minha casa... ela tá pegando idade... já tá pegando mais uma responsabilidade e eu não deixo ela muito sozinha... quase toda semana eu vou na casa dela...ela vem pra cá... nós dois sai... nós vai pro bar... nós dois toma cerveja...eu ligo todo dia pra ela... tem dia que eu ligo meia noite ela tá dormindo((risos))... eu ligo sábado... ela vai sair... pergunto com quem que ela tá... conheço os amigo dela... o dia que eu não ligo... ela liga “uai pai você não me ligou... tô preocupada”...se você ver a vergonha que ela tem de me pedir dinheiro... aí eu já conheço... ela fica rodeando... porque muita gente... quer explorar... ela não...

O colaborador 5 participando ativamente da vida da filha, saindo com ela, não deixando-a sozinha, telefonando sempre, perguntando com quem ela está, demonstrou uma

postura de vigilância, pois veio deixando claro, ao longo do relato, que caso as coisas mudem, ele precisará se posicionar diferente diante da filha. Mais uma vez, destacou que ela sente vergonha dele, inclusive para pedir dinheiro. Nesse caso, ele pareceu dizer que não se sente explorado por ela que, sendo homossexual, poderia querer tirar dinheiro do pai.

É possível que essa dificuldade de comunicação entre ambos, ou pelo velamento ou através da vergonha, seja também resquício da autoridade paterna dentro da família patriarcal que delineou a postura dos pais e filhos, e mesmo com a modernização nas famílias, mudanças de valores, hábitos e costumes, ainda permeia o imaginário de pais e filhos delegando posições hierárquicas dentro dos relacionamentos familiares atuais (FIGUEIRA, 1987).

O colaborador 5 estava projetando-se para compreender, através de sua temporalidade, e, assim, guardando uma relação recíproca com as demais modalidades de sua existência (NUNES, 1992). Tanto que a homossexualidade que sai do ocultamento, na revelação, voltou velozmente para o ocultamento, pois não pôde de algum modo, ser mantida à luz. Esta conservação da faceta da homossexualidade da filha está dada pela linguagem do colaborador 5.

A relação deles, mesmo sendo percebida como amizade e boa convivência, desvelou-se em silêncio e falta de comunicação autêntica, quando ele nos disse:

Ela também nunca falou pra ela((a namorada)) ir lá em casa... nunca me chamou pra ir lá ((na casa da namorada))... eu acho que ela também já sentiu isso... ela já sabe que num é que eu num quero... eu acho que eu fico meio assim constrangido de ver... então isso aí... ela num...

Ele elaborou que a filha não confronta sua sexualidade e sua namorada com ele, por já ter percebido que o pai iria ficar sentido e constrangido de vê-las junto. É possível, que nesse velamento, ele esteja dizendo que conseguiu deixar claro para a filha que não quer ver. A homossexualidade ainda é “isso aí”, coisificada, tornada objeto e não dimensão da vida da filha. A comunicação entre eles é limitada, não ocorre como diz Giddens (1993), de forma

livre e aberta, expressando as necessidades de ambos e, por meio da qual, o relacionamento seria reflexivamente organizado.

Tanto que o modo-de-ser pai, vendo a homossexualidade como coisa, também se destacou no **Horizonte de silêncio**, quando o colaborador 5 tentou elaborar dizendo:

E isso aí((silêncio curto))... não vai resolver... antes ela assim... com saúde... vive bem... tá estudando... tem preocupação com a gente...às vezes ia ser infeliz o resto da vida... então ((silêncio))... eu acho assim...eu acho que o pai abandonar é muito pior ((silêncio))... é isso aí...

Parece que, apesar de sua esperança e expectativa, a homossexualidade não vai mudar, então, é melhor que ele veja a filha feliz e não a abandone. Suas palavras podem ser tidas como expressão do desejo de um existir autêntico para a filha, não fosse a postura de velamento e silêncio ao redor da vivência da homossexualidade que dificulta a comunicação entre eles, nessa área. A conexão entre o discurso, a compreensão e a compreensibilidade do ser-aí se dá a partir das possibilidades existenciais da escuta e do silêncio, as quais se enraízam no existencial do discurso (NUNES, 1992; STEINER, 1978). O silenciar, portanto, não se confunde com o mero emudecer, com a ausência de enunciados sonoros, mas está enraizado na pré-compreensão de ser no ser-no-mundo co-existente do colaborador 5 e será modulável com a propriedade ou impropriedade de sua existência. Aqui, seu silêncio parecia se deter na impropriedade, esforçando-se para desejar um modo autêntico (próprio) de existir para a filha.

Nesse contexto de esperanças, ele desvelou suas **Expectativas paternas em relação ao projeto de vida da filha**:

*Ela tá fazendo amizade... ela tá entrando pra vida adulta... tá formando... se Deus ajudar que muda... mas se não mudar também vai ser minha filha do mesmo jeitinho... eu acho que *daqui mais uns quatro ou cinco anos... é que vai definir mesmo...* acho que *até ali pelos vinte e quatro anos...* acho que *aí vai ser o que vai ser o resto da vida...* não muda mais não... eu penso assim... o homem as vezes até ali pelos vinte e oito ainda muda... a mulher geralmente com vinte e quatro... vinte e cinco ano... chegou ali... aí é muito difícil mudar... muito difícil... *tô esperando...*ela forma... tem até um amigo que falou que *vai arrumar estágio* pra ela... *não pode parar não... tem que aproveitar enquanto é novo...* é isso...*

Mesmo não abandonando a filha, ele quer que ela mude. A possibilidade que aconteça nos próximos anos o faz esperar por isso. Algo que nos esclarece sua postura de vigilância com o existir da filha. Sua noção da orientação afetivo-sexual, nesta parte do relato, é coerente quando ele pensou ser algo que se constitui até a idade adulta. Ainda pelo fato da filha estar vivenciando a adolescência, o colaborador 5 demonstra sua sensatez, no sentido de que, talvez, a orientação afetivo-sexual dela não esteja fechada em uma definição, talvez ainda esteja tendo sua sexualidade vivenciada em forma de experimentação. Segundo Sarti (2004, p.21), “o período da adolescência significa uma mudança no estatuto social do sujeito”. Entendemos que em nossa sociedade, a adolescência e a juventude deixaram de configurar um momento de passagem, nem têm um lugar definido. Algo que, muitas vezes, gera nos pais uma incompreensão e passam a olhar as escolhas dos filhos como verdadeiras definições. O colaborador 5 deseja que a filha continue estudando, pois, é melhor enquanto se é jovem.

Todo seu relato é permeado pela vivência da homossexualidade ter sido uma grande surpresa e contrariedade, algo com o que ele não sonhou nem esperou para a filha. Esteve o tempo todo questionando a si-mesmo, tentando compreender, ainda que tenha dito que prefere não confrontar nem enfrentar a homossexualidade da filha e assim, segue sendo seu amigo e vigiando os passos dela, por talvez acreditar que essa seja uma garantia da sua função de pai.

CAPÍTULO 6 - O (DES)VELAR DE SENTIDOS DE PAIS E MÃES HETEROSSEXUAIS ACERCA DA HOMOSSEXUALIDADE DE FILHOS E FILHAS

A análise hermenêutica dos relatos de pais e mães heterossexuais acerca da expressão da homossexualidade de seus filhos e filhas nos possibilitou conhecer quais significados e compreender os sentidos atribuídos por eles a essa vivência no contexto atual da Pós-Modernidade.

Entendemos que embora cada colaborador e colaboradora tenha atribuído significados particulares a essa vivência, uma vez que estes são construídos conforme a história de vida de cada indivíduo, eles convergiram ou divergiram em vários aspectos.

Convergiram, primordialmente, para o sentido da dificuldade em lidar com a revelação da homossexualidade do(a) filho(a), algo percebido em alguns dos relatos:

- *Mãe 1:* E isso eu chorava direto né, uma coisa que pra mim foi meio difícil.
- *Mãe 2:* Aí logo, que é claro, que na hora me deu um nó porque é muito grande.
- *Pai 1:* Sofre né, sofre porque o impacto disso, muito duro né, foi muito profundo. No começo foi difícil.
- *Pai 5:* A gente fica chateado, pensando “será que foi a gente que fez alguma coisa errada? o quê que foi?”

Heidegger (1995) denominou estados de ânimo, ou afetividade, a forma pela qual, em nosso ser-no-mundo somos tocados ou afetados pelas coisas e pelos outros que aí estão em nosso mundo circundante. É pela afetividade que os pais e mães são tocados pela homossexualidade e podem dar-lhe o sentido de dor, desvelada por suas emoções. Como o homem é o único ente capaz de questionar a própria existência, os(as) colaboradores(as) vão, aos poucos, sendo tocados por essa vivência, através de suas emoções.

O que diferenciou os significados que desvelaram essa dor da homossexualidade dos(das) filhos(as) foi o modo como pais e mães nos seus horizontes de compreensão foram, num primeiro momento, tolerando e, em seguida, aceitando a homossexualidade de filhos e de filhas. No decorrer de suas vivências, não sem dor e sofrimento, num processo de acolhimento e de negação, aprendendo a conviver com a homossexualidade de filhos e filhas, ou seja, a partir do modo como estabeleceram relações consigo mesmos em seus si-mesmos; com outras pessoas, sendo-com-os-outros; e com o mundo que os cerca, com valores e significados construídos social e culturalmente a respeito da desconstrução da heteronormatividade.

A respeito da constituição do Dasein enquanto ser-no-mundo, a existência humana deve ser compreendida considerando os aspectos simultâneos do mundo que é o circundante (demanda adaptação e ajustamento); o humano (influências recíprocas entre as pessoas) e o próprio (pensamento e transcendência da situação imediata). Nesta pesquisa, focamos a atenção ao mundo humano e ao mundo próprio de pais e mães heterossexuais com filhos e filhas homossexuais. O mundo próprio, caracterizado pela relação que o indivíduo tem consigo mesmo e pelos significados que atribui à suas experiências, está vinculado de forma profunda ao mundo humano, o da relação do indivíduo com seus semelhantes, ou seja, sendo-com-os-outros-no-mundo.

Assim, entendemos que os pais e as mães constituem suas identidades de gênero, seus modos de existir no mundo, a partir de construções sociais e culturais do que é ser homem, ser mulher, ser pai e ser mãe. Embora com diferenças individuais, tais modos-de-ser são influenciados por regras, normas, expectativas e papéis construídos social, cultural e historicamente e, ainda, a respeito de como devem vivenciar a sexualidade, algo que é passado aos seus descendentes.

De certo modo, é na família que a criança aprende os valores sociais e sexuais que contribuirão para se formar sua ideologia e sua prática sexual. A família é a primeira realidade social na qual se forma e se expande a sexualidade. No entanto, observa-se que, de modo geral, a educação sexual realizada pela família não dá conta de todos os aspectos da sexualidade, uma vez que mães e pais encontram dificuldades para tratar de assuntos relacionados a ela. Segundo Santos e Bruns (2000) tal descompasso firma-se sobre o autoritarismo, a fidelidade à crítica, às tradições e valores familiares, a imposição de valores pré-fabricados e à repressão sexual.

A repressão sexual, segundo Chauí (1984, p.9), é entendida como “um conjunto de interdições, permissões, valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade”. Portanto, qualquer descrição ou definição da atração sexual (ou erótica) entre pessoas do mesmo sexo continuará se carregando de elementos pejorativos, enquanto a sociedade mantiver uma tendência a estigmatizar tal vivência.

Tanto que os pais e mães são tentados a crer no sexo relacionado exclusivamente ao gênero. Contudo, sexo e gênero são construídos historicamente e não devem ser tomados pela regra naturalizante e heterossexual . Por mais flexibilização nos padrões de comportamento dentro das famílias atuais, atentamos que estes pais e mães pesquisados aqui, são filhos de uma geração que aprendeu a compreender a masculinidade no homem e a feminilidade na mulher como regra. É o “dever ser” a partir do qual todo o resto se torna anormalidade, doença, desvio.

Portanto, no que se referiu às convergências nos relatos percebemos que no momento que antecedeu a revelação da homossexualidade, as mães (1,3,4) demonstraram inautenticidade ao dizerem que não percebiam nada da homossexualidade em seus filhos(as), porém sentiam que algo era diferente, pois as pistas que as faziam recordar dos filhos na infância, traziam brincadeiras mais com meninas e com o universo feminino. Por exemplo:

- *Mãe 1:* Eu nunca percebi nada que levasse que ele tinha uma homossexualidade, as amizades sempre tinha menina.
- *Mãe 2:* As amizades dele eram mais com meninas e menos com meninos, ele não gostava de jogar futebol, ele não gostava de soltar pipa.
- *Mãe 3:* A professora dele, ela falava muito pra mim: “cê toma cuidado porque ele é assim, os mais velho chamam ele de bicha e ele num se incomoda”, só gostava de brincar assim com as menina.

Ficou nítida, em todas as mães (1,2,3,4,5), a idéia de que os filhos(as) eram “normais” e, por isso, a homossexualidade passou despercebida. Algumas mães disseram:

- *Mãe 1:* Essa parte de infância e adolescência foi normal.
- *Mãe 3:* Mas eu não achava estranho, achava normal.

Já os pais (1,2,3) na vivência de pré-revelação da homossexualidade afirmaram que desconfiavam e percebiam a homossexualidade, apenas um pai (4) disse não ter nem imaginado e outro pai (5) não relatou nada a respeito. Porém mesmo tendo percebido, eles afirmaram que os filhos tentaram esconder, não deram pistas e, na infância, evidenciou-se a mesma idéia de normalidade das mães, mas ao contrário, aqui as brincadeiras foram, de fato, vistas como masculinas. Apesar de que o pai (1) sentia o filho mais “delicado”, demonstrando seu olhar estigmatizante advindo do senso comum. Destacamos alguns relatos:

- *Pai 1:* Eu já sabia desde os 7 anos de idade, é, eu já sabia, a forma da pessoa conduzir as coisas, ce percebe que é mais delicado, se ce dá uma bronca, ele fica chateado com mais facilidade, é mais sensível.
- *Pai 3:* Eu notei quando ele era pequeno. Num era pessoa de sair, num tinha quase amizade, era pessoa fechado. Ele estudava e num gostava que ninguém entrava no quarto hora que ele tava brincando com os brinquedinho dele não.
- *Pai 4:* E a gente não imaginava isso, então ela escondeu tão bem da gente. Nunca houve algum episódio, por exemplo, que a gente falasse assim “opa esse trem tá errado, tem alguma coisa no ar”, não, nunca, ela foi muito discreta nas suas, nos seus sentimentos, sabe.

Quando a homossexualidade se revelou, a postura das mães foi convergente para o acolhimento e, mesmo sem digerir totalmente a vivência de ser mãe de homossexual, incompreendendo, se colocaram tentando aceitar os(as) filhos(as). Os pais também convergiram para a postura de acolhimento e aceitação, conversando com os filhos mesmo sem se sentirem satisfeitos nem compreendendo totalmente o novo mundo-com-a-homossexualidade. Destacamos as falas de alguns deles:

- *Mãe 1:* Foi de repente, eu tinha um conhecimento de uma coisa que tava comigo a vida inteira né, desde que ele nasceu, comé que eu não enxerguei?Mãe num saber que o filho é homossexual. Como que eu num vi?
- *Mãe 3:* A mãe nunca quer enxergar a verdade e não aceita, eu achei difícil né, foi um choque pra mim, apesar que eu já tava ciente da coisa, mas a gente nunca quer acreditar .
- *Pai 3:* Eu aceito numa boa mas não entendo. Não recriminei ele hora nenhuma. Não teve problema de jeito nenhum.
- *Pai 4:* Eu não tenho nada contra, mas então foi uma dificuldade muito grande. Aí eu falei “não isso num tá certo não, pára com isso” né. Ela deve ter sofrido muito.

Heidegger (1995) diz que descobrir é um modo de ser-no-mundo. É desde esse ser-no-mundo-com-os-outros que o fenômeno recebe sua possibilidade de ser, daí que brota sua possibilidade de realidade, e diante da revelação, pais e mães tomaram a postura do cuidado, do acolhimento aos(as) filhos(as). Como nos esclarece Heidegger (1981) o cuidado desvela-se na solicitude e esta pode expressar-se mediante dois extremos que é o “saltar sobre o outro”, lançando-o fora de seu próprio lugar; ou permitindo que o outro tenha possibilidade-para-ser, para escolher seu próprio caminho. Para a qualidade do relacionamento, de ambos os lados, são solicitados sensibilidade e compreensão, pois nenhum pai ou mãe conseguem perceber todas as necessidades de um filho ou reagir adequadamente a elas, por mais que intencionem isso de forma evidente.

Quando retrataram seus sentimentos em relação a revelação da homossexualidade dos(as) filhos(as), tanto pais (1,2,3,4,5) quanto mães (1,2,3,4,5) demonstraram grande

preocupação com violência e preconceito pois já que eles próprios não conseguiam assimilar totalmente o que estavam vivenciando, como podiam imaginar o mundo circundante, repleto de estigmas, de mortes de homossexuais, de confrontos por causa da orientação afetivo-sexual? Além disso, sentiram a vivência como um choque, com culpa, angústia, revolta, dificuldade, vergonha, desentendimento, muitas vezes não aceitando, muitas vezes lutando para compreender e acolher o(a) filho(a) independentemente de sua sexualidade. Alguns relatos de destaque são:

- *Mãe 1:* E eu ainda com aquela preocupação, será que isso tá certo? será que eu deixei de falar alguma coisa? de fazer alguma coisa. Pra mim não tem problema nenhum, eu tenho medo da promiscuidade, eu tenho medo, é, as pessoas discriminar, me decepcionei.
- *Mãe 2:* Não tive preconceito, mas me deu uma preocupação com a sociedade. Aí eu fiquei com medo, eu fiquei com dó. Eu me senti assim, um pouquinho triste. Me bateu uma tristeza, com uma semana eu fui parar na sala do doutor, era muito recente.
- *Mãe 3:* Falei: puxa vida, vai ser discriminado. Mas é difícil assim você compreender, mas sei lá, é difícil os assuntos também né.
- *Pai 4:* No fim eu também passei a não aceitar, não queria conhecer aquela pessoa que tava com ela, queria brigar com ela, tal. Tivemos de início, ficamos revoltados com essa história. Eu acredito que seria mais difícil falar do filho, com certeza, ah acredito que sim, o filho é, o homem, no caso ele, realmente ele é discriminado.
- *Pai 5:* É lógico que a gente fica contrariado, fica chateado. E às vezes a gente pena, às vezes a gente fica mais é sentido né, é, eu num sei, num é culpa, mas pode ser que a gente fica mais preocupado. Queria que fosse diferente? Sim, mas poderia ser pior.

Quando falamos em relacionamento na época dos nossos avós, não existia a liberdade de escolha. Ou as pessoas se casavam e ficava com aquela pessoa até o fim da vida, ou não se casavam, ficando solteiros (talvez muitas relações fossem homossexuais e as pessoas não sabiam), com a responsabilidade de cuidar dos pais, etc.

Com a revolução de 70, veio o divórcio, a liberação sexual e foi a época da confusão, do rompimento das barreiras. Os filhos dessa geração (pais e mães desta pesquisa), com toda a confusão emocional desenvolvida por essa liberação, começou a experimentar caminhos que levassem a sua própria felicidade. Essa experimentação podendo ser tão boa como ruim.

A busca incessante (e desesperada) pela felicidade a qualquer preço, nos relacionamentos voláteis e líquidos, têm levado, também, os jovens da geração da Pós-Modernidade (filhos e filhas desta pesquisa) a serem mais “agressivos” nas suas decisões. São capazes de agredir àqueles que amam para se imporem, seja por suas escolhas cotidianas seja por sua orientação afetivo-sexual.

Outro ponto interessante é o surgimento dos casais assumidos homossexualmente e o relacionamento de curto prazo, contribuindo para as dificuldades, de modo geral, para que o casamento ou relacionamento dure. Tanto antigamente como nos dias de hoje, fica muito difícil a percepção de ser feliz em relacionamentos homo ou heterossexuais. Por exemplo, a valorização estética, a moda, o metrossexualismo, a obsessão pela forma e beleza, tudo leva para um caminho estreito onde quem não (per)seguir tal caminho, corre o risco de entrar em depressão, desespero ou não conseguir acompanhar as mudanças. Tudo pode acabar atrapalhando as maneiras “simples” de ser feliz

No caso dos pais e mães aqui pesquisados, o homem encontrava, até período muito recente de nossa história, dificuldades para separar sua individualidade das funções de pai. Manteve-se protegido no silêncio, comprometedor de toda possibilidade de dialogar com a família, especialmente com os filhos. Foi sempre apoiado pela cultura patriarcal que lhe reservava um lugar determinado na trama doméstica. A mulher encerrada em sua função de mãe e esposa deveria ser frágil, dependente, temerosa, desamparada e precisando ser dominada por um homem forte. Importa destacar que Badinter (1985) questionou a natureza universal e instintiva do amor materno afirmando-o como um mito produzido por especialistas e construído ao longo dos séculos. Esta situação vem se modificando lenta e progressivamente.

Portanto, antes de assimilar o esboço de nova configuração familiar, pautado no processo que introduziu a mulher no mercado de trabalho, o homem é constantemente

surpreendido pela ruptura da hierarquia doméstica e pelo questionamento de sua masculinidade. Estas mudanças não contribuíram para reduzir o vazio instalado na rede de relações afetivas, por mais que o modelo de família, organizado com base na hierarquia, determinado pela severidade de princípios, tenha sido substituído por formas diferenciadas de organização. Por mais que as transformações repercutam na nova concepção de paternidade e maternidade, subsistem, ainda, no imaginário social, marcas da estrutura tradicional.

Tanto que à medida que pais e mães relataram sobre o modo como convivem com a homossexualidade de filhos(as) no momento atual, pais e mães, em sua maioria, afirmaram que convivem bem com a homossexualidade, porém, através do velamento, das dúvidas, da curiosidade, não compreendendo, mas também não questionando já que não se sentiam preparados e nem aceitavam a vivência, por isso a dificuldade em assimilá-la.

As principais divergências se deram no sentido de que, por exemplo, a mãe (1) convivia tentando afirmar seu papel de mãe através do poder e autoridade exercidos; a mãe (2) confrontou o preconceito e ressignificou sua vivência; a mãe (5) convivia com outros homossexuais e não demonstrou tanta dificuldade; já as mães (3, 4) preferiram que os filhos fossem como são, homossexuais discretos e não o estereótipo do *gay* afeminado. Destacamos alguns relatos, como:

- *Mãe 1:* O quê que eu falo pra ele: “não é por ser menino... porque se fosse menina... é a mesma coisa, você depende de mim, não adianta você querer falar que você não precisa de mim, você precisa de mim”.
- *Mãe 2:* Os Onze Sexos, nesse livro assim, pra mim, foi como se pegasse, tirasse o medo. Pra mim foi muito divertido, pra mim foi ótimo, acabou, pra minha aceitação total. Falta de informação eu passei no começo, mas eu to bem. Tanto é que na primeira Parada Gay eu fui mesmo, eu faço questão de ir todo ano. Tenho amizade com todos os meninos e a gente se cumprimenta de selinho na boca, é uma prova assim de não preconceito.
- *Mãe 3:* Mas eu aceito na boa, pra mim, normal porque muita gente não sabe que ele é, ele se comporta como homem, ele num é delicado assim, que nem os amigo dele, ce num percebe que ele é, logo assim de cara.

Vale à pena ressaltar que o medo que pais e mães sentem do preconceito social em relação à homossexualidade tem a ver com o próprio preconceito deles. Desculpam-se do próprio preconceito usando o medo da homofobia social. Justificam-se, algumas vezes, no fato de perceberem a homossexualidade pelo prisma estereotipado e amplamente divulgado nos meios de comunicação e no mundo circundante como algo errado, indiscreto, não-saudável, tipificado.

Em relação aos pais, o pai (1) teve dificuldade em lidar com os papéis sexuais exercidos pelo filho e seu parceiro, sentindo falta de ajuda e reagindo através de brincadeiras, teatros e gozações; o pai (2) demonstrou curiosidade pelo mundo-da-homossexualidade especialmente aos lugares que o filho frequenta; os pais (3,5) preferiram acolher as filhas e deixarem a homossexualidade de lado, escondida, já que as filhas são femininas, não deixam transparecer que são lésbicas, algo que facilitou para esses pais a convivência evitando sentirem vergonha, ainda que, em um dos casos, o pai conviva com a namorada da filha. Foi evidente em todos os pais (1,2,3,4,5) que respeitam os(as) filhos(as) para garantirem o contato com eles e exercerem à sua maneira, a função internalizada socialmente que pai e mãe devem ser acolhedores. Destacamos apenas alguns relatos de pais:

- **Pai 1:** Ele num queria vim na minha casa com o namorado dele ou marido ou sei lá mulher, sei lá o quê que é, não tenho idéia, até hoje não consegui entender isso direito, mas não importa. É difícil entendeu, ce tem fazer de conta, a gente faz até um teatrim nessas horas né, ou você leva na gozação, na brincadeira.
- **Pai 2:** Um dia eu vou sair com ele também pra uma noitada, ver onde,onde que ele ((risos)), o quê que ele tá fazendo, tenho curiosidade. Ele fala pra mim que vai em boate gay e você pode ter certeza que eu vou entrar e vou me divertir, eu num tenho problema,eu vou tranqüilo.
- **Pai 5:** A família dos dois lados sempre respeitou. Ninguém toca nesse assunto com ela e ela também não. Se for pra continuar igual tá também, eu não tenho objeção não, deixa, se for pra ela ficar feliz. Do jeito que tá assim, tá bom, até agora tá tudo certo. Não é a primeira, não vai ser a última. Agora enquanto ela tá discreta.

A vivência foi desvelada aos pais e mães e, por seus modos de estar-no-mundo, voltou ao velamento, algo que não é negativo, mas essencial para que pais e mães se mantivessem nas experiências cotidianas com seus filhos e filhas. O velamento pode ser dar sob a forma de ignorância, esquecimento, desentendimento, distração, recusa determinada ou insignificância. Algo que se desvelou e que voltou a ser obscuro, velado, encoberto por alguns deles.

Acrescentamos ainda que, para tais pais e mães, permeia uma mentalidade do casamento como instituição crucial no funcionamento de nossa sociedade. Sendo assim, são tentados a imaginar seus filhos e filhas homossexuais compelidos ao matrimônio heterossexual, em nossa sociedade organizada por rígida divisão sexual do trabalho. Antes da Pós-modernidade, as mulheres precisavam de um homem para sustentá-las e protegê-las; os homens precisavam das mulheres para lhes dar herdeiros legítimos, cuidar de sua alimentação e vestuário. Hoje em dia, com os enlatados, máquinas de lavar roupa, profissionalização da mulher e igualdade de direitos, o casamento é muito menos imprescindível que na época de nossos avós.

Sabemos que a divisão sexual do trabalho permanece intacta, em casa e no trabalho, na maioria dos contextos das sociedades modernas. Mesmo quando as pessoas se enfileiram em autodefinições que dizem que elas são apenas e exclusivamente pós-modernas, transgressivas, liberadas, não preconceituosas e etc. Porém, tal processo não é apenas individual, pessoal, mas é ancorado em instituições e articulações grupais estáveis.

Santos e Bruns (2000, p.70) consideram que os pais e mães “também necessitam de uma Orientação Sexual, uma vez que foram privados dessa forma de educação ou tiveram tal educação reprimida devido à moral sexual vigente, o que os levou, em grande parte das vezes, a ignorar a sexualidade dos filhos porque não saberem como lidar com ela”. De algum modo, o amor materno consiste para a mãe, além de amamentar o filho, em bem educá-lo,

pois a educação tem um sentido mais amplo que a instrução. É antes de tudo transmissão dos valores morais.

Quando atribuímos à educação uma representação ôntica damos a ela um outro enunciado que é a instrução. A educação na perspectiva da atualidade é instrumentalista, treinadora, condicionada e adestrada. Em seu verdadeiro sentido, educar, em latim *ex-ducere*, quer dizer conduzir ou “arrancar para fora”, ou seja, sair de uma condição de existência para outra, a educação nesse sentido, deve desempenhar seu ofício de forma que conquiste seu espaço primordial na sociedade. (HEIDEGGER, 1981). A educação enquanto autenticidade faz-nos sairmos do ôntico para o ontológico, ou seja, nos transporta para a busca real do sentido do ser. A educação não é algo que inventamos, é para Heidegger (1981), um modo de encontrarmos uns com os outros, é o lugar onde os homens estão sendo-uns-com-os-outros. Por isso, acreditamos que a verdadeira educação, nesse ser-com-o-outro, seja um dos caminhos para os pais e mães compreenderem melhor a homossexualidade de seus filhos e filhas.

Contudo, a vivência para esses pais e mães heterossexuais, também são rodeadas de estigmas em relação à homossexualidade. Muitos (mães 2,3,5/ pai 3) relataram a presença de outros homossexuais na família; a influência de abuso sexual na infância sofrida pelo filho e pela filha da colaboradora 5; questionaram-se sobre a homossexualidade ter sua causa na questão genética, ou hormonal, ou ainda religiosa (reencarnacionista), ou devido ao abuso de álcool. Os pais (1, 5) se referiram a “tipos de *gays*” e o pai 1 confundiu o homossexual com o travesti; o pai (4) acertadamente acentua que esta não é uma opção sexual que a pessoa possa fazer em sua vida e também levanta a questão já por nós discutida e destacada por Heilborn e Trevisan sobre o “ser” e “estar” homossexual. Como exemplo, destacamos apenas alguns relatos:

- **Mãe 2:** Eu já prestei atenção nos meus familiares passados, que tem mais gay na família, mas que ninguém sabe, que não assumiu.

- *Mãe 5:* Eu não sei se isso que eles passaram (abuso na infância) colaborou, ou isso não tinha nada a ver com o contexto de hoje, eu não sei sabe. Acho que pode ter influenciado um pouco, mas não sei.
- *Pai 1:* Se você estudar o comportamento de cada gay, ce vai ver que deve ter pelo menos uns dez, quinze tipos diferentes né, eu num sei qual que é mais, qual que é menos.
- *Pai 4:* Sei lá, parece uma questão natural, uma coisa de gene mesmo, uma coisa que vem com a pessoa. Que isso na verdade não é opção, ninguém vem falar pra mim que o cara que nasce homossexual, o homem ou a mulher teve uma opção, opção não é escolha? Eu acho que não é escolha, você não vai querer escolher ser, é, uma coisa que você não é, não tem como.

Isto expressa a tentativa de pais e mães pensarem a homossexualidade de uma forma que ela possa não ser considerada problema, pois se houver causas e origens, é possível que amenizem a sua dificuldade de lidar e vivenciar a paternidade e maternidade em tais condições, guardando a esperança da homossexualidade ser causada por algo externo aos filhos e filhas, o que, desse modo, estaria sujeito a mudanças. Heidegger (1995) diria que estão se expressando pela forma de linguagem inautêntica do falatório, na qual repetem falas alheias, conjunto de idéias que permeiam o senso comum, e que desvelam a homossexualidade por uma perspectiva biologizante, genética, hormonal e até de cunho religioso. É o ser-no-mundo de pais e mães que se mantém no falatório rasgando suas remissões ontológicas primordiais, originárias e genuínas com o mundo, com a co-existência e com o próprio ser-em. É um fenômeno existencialmente constitutivo do ser do ser-á dos pais e mães e, no entanto, o falatório, não pode ser absolutamente suprimido, o que, por sua vez, não implica a impossibilidade de uma apropriação do dizer, do silenciar, do compreender que se opera sempre “a partir e contra” os filhos e filhas, em que esses pais e mães já se encontram lançados.

Vários momentos dos relatos dos pais e mães são permeados por silêncios: tanto ao se referirem aos filhos, quantos aos seus próprios sentimentos, ou a outras figuras significativas, ou às suas dúvidas e etc. Heidegger (1995) considera que o silêncio desempenha um papel

crucial na conversa, pois o silêncio é um dos modos de ser da fala e enquanto tal é um modo definido de expressar-se sobre algo para os outros. É a possibilidade de questionamento ontológico, no qual o silêncio também permite que o ser-aí de pais e mães se manifeste aberto a seus seres mais próprios, bem como se abram de maneira mais própria aos filhos e filhas, compreendendo-os não como um ente meramente presente, mas enquanto o outro ser-ai que ele é. Portanto, os silêncios dos pais e mães, aqui desvelados, se mostraram ricos de significação, permeados por suas angústias diante da vivência da homossexualidade de filhos e filhas e novas ressignificações.

Consideramos que a convergência dos relatos, de forma geral, para a visão dominante da heterossexualidade é esperada, já que a questão da homossexualidade está ainda muito longe de um consenso dentro da sociedade. No entanto, um sistema de repressões apenas se torna verdadeiramente intolerável quando os indivíduos que são submissos a esse sistema não têm mais os meios para modificá-los.

Amazonas e Braga (2006, p.181) afirmam:

Quanto à identidade e quanto à diferença, não basta fazer um vago e benevolente apelo à tolerância e ao respeito. Não é suficiente proclamar a existência da homossexualidade como se ela fosse natural e, desse modo, ela estivesse cristalizada e essencializada. A diferença, assim como a identidade, são produções sociais, somos nós que as produzimos e não é possível desconhecê-las.

Portanto, se a identidade é uma produção social que favorece relações sociais, também favorece as relações de prazer sexual, a identidade sexual se torna um problema se as pessoas pensam que elas devem desvendar sua identidade e que esta deve tornar-se lei, princípio, código de sua existência e da existência alheia, algo que seria um retorno a uma forma de ética muito próxima à da heterossexualidade tradicional.

Consideramos que o discurso da homossexualidade não se diferencia do discurso da sexualidade, como postulou Foucault (1984a, b, c,d): é um discurso que vive a espreita de si e no exame de si. Sendo assim, o entender da heterossexualidade como norma, é dada como um

já-ali, como se sempre estivesse presente, sem que essa presença precise se anunciar. O heterossexual não é chamado, nem convocado a justificar-se e especificar minuciosamente sua heterossexualidade, esta não lhe exige sequer uma explicitação. As suas dúvidas, aflições e interrogações provavelmente incidirão mais sobre as questões decorrentes da *performance* e da relação interpessoal hetero do que sobre a heterossexualidade em si. Já o sujeito homossexual, que é chamado, deve lançar tudo à conta da sua homossexualidade, que se torna o próprio objeto a ser aperfeiçoado, burilado e ruminado. Portanto, o homossexual não é o resultado final de uma história de constituição, mas sim um processo interminável de re-constituições, daí a dificuldade sentida por pais e mães heterossexuais em compreender algo que está por assim dizer, sempre se re-constituindo.

É necessário também promover outros modos de conhecer a homossexualidade, no sentido de uma subversão à política do conhecimento hegemônica, influenciados, por exemplo, pela perspectiva de Louro (2004) que disse:

Os estudos feministas, os estudos gays e lésbicos e a teoria queer vêm promovendo uma nova articulação entre sujeitos e objetos do conhecimento. Não são apenas novos temas ou novas questões que têm sido levantadas. É muito mais do que isso. Há algumas décadas os movimentos e grupos ligados a esses campos vêm provocando importantes transformações que dizem respeito a quem está autorizado a conhecer, ao que pode ser conhecido e às formas de se chegar ao conhecimento. Desafiando o monopólio masculino, heterossexual e branco da Ciência, das Artes, ou da Lei, as chamadas minorias se afirmam e se autorizam a falar sobre sexualidade, gênero, cultura. Novas questões são colocadas a partir de suas experiências e de suas histórias; noções consagradas de ética e estética são perturbadas.

Trata-se de abrir perspectivas à invenção histórica de nós mesmos, à experimentação e à inovação. Ou seja, agir através de um programa que consiste em fazer proliferar a diversidade e, portanto, as liberdades e as possibilidades. Isto implicaria em uma ética da subjetivação que abriria outros espaços (indefinidos), também de uma generosidade acolhedora à multiplicidade de escolhas individuais e coletivas, e à pluralidade de aspirações e modos de vida; reinventando-nos em face da homofobia e aos processos de naturalização da

sexualidade. Inclusive, no que se refere à construção de uma homonormatividade, já que a homossexualidade não está renegada nem ao desinteresse nem ao desconhecimento.

A família, inclusive, configura um cenário onde o conflito é intrínseco e, sendo assim, o trabalho com famílias pode se dar no sentido de pensar os limites do que é ou não negociável nas relações familiares, a partir da indagação sobre o que constitui conflito para a própria família e não como uma definição externa.

Aventamos com isso, ter construído um *corpus* esclarecedor a respeito da vivência de ser pai e mãe heterossexual de filhos(as) homossexuais, reafirmando o caráter dialético e contextualizado dos desvelamentos realizados, bem como nossa abertura para outros pontos de vista e para as múltiplas interpretações possíveis na busca por compreender o fenômeno indagado nesta pesquisa.

A pesquisa, portanto, nos permitiu concluir que o fenômeno estudado envolve uma multiplicidade de fatores tais como: a repressão sexual inserida nas mentalidades de pais e mães heterossexuais a lhes designar a heterossexualidade como norma e regra; as condutas homofóbicas de violência e desrespeito; a dificuldade em aceitar, assimilar e compreender a vivência da homossexualidade de filhos e filhas; e o contato com estes pais e mães abrindo, dessa forma, novas perspectivas de reconstrução, compreensão e ressignificação, ao revelar o que os mesmos atribuem à paternidade e à maternidade, permitindo desconstruir tabus, mitos, preconceitos e estigmas.

Horizontes

No correr dos velamentos e desvelamentos do ser de pais e mães heterossexuais de filhos(as) homossexuais, pela perspectiva da ontologia de Heidegger, vislumbramos os seguintes horizontes a partir da vivência dos(as) colaboradores(as) desta pesquisa:

Para a **área da saúde** na qual as políticas de saúde devem apreender, de forma ampliada, as necessidades das pessoas não apenas do ponto de vista do uso dos serviços de saúde, mas inclusive da consciência do conjunto de direitos que tais pessoas podem acessar.

Entendemos que nosso estudo contribui para ampliar o reconhecimento destes direitos na medida em que possibilita o repensar das práticas tradicionais de cuidados à saúde integral do humano. Importa-nos acreditar que os profissionais de saúde busquem discutir e questionar o modo como os pais e mães foram socializados, quais reflexos da repressão sexual e da heteronormatividade atuam no modo como eles(elas) vivenciam a homossexualidade dos filhos e filhas e de que maneiras poderão ser contemplados em suas várias dimensões de ser-no-mundo.

Destacamos o que diz Sarti (2004, p.24) de que, por um lado, há a idealização da família projetada, e da própria afetividade como um mundo que exclui o conflito; mas, de outro lado, há a idealização de si, por parte dos profissionais com base em sua formação técnica, e negam que a família assistida tenha um saber sobre si própria. “Ouve-se o discurso das famílias como um não-saber, uma ‘ignorância’, negando que esse discurso possa ser levado em conta como um diálogo entre pontos de vista”. Talvez seja devido a uma forte identificação com as próprias referências do profissional e pelo esforço de estranhamento que a aproximação ao outro exige. Contudo, considerar o ponto de vista alheio envolve o confronto com nosso próprio ponto de vista, o que implica romper com o estatuto de verdade que profissionais e pesquisadores tendem a atribuir a seu saber, relativizando seu pensar.

Para a **educação**, podem ser realizados grupos de diálogos entre pais e mães de homossexuais que priorizem questões referentes à convivência e enfrentamento diante de tal vivência, ampliando o leque de posturas, refletindo sobre a construção desse modo-de-vida homossexual. Também releva a formação acadêmica dos profissionais que lidam diretamente

com questões de gênero e sexualidade, incluindo em seus currículos acadêmicos disciplinas que versem sobre a sexualidade em geral, dimensão da vida a ser incluída nos atendimentos para proporcionar acolhimento na integralidade. Outros locais da sociedade como escolas, sindicatos, empresas, instituições religiosas em geral, a própria mídia e meios de comunicação nos quais é possível realizar ações educativas que promovam uma percepção mais igualitária de gênero e permitam o acesso de homens e mulheres, pais e mães de filhos homossexuais ou não, aos mesmos direitos.

Para a **produção científica** que é ancorada nos cursos de graduação e pós-graduação, bem como pelas agências de fomento à pesquisa, é importante enfatizar a necessidade de realização de estudos na área da homossexualidade, tanto quanto das famílias, ampliando os saberes e fazeres da prática profissional.

Nesta pesquisa optamos por dar vozes aos pais e mães heterossexuais e ouvir o que eles(as) tinham a dizer acerca da homossexualidade de seus filhos e filhas, na interface com a fenomenologia de Heidegger, com a Pós-Modernidade e as relações de gênero nas famílias. Contudo, com o intuito de ampliar os conhecimentos sobre o assunto homossexualidade dentro das famílias, expressamos a motivação para realizar nova pesquisa, na qual, indagaremos a vivência da sexualidade dos homossexuais, como filhos e filhas no interior das variadas formas de arranjo familiar. É o que nos propomos a realizar no Doutorado.

REFERÊNCIAS*

ABEP – Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa – **Dados com base no Levantamento Sócio Econômico** – 2000 – IBOPE, 2003, Retirado em 15/09/2006 do <http://www.abep.org>

ALMEIDA, M. V. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Fim de Século, 1995.

AMARAL, S. M. M. **Direitos dos homossexuais**. Portal da Comunidade Jurídica. Palestra ministrada em 23 out. 2007. Disponível em: <http://www.r2learning.com.br/_site/cursos/aula_default.asp?ID_aula=1030#ancora_player>. Acesso em: 10 nov. 2007.

_____. Pesquisa Fenomenológica em Psicologia. p.17-25. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e fenomenologia**: reflexões e perspectivas. Campinas: Alínea, 2003.

AMAZONAS, M. C. L. A.; BRAGA, M. G. R. Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 177-191, jul.-dez. 2006.

ARAÚJO, C.; SCALON, C. Gênero e a distância entre a intenção e o gesto. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 21, n. 62, p. 45-58, 2005.

ARIÉS, P.; CHATIER, R. **História da vida privada 3**. Da renascença ao século das luzes. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BALLONE, G.J. Abuso Sexual Infantil, 2003. **PsiquWeb**. Disponível em: <<http://www.virtualpsy.org/infantil/abuso.html>> Acesso em: 03 nov. 2008.

BARCELLOS, J. C. Literatura e homoerotismo masculino: perspectivas teórico-metodológicas e práticas críticas. p. 127-155. In: SOUZA, J. **Literatura e homossexualidade** – uma introdução. São Paulo: Scortecci, 2002.

BAUMAN, Z. **Globalização**: as conseqüências humanas. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOEMER, M. R. O homem como ser-no-mundo – Uma perspectiva Heideggeriana. In: SIMPÓSIO DO INSTITUTO PSICOETHOS “FENOMENOLOGIA DO CUIDAR”, 2., 2004. Santo André. **Anais**. Santo André, 2004.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Editora Porto, 1997. p. 203-260.

BRUNS, M. A. T. A redução fenomenológica em Husserl e a possibilidade de superar impasses da dicotomia subjetividade-objetividade. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2003. p. 65-75.

BRUNS, M. A. T. O olhar cotidiano e a perda da sensibilidade. In: BRUNS, M. A. T.; ALMEIDA, S. **Sexualidade: preconceitos, tabus, mitos e curiosidades**. Campinas: Átomo, 2004.

BRUNS, M. A. T.; TRINDADE, E. Metodologia fenomenológica: a contribuição da ontologia-hermenêutica de Martin Heidegger. p. 77-92. In: BRUNS, M. A. T.; HOLANDA, A. F. (Orgs.). **Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas**. Campinas: Alínea, 2003.

BUTLER, J. Criticamente subversiva. In: JIMENEZ, R. M. **Sexualidades transgressoras**. Uma antologia de estudos queer. Barcelona: Içaria, 2002. p. 55-81.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, A. S. **Metodologia da entrevista: uma abordagem fenomenológica**. Rio de Janeiro: Agir, 1991.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual: essa nossa (des) conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CONNELL, R. **Gender and power: society, the person, and sexual politics**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução n° 001/99, de 22 de março de 1999**. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação Sexual. Disponível em: <http://www.pol.org.br/legislacao/pdf/resolucao1999_1.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2008.

COSTA, R. P. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Gente, 1994.

CRITELLI, D. M. **Analítica do sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. São Paulo: Brasiliense, 2006. 158 p.

DARTIGUÊS, A. **O que é a fenomenologia**. 9. ed. São Paulo: Centauro, 2005. 148 p.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. 237 p.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Artes, 1981.

DURHAM, E. R. Família e reprodução humana. In : DURHAM, E. R. et al. **Perspectivas antropológicas da mulher 3**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 15-44.

ESPÓSITO, V. H. C. Hermenêutica: um estudo introdutório. **Revista Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 85-112, 1991.

FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FIGUEIRA, S. A. (Org.) **Uma nova família?** O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

FORGHIERI, Y. C. **Psicologia fenomenológica**: fundamentos, método e pesquisas. São Paulo: Pioneira, 2002. 81p.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Da amizade como modo de vida**. [Entrevista a R. de Ceccaty, J. Danet e J. le Bitoux. Tradução Wanderson Flor do Nascimento. **Jornal Gai Pied**, n. 25, p. 38-39, abr. 1981. Disponível em: <<http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>>. Acesso em: 24 mar. 2007.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984a.

_____. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984b.

_____. **História da sexualidade 3**: o cuidado de si. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984c.

_____. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FRIDMAN, L. C. Pós-modernidade: sociedade da imagem e sociedade do conhecimento. **História, Ciência, Saúde-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 1999 . Disponível em: <<http://www.scielo.br> >. Acesso em: 24 set. 2007.

FRY, P. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

FRY, P.; MCRAE, E. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985. (Coleção Primeiros Passos).

GAMSON, J. Devem destruir-se os movimentos identitários? In: JIMENEZ, R. M. **Sexualidades transgressoras**. Uma antologia de estudos queer. Barcelona: Içaria, 2002. p. 141-172.

GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **A transformação da intimidade**. Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. UNESP, 1993.

GILES, T. R. **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EPU, 1989.

GILLIGAN, C. **Uma voz diferente**: psicologia da diferença entre homens e mulheres da infância à idade adulta. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GIORGI, A. **Phenomenology and psychological research**. Pittsburgh: Duquesne University Press, 1985.

GÓIS, J. B. H. Desencontros: as relações entre os estudos sobre a homossexualidade e os estudos de gênero no Brasil. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 289-297, jan.-jun. 2003.

GOLDANI, A. M. Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. **Revista Brasileira de Estudos da População**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 29-48, jan.-jun., 2002.

GROSSI, M. P. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **Cadernos Pagu**. Campinas. n. 21, p. 261-280, 2003.

GUATTARI, F.; ROLNICK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

HABIGZANG, L.F.; KOLLER, S.H.; AZEVEDO, G.A.; MACHADO, P.X. Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 21 (3), p.341-348, set-dez 2005.

HARVEY, D. Passagem da modernidade à pós-modernidade. p. 1-25. In: _____. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

HEIDEGGER, M. **Todos nós... ninguém**: um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes, 1981.

_____. **Ser e tempo**: parte I. Petrópolis: Vozes, 1995. 325p.

_____. **Seminários de Zollikon**. São Paulo: Educ ABD; Petrópolis: Vozes, 2001a.

_____. **Ser e tempo**: parte II. Petrópolis: Vozes, 2001b. 262 p.

HEILBORN, M. L. Ser ou estar homossexual: dilemas da construção de identidade social. In: PARKER, R. G.; BARBOSA, R. M. (Orgs.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumara/ABIA/IMS-UERJ, 1996. p. 136-145.

_____. Construção de si, gênero e sexualidade. In: HEILBORN, M. L. (Org.). **Sexualidade: o olhar das ciências sociais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. p. 40-58.

_____. **Família e sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

HERBERT, M. **Convivendo com adolescentes**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Síntese de Indicadores. Rio de Janeiro, 2006.

ISAY, R. A. **Tornar-se gay**. O caminho da auto-aceitação. Tradução Dinah Klebe. São Paulo: Summus, 1998.

KERBS, R. A ética no pós-modernismo. **Diálogo**, v. 14, n. 2, p. 15-17, 2002. Disponível em: <http://www.dialogue.adventist.org/indexed/autor_p.htm>. Acesso em: 20 set. 2007.

KOOGAN, A.; HOUAISS, A. **Enciclopédia e dicionário ilustrado**. 3. ed. Rio de Janeiro: Seifer, 1998.

LÉVI-STRAUSS, C. A família. In: SHAPIRO, H. L. (Org.). **Homem, cultura e sociedade**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1956. p. 308-333.

LINS, R. N. **A cama na varanda: arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **Conversas na Varanda: um debate leve e provocante sobre a sexualidade brasileira**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LIPOVETSKY, G. **A Era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo**. Lisboa: Relógio D'Água, 1989.

_____. **Tempos hipermodernos**. Tradução Mario Vilela. São Paulo: Barcarolla, 2004.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autentica, 1999.

_____. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. São Paulo: Vozes, 1997.

_____. Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.

_____. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MARTINEZ, M. Assassinatos de homossexuais no Brasil cresceram 30% em 2007, diz Grupo Gay da Bahia. **Folha UOL**. Abr. 2008. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/ultnot/2008/04/08/ult23u1777.jhtm>>. Acesso em: 08 abr. 2008.

- MARTINEZ, M. Assassinatos de homossexuais no Brasil cresceram 30% em 2007, diz Grupo Gay da Bahia. **Folha UOL**. Abril, 2008.
- MATIAS, D.; SILVA, R. P. **Perguntas e respostas sobre orientação sexual e identidade de gênero**. Lisboa: Rede Ex Aequo, 2005. (Projeto Educação LGBT).
- MAY, R. Os três mundos. In: _____. **A descoberta do ser: estudos sobre a psicologia existencial**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988. p. 139-145.
- MELLO, L. Outras famílias: a construção social da conjugalidade homossexual no Brasil. **Cadernos Pagu**. (24), p.197-225, jan-jun 2005.
- MILFONT, T. L.; GOUVEIA, V. V.; COSTA, J. B. Determinantes psicológicos da intenção de constituir família. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, RS, v. 19, n. 1, p. 25-33, 2006.
- MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento & tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- MODESTO, E. **Mãe sempre sabe? Mitos e verdades sobre pais e seus filhos homossexuais**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- MOREIRA, D. A. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004. 152 p.
- MORTON, D. O nascimento do ciberqueer. In: JIMENEZ, R. M. **Sexualidades transgressoras**. Uma antologia de estudos queer. Barcelona: Içaria, 2002. p. 111-140.
- MOTT, L. **Lesbianismo no Brasil**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília. v. 24, n.1, p. 82-93, 2004.
- NUNES, B. **Passagem para o poético: filosofia e poesia em Heidegger**. São Paulo: Ática, 1992. 303 p.
- _____. **Heidegger & Ser e Tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. 59 p.
- PALÁCIOS, J. O que é Adolescência. p. 263-272. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação I**. Psicologia Evolutiva. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- PALMER, R. E. **Hermenêutica**. Lisboa: Edições 70, 1986. 283 p.
- PASSWORD: **English dictionary for speakers of Portuguese**. Translated and edited by John Parker and Monica Stahel. 2nd ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- PORTINARI, D. **O discurso da homossexualidade feminina**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PRADO, D. **O que é família**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

PRETI, D. **Análise de textos orais**. Projeto de estudo da norma lingüística urbana culta de São Paulo. São Paulo: FFLCH/USP, 1993. (Projeto NUR/SP).

REZENDE, A. M. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez-Autores Associados, 1994. 97 p.

ROMANELLI, G. Mudança e transição em famílias de camadas médias. **Travessia**, São Paulo. v. 9, n. 4, p. 32-40, 1991.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem**. Tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. 199 p.

SAFRANSKY, R. **Heidegger, um filósofo da Alemanha entre o bem e o mal**. Tradução Lya Lett Luft. São Paulo: Geração Editorial, 2005. 518 p.

SANTOS, C. **A parentalidade em famílias homossexuais com filhos**: um estudo fenomenológico da vivência de gays e lésbicas. 2004. 458 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

SANTOS, C.; BRUNS, M.A.T. **A educação sexual pede espaço**: novos horizontes para a práxis pedagógica. Sao Paulo: Ômega Editora, 2000.

SANTOS, R. B. **Homens com câncer de próstata**: um estudo da sexualidade à luz da perspectiva heideggeriana. 2006. 256 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004.

SCABELLO, E. H. **Desvelando a dor amorosa da infidelidade conjugal**: discursos de homens e mulheres. 2006. 327 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.

SCABELLO, E. H.; BRUNS, M. A. T. O mosaico da família atual: espelho da sociedade contemporânea. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 133-139, jul.-dez. 2004.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-100, jul.-dez. 1995.

SEIXAS, A. M. R. **Sexualidade feminina**: história, cultura, família, personalidade e psicodrama. São Paulo: Senac, 1998. 285 p.

SILVA, R. C. S. A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisa. In: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (Orgs.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: USP, 1998. p. 159-174.

SIMÕES, J. A. Prefácio. p. 13-17. In: FACCHINI, R. **Sopa de letrinhas?** Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

SINGLY, F. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In: SINGLY, F.; CICHELLI, V. **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 13-19.

SOUZA, A. M. N. Família não se usa mais. In: SOUZA, A. M. N. (Ed.) **A família e seu espaço: uma proposta de terapia familiar**. São Paulo: Agir, 1996. p. 19-33.

SPANOUDIS, S. Apresentação: a todos que procuram o próprio caminho. p. 9-22. In: HEIDEGGER, M. **Todos nós... ninguém: um enfoque fenomenológico do social**. São Paulo: Moraes, 1981.

SPINK, M. J. P. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 6, p. 1277-1311, nov.-dez. 2001.

STEIN, E. **Seis estudos sobre “Ser e tempo”**. Comemoração dos sessenta anos de Ser e Tempo de Heidegger. Petrópolis: Vozes, 1988. 132 p.

STEINER, G. **As idéias de Heidegger**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1978. 139 p.

SWAIN, T. N. Para além do binário: os *queers* e o heterogênero. Gênero. **Revista do Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero**. 2 (1). Niterói, UFF, p.93-94, 2.sem, 2001.

_____. Feminismo e lesbianismo: quais os desafios? **Labrys Estudos Feministas**, São Paulo. v. 1, n. 2, p. 1-21, jul.-dez. 2002.

TORRÃO FILHO, A. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**, Campinas. n. 24, p. 127-152, jan.-jun. 2005.

TORRES, A. A individualização no feminino, o casamento e o amor. In: SINGLY, F.; CICHELLI, V. **Família e individualização**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000. p. 135-156.

TREVISAN, J. S. **Devassos no paraíso**. A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

VAITSMAN, J. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 203 p.

VALLES, M. S. **Técnicas cualitativas de investigacion social: reflexion metodológica y práctica profesional**. Madrid: Sintesis Sociologia, 1997.

VELLOSO, B.; SANCHES, M. Uma família brasileira. Casais gays lutam pelo direito de adotar filhos. A história de Theodora é símbolo dessa batalha. **Época**, Rio de Janeiro, p.80-87, 22 Jan. 2007.

VIDAL E SOUZA, C.; BOTELHO, T. R. Modelos nacionais e regionais de família no pensamento social brasileiro. **Estudos Feministas**, Florianópolis. v. 9, p. 414-432, 2001.

VILELA, W. V.; BARBOSA, R. M. Repensando as relações entre gênero e sexualidade... In: PARKER, R. G.; BARBOSA, R. M. (Orgs.). **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumara/ABIA/IMS-UERJ, 1996. p. 189-199.

WEEKS, J. **El malestar de la sexualidad**: significados, mitos y sexualidades modernas. Madrid: TALASA, 1993.

WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, Campinas. v. 9, p. 460-482, fev. 2001.

ZAGURI, T. **Encurtando a adolescência**. 7ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ANEXOS

ANEXO A

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP

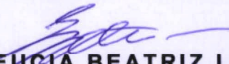
Of.CEtP/FFCLRP-099-2006-18/12/2006

Senhor(a) Pesquisador(a):

Comunicamos a V. Sa. que o trabalho intitulado "FAMILIAS HETEROSSEXUAIS: RELATOS ACERCA DE HOMOSSEXUALIDADE DE SEUA FILHOS", foi re-analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, tendo as pendências apresentadas sido respondidas, e portanto fora enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo CEP-FFCLRP nº **278/2006** – 2006.1.1572.59.5.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar nossos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,


Profa. Dra. EUCIA BEATRIZ LOPES PETEAN
Vice-Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa – FFCLRP-USP

Ilustríssimo(a) Senhor(a)
ROBERTA DA COSTA BORGES
Aluna do Programa de PG do Departamento de Psicologia e Educação
Desta FFCLRP-USP

c/c.: Prof(a) Dr(a). MARIA ALVES DE TOLEDO BRUNS

ANEXO B

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo
Departamento de Psicologia e Educação
Av.: Bandeirantes, 3900 – Ribeirão Preto, SP – 14090-901.
Fone (fax): (16) 3602 3793

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Resolução nº 196 de outubro de 1996)
--

Nome da pesquisa:

“Famílias heterossexuais: relatos acerca da expressão da homossexualidade de seus filhos”.

Orientadora responsável:

Profa. Dra. Maria Alves de Toledo Bruns

Responsável pela pesquisa:

Roberta da Costa Borges

Sou psicóloga e estou realizando uma pesquisa para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, na área de sexualidade, pela Universidade de São Paulo, cujo objetivo é compreender como pais e mães heterossexuais, não necessariamente do mesmo núcleo familiar, percebem a homossexualidade de seus filhos e filhas, em suas vidas. Eu vou apresentar-lhe a pergunta:

“Pai (Mãe) relate para mim sobre seu filho (a); fale da infância, adolescência, vida adulta e atualmente. Como você, pai (mãe) vem vivenciando a expressão da homossexualidade de seu filho (a)?”

Não há limite de tempo para sua fala. Fale livremente e para o caso de você não entender a pergunta, poderei apresentá-la de outras maneiras. Peço sua autorização para gravar a resposta e desde já esclareço que sua participação é voluntária e que seu nome não será exposto no trabalho. Vou utilizar outro nome ou um número. Também quero esclarecer que você será convidado(a), em outro momento, para ouvir sua resposta (a fita) e alterar, retirar ou acrescentar alguma informação. Caso eu fique com alguma dúvida, poderei lhe pedir para se encontrar comigo novamente, se você estiver de acordo e tiver disponibilidade. Você poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento. Caso decida participar não terá nenhum gasto ou despesa financeira.

Coloco-me ao seu dispor para qualquer tipo de esclarecimento necessário pelo telefone: (16) 3913 4997 e pelo e-mail: robertacostaborges@hotmail.com Desde já agradeço sua colaboração.

Roberta da Costa Borges

Responsável pela pesquisa

Eu _____ R.G. _____, abaixo assinado, concordo em participar desta pesquisa, tendo recebido as informações contidas acima e ciente dos meus direitos abaixo relacionados:

1. A garantia de receber esclarecimento a qualquer dúvida ou pergunta acerca dos procedimentos, benefícios, riscos e outros, relacionados com a pesquisa;
2. A liberdade de deixar de participar da pesquisa a qualquer momento;
3. A segurança de não ser identificado (a) e que será mantido o caráter confidencial da informação relacionada com minha privacidade;
4. O compromisso de me proporcionar informação atualizada durante a pesquisa.
5. A certeza de que não terei nenhum gasto ou despesa financeira para participar da pesquisa.

Tenho ciência do exposto acima e autorizo a utilização de minha entrevista como parte dos dados da pesquisa “*Famílias heterossexuais: relatos acerca da expressão da homossexualidade de seus filhos*”.

_____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do (a) Participante

ANEXO C

Roteiro para obtenção de informações sobre o perfil do(a) colaborador (a)

1. Pseudônimo do(a) participante:
2. Número:
3. Idade: Idade do(a) filho(a):
4. Religião atual: Religião atual do(a) filho(a):
5. Grau de instrução: Grau de instrução do(a) filho(a):
6. Área de Atuação: Área de Atuação do(a) filho(a):

7. Dados conjugais

É casado(a): sim () não ()	Idade em que se casou:
É separado(a): sim () não ()	Ano em que se separou:
Número de filhos(as), idade e sexo dos filhos(as):	

8. De que maneira ficou sabendo da homossexualidade do(a) filho(a). Através de:
 - Parentes ()
 - Amigos ()
 - Pelo(a) próprio(a) filho(a) ()
 - Por ter encontrado o(a) filho(a) namorando com alguém do mesmo sexo ()
 - Outras maneiras:
 - Idade do filho(a) na época:
 - Ano em que isso ocorreu:

ANEXO D

Questionário de Classificação Econômica

1. Quem é o chefe da família?

() o(a) próprio(a) participante () outrem: _____

2. Qual o grau de instrução do chefe da família?

Analfabeto/ Primário incompleto	0
Primário completo/ Ginásial incompleto	1
Ginásial completo/ Colegial incompleto	2
Colegial completo/ Superior incompleto	3
Superior completo	5

3. Quais itens abaixo a sua casa possui?

	Nenhum	1	2	3	4 ou +
Televisão em cores	0	2	3	4	5
Rádio	0	1	2	3	4
Banheiro	0	2	3	4	4
Automóvel	0	2	4	5	5
Empregada mensalista	0	2	4	4	4
Aspirador de pó	0	1	1	1	1
Máquina de lavar	0	1	1	1	1
Videocassete e/ou DVD	0	2	2	2	2
Geladeira	0	2	2	2	2
Freezer	0	1	1	1	1

CORTES DO CRITÉRIO BRASIL

Classe	Pontos	Total Brasil (%)
A1	30-34	1
A2	25-29	5
B1	21-24	9
B2	17-20	14
C	11-16	36
D	6-10	31
E	0-5	4

Critério de Classificação Econômica do Brasil de acordo com a ANEPP (www.anep.org.br)

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)